

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

BELINDA MANDELBAUM

O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social

*Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor
em Psicologia.*

São Paulo
2004

BELINDA MANDELBAUM

O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor
em Psicologia*

Programa: Psicologia Social

Orientador: Profa. Tit. Sylvia Leser de Mello

São Paulo
2004

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Mandelbaum, B.

O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social. / Belinda Mandelbaum. São Paulo, s.n., 2004. 267p.

Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Orientadora Sylvia Leser de Mello.

1. Desemprego 2. Família 3. Psicologia Social 4. Psicanálise
I. Título.

O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social

BELINDA MANDELBAUM

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em : ___/___/___.

Escreveu o autor anteriormente: “Um servo de baixa condição esperava a chuva passar”. Mas, mesmo que a chuva passasse, o servo não teria, na verdade, nada a fazer. Normalmente, é claro, deveria retornar à casa de seu senhor. Acontece que fora dispensado havia quatro ou cinco dias. Como também se escreveu antes, a cidade de Kyôto, por essa época, se encontrava em acentuado estado de decadência. E o fato de ter sido dispensado pelo senhor, a quem servira durante longos anos, não passava de uma pequena conseqüência dessa decadência geral. Seria portanto mais adequado dizer “um servo de baixa condição, preso pela chuva, estava desnortado, sem saber para onde ir” do que “um servo de baixa condição esperava a chuva passar”. Além do mais, o tempo chuvoso contribuía sensivelmente para a disposição de espírito desse homem...

Do conto *Rashômon*, de Ryunosuke Akutagawa

Para Enrique, Liora, Daniel e a que vai nascer

Para Arakcy Martins Rodrigues, in memoriam

AGRADECIMENTOS

À Profa. Sylvia Leser de Mello, minha orientadora, que abriu para mim as portas do Laboratório de estudos da família, relações de gênero e sexualidade. Ao abri-las, abriu também as portas para que o melhor de mim pudesse se fazer trabalho.

Aos professores César Ades e Lino de Macedo, cuja confiança em mim depositada viabilizou o meu trabalho no Instituto de Psicologia da USP.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, que têm no compromisso com a vida dos homens o sentido para trabalhos fecundos de ensino, pesquisa e assistência.

Aos professores Ecléa Bosi, Eda Tassara, João Augusto Frayze-Pereira, José Moura Gonçalves Fo., Leny Sato e Maria Helena Patto, cujos ensinamentos são palavras que se enlaçam tenazmente à vida e constituem parte da matéria de que sou feita.

À Cecília R. de Freitas e Nalva Gil, pelo apoio e auxílio permanentes no cotidiano de meu trabalho.

Aos psicanalistas Luiz Meyer e Isidoro Berenstein, que abriram para mim o campo dos estudos sobre famílias com uma compreensão profunda das relações entre os homens.

À direção e equipe de funcionários do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Freguesia do Ó, que viabilizaram a realização deste trabalho, disponibilizando-me sua estrutura de atendimento. Agradeço em especial a Ana Marta P. M. Abreu, Laís Isabel Affonso de André, Margaret do Carmo e Maria Cristina Sakayan, companheiras de uma jornada que se fez amizade.

Aos trabalhadores desempregados e familiares que participaram deste trabalho, com quem pude ter lições de vida que foram transformadoras para mim.

Aos meus filhos Liora e Daniel, que me dão a cada dia o sentido e a alegria de viver.

Ao Enrique, que partilhou comigo todos os passos deste trabalho. Por uma sabedoria, uma criatividade, uma bondade e um amor infinitos, feitos doação – estrela da vida inteira.

RESUMO

MANDELBAUM, Belinda. O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social. São Paulo, 2004. 000 p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Dois foram os objetivos deste trabalho: estruturar, a partir de um enfoque psicanalítico, um enquadre de atendimento clínico com trabalhadores desempregados e suas famílias numa instituição pública de saúde, e investigar, através do atendimento clínico, o impacto do desemprego na vida de homens e mulheres que atravessam essa situação. Desta forma, propusemo-nos a realizar a dupla função do método psicanalítico: a de ser, a um só tempo, instrumento de intervenção e investigação. Apresentamos e discutimos a elaboração conjunta, com a equipe técnica de um Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da cidade de São Paulo, de nossa proposta de atendimento, as tentativas de contato e as primeiras entrevistas com as famílias e as dificuldades que encontramos para acompanhá-las por um período de tempo mais prolongado. A seguir, apresentamos o material clínico advindo dos atendimentos que realizamos: as transcrições de seis sessões de um grupo de trabalhadores desempregados, seguidas, cada uma delas, de uma análise que visa acompanhar o passo a passo do suceder grupal; a análise do processo de atendimento de um trabalhador desempregado e sua família, que tem como foco central o modo de funcionamento psíquico dele em família diante da situação de desemprego; e o atendimento de um casal, do qual transcrevemos e analisamos uma sessão referente ao final do processo de atendimento.

A parte teórica inicia-se com uma reflexão sobre o campo de estudos e pesquisas da Psicologia Social, para nele situar nossa investigação. Segue-se uma discussão sobre o sistema econômico de mercado e seu impacto na vida social, que tem como uma de suas conseqüências o desemprego de uma parcela significativa da população, e algumas reflexões sobre as relações entre a cultura de massas e a cultura popular que dão suporte tanto ao material que pudemos obter como à nossa maneira de compreendê-lo. A discussão dos elementos encontrados sugere que, para os trabalhadores desempregados, a família é o núcleo central de elaboração, o território que resta para uma re-organização pessoal da nova realidade situacional que o desemprego vem a gerar, embora não possa atender as demandas materiais e emocionais supridas anteriormente, ainda que de forma precária, pela inserção no mundo do trabalho.

O trabalho finaliza-se com uma avaliação sobre a experiência clínica realizada, seus limites e possibilidades, e aponta, a partir dos dados encontrados em nossa experiência, para a necessidade de dar continuidade à estruturação de um serviço psicoterapêutico para desempregados em instituições públicas de saúde.

ABSTRACT

MANDELBAUM, Belinda. The unemployment situation: sketches of the structuring process of a social clinic. São Paulo, 2004. 000 p. Doctoral dissertation. Psychology Institute. University of São Paulo.

The present work had two objectives: to structure, based on a psychoanalytical focus, a clinical treatment frame involving unemployed workers and their families at a public health institution, and to investigate, through clinical treatment, the impact of unemployment on the lives of men and women who are in this situation. Thus, we aimed to perform the double function of the psychoanalytical method: being, at the same time, an instrument of intervention and investigation. First, we present and discuss the joint elaboration of our treatment proposal, conducted together with the technical team of a Reference Center in Worker's Health in the city of São Paulo, the attempts to contact the families and the first interviews carried out with them, as well as the difficulties we faced to follow them closely over a long period of time. Then, we present the clinical material resulting from the treatment services we rendered: the transcriptions of six sessions of a group of unemployed workers, followed, each one of them, by an analysis that aims at following closely the step-by-step development of the group; the analysis of the treatment process of an unemployed worker and his family, which focuses on his mode of psychic functioning when he is with his family, facing the unemployment situation; and the treatment of one couple, of which we transcribed and analyzed one session referring to the end of the treatment process.

The theoretical part begins with a reflection on the field of studies and research of Social Psychology, in which we situate our investigation. This is followed by a discussion on the market economy system and its impact on social life, which has as one of its consequences the unemployment of a significant portion of the population. Then, we provide some reflections on the relationships between mass culture and popular culture, which support both the material we could obtain and our way of understanding it. Results discussion suggests that, to the unemployed workers, the family is the central nucleus of elaboration, the remaining territory for a personal re-organization of the new situational reality that unemployment generates, although it cannot meet the material and emotional demands that were previously supplied, even though precariously, by insertion in the work world.

The work is concluded with an evaluation of the clinical experience that was carried out, its limits and possibilities. Based on the data collected in our research study, it shows the need to continue structuring a psychotherapeutic service for the unemployed in public health institutions.

INDICE

Introdução.....	01
Um resenhamento inicial.....	03
O real e a vida psíquica.....	08
Focando a família.....	10
Esquema do trabalho.....	12
Parte I. Primeiros passos	
Capítulo 1. O Centro de Referência em Saúde do Trabalhador e o contato com as famílias	15
Capítulo 2. Sobre a investigação.....	20
Parte II. A clínica	
Capítulo 1. O grupo.....	34
Capítulo 2. Pedro.....	167
Capítulo 3. O casal.....	179
Parte III. A teoria	
Capítulo 1. Dos modelos teóricos ao homem: o campo da Psicologia Social.....	199
Capítulo 2. Dos desempregados à Economia: o sistema econômico de mercado e seu impacto na vida social.....	204
Capítulo 3. Da Economia aos desempregados: concepções do social e dinâmicas familiares entre a cultura popular e a cultura de massas.....	211
Considerações inconclusivas para uma clínica com desempregados.....	229
Referências bibliográficas.....	238
Anexo. As sessões com Pedro.....	242

Introdução

As mudanças que assistimos em nosso mundo atual têm um de seus maiores impactos na relação dos homens com o trabalho. Com intensidade maior a partir dos anos 70, transformações mundiais significativas nos modos de produção e acúmulo de capital, pautadas por uma política econômica englobada sob o nome de neoliberalismo, caracterizaram-se pela desregulamentação financeira, que se fez acompanhar da desregulamentação das relações de trabalho, num universo regido por uma lógica dada exclusivamente pelo funcionamento competitivo do mercado, que transformou o espaço social num espaço regido por interesses privados do capital. No campo do trabalho, esse estado de coisas manifestou-se na forma de reestruturações profundas dos processos de produção, tanto no sentido de uma vertiginosa automação industrial e informatização dos procedimentos administrativos, quanto da pulverização das próprias formas de relação dos homens com o trabalho que, sob a dominância da desregulamentação das relações trabalhistas, passaram a incluir cada vez mais uma diversidade enorme de vínculos – o trabalho temporário, de tempo parcial, terceirizado, informal, o subemprego, etc. -, o que vem promovendo a fragmentação das formas de relação tanto dos homens com o trabalho como entre si, tornando-se cada vez mais difícil a coesão social em torno de lutas e reivindicações comuns. É neste contexto que diversos fatores entrelaçados, entre os quais a retração da responsabilidade das políticas governamentais em relação a garantir direitos mínimos dos empregados e tomar para si a tarefa de abrir fontes de trabalho que possibilitem a condição de emprego - o que nada mais deveria ser do que um direito de todo cidadão -, a prevalência de um sistema de gerenciamento em que predominam os resultados do ganho de capital sobre o entendimento das responsabilidades sociais das organizações, e os processos de automação e informatização de bens e serviços têm contribuído para gerar,

em todo o mundo - ainda que com importantes diferenças regionais¹ - o desemprego de um enorme contingente de trabalhadores de todos os setores e classes sociais.

No caso brasileiro, em especial a partir dos anos 90, pode-se acompanhar um crescimento significativo dos índices de desemprego e uma deterioração do mercado de trabalho, com a ampliação do trabalho temporário, por tempo determinado, sem renda fixa e em tempo parcial. De acordo com Feitosa dos Santos², nos anos 70, cada ponto percentual do PIB (Produto Interno Bruto) correspondia a um aumento de 0,4% no emprego. Agora, nos anos 90, cada ponto percentual de crescimento do PIB gera apenas 0,1% em emprego. O desemprego e a precarização das condições e relações de trabalho ao longo dos anos 90 e no início do século XXI são um fenômeno de amplitude nacional, de extraordinária intensidade e jamais ocorrido na história do país. Apenas na região metropolitana de São Paulo, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) estimou, para o ano de 2003, em 19,9% a taxa de desemprego em relação à população economicamente ativa³. Assim, o crescimento do desemprego e a informalização e precarização das relações e condições de trabalho constituem hoje as características principais do universo do trabalho no país.

Nosso trabalho quer inserir-se no campo de estudos e pesquisas sobre os impactos e conseqüências sociais e psicológicos decorrentes da situação de desemprego, fenômeno cujo impacto é visível na desestruturação do universo social. Em diversos países, pesquisadores (Jahoda, 1987; Castel, 1991; Dejours, 1999; Feitosa dos Santos, 2000, entre outros) têm se aprofundado no

¹ Para uma discussão sobre os níveis de desemprego em diferentes países, ver Mattoso, J. *O Brasil desempregado*. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2ª ed.: 2000.

² Santos, J. B. F. *O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*. SP: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Ceará, 2000.

³ Este número inclui tanto os trabalhadores sem emprego que buscaram trabalho nas semanas de referência da pesquisa - englobados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) na categoria de *desemprego aberto* - quanto aqueles que, sem um emprego regular, procuram formas alternativas ao mercado formal para dar conta de sua subsistência ou ainda que, por diversos motivos, entre os quais o desalento, não procuraram emprego nas semanas de referência - englobados na categoria de *desemprego oculto*.

exame de suas determinações e conseqüências, permitindo que surja, a partir de suas observações, o amálgama de ações e comportamentos sociais e sua tradução no interior de linguagens que visam descrever as dinâmicas psíquicas intrasubjetivas de cada homem, bem como das relações entre eles, num terreno que obriga a pensar as relações entre o real e a subjetividade tendo como eixo de indagação a vivência do desemprego.

Um resenhamento inicial

Marie Jahoda⁴, que estudou as conseqüências sócio-psicológicas do desemprego em dois contextos tão distintos quanto a Europa dos anos 30 e dos anos 80, inicia o seu trabalho dizendo da dificuldade de se chegar a uma definição única do que seja desemprego: ele varia entre os países e entre as épocas, mesmo em seus aspectos legais. Para os fins de sua pesquisa, ela considera desempregada a pessoa que, num momento dado, encontra-se sem emprego embora quisesse tê-lo ou que, quando não tem um posto de trabalho, depende de um auxílio econômico para subsistir. Em nosso trabalho, adotaremos esta definição, por considerá-la ao mesmo tempo precisa e abrangente para o estudo deste campo de investigações.

Jahoda adota, como referencial teórico para a compreensão das conseqüências sócio-psicológicas do desemprego, o modelo da privação. O que esse modelo sugere, em síntese, é que se pode interpretar as conseqüências da perda do emprego a partir das funções que desempenha ter um emprego, ou seja, o ganho de um salário, a imposição de uma estrutura temporal, o estabelecimento de vínculos pessoais e de experiências compartilhadas fora da família, a proposição de objetivos que transcendem o indivíduo, situando-o numa dimensão coletiva mais ampla, a atribuição de um *status* e de uma identidade social e a obrigação de manter um certo nível de atividade.

⁴ Jahoda, M. *Empleo y desempleo*. Madrid: Ediciones Morata, 1987.

O emprego, enquanto modalidade historicamente determinada do trabalho, tem, para Jahoda, um caráter constitutivo da subjetividade humana, na medida em que os homens, através dele, não só produzem coisas, mas produzem a si mesmos nesse processo. Jahoda investiga as diferentes experiências subjetivas produzidas pela realidade objetiva do desemprego - as significações geradas nesse contexto, os sentidos, para os indivíduos, da perda do conjunto de elementos constitutivos de sua identidade outrora providos pelo trabalho -, em busca de regularidades empíricas presentes no interjogo entre as ações e experiências das pessoas e o contexto social em que ocorrem, na íntima interdependência entre os destinos pessoais e a estrutura social. Assim, para além das conseqüências estreitamente ligadas ao empobrecimento material, Jahoda observa outras em que tal ligação não é tão evidente, ou seja, nas quais a conexão com a perda do emprego - enquanto conjunto de atividades com implicações psicológicas e sociais - parece ser mais visível do que com a perda de poder aquisitivo. São elas: a perda da estrutura temporal habitual e do sentido do tempo; a falta de objetivos, de um sentido de finalidade; a exclusão de uma sociedade mais ampla, um relativo isolamento social e a perda do sentido de identidade produzido no e pelo trabalho. Indo ao encontro das observações de Jahoda em relação à importância que ela confere ao trabalho para a constituição subjetiva e para a manutenção de um certo equilíbrio psíquico, Freud, numa longa nota de rodapé ao texto O mal-estar na civilização⁵, diz:

Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica

⁵ Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago.

oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade (p. 99).

Trabalho como fonte de subsistência, em pelo menos dois sentidos: asseguramento das condições materiais necessárias à manutenção da vida pessoal e dos dependentes, mas também das condições materiais e sociais nas quais são possíveis a expressão e realização da identidade pessoal e a manutenção de um equilíbrio psíquico que depende de um certo ordenamento temporal e das possibilidades de deslocamento de componentes libidinais que encontram no trabalho, particularmente no trabalho realizado por livre escolha, amplas possibilidades de sublimação.

Christophe Dejours, em seu importante estudo sobre as relações entre os homens tal como se dão no campo do trabalho sob a égide do sistema neoliberal⁶, mostra como a perda do trabalho impõe um processo de dessocialização progressiva que ataca os alicerces da identidade, na medida em que o reconhecimento do trabalho, ou da obra, pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade. Trabalhar, para ele, não se restringe apenas à atividade de produção, mas é inserção numa experiência coletiva de produção de sentidos sobre o mundo, sobre o trabalho e sobre si próprio. O trabalho de Dejours mostra como a realidade do desemprego cria, mesmo para os que estão empregados, uma situação de precarização e de permanente ameaça da qual o coletivo dos trabalhadores defende-se através de estratégias individuais e coletivas de defesa contra o sofrimento no trabalho e contra a percepção do sofrimento alheio, particularmente dos que estão excluídos do mundo do trabalho. Através dessas estratégias, os indivíduos, coletivamente, consentem em submeter-se e são agentes de uma verdadeira “máquina de guerra econômica” (p. 16), que torna

⁶ Dejours, Christophe. *A banalização da injustiça social*. RJ: Editora FGV, 1999.

desempregada uma parcela cada vez maior do conjunto de trabalhadores. A investigação de Dejours é feita a partir de estudos psicodinâmicos na situação de trabalho, que envolvem observações de campo e entrevistas individuais e coletivas, compreendendo os sujeitos como aqueles que vivenciam afetivamente a situação em questão. O campo de afetividade que Dejours investiga é aquele que emerge do conflito gerado pelo sofrimento real imposto pelas condições de trabalho, por sua precarização e pela situação constante de ameaça e medo, conflito frente ao qual o coletivo dos trabalhadores desenvolve defesas com o fim de evitar o contato com o próprio sofrimento e o sofrimento do outro.

Robert Castel, em seu trabalho "Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional"⁷, pensa o problema do desemprego "na conjunção de dois vetores: um eixo de integração/não integração pelo trabalho e um eixo de inserção/não-inserção em uma sociabilidade sócio-familiar" (p.23), mostrando como o desempregado, para além de sua exclusão do mundo do trabalho, "exprime um modo particular de dissociação do vínculo social" (p.22). O que Castel enfatiza é que o desemprego lança os homens numa situação de fratura com o social, de ruptura dos vínculos de sociabilidade, para além das privações materiais impostas pelo empobrecimento decorrente desta condição. Ao definir estes dois eixos entrecruzados, Castel mostra como a intensidade da ruptura com o social e do isolamento do desempregado vai depender das redes familiares e sociais que irão garantir, ou não, a inserção do trabalhador excluído ou em relação precária com o mundo do trabalho. E, neste sentido, a tragédia de nossos dias parece advir, para Castel, de uma situação na qual, à precariedade e falta de vínculos de trabalho, soma-se uma crise da família enquanto grupo social capaz de conter e garantir a inserção social do desempregado. Castel conclui: "É preciso se esforçar por compreender estes seres de carne e osso, de sangue e de sofrimento, a partir do duplo processo que os

⁷ Tradução brasileira extraída de: *Face à l'exclusion: le modèle François*. Jacques Donzelot édit., Paris: Éditions Esprit-Le Seuil, 1991.

constitui: aquele que vai da integração à exclusão na ordem do trabalho e aquele que vai da inserção ao isolamento na ordem sócio-relacional." (p. 28).

Em nosso país, Feitosa dos Santos (2000) realizou um trabalho de pesquisa com trabalhadores desempregados que freqüentavam os pátios do SINE (Sistema Nacional de Emprego - Ceará), local em que pôde observar e conversar longamente com as pessoas que lá vão todos os dias em busca de uma colocação profissional. Seu intuito, como ele próprio diz, era "compreender a questão do desemprego sob a óptica do desempregado" (p. 15), "realizar um estudo subjetivo de uma categoria social" (p. 25). As entrevistas - que segundo os depoentes funcionavam como espaços de reflexão, de "terapia" - revelaram, a um pesquisador sensível à experiência vivida por eles, o sofrimento desencadeado por esse evento da vida, o sentimento de exclusão, de "interrupção de um percurso", de perda, muitas vezes de choque e de impossibilidade de pensar, mas também as estratégias de sobrevivência e o papel das redes familiares e sociais como suporte de enfrentamento. Nessas entrevistas, os trabalhadores podiam relembrar as suas histórias de trabalho e de demissão e as repercussões de suas experiências em seu mundo pessoal, em seus sonhos, em suas famílias e em seus grupos de convivência. Após explicitar e descrever os sentimentos percebidos e falados em sua convivência com os desempregados - o medo, a vergonha, o desgaste, a frustração, a violência, a indignação, a irritabilidade, a tristeza, a humilhação, a solidão, a incerteza, a inutilidade, a depressão, o fracasso, a culpa - , ele propõe o conceito de *síndrome subjetiva do desemprego*, referindo-se a esta "pandemia da contemporaneidade" desencadeada pelo desemprego, um "sofrimento que se transforma em agravos à saúde de seus reféns" (p. 290), "uma coletânea de problemas funcionais, com ou sem substrato orgânico" (p.292), cujos agentes etiológicos seriam os sentimentos enumerados acima.

O real e a vida psíquica

Os autores que até aqui resenhamos estabeleceram os seus campos de investigação na tentativa de significar o impacto do desemprego nos indivíduos desempregados, ou sobre os quais paira a ameaça do desemprego. Assim, Jahoda e Castel privilegiam em seus estudos a descrição das alterações nas situações de vida, nos vínculos de sociabilidade, nas relações com o tempo e com os espaços sociais dos sujeitos implicados. Já Dejours e Feitosa dos Santos privilegiam as implicações da ação da condição de desemprego no estado emocional dos sujeitos desempregados. É claro que, ao resumir deste modo os trabalhos desses investigadores, estamos apenas ressaltando os vetores principais de seus estudos. É que a investigação do efeito do desemprego nos homens desenvolve-se num campo complexo de estudos, o da interação entre a realidade sócio-político-econômica e a vida psíquica. E todo aquele que opera no interior deste campo de investigações vê-se obrigado a estabelecer as pontes entre o real e o psíquico. Este é um terreno por demais complexo, em cujos limites o estudo da realidade social pode chegar ao total silenciamento da vida subjetiva - uma situação que, como indica Adorno num importante texto para a reflexão sobre as relações entre a realidade social e a vida psíquica, "Acerca de la relacion entre Sociologia e Psicologia"⁸, pode resultar "numa sociologia sem sociedade, retrato de um estado em que os homens se esqueçam de si mesmos." (p. 50). Por outro lado, o seu extremo oposto, ou seja, a priorização do campo psíquico, pode levar a uma expansão da subjetividade que tende a mergulhar num denso nevoeiro todos os aspectos do real, o que não significa apenas um ofuscamento da esfera social mas, o que é pior, uma mistificação do estado de coisas que tende a reduzir ao espaço individual o campo de compreensão e de transformação possível. Ou seja,

⁸ Adorno, T.W. Acerca de la relación entre sociología y psicología. Em: *Teoria critica del sujeto*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1986, pp. 36-83.

retira do coletivo a possibilidade de transformação, passando a apresentá-lo apenas como a paisagem inalterável sobre a qual se desenvolve a vida psíquica. Esta redução ao psicológico, no dizer de Adorno, "prescinde do processo de produção social." (p. 50). Esses autores puderam operar em suas investigações sobre o impacto do desemprego na vida dos homens na tensão entre o real e o psíquico, sem promover uma redução, seja ao sociológico ou ao psicológico. No campo de investigações das relações homem-sociedade, o sociólogo francês Pierre Bourdieu fez do hífen a questão central de seus estudos. Nosso trabalho também pretende-se, com humildade, uma investigação desse hífen no terreno da prática e da teoria psicanalítica.

A questão das relações entre o real e a vida psíquica permeia o desenvolvimento da teoria e da técnica psicanalítica desde os seus momentos iniciais. Assim, em cada um dos textos de Freud, é possível acompanhar o lugar que ele confere à realidade na produção de sintomas psíquicos e a importância que ele dá à história de vida para a elucidação da psicodinâmica pessoal de seus pacientes. Em Freud, esta é uma preocupação, ao nosso ver, jamais deixada de lado: a de sustentar que a vida psíquica nada mais é do que o resultado de um embate pulsional no campo do real, um campo que abrange, portanto, o social e os acontecimentos históricos. Pensamos que, a partir da descoberta freudiana do inconsciente, foi ao pouco ganhando preponderância um modo de compreender os fenômenos psíquicos que tendeu a reduzir, senão a silenciar, a importância dos dados do real e da biografia pessoal na constituição do psiquismo. Talvez esse estado de coisas tenha se constituído na tentativa de legitimar o campo psicanalítico como um lugar de transformação que pudesse superar as limitações impostas pelo real. Sabemos que, para Freud, como tentávamos expor, o real é sempre uma moldura estreita onde o humano está, por assim dizer, condenado a se formatar. É nessa estreita moldura que ele está condenado - determinado - a repetir, em grande medida, ou a elaborar, no que lhe é possível. Talvez foi na tentativa de ultrapassar os limites dessa moldura que se chegou à atual compreensão da prática e da

teoria psicanalítica, que privilegia o entendimento dos fenômenos psíquicos como sendo algo assim como um desdobrar sem fim de versões pessoais em cujo interior atuariam como vetor principal essencialmente forças advindas do campo pulsional - a dimensão do desejo -, menosprezando assim os dados objetivos do real.

O estudo do impacto do desemprego na vida de homens e mulheres constitui-se num território privilegiado para a investigação do lugar que cabe ao real na constituição da vida psíquica. Porque, sem dúvida, a situação de desemprego traz para os implicados uma urgência por realizar uma elaboração que leve em consideração tanto os assim chamados dados subjetivos da biografia pessoal quanto os dados da assim chamada realidade externa. Nesse terreno, no estudo do fenômeno do desemprego e suas conseqüências psíquicas, subjetivar em demasia é, para além de cometer um grave erro de investigação, produzir uma falsa ideologia cujo único resultado seria trazer consigo a legitimidade de um estado de coisas que ofusca a compreensão e transformação do real.

Focando a família

Nosso estudo realizou-se na tentativa de acompanhar e observar famílias de desempregados. A família é, por si só, um campo de interseção entre o real e o psíquico, uma tessitura que, em seu arranjo de parentesco e nos significados que atribui a cada um dos lugares que a compõem, sofre a determinação de uma história sócio-cultural na qual se estabelece e que a atravessa, ao mesmo tempo que é constituída na interação afetiva entre os membros. Toda família constitui um microcosmo fincado nas intermediações entre a esfera social e individual, o público e o privado, o real e a representação, o biológico e o cultural. E, além disso, o desemprego é um fenômeno da esfera do social e afeta o social, e é do nosso interesse não reduzi-lo a um sofrimento pessoal. A família, de algum modo, é violentada

quando um de seus membros vê-se excluído da esfera do trabalho, e é a própria família um dos espaços privilegiados para a emergência de estratégias possíveis para o enfrentamento dessa situação. Partimos da hipótese de que a família pode oferecer-se como um espaço de elaboração diante da violência do real, que impeça os seus membros de sucumbir a ela. Mas, levamos em consideração também que o espaço familiar pode ser plenamente contaminado por essa violência e repetir em seu interior, em todas as situações do cotidiano familiar, a mesma violência executada em seu exterior, promovendo o pesadelo de legitimar o lugar da incapacidade para a execução de funções sociais de seus membros. Os estudos que tratam da questão do impacto da perda de emprego na família – na maior parte das vezes realizados a partir de questionários, entrevistas e escalas padronizadas - apontam consistentemente para fenômenos tais como a elevação do nível de conflito, tensão e *stress* - perturbações emocionais que atingem todos os membros da família - e o aumento da frequência de separações, divórcio e violência doméstica⁹. Muitos apontam também para a urgência de serviços de atendimento psicológico e social que ofereçam suporte para essas famílias¹⁰.

Nosso desafio, neste trabalho, foi o de estabelecermos um campo de escuta com desempregados - um contexto que se constituísse como espaço de reflexão sobre os seus próprios modos de funcionar diante da situação de desemprego que os aflige. Para tanto, buscamos construir, através de nossa pesquisa, os enquadres de atendimento às famílias que fossem mais propícios à realização destas finalidades. Esperávamos assim conservar o que nos

⁹ Para um levantamento detalhado de dados estatísticos que relacionam desemprego e conflitos familiares, ver: Dew, M.A. Effects of unemployment on mental health in the contemporary family. Em: *Behavior Modification*, 1991, vol. 15(4): 501-544; Price, R. H. Psychosocial impact of job loss on individuals and families. Em: *Current directions in Psychological Science*, 1992, vol. 1(19):9-11; e Schwebel, M. Job insecurity as structural violence: implications for destructive intergroup conflict. Em: *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 1997, vol.3(4):333-351.

¹⁰ Ver, por exemplo, Hoffman, W. Initial impact on plant closings on automobile workers and their families. Em: *Families in Society*, 1991, vol. 72(2): 103-107; e Jones, L. Unemployed fathers and their children: implications for policy and practice. Em: *Child and Adolescent Social Work Journal*, 1991, vol. 8(2): 101-116.

parece ser uma característica central do trabalho psicanalítico, tal como formulado por Freud: a de se constituir, a um só tempo, como método de investigação e de intervenção.

Esquema do trabalho

Os capítulos iniciais, “O Centro de Referência em Saúde do Trabalhador e o contato com as famílias” e “Sobre a investigação”, que compõem a Parte I: “Primeiros passos”, apresentam as primeiras tentativas de acesso e contato com as famílias, bem como as dificuldades que fomos encontrando nesse processo, até a constituição de enquadres possíveis de atendimento. A Parte II, “A clínica”, apresenta o conjunto de atendimentos que pudemos realizar: um processo grupal com desempregados que ocorreu durante seis encontros semanais, inicialmente proposto para ser um espaço de encontro de famílias mas que, em função do comparecimento apenas dos desempregados, sem suas famílias, e dada a riqueza do material que puderam produzir em grupo, optamos por manter em nossa pesquisa; o acompanhamento de um desempregado, Pedro, num período de aproximadamente 6 meses que incluíram dois meses de interrupção, durante os quais ele ocupava-se de um trabalho sem vínculo formal; e o atendimento de um casal, Roberto e Leonor, com quem tivemos 16 sessões. Enquanto as sessões do grupo são relatadas e analisadas de maneira a acompanhar o passo-a-passo de todo o acontecer grupal, no caso de Pedro optamos por uma análise que levou em consideração o conjunto do processo, para deste depreender seu modo de funcionamento psíquico em família, na condição de desempregado. E, na análise do material clínico de Roberto e Leonor, detivemo-nos em uma sessão do final do processo para, a partir da análise do passo a passo da sessão, depreender elementos para a compreensão da dinâmica de um casal vivendo a situação de desemprego. A Parte III, “A teoria”, busca contextualizar o nosso trabalho no campo da Psicologia Social e o material com que trabalhamos no

contexto econômico e cultural de nosso país, de modo a ter elementos para a constituição de uma moldura propícia que dialogue, no plano da teoria, com os elementos encontrados durante a investigação. Daí, os três capítulos que se sucedem – “Dos modelos teóricos ao homem: o campo da Psicologia Social”, “Dos desempregados à Economia: o sistema econômico de mercado e seu impacto na vida social” e “Da Economia aos desempregados: concepções do social e dinâmicas familiares entre a cultura popular e a cultura de massas”. O capítulo final, “Considerações inconclusivas para uma clínica com desempregados”, contém uma avaliação geral de nosso trabalho, tendo como referência as duas tarefas principais que tínhamos em nossa investigação: por um lado, estudar o impacto do desemprego na dinâmica familiar e, por outro, implantar um serviço de atendimento a desempregados num Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. A partir de nossa experiência, expomos as diretrizes para a constituição de um modo de trabalhar com desempregados em instituições públicas de saúde e os difíceis limites com que tivemos que lidar para oferecer algo assim como uma experiência de continência social, pautando-nos por um processo que trabalhasse com essas pessoas em contexto, ou seja, procurando referenciar demandas e situações pessoais ao contexto que vivem e auxiliá-los assim na elaboração de uma compreensão consciente do momento que atravessam.

PARTE I. Primeiros passos

Capítulo 1. O Centro de Referência em Saúde do Trabalhador e o contato com as famílias

Ao formularmos nossos objetivos de pesquisa, colocou-se para nós o problema do acesso a famílias que estão atravessando a situação de desemprego. Como pretendíamos fazer um acompanhamento clínico dessas famílias, por sugestão da Profa. Edith Seligmann-Silva¹¹ decidimos entrar em contato com um dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador – CRST – da cidade de São Paulo, locais de atendimento clínico a trabalhadores com problemas de saúde decorrentes do trabalho. Na época do início de nossa pesquisa, em junho de 2001, eram cinco esses centros na cidade – localizados no Centro, Lapa, Moóca, Freguesia do Ó e Santo Amaro. Os CRSTs, com equipes compostas por médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, assistentes sociais e psicólogos, diagnosticam e atendem casos em que há evidências de um nexo entre um certo sofrimento físico e/ou psíquico e o trabalho desenvolvido pelo trabalhador. Tratam-se ali acidentes de trabalho com seqüelas físicas variadas, lesões por esforços repetitivos que deixam dores permanentes e difíceis de tratar, perdas auditivas por exposição a ruídos excessivos, intoxicações por substâncias químicas que participam nos processos de produção industrial, etc. Pareceu-nos interessante a idéia de desenvolvermos nossa pesquisa em um centro com essas características seja porque, sendo um local de atendimento clínico, poderia oferecer, por sua própria disposição institucional, um enquadre apropriado para o projeto de atendimento que pretendíamos desenvolver, seja também porque poderíamos ter acesso a uma população já com alguma demanda ligada à área da saúde, decorrente de sua condição de trabalho.

Através da Profa. Leny Sato¹², entramos em contato com a direção do CRST da Freguesia do Ó, um bairro de periferia, com uma população predominantemente oriunda das classes populares, que vem em anos recentes

¹¹ Professora da Fundação Getúlio Vargas, com importantes trabalhos na área da Saúde Mental do Trabalhador.

¹² Professora e coordenadora do Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho (CPAT) do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia - USP.

sofrendo um processo de especulação imobiliária que tem alterado o seu perfil arquitetônico, do conjunto de casas e sobrados antigos para novos prédios de apartamentos. O Centro de Referência localiza-se numa avenida central do bairro, de fácil acesso por transporte público. É um sobrado simples, que foi sendo ampliado, em sua pequena área livre ao fundo, com a construção de edículas para abrigar consultórios, salas de exame e de fisioterapia. O aspecto geral, quando lá chegamos, era o de uma construção em que faltava um projeto arquitetônico que a integrasse. Eram "puxados" que pareciam ir se apinhando no decorrer do tempo, das necessidades e das verbas disponíveis. As paredes de cimento sem pintura e a falta de acabamento conferiam ao local a impressão de uma obra interrompida.

A proposta que levávamos, de um trabalho de intervenção e pesquisa junto a famílias de desempregados, foi acolhida no CRST com receptividade e interesse, pois o problema do desemprego já era, para a equipe que lá trabalhava, fonte de preocupações. Embora, como dissemos, o Centro tivesse como objetivo cuidar de trabalhadores sempre que se diagnosticasse o nexo entre doença e trabalho, o que fazer com os trabalhadores desempregados que, em número crescente, batiam à porta, grande parte das vezes interessados em atestar o nexo entre seus sofrimentos físicos e/ou psíquicos e seus trabalhos anteriores, de forma a garantirem seus direitos trabalhistas, seja de re-inserção no local de trabalho, de afastamento ou de aposentadoria por invalidez? O que fazer também com todos aqueles que, em decorrência do desemprego, viam deteriorada sua condição geral, física e psíquica? O número de desempregados que procuravam o Centro era bastante significativo, como podemos ver pela Tabela 1, que apresenta o número de pacientes matriculados em 2001, segundo sua situação ocupacional. A porcentagem de 18,4% de desempregados matriculados era próxima, ainda que 0,8% superior, à taxa da desempregados encontrada pela Fundação Seade para toda a cidade de São Paulo no mesmo ano, que era de 17,6% da população economicamente ativa.

Situação Ocupacional	Frequência	Porcentagem
Aposentados	25	2.0%
Autônomos	38	3.0%
Desempregados	230	18.4%
Empregados registrados	876	69.9%
Empregados sem registro	40	3.2%
Funcionários estatutários	8	0.6%
Outros	29	2.3%
Sem informação	7	0.6%
Total	1253	100%

Tabela 1: Distribuição dos trabalhadores matriculados no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador – Freguesia do Ó em 2001, segundo sua situação ocupacional no momento da matrícula.

Frente às questões que as demandas dos desempregados colocavam, a equipe do CRST-F.Ó estava, no momento de nossa procura, planejando propostas específicas de atendimento. Daí, possivelmente, a abertura que tiveram para discutir nosso projeto de trabalho.

Iniciamos nossa pesquisa nos prontuários da instituição, selecionando os trabalhadores desempregados matriculados no Centro naquele ano. No prontuário está a história clínica do paciente, associada à sua história de trabalho, sua situação ocupacional, os exames e a conclusão diagnóstica. Cada prontuário é acompanhado de uma ficha que contém a síntese desses dados.

Do total de 1253 matriculados em 2001, 230 estavam desempregados no momento da matrícula, sendo 98 mulheres (43%) e 132 homens (57%). A faixa etária era ampla, variando de 19 a 63 anos e, a partir dos dados dos prontuários, não tínhamos como saber da posição de cada trabalhador dentro de sua família. Todos eles, antes de ficarem desempregados, eram empregados em empresas, desempenhando funções que, em geral, exigem menos qualificação, como serventes, auxiliares de limpeza, de produção, de escritório, de serviços gerais, costureiras, pedreiros, etc. Dos 230 desempregados, 37 viviam essa situação há menos de 6 meses. Foi com estes que entramos em contato¹³, por telefone ou carta, para convidá-los, junto com suas famílias, a participarem de uma primeira

¹³ Adotamos o critério de Seligmann-Silva (1997) referente ao tempo de desemprego, para diferenciar os trabalhadores desempregados recentemente – com até 6 meses de desemprego contados a partir da data de demissão – daqueles com desemprego de longa duração - mais de 6 meses – e que, em muitos casos, pelo

entrevista, com o intuito de conhece-los e apresentar-lhes nossa proposta de atendimento e pesquisa.

Auxiliou-nos no contato inicial o fato de que, hoje em dia, grande parte da população da cidade de São Paulo dispõe de telefone em casa. Isto permitiu que falássemos diretamente com as pessoas que selecionamos pelos prontuários. Podíamos apresentar-nos, explicar nossa proposta de trabalho e pesquisa, ouvir suas indagações e saber de sua receptividade à nossa proposta. As respostas variaram. Alguns disseram: *“Graças a D’us, já estou trabalhando!”*, transmitindo-nos a alegria e o alívio que sentiam. Ou: *“comprei um caminhãozinho, estou trabalhando na rua, vendendo fruta”*. Ou, ainda, de boca cheia: *“Agora estou trabalhando com carteira assinada, num condomínio”*. Grande parte, no entanto, continuava desempregada, meses após sua matrícula no Centro:

“Ela não está, foi fazer uns testes”.

“Olha, preciso primeiro consultar minha mulher. Ela não está aqui. Tá fazendo bico, é ela que mantém a casa”.

“Eu que tenho que batalhar, sou manicura, dá sistema nervoso. Agora que ele conseguiu entrar na Caixa¹⁴, mas até agora não recebeu nada. Às vezes, ele faz um bico”.

“Perder o emprego me afetou muito. Meu marido diz que eu mudei em casa, que eu tô mais nervosa”.

“Eu continuo desempregada. São três desempregados em casa, tá me levando ao desespero. Tô com problemas de saúde, tem uma suspeita de câncer no seio. Dependo agora do hospital público, é demorado. Não tem mais convênio médico. Minha filha tem 18 anos, começou a trabalhar há três dias, numa loja do centro. Ganha 5, 6 reais de comissão por dia, gasta 3 em condução para ir e voltar... meu marido não está, saiu para buscar trabalho...Olha, te agradeço muito por ter ligado”.

que pudemos detectar a partir dos prontuários, pareciam ter se cronificado na condição de desempregados.

¹⁴ “Entrar na Caixa” é uma expressão comumente utilizada para significar a aposentadoria pelo INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), seja por tempo de serviço, acidente de trabalho ou invalidez.

Outros disseram: *"Não estamos interessados. Moramos longe, em Franco da Rocha. Ele está entrando com a aposentadoria, eu estou trabalhando como confeitira"*.

Num contato direto pelo telefone, era mais fácil também, com aqueles que se disponibilizavam a vir, marcar um horário que fosse mais conveniente para todos – para os familiares que, na medida de suas possibilidades, queríamos que comparecessem e para nós, que os atenderíamos. O Centro de Referência disponibilizou, para todos os que comparecessem, passes de ônibus, fato que também comunicávamos por telefone e que foi fundamental para viabilizar a vinda das famílias. Mas, também tivemos que nos haver com as faltas, com aqueles que, pelo telefone, concordavam com a proposta, marcavam um horário conosco e não compareciam. Houve aqueles que vieram sozinhos, sem qualquer outro familiar. Nós os atendemos e encaminhamos, nos casos em que nossa proposta foi recebida como a abertura de um espaço para tratar de questões pessoais. Mas, não os incluímos em nossa pesquisa.

O próximo capítulo contém uma síntese de nossas experiências nas primeiras entrevistas com oito famílias e uma reflexão, a partir dessas experiências, sobre os limites e possibilidades de constituição de um enquadre de atendimento psicanalítico nesse contexto. A partir das entrevistas e da reflexão que pudemos realizar em torno delas, delineamos um plano de trabalho para dar continuidade à nossa pesquisa, levando em consideração alguns elementos que pudemos apreender nesses contatos iniciais.

Capítulo 2. Sobre a investigação

A investigação no interior do campo psicanalítico levanta uma série de questões que não são fáceis de responder satisfatoriamente. Em primeiro lugar, a aplicação da psicanálise – enquanto um agregado de teorias construídas ao longo da história dessa disciplina – sobre um determinado contexto a ser estudado reduz em muito o alcance do que ela teria para oferecer ao estudo do fenômeno. Com isto, queremos dizer que, ao nosso ver, a aplicação da psicanálise, como um conjunto teórico pré-estabelecido, sobre qualquer campo de investigações, é um exercício limitado e em nada próximo do próprio exercício psicanalítico. Nossa investigação quis tomar o cuidado de não reduzir um acontecimento do real tão complexo quanto o desemprego à condição de ilustração para a re-firmação de uma ou outra teorização psicodinâmica advinda do campo psicanalítico. O próprio da construção de conhecimentos nesse campo é a constituição de um processo de observação e intervenção cujos desdobramentos são seriamente levados em consideração através de uma reflexão intensa dos fenômenos observados, num diálogo com o conjunto de teorias que suportam e referenciam a intervenção psicanalítica, mas que outorga ao fenômeno observado o lugar privilegiado, nunca podendo este último ser deslocado ou eclipsado por qualquer concepção teórica tomada *a priori*. Freud elaborou sua teoria psicanalítica enquanto praticava a psicanálise. E é assim que a psicanálise se faz. Psicanálise é a reflexão de uma prática e a prática de uma reflexão.

Por isto, querer investigar o impacto do desemprego nas dinâmicas familiares e as respostas que esse tecido de relações deixa surgir diante desse trauma significa, antes de mais nada, saber como estabelecer o melhor modo de contextualizar o atendimento e acompanhamento das famílias com que trabalhamos. A psicanálise clássica foi construindo aos poucos os procedimentos – o *setting* – que hoje nós reconhecemos como sendo característicos dessa disciplina, e que terminaram por se cristalizar na forma convencional de trabalho clínico psicanalítico - uma forma que permite a emergência de fenômenos para os quais os conceitos de inconsciente, transferência e associação livre, entre outros,

fazem referência. Claro que nós não podíamos exigir que as famílias com as quais lidamos aceitassem, de antemão, o modelo clássico de trabalho psicanalítico, mesmo aquele desenvolvido dentro do campo específico da psicanálise da família. Porque elas, num primeiro momento, não demandavam psicanálise, não só porque não a conhecem, mas porque talvez ainda não tivessem construído para si a noção de que se implicar na rede de relações familiares, tomando-as em consideração, dinamizando-as e sendo dinamizadas por esse movimento, pudesse promover um desdobramento identitário que as fortalecesse diante da imperativa tarefa de dar conta de uma difícil situação¹⁵. Tenho agora para mim que talvez o maior desafio que tínhamos a vencer em nossa investigação era o de conseguir estabelecer um contexto de atendimento eficaz para os propósitos que almejávamos alcançar. Esse contexto não era algo já dado, tendo que ser construído num processo que demandou muitas idas e voltas, até que conseguíssemos o estabelecimento de alguma estrutura que se sustentasse com a necessária estabilidade, por um tempo adequado para fixar os laços que a pesquisa demandava, possibilitando a troca de significações que produzisse, num movimento de mão dupla, por um lado alguma forma de elaboração do núcleo familiar que os fortalecesse e, a nós, avançar um pouco na compreensão das questões que nos inquietavam. Esta propriedade da psicanálise, tal como aqui a estamos apresentando – a de ver-se impossibilitada de agir com toda a sua potencialidade se reduzida a uma série de construtos teóricos a serem aplicados sobre um fenômeno –, ao nosso ver é a mais rica contribuição que esse campo de investigações tem para oferecer para a criação de conhecimentos na universidade. Porque a psicanálise, tal como a compreendemos, demanda uma intervenção no real, uma prática obrigatória que possibilite uma estruturação do campo de investigação não dada *a priori*, suficientemente capaz de deixar emergir o conhecimento psicanalítico.

Durante um ano e dois meses, tentei estabelecer o contexto de trabalho necessário para a realização desta pesquisa. Num primeiro momento, acreditei

¹⁵ Sobre a distância que precisa ser vencida entre o modelo clássico de escuta psicanalítica e o repertório de expressões e expectativas com que as famílias pobres apresentam-se aos serviços de saúde, ver Costa, J.F. Psicanálise e contexto cultural. RJ: Ed. Campus.

que estar diante das famílias com minhas intenções de investigação e munida de minha experiência na clínica psicanalítica, bem como de um punhado de leituras sobre o fenômeno do desemprego, seria suficiente para acolher e propor algo de valia para cada uma delas. A realidade mostrou-me que não era bem assim. Em primeiro lugar, elas não queriam muito refletir sobre si ou, melhor dizendo, elas queriam refletir em busca de um trabalho, serem lançadas para uma situação de maior inserção social, onde pudessem ter o que refletir. Diversas das famílias que tive a oportunidade de ver nessa primeira etapa de meu trabalho iniciavam o encontro me perguntando se eu teria algum emprego para oferecer :

Será que vocês vão poder ajudar...a gente queria uma orientação em relação ao seguro-desemprego, e também pra arrumar emprego. (Milton¹⁶, 28 anos)¹⁷

Vocês têm uma forma de ajudar, assim, a pessoa?...ou é só orientação? (José Américo, 48 anos)¹⁸

Minha filha não pôde vir, foi fazer uma entrevista num firma. Vocês têm condições de ver um emprego pra ela? (Lurdes, 48 anos)¹⁹

Logo de cara, eu os frustrava. Não, infelizmente, eu não tinha trabalho para lhes oferecer. Pelo menos, não aquele que eles tanto ansiavam. Eu queria era trabalhar com elas sobre elas. Mas essa minha expectativa marcava, antes de mais nada, a enorme distância entre o que elas queriam e precisavam e o que eu

¹⁶ A fim de proteger o anonimato das pessoas que atendemos durante o nosso trabalho, os nomes aqui referidos são fictícios.

¹⁷ Milton compareceu à entrevista com sua mãe, Maria Rita. O pai de Milton é falecido e ele vive com um irmão, também solteiro, no mesmo quintal que uma irmã casada, mãe de um bebê de um ano e meio. A mãe de Milton mora num sítio situado num bairro periférico, junto com outro irmão seu, mais velho, apresentado como deficiente mental.

¹⁸ José Américo compareceu à entrevista com sua esposa, Joana, de 28 anos, e quatro filhos pequenos: uma menina de 6 anos, dois meninos gêmeos de 3 e um bebê de 1 ano e meio. Esta é a sua segunda família. A primeira mulher e os filhos, já adolescentes, vivem em outra cidade.

¹⁹ Lurdes compareceu à entrevista com seu marido, José Augusto, de 59 anos. Este é seu segundo marido. Com o primeiro, falecido, ela teve dois filhos: um rapaz que, aos 20 anos, morreu num acidente de moto, e a filha, hoje com 29 anos, cursando pós-graduação, que vive com Lurdes e José Augusto.

podia oferecer. Imediatamente, então, eu passava a fazer parte, para eles, de todo esse mundo abstrato e complexo que os deixa entregues a si sós. Eu disse a algumas das famílias:

A gente não tem condições de estar arrumando emprego, mas a gente vê que tem muitas famílias que estão sofrendo muito em função do desemprego. Então, é isso que a gente quer estar acompanhando, as pessoas que estão desempregadas, a situação familiar, e ver se, conversando, pensando junto, a gente pode ajudar de alguma forma.

Apesar de frustrá-las, eu sentia também que a minha tentativa de dirigir-me ao sofrimento que viviam fazia sentido para elas. Aprendi, então, que o desemprego significa, para cada uma dessas famílias, a explicitação de uma ferida real. Isto quer dizer que, numa realidade tão carente, cheia de fraturas na história cultural, na biografia pessoal e na sociabilidade com o entorno – mesmo quando em atividade de trabalho –, a interrupção do precário salário mensal resulta numa urgência de fazer frente à situação que acaba por capturar a vida de cada um dos implicados por inteiro numa situação existencial onde tudo é concreto. Nenhum dos membros das oito famílias com que tive oportunidade de entrar em contato nessa etapa do trabalho diziam “estou pensando que” ou “acho que”. Todos falavam o que fazem, mesmo quando sentiam que não fazem nada. Vêem televisão, mandam currículos, cuidam das crianças, passam o dia em casa. Exemplos dessa situação de encerramento a que o desemprego parece lança-los não faltam. Assim, disse uma mãe²⁰:

Ivone: Porque assim, fica todo mundo parado, sem serviço, dá aquele nervosismo dentro de casa. Uma moça de 19 anos, ela de 21. Não têm dinheiro nem pra poder sair, então, fica aquela situação meio chata, né? Quer sair, não

²⁰ Ivone, 55 anos, mãe de Patrícia, 21 anos, desempregada. Compareceram a esta entrevista, além delas duas, o irmão menor de Patrícia, Pedro, de 7 anos. Fazem parte ainda da família o pai, trabalhador autônomo, um irmão mais velho, que está por se casar e já trouxe a noiva para viver com a família, uma irmã de 19 anos, também desempregada, e uma irmãzinha de 8.

pode sair, não pode pedir pro pai. Chega fim-de-semana, só em casa, nem na casa da avó, nem nada.

Patrícia: Só dentro de casa, a gente fica naquele mundinho fechado, sabe?...A gente inventa...televisão, a gente ajuda os menores com a lição.

Encerrados em si próprios e no território familiar, o trabalho psíquico parece restringir-se a uma certa adaptação para ocupar essa vida violentamente contraída:

Eu acordo tarde, arrumo as coisas da casa e vejo TV. Não saio de casa. Pra quê? Ficar perdendo tempo com o pessoal da rua? Além do mais, se sair, é pra ir no bar, e no bar tem que beber. Eu não quero beber, prefiro ficar em casa. Tem gente na rua que não me vê saindo durante dias, pergunta: ‘Você viajou?’ Eu digo: ‘Não, tava em casa’. Sair, pra quê? Agora, faz quinze dias, estou começando a mandar currículos de novo pras firmas.(Milton)

A vida de trabalho traz consigo uma possibilidade de transitar entre mundos – entre o familiar e o social, entre o particular e o coletivo. Quando ela cessa, o trânsito deixa de ocorrer e o social afasta-se para um horizonte além das possibilidades dos que estão sem trabalho. Perdendo-se o trabalho, perde-se também o trânsito pelo coletivo. Disse o Sr. José Augusto:

O duro é que todo dia é a mesma coisa. Quando você trabalha, chega fim-de-semana, é uma maravilha! Descansa, chama os amigos, faz um churrasco. Depois, segunda-feira é um horror, acorda cansado da farra do domingo (ri) e vai trabalhar. Mas, quando você tá desempregado, que bom seria acordar na segunda-feira e ir trabalhar! Mas, não. Todos os dias é a mesma coisa, não tem segunda, não tem terça, nem fim-de-semana. Você sabe que acorda e tem mais um dia pela frente (Lurdes vai concordando com a cabeça enquanto ele fala). Agora, é uma questão de acostumar, eu digo pra ela. É o mesmo quando você muda os móveis da casa de lugar: de início, você entra e estranha, tava

acostumado de outro jeito. Mas, aos poucos, vai acostumando. É o mesmo com a mudança de rotina, com a perda do emprego. Precisa acostumar.

Para o Sr. José Augusto, a vida de trabalho contraiu-se em lembrança, da qual faz parte algo assim como uma esteira sobre a qual desfilam, num fluxo rotineiro, as segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sábados e domingos. Ele perdeu a esteira, perdeu a rotina diária, mas não ganhou a liberdade. O tempo mostra-se assustadoramente desempregado, tal como ele: parado, estático. É essa apresentação do tempo que assusta o Sr. José Augusto. E talvez assuste tanto que ele prefere lembrar de uma mudança espacial, da alteração nos móveis da casa, para dar a entender que a gente, ao final, se acostuma. Mas, o que é acostumar-se nessa experiência do tempo?

O desemprego faz emergir uma solidão que parece ameaçar a identidade de cada um dos implicados. Isolados, esse mote que o Sr. José Augusto enuncia – “aos poucos, a gente vai acostumando” – parece suscitar um movimento no qual são mais conduzidos do que propriamente sujeitos de sua ação. É o patrão que manda embora e é Deus que vai ajudar. É a vida que se agita com uma força e uma violência tão imensas que, se já se era pequeno quando inserido no mundo produtivo, agora se é tão ínfimo que tudo o que resta a fazer é ir tocando o que aparecer no pequeno mundo a que se ficou restrito.

Olha, em casa, sempre tem alguma coisa pra fazer, então a gente ta sempre...modo de dizer, uma pintura, uma reforma... (Ezequiel, 52 anos)²¹

Eu limpo a casa. Às vezes, vêm as colegas lá, eu gosto que a casa esteja agradável. Sou pobre mas não sou porca. São coisas diferentes. (Margarida, 44 anos)

A gente não agüenta ficar em casa. Eu saio, dou a ronda, vou na casa do meu tio, passo no bar, jogo um dominó. (João, 47 anos)

Eu também saio, não posso ficar em casa. (Antônio, 48 anos)²²

O real parece ser uma prisão, e os sujeitos demitidos não o são apenas de seu trabalho, mas também de si próprios, de sua condição humana, de seu ir e vir e de seu exercício reflexivo. Obviamente que estas minhas reflexões foram motivadas pelas dificuldades que tive para obter uma disponibilidade das famílias para a continuidade de nossos encontros, depois de uma primeira entrevista. Mas, isto não quer dizer que elas estavam erradas e eu, certa. Elas tinham que encontrar uma saída e uma saída, nesse caso, não era metáfora de nada. Era conseguir um punhado de reais por mês que garantisse a sustentação do precário barraco onde se vive, da carcaça de frango que se come, da reposição de móveis que a chuva estragou.

Fico chateada, né, porque não posso ajudar em casa. A casa da gente fica num barranco. Quando chove, umedece todas as paredes, porque quando nós compramos o terreno, já tinha uma pequena casa, que nós ocupamos, mas feita de barro. Quando chove, fica aquele mofo, molha tapete... Quando eu trabalhava, eu ia comprando material, porque a gente 'tava fazendo paredes de cimento. Tinha que dar uma ajeitadinha lá em casa. Agora, não dá. (Patrícia)

Agora, só resta a gente rezar a Deus. A sorte é que a gente não tem que pagar aluguel. O aluguel acaba com a gente. O terreno em que a gente vive foi um outro irmão nosso que comprou. Daí, nós fomos construindo. A gente vivia da carcaça do frango pra poder construir, mas construimos. Comíamos carcaça, pé de frango... (Margarida)

A situação de quem está empregado já está difícil. Realmente, nós sabemos que a inflação está devorando o pessoal. E quem está desempregado, pior ainda, né? Pela graça de Deus, ela continua recebendo uma parcela desse

²¹ Ezequiel compareceu à entrevista com sua esposa, Inês (47 anos). O casal vive com 5 filhos e 5 netos numa casa que foram ampliando para abrigar os filhos à medida que estes iam casando.

²² Margarida, João e Antônio são irmãos. Os três são solteiros e vivem juntos. Vive também com eles uma quarta irmã, também solteira, que trabalha como empregada doméstica.

tal de renda mínima. No momento, do que nós estamos sobrevivendo é com isso. Mês que vem, agora, é a última parcela do meu seguro-desemprego, depois só Deus sabe o que vai acontecer...o dinheiro da indenização, os mil e trezentos reais, eu tive que desmanchar uma parte da nossa casa que era de madeira e, quando chovia, entrava água dentro de casa, a madeira já tava caindo, tinha uma parte inteira que praticamente já tinha caído, aí eu comprei o material e construí a parte de madeira em tijolo. Quem é dispensado, tem que pelo menos segurar um dinheiro até arrumar um outro trabalho, mas no nosso caso não foi possível, porque o barraco ´tava caindo.

Acho que quando não tiver mais dinheiro pra fazer compra, aí é que vai apertar mais a família, porque, com criança pequena pedindo coisa pra comer, não tem...por enquanto, a gente não ta nisso. Estamos sobrevivendo com o seguro-desemprego, né? Mas, agora vai ser a última parcela, aí seria pra ficar mais preocupado, desesperado, mas...tem que procurar uma forma, uma ajuda, né? Então, talvez vocês tenham condições de ajudar nesse sentido também, né?
(José Américo)

Psicanálise, nessas condições, parece algo muito distante, é despropositado, é quase um insulto. Pelo menos, aquela cristalizada pela prática dos consultórios. Nosso desafio era ver se, nessas condições, tínhamos algo a oferecer, como psicanalistas, que fosse de real valia para essas famílias. Talvez eu pudesse ter apontado para o José Américo que seu empenho por salvar a casa é também um empenho por salvar a sua família, antes que a renda mínima acabe. José Américo sabe que vem um período em que a vida tem que se desenvolver abaixo da renda mínima. E a reforma da casa é também sua tentativa de fortalecer os seus. Será que eu poderia ajuda-lo?

Um outro fator importante foi se tornando claro à medida que eu avançava em meu contato com os trabalhadores desempregados. É o da compreensão sobre o uso do Centro de Referência que eles fazem. Qual é o apoio que esperam dessa instituição? O de que sejam legitimadas suas dores, suas doenças e incapacidades físicas, como sendo provenientes da condição de trabalho a que estavam

submetidas anteriormente ao desemprego. Talvez por isto, espontaneamente eles não se apresentem como pessoas dotadas de competências e qualidades capazes de serem desdobradas numa vida produtiva. Eles são, antes de mais nada, um nervo ciático dolorido, uma lombalgia que a cadeira que o ex-patrão cedeu a ele produziu, uma lesão por esforços repetitivos, enfim, são estas as competências que eles adquiriram como fruto de seu envolvimento na vida de trabalho, das quais esperam agora, num momento tão crítico, poder usufruir. Ou seja, eles pretendem estabelecer uma estranha relação de compromisso, através da qual as feridas do trabalho transformem-se em fontes de renda. E é importante salientar que o Centro de Referência existe também para isso. Portanto, não se trata de uma expectativa despropositada.

Eu era instalador, instalava plaquetas anti-roubo em veículos. Um dia, eu tava soldando, começou a me dar aquela dor, comecei a suar gelado, frio. A mulher ligou lá no patrão, falou: Ó, o Álvaro ta passando mal, ta com dor na coluna. Ele falou que era pra eu continuar trabalhando que, se não melhorasse, era pra ligar de novo, a gente ia ver como faz. Continuou a dor. Ele disse então que eu ia mudar de serviço, ia agora ficar fazendo as plaquetas, e disse mais: “vou te falar a verdade, pra rua é um passo, porque lá também tem que fazer força.” Passou um ano, eu fiquei doente, fiquei doente trabalhando. Não falei nada pro meu pai, nem pra ela, nem pra ninguém. Aí, uma hora me chamaram e me mandaram embora. Aí, me disseram: “vai e mete o pau na firma, mete a firma no pau...” (Alvaro, 30 anos)²³

Antes, eu trabalhava num setor do banco em que eu digitava o dia todo. Depois, ao mudar para outro setor em que eu digitava menos, aí manifestou-se a LER. Fiz tratamento, pedi licença duas vezes. Depois, passei pela médica do trabalho da empresa, ela deu um atestado dizendo que eu estava apto para o trabalho. Voltei e, logo em seguida, fui demitido. Depois de quatro meses sem

²³ Álvaro é casado e tem uma filha de 3 anos. Ele vive numa casinha no quintal da casa de seu pai, onde também vivem outros dois irmãos seus, casados e com filhos. Como sua mulher não pôde faltar ao trabalho, ele veio à entrevista acompanhado de uma irmã, Lucia.

conseguir provar a LER, porque os exames mostraram, no máximo, uma tendinite leve, eu resolvi aceitar a homologação, pra poder ter o FGTS. (Milton)

Eu vim pra cá para uma consulta com o médico, indicado pelo sindicato. Eu tinha um problema de artrose e eu achei que a artrose teria sido fruto do equipamento que eu usava, cadeira principalmente, peguei o nervo ciático. Então, eu vim conversar com o doutor sobre esse problema. O doutor me disse que não é problema do trabalho. Mas, ele me abriu uma outra porta, que é o problema de audição, que eu peguei na outra empresa, né? Fizemos a audiometria, há perda auditiva por ruído. (Ezequiel)

Trabalhei durante quinze anos montando telefone, eram peças pesadas que tinha que encaixar, é telefone público, tem que encaixar direitinho pra ficha entrar. Daí, começou a me doer as juntas dos braços (ela nos mostra, é visível o inchaço e a dificuldade de movimentação). Fiquei de licença por um tempo, depois voltei. Daí, me puseram em outro setor. Eu ficava no almoxarifado, entregando peças, tinha também que levar as coisas onde me pediam. Eu descia e subia escadas, acabei ficando com dor nos joelhos. Eu pensei: 'não vou poder dizer isso, porque vão achar que eu tô fingindo'. Mas, eu não tava mais podendo andar, falei com a médica, eles me deixaram mais parada. Mas, quando deu dois anos da licença, eles já podiam me mandar embora, me mandaram. Agora eu tô assim, desse jeito eu não arrumo emprego, quê emprego eu vou arrumar? Eu não posso trabalhar! Por isso, eu vim aqui, pra ver se consigo entrar na Caixa, porque trabalho eu não consigo mais. Vim aqui, o médico foi muito bom, me mandou fazer um monte de exames, eu tô fazendo, essa semana eu vou trazer pra ele. (Lurdes)

Essas situações traziam consigo a necessidade de que a escuta que eu viesse a propiciar estivesse aberta para lidar com todas essas dores, com as histórias delas e com o lugar que elas ocupam na vida dos sujeitos implicados e na dinâmica das famílias nas quais se inserem. O difícil era fazer esse processo

sem, por um lado, desmerecer as dores nem, por outro, supervaloriza-las²⁴. Como já expusemos no capítulo anterior, o Centro de Referência oferece a esses trabalhadores os serviços de orientação, diagnóstico e tratamento. Obviamente, o meu trabalho de pesquisa deveria inserir-se dentro de toda essa sistemática de trabalho do Centro, claro que sabendo, ao mesmo tempo, manter a sua especificidade. Mas, num primeiro momento, eu pensei que podia funcionar como que numa dimensão paralela a toda essa sistemática de trabalho. No entanto, as famílias insistiam em querer ver o contato comigo como fazendo parte do trabalho do Centro. Por isto, cada vez mais, fui estabelecendo o atendimento às famílias aprofundando as pontes e tentando integrar o trabalho com os demais profissionais do Centro – assistente social, fisioterapeuta, psicóloga, educadora em saúde. Como fruto desse processo, encontrei-me semanalmente em reuniões com essas profissionais e o resultado foi, inicialmente, a estruturação de um grupo de famílias, um espaço no qual diferentes famílias que tinham em comum a vivência do desemprego pudessem trocar experiências e refletir juntas sobre a condição que vivem, buscando eventualmente, de forma coletiva, alternativas de enfrentamento. Essa atividade com um grupo de famílias deveria ser incluída em minha pesquisa, ao lado do atendimento às famílias.

Também alguns aspectos para a estruturação do trabalho de atendimento às famílias, a partir das entrevistas iniciais, ficaram mais claros para mim. Assim, para além de aceitar que meu trabalho junto a elas deveria estar plenamente inserido no campo de expectativas que as famílias têm para com o Centro de Referência, pensei ser importante operar de forma um pouco mais focada, sobre questões advindas do mundo do trabalho e suas ressonâncias nas dinâmicas familiares, aceitando o que fosse mais emergente para cada uma das famílias implicadas. Isto permitiria, talvez, ir estabelecendo uma pauta de trabalho com cada família, deixando mais claro para elas o que pretendíamos alcançar. Talvez as famílias assim pudessem se sentir mais implicadas. Nossa expectativa era de

²⁴ Ainda referente a esta questão, existe toda uma jurisdição diante da qual os sujeitos, com suas dores, pretendem ver-se acolhidos para poder requisitar, dos lugares onde anteriormente trabalhavam, a sua re-inserção ou a aposentadoria por invalidez.

que, agindo desse modo, pudéssemos ir desdobrando aos poucos o trabalho com cada família. Fazemos referência à necessidade de trabalharmos em torno do que denominamos de focos emergentes porque a nossa experiência até aquele momento no atendimento das famílias tinha mostrado que, para cada situação, algumas questões assumem uma importância tão grande que se tornava necessário legitimá-las como um núcleo ou eixo central do trabalho junto a essas famílias. Assim, por exemplo, nos oito casos que atendemos, um vértice específico sempre se destacava e pareceu-nos que o trabalho em torno dele que poderíamos realizar era uma investigação mais ampla tanto sobre o lugar que o trabalho tem na dinâmica familiar quanto o amálgama de construções que a família realiza em torno da identidade de cada um deles como trabalhador.

Assim, através das entrevistas iniciais, o principal resultado que obtivemos foi a estruturação de um contexto de atendimento que, esperávamos, desse conta dos objetivos de nossa investigação. Algumas das famílias entrevistadas nessa fase inicial foram convidadas a participar do grupo de famílias, outras convidamos para o atendimento focal, após o processo grupal ter se realizado. Se o que tínhamos até então era uma primeira aproximação, era também um material para a construção de um trabalho.

Parte I: A clínica

Capítulo 1. O grupo

O material que se segue é o relato dos seis encontros que constituíram um primeiro processo grupal ocorrido entre janeiro e março de 2003. Como descrevemos no capítulo anterior, realizamos inicialmente entrevistas para as quais convidamos os próprios trabalhadores e suas famílias, e cuja finalidade era estabelecer um primeiro contato no qual pudessem falar da situação que estavam atravessando e, nós, expor nossa proposta do trabalho. Em 3 dessas famílias, eram os homens que estavam desempregados, enquanto em outras 4 eram as mulheres. Nós não quisemos separar as famílias segundo o sexo do trabalhador desempregado, para permitir que tanto as similitudes quanto as diferenças pudessem emergir no próprio processo de investigação. Esses trabalhadores tinham de início, como elementos em comum, os fatos de serem pobres, não terem concluído o Ensino Fundamental e terem sido demitidos do último emprego num período não maior do que 6 meses até o início do grupo. Faremos uma breve apresentação deles, da composição de suas famílias e de suas trajetórias de trabalho e desemprego, a partir dos dados que pudemos obter nas entrevistas iniciais²⁵. Quis fazer-la breve para não deslocar o foco do processo grupal. Segue-se a essa apresentação os relatos dos seis encontros do grupo, cada um deles desdobrado numa análise que procura seguir o passo a passo do acontecer do encontro.

Rosa

Rosa é pernambucana, casada, tem 49 anos. Está na batalha das buscas por auxílios das instituições públicas, de um lado, e por emprego, de outro. Trabalhou por muitos anos em grandes hospitais particulares da cidade, num primeiro no setor de limpeza, de onde “pediu as contas” em 1987, quando ficou grávida da primeira filha. Depois do nascimento da menina, foi trabalhar em outro hospital, onde ficou por sete anos e meio. “Houve um grande corte e fui demitida”. Logo em seguida, em 1995, começou a trabalhar num terceiro

²⁵ Os dados aqui apresentados não estão sistematizados de forma homogênea para todos os entrevistados, uma vez que as entrevistas, não dirigidas por perguntas específicas estabelecidas *a priori*, procuraram acompanhar os temas emergentes em cada encontro, bem como o modo como cada um deles apresentou-se.

hospital. “Lá, eu trabalhei na lavanderia, cheguei a ser líder de equipe, mas o hospital terceirizou o serviço e todo mundo foi demitido. Eu era alguém que não pensava nas horas de trabalho, precisava ficar até dez da noite, eu ficava. Aprendi a ser camareira, faltava alguém, eu cobria. Quando fui demitida, foi uma surpresa. Saí sem perna, sem braço, sem cabeça. Saí desmontada. Você desmonta! Eu era líder, tinha dívidas pra pagar, num dia fui trabalhar, chegou a lista das demissões. Ficou todo mundo parado, chorando. Saí pensando que o mundo acabou. Agora, estou em casa. Com o dinheiro que recebi, eu paguei as dívidas. É isso.”

Seu marido trabalha à noite, como segurança. A filha mais velha, de 17 anos, está terminando o Ensino Médio à noite e, à tarde, faz curso profissionalizante de Administração através de um programa do governo do Estado que oferece bolsas de estudos para jovens estudantes. Ela aguarda uma possibilidade de trabalho através de outro programa, da Prefeitura, que busca viabilizar o primeiro emprego para jovens cursando o Ensino Médio. “Nem eu, nem meu marido queremos que ela deixe o curso. Mas, ela me disse que quer tentar arrumar um emprego, agora que estou sem trabalho, pra ajudar em casa”. A segunda filha, de 8 anos, cursa o Ensino Fundamental e ajuda a mãe, agora em casa, nas tarefas domésticas.

Com o dinheiro de seu trabalho, Rosa também ajudava seus pais e irmãos. “Minha mãe e meu irmão vivem em Caruaru. Dependendo da época do ano, se não chove, não tem trabalho lá, não dá pra plantar nada. Eu também dava uma força pra uma irmã que tem quatro filhos. O marido dela perdeu a visão por causa de diabetes, eu ajudava com a cesta básica. Agora, são duas famílias desempregadas. Também tenho um irmão que entrou na droga e não pôde morar mais perto da gente, porque foi ameaçado de morte. Agora, ele está em Carapicuíba, cortando cana. Às vezes, eu vou lá vê-lo, e deixo alguma coisa pra não abandona-lo. Minha mãe se preocupa muito com esse meu irmão, e eu faço isso pra minha mãe não sofrer. Imagina que, agora que eu fiquei desempregada, minha mãe e minha irmã me ofereceram ajuda! Eu disse que não, elas recebem cada uma um salário de aposentadoria”.

Para além da restrição financeira que a situação de desemprego lhe impõe, impedindo-a agora de ajudar os seus, Rosa mostra-se frustrada com a falta do trabalho: “Eu não gosto de ficar em casa. Se não tiver emprego, quero trabalhar de voluntária num hospital. Outro dia, ouvi no programa do Padre Marcelo o telefone de um hospital que está pedindo voluntários. Mas, falei rápido e eu não consegui anotar o número pra ligar. Meu negócio é sair, é ver gente. No hospital, eu via as senhoras voluntárias, elas conversavam com os parentes dos doentes, serviam chá... Agora, fico sem fazer nada. Já falei com o meu marido, ele disse que banca os passes pra eu ir trabalhar de voluntária. Em casa, só estou engordando e pensando bobagem. Acho que eu vou pirar!”

Rosa, agora, tem saído de casa para buscar os seus direitos. É que estava doente quando foi demitida do último serviço: “Eu saí doente, com tendinite. Eles acharam que não era grave, então me mandaram embora. Outros saíram pior. A firma não quis preencher a CAT²⁶, eu passei aqui no médico, ele preencheu. A médica, na hora da demissão, disse que eu podia contar com ela para o que precisasse. Mas, na hora em que eu fui pedir a CAT, ela não deu”. No Centro de Referência, foi diagnosticada a síndrome do túnel do carpo, designação técnica para a tendinite, um das formas da LER – lesão por esforços repetitivos -, contraída no trabalho. Rosa, então, cuida de recolher a documentação necessária para “dar entrada no INSS” e, assim, poder obter algum benefício, uma renda mensal que ajude a ela e aos seus frente à dificuldade de ela conseguir um novo trabalho. Assim, o seu trabalho agora é peregrinar através das instituições de saúde, atrás de exames médicos e laudos comprobatórios de sua enfermidade.

Silva

²⁶ A CAT – Comunicação de Acidente de Trabalho – é o documento que atesta o nexo entre o trabalho desenvolvido e o sofrimento físico do qual o trabalhador é portador. Este é um documento necessário para que o trabalhador “dê entrada no INSS” com um pedido de auxílio-doença, ou possa vir a obter outros benefícios. A CAT é fornecida pela empresa onde o trabalhador contraiu a doença ou sofreu o acidente mas, no mais das vezes, dada a recusa da empresa em atestar o nexo – uma vez que ela teria que arcar com a responsabilidade frente a isso, reintegrando o trabalhador demitido -, esse documento é fornecido pelo próprio Centro de Referência, uma vez comprovado o nexo doença-trabalho.

Silva é paraibano, casado, tem 52 anos. Tem uma filha de 13 anos, cursando o Ensino Fundamental. A esposa trabalha como auxiliar de enfermagem, cuidando de um paciente que, vítima de um acidente grave, encontra-se tetraplégico. “E eu tenho ficado desde a manhã até a noite procurando emprego”. Silva, “como costuma ser chamado pelos colegas”, é motorista de ônibus. “Trabalhei 10 anos na CMTC, com carro de deficiente (*ônibus com equipamento apropriado para transportar passageiros com deficiências físicas, equipamento este que Silva descreve detalhadamente – o degrau que desce automaticamente para que o deficiente possa entrar com a cadeira de rodas, o banco especial, etc.*). Tenho paciência pra lidar com o público. Eu era muito querido, conhecido. Muitas vezes me sacrifiquei, dormia pouco. Depois de fazer horário extra por dois meses, peguei estafa. Trabalhava das 3 da tarde até a 1 da manhã. Ia pra casa, dormia uma hora e meia e pegava de novo às 5 da manhã. Parei com isso porque ‘tava começando a dar umas cochiladas no volante. E, com o tempo, a perna foi ficando atrofiada – esta aqui, ó, eu não consigo mais dobrar -, tive úlcera e perdi 50% da audição. Como a empresa tinha convênio médico, fui me tratar. Aí, eles me mandaram embora por excesso de atestado”. Ele ficou sete anos na última empresa e, agora, está “parado” há seis meses.

“No todo”, Silva trabalhou 23 anos. Primeiro como mecânico, depois com táxi, caminhão, por fim em ônibus. Veio sozinho da Paraíba pra São Paulo. Trabalhou e, com o tempo, trouxe a família toda. Agora, diz que a mãe está preocupada com ele, com sua saúde, se ele tem o que comer. Silva ajudava a todos, inclusive a mãe. “Agora, não dá”. Tem procurado qualquer coisa, “o que aparecer”. “Devido à idade, depois dos 45, principalmente ônibus é difícil pegar!” A esposa é que agora mantém a casa, e ajuda uma irmã com a cesta básica. Por causa do desemprego dele, ela aumentou a jornada. “Ela chega em casa com as costas vivas de tanta dor. É que ela cuida de um paciente que não pode caminhar, ela agarra ele pelos braços pra levar ao banheiro. Então agora, em casa, sou eu que faço tudo: lavo, passo, cozinho e arrumo a casa. Ela chega muito cansada. Quando eu trabalhava, chegava em casa às 2 da manhã e só

dormia. Agora, eu me adaptei ao serviço de casa. A mulher gosta, minha cozinha é excelente. De manhã, assisto na TV os programas de culinária. Anoto as receitas e também invento em cima. Eu gosto desse ramo. Até gostaria de trabalhar com isso, mas fico meio acanhado. Eu queria mesmo era fazer um curso. Outro dia, eu fiz uma bacalhoadada, quer dizer, era um peixe que eu fiz que ficou parecendo bacalhau. A mulher chamou as colegas, agora todas pedem pra eu repetir. Agora, é ruim estar em casa, apesar de que as empresas deixam a gente chateada. Não pagam hora extra, é atestado que eles não aceitam, descontam, fiquei decepcionado. Agora, é uma maravilha trabalhar com o público. Eu continuo o contato com os amigos. Mas, antes, eu podia fazer um joguinho em casa, churrasco com os amigos, a mulher gostava quando eu trazia os amigos em casa. Até hoje o pessoal me fala de passageiros que me mandam lembranças, perguntam de mim...Agora, minha filha gosta de eu estar em casa. Mas é duro depender da esposa, eu não fico bem. Embora ela seja bacana, trabalhadeira. Ela me diz: ‘não liga pra isso, não. Eu fiquei tanto tempo em casa enquanto você trabalhava, agora é a minha vez de fazer a minha parte’...Vocês vão poder ajudar a gente? Eu estou louco pra entrar na Caixa e, daí, poder fazer um curso de culinária, era o ideal”.

Maria

Maria é pernambucana, viúva, tem 52 anos. Ressentida, tem muitas queixas a fazer: “eu trabalhava na limpeza do restaurante de uma empresa, fui mandada embora. Na verdade, eles me enrolaram, porque me disseram que precisavam fazer cortes, quando voltei depois de dez dias pra levar a Carteira de Trabalho, tinha uma mocinha em meu lugar, limpando os vidros. Daí, eu vim pra cá, para o Centro de Referência, porque estava com problema de saúde, tinha dor na coluna que eu contrái trabalhando. O médico me disse que era bico de papagaio e artrose.” Embora ela não o explicita, sua fala é ressentida com o médico, uma vez que o diagnóstico de bico de papagaio e artrose apontam para a ausência de umnexo entre suas dores e a atividade de trabalho que realizava. “Eu trabalhava na limpeza, carregando aquela máquina pesada de passar no chão.”

Maria trabalha desde os 11 anos de idade, sempre em atividades de limpeza. Começou no interior, na roça. “De limpeza, eu entendo. Porque, em cada profissão, a pessoa tem que entender, não é? Por exemplo, neste chão aqui, não pode jogar muita água, nem muito produto. Eu gosto de trabalhar! Apesar de que, com essas máquinas pesadas, eu acordava no dia seguinte com dores em todo o corpo. Mas, eu queria mesmo era arrumar um servicinho, não gosto de ficar sem trabalhar. Meus filhos têm as responsabilidades deles, mas eu gosto de ajudar. Se bem que estão os dois sem emprego, fazendo bicos de *motoboys*”. Maria tem dois filhos de vinte e poucos anos e mora com o mais novo e um sobrinho. “Meu outro filho é amasiado, tem uma nenê que é o amor da gente! Mas, ele vem fazer as refeições, tomar banho, tudo em casa. Traz também a roupa suja pra eu lavar...Eu não gosto desse trabalho deles com moto, fico com tanto medo! Não sossego enquanto não escuto eles chegarem em casa. Tenho medo de acidente, de assalto, esta cidade é tão perigosa! Mas, são bons filhos.”

Maria está tentando entrar na Caixa. “Mas, eu queria mesmo era trabalhar. Eu gosto de fazer faxina, estou trabalhando na casa de uma família. Se eu arrumasse mais duas casas, nem queria saber de ir atrás da Caixa. Mas, se desse pra aposentar também, seria bom... não sei se tenho tempo suficiente de trabalho registrado. Diz que eu posso me aposentar aos 60 ... e eu vou viver até os 60?”

Conceição

Conceição, 48 anos, é divorciada. Fala durante quase toda a entrevista de seus problemas de saúde: sofre da tiróide, o que lhe produz tonturas, e tem dificuldades de audição. Por isto, vem acompanhada da irmã, para ajuda-la a ouvir. Seu problema de audição vem de pequena, da época de escola, mas piorou nos últimos 10 anos, período em que trabalhou como costureira. Enquanto trabalhava, Conceição podia tratar da tiróide, através de um convênio médico com a empresa. Na demissão, perguntou se poderia seguir o tratamento e disseram-lhe que não mais, que o convênio também acabava. Agora, interrompido o tratamento, ela tem tomado a medicação para tiróide por conta própria. Foi o sindicato que a orientou a buscar o Centro de Referência para

diagnóstico e tratamento, mas não pôde tratar-se ali, uma vez que seu problema está fora do âmbito de atendimento do Centro. Onde ela mora, ‘não tem médico para tratamento individual, os médicos de lá fazem visita pelo Programa de Saúde da Família’. A irmã corrige: ‘tem, sim, posto de saúde, mas está sem médico’. Por causa da dificuldade auditiva, o Centro de Referência encaminhou-a para um hospital público, visando a possibilidade de uma cirurgia. Tudo isso ela detalha mostrando-nos uma pasta escolar cheia de exames médicos²⁷. Busca em especial um papel no qual está escrito que precisou tomar um remédio para a tireóide que a obrigava a estar isolada por três dias. Ela obteve da empresa um afastamento para o tratamento e, ao voltar, ‘a carta de demissão já estava pronta’. A irmã comenta: ‘só o que ela tinha de horas extras em haver já compensava esses dias’. ‘Depois da demissão’, diz Conceição, ‘a tireóide voltou tudo pra trás, porque é de nervoso. Fiquei magrinha! Só vindo aqui, comecei a ter esperança de novo, de alguma coisa’.

Conceição trabalha há 35 anos - desde os 13 -, primeiro como empregada doméstica, depois como costureira fabril. Agora, está em casa, onde mora com seus três filhos: uma moça de 23 anos, um rapaz de 15 e uma menina de 12. A mais velha começava, no dia da entrevista, um trabalho de *telemarketing* – ‘vamos ver’, diz desconfiada a irmã. Os menores estudam. Sua irmã mora na casa em frente, junto com a mãe delas, um irmão e a filha. Ela também está desempregada e diz que topa qualquer trabalho, ‘mesmo de empregada doméstica que, pra falar a verdade, eu detesto. Não vou dizer que eu gosto, mas, se tiver que ir, eu vou.’ De vez em quando, ela faz um bico, fazendo a cobrança dos serviços de uma serralheria ao lado de sua casa. O irmão delas ajuda toda a família, tendo começado agora, com um sócio, uma pequena empresa de computação.

²⁷ Cada um dos entrevistados chegou-nos com sua pasta cheia de papéis - exames e encaminhamentos de muitas datas e lugares diferentes. Estes documentos contêm a esperança de terem os seus males diagnosticados, a fim de estabelecer o nexos causal que lhes permita, por fim, obter o auxílio financeiro do INSS.

Lurdes

Lurdes nasceu no Piauí. Tem 48 anos, é casada e vive atualmente com o marido e uma filha de vinte e poucos anos nascida de seu casamento anterior. Quando procurou o Centro de Referência, estava desempregada há um mês. Uma dor forte nas articulações dos braços limitava os seus movimentos e, impossibilitada de trabalhar, ela procurava, com a ajuda dos laudos médicos, ‘entrar na Caixa’.

Em nosso primeiro contato, ainda ao telefone, ela disse, num tom deprimido entremeado de suspiros: *‘em casa, estamos nós três desempregados – eu, meu marido e minha filha’*. Na entrevista, ela vem com o marido, José Augusto, e começa contando que a filha fora naquele dia fazer uma entrevista para candidatar-se a um emprego.

Lurdes foi demitida depois de trabalhar durante 15 anos na mesma firma. Seu tom é de ressentimento: ‘eu trabalhava montando telefone público, eram peças pesadas, tem que encaixar direitinho as peças pra ficha entrar. Comecei a ter dor nas juntas dos braços (*ela nos mostra como lhe é difícil movimentar os braços*). Fiquei de licença por um tempo, depois voltei. Daí, me puseram em outro setor. Passei a ficar no almoxarifado entregando peças, e tinha também que levar as coisas onde me pediam, por toda a empresa. Eu descia e subia escadas, acabei ficando com dor nos joelhos. Pensei: não vou poder dizer dessas dores [na empresa], porque vão achar que estou fingindo. Mas eu não estava mais podendo andar, falei com a médica, eles me deixaram mais parada. E, quando deu dois anos depois da licença, eles já podiam me mandar embora, mandaram. Agora, eu estou assim, desse jeito eu não arrumo emprego, quê emprego eu vou arrumar? Eu não posso trabalhar! Por isso vim aqui, pra ver se consigo entrar na Caixa, porque trabalho eu não consigo mais. Vim aqui, o médico foi muito bom, me mandou fazer um monte de exames.’ José diz: ‘o que preocupa também é que ela ficou sem convênio. Se tivesse perdido o emprego e ainda tivesse o convênio, tudo bem: cuidando da saúde, do resto a gente dá um jeito. Mas, sem convênio, serviço público é aquele montão de gente, difícil ter vaga, particular é muito caro. Lurdes: ‘Mandarem embora, paciência, isso acontece com todo mundo, é um

direito deles. Mas, me deixarem sair nesse estado, com isso eu não me conformo. Fui falar com a médica da empresa, até ela falou: “Puxa, e lhe mandaram embora assim?” Mas, é lógico, ela está lá para defender os direitos da empresa, não pode falar muita coisa’. José: ‘na década de 70, eu trabalhava na CMTC. Depois de muitos anos, eu quis sair. Naquela época, a gente podia escolher, hoje não é assim: se eu estava aqui e via que ali tinha algo melhor, eu saía daqui e ia para ali. Quando eu saí, tive que fazer os mesmos exames que fiz para entrar. Se tivesse um *ai* diferente, não podia. Eu tinha que sair como entrei, a saúde perfeita. Porque você precisa estar com saúde pra poder entrar. Agora, é diferente’. A família vive agora com o dinheiro da aposentadoria de José Augusto: ‘dois salários, é isso. De vez em quando pinta um bico, mas está difícil. Já faz mais de ano que não tem.’ José Augusto era metalúrgico. ‘Por mim, eu ainda trabalhava. Às vezes, eu paro na porta de casa, vejo o pessoal indo pro trabalho, devem achar que eu sou preguiçoso, encostado. Mas, como eu gostaria de trabalhar! E este país precisa de trabalho, precisa produzir para crescer. E eu, parado...Eu vejo meu pai, às vezes vou visitá-lo, ele tem 84 anos, trabalha na roça, no cavalo dele. Ele monta no cavalo, ninguém diz que tem 84 anos. Ele me diz pra eu voltar pra lá’. Lurdes e José Augusto são do Piauí. As famílias de ambos se conhecem, mas eles vieram a se reencontrar em São Paulo. Ela veio com os filhos depois que o primeiro marido morreu, quando ela estava grávida do segundo filho e a filha era pequena. ‘Eu penso nisso: batalhei pra criar as duas crianças, trabalhei, os dois puderam estudar, sempre trabalhei. Agora, estou assim, e não me conformo. Ele diz pra mim: ‘fica tranqüila, você já criou os seus filhos, agora descansa um pouco, relaxa...’ O filho morreu há 5 anos, num acidente de moto no Piauí, deixando a esposa grávida. O rapaz fora para lá com ela procurar emprego. Lurdes: ‘ele ia começar num trabalho na 2^a feira, no domingo foi sair de moto, teve o acidente e morreu. Eu sofri tanto! ... Depois, a esposa veio pra cá, na casa da família dela. O netinho vem ficar com a gente às vezes, e me dói o coração, ele me diz: "Vó, estou precisando de um tênis novo". Eu digo pra ele: "agora não está dando mas, assim que a vovó tiver um dinheiro, vai comprar pra você". ‘Ele (*referindo-se ao marido*) já é mais sossegado, não se

esquenta porque falta dinheiro. Ele está sempre calmo e me dá muita força. Nunca vi esse homem reclamar de nada!’ José Augusto: ‘tendo saúde, o resto a gente dá um jeito. Eu também penso que nós já tivemos oportunidade na vida, eu estou com 59 anos, aposentado. Eu digo pra ela que a gente deve dar oportunidade aos mais jovens. Mas, o único que é duro é ficar em casa. Eu não fico direto em casa, homem não fica. Mas, ela fica’. Lurdes: ‘eu não estou acostumada, nunca fui de fazer trabalho doméstico. E, agora, nem isso eu consigo. Ele é que me ajuda: limpa o chão e lava a louça’.

Pedro

Pedro é baiano, tem 26 anos. Está desempregado há 6 meses, desde que, trabalhando como carregador de caminhão, sofreu um acidente: uma caixa caiu em seu joelho, deixando-o sem firmeza na perna. Iniciou um atendimento médico pelo sindicato dos trabalhadores em transportes mas, dois dias depois do acidente, a empresa o mandou embora. Na demissão, a empresa propôs um acordo e o sindicato lhe recomendou que não aceitasse mas, pressionado por aluguéis atrasados da casa em que vivia com a companheira e um filho de quase 2 anos, ele acabou aceitando. Pagou os aluguéis atrasados e mudaram-se para um bairro mais distante, num cômodo emprestado pela família da companheira. O dinheiro dele acabou e ‘a situação ficou difícil’. Sem firmeza na perna, ele não consegue outro trabalho. Procurou em outros ramos de atividade - como cobrador, porteiro, auxiliar de serviços gerais – mas, ‘quando vêem que eu não tenho rapidez, não passo nos exames’... ‘A companheira é trabalhadora e dava força. Mas, agora, as coisas mudaram: ela ficou sem recurso para ajudar e eu fiquei sem saída. Ela diz que não quer problemas, então eu fui morar com a minha mãe. Ela deixou eu visitar o filho, mas disse que não quer problemas’. Além do filho pequeno, a companheira, Laura, tem uma filha de 8 anos, de um casamento anterior, que mora com uma amiga perto da escola, para não gastar em condução. Aos fins de semana, a filha vai para a casa de Laura. Pedro: ‘A menina apegou-se a mim, chorou quando eu fui embora. Fico triste de não estar com meu filho. Quando eu estava em casa, cuidava dele pra mulher ir trabalhar.

Ela é uma pessoa boa, me ajudou, mas agora ficou sem recurso. Fiquei com a minha mãe, que está doente, e um irmão menor. Eles também não podem me ajudar, não sobra nada ... Quando saí de casa, vim a pé de lá, e encontrei no caminho uma amiga dela que me perguntou: ‘você veio a pé? Ela deixou você vir a pé? Então, é melhor você sair fora, porque ela não está nem aí com você’. Conteí isso pra Laura, ela me disse: “você acreditou nela?” Não dá para saber quem é falsa...eu gosto dela...acho que ela não quer dar o braço a torcer. Eu tentei conversar, ela achou melhor eu ficar mesmo com a minha mãe.’ Ele, frente às dificuldades, opta por sair de casa: ‘já encenquei umas 4 vezes’. Mas, reconhece também seus sentimentos por ela: ‘falei que amo ela e o filho. Ela disse que sabe. Ela até já ajudou a minha mãe, e minha mãe disse pra eu voltar pra ela. É mulher direita’.

Pedro recorreu ao Centro de Referência em busca de assistência médica e orientação, a fim de conseguir o auxílio do INSS. Atualmente, tem como trabalho cotidiano ir atrás de exames, laudos e documentos da empresa em que trabalhava, tarefas para as quais vê-se sem recursos para dar conta com autonomia.

Lúcio

Lúcio nasceu em São Paulo. Tem 39 anos, é casado e tem 3 filhos: um rapaz de 16 anos, uma menina de 10 e um menino de 7. Trabalha desde os 12 anos – ‘nunca fiquei parado’ - e, durante 21 anos, foi motorista de caminhão. Na ocasião da entrevista, estava desempregado há 6 meses. ‘Fechou a garagem em que eu trabalhava, 600 pessoas foram mandadas embora. De lá pra cá, não consegui emprego. Fui aprovado numa empresa, mas era pra trabalho de madrugada, eu não quis. E, agora, estou com um problema de hérnia umbilical, passei aqui para o médico ver. Ele disse que preciso operar, mas eu teria que ficar três meses parado depois da cirurgia. Eu não posso! Por isso, eu queria primeiro conseguir um trabalho e, depois, operar. Mas, as empresas não querem pegar alguém com esta situação. Foi um ano difícil este!’

A esposa de Lúcio é dona de casa. Além dos cuidados com sua própria família, ela cuida de sua mãe, que está cega e mora no mesmo quintal. ‘Por isto,

não pode sair de casa’. O filho de 16 anos repetiu a 8^a. série porque faltava muito à escola. ‘Agora, está uma briga danada pra arrumar vaga em escola. A gente também está procurando trabalho pra ele, melhor do que ficar saindo toda noite’. A menina está na 4^a. série e tem muitas dificuldades na escola. Segundo Lúcio, ela lê mas não entende o que está lendo: ‘será que teria uma psicóloga pra ela?’ O menor cursa a 1^a. série.

‘Agora, está difícil a situação em casa, tem muita discussão. Eu e minha esposa estamos dormindo separados. Eu durmo no quarto do filho, ou vou para a casa da minha mãe, que mora a duas casas da minha’. Lúcio, há 6 meses, sai todo dia em busca de emprego, sem sucesso. A família tinha uma pequena reserva de dinheiro que foi sendo usada nesse período e, agora, está no fim.

Após as entrevistas iniciais com as famílias - ou parte delas - de Lurdes, Rosa, Maria, Conceição, Lúcio, Silva e Pedro, iniciamos o trabalho de reunião no que pretendíamos que se constituísse como um grupo de famílias. Estavam todos convidados a comparecer e, para facilitar a vinda, oferecemos passes de ônibus para todos. No dia marcado para iniciarmos o trabalho – dia 15/01/2003 -, eles compareceram sem seus familiares. Apenas Conceição trouxe a filha de 9 anos e a irmã, Irene, que já haviam comparecido à entrevista inicial, e Lúcio veio com seus dois filhos - Rodrigo, de 16 anos e Leonardo, de 7. Os outros vieram sós, seja afirmando que as companheiras não puderam faltar ao trabalho para acompanhá-los – como no caso do Silva e do Pedro -, ou que seus familiares não quiseram vir. Como coordenadoras do grupo, participaram Laís, que é educadora

em saúde, Margaret, fisioterapeuta – ambas profissionais do Centro de Referência - e eu.

Iniciamos o primeiro encontro propondo seis encontros semanais de 1h30' de duração e a possibilidade de que usassem o espaço para tratar do que fosse importante para eles. Falamos da importância da participação de todos para que o grupo pudesse acontecer e pedimos que se apresentassem.

Lúcio é o primeiro a falar: Estou há oito meses desempregado. É difícil falar disso, eu sou motorista, tenho 23 anos de estrada. Se alguém aqui souber de alguma coisa, de uma colocação, por favor, me diga.

Silva: Estou no mesmo caminho há 7, 8 meses. Agora, estou em casa, cuidando da casa. É normal, o homem tem que ajudar. É que fica difícil, com a idade, o emprego. O pessoal pede currículo bom, estudo razoável. Estou na batalha, igual ao Lúcio, na espera.

Belinda (*dirigindo-me a todo o grupo*): A Conceição tem dificuldade para escutar e, por isso, é necessário que todo mundo fale bem alto (*ao ouvir o tom com que Lúcio e Silva falam, sinto-me ansiosa pela situação de Conceição, receosa de que não possa acompanhar o grupo*).

Maria: Eu estou no mesmo caminho. Há 3 meses, doente, me mandaram embora. Eu assinei a demissão e me arrependi. Não arrumo serviço. É trabalho pesado que eu fazia, de auxiliar de limpeza. Nem auxílio médico, que eu tinha, eu arrumo mais. Mas, estou querendo ver se arrumo um bico, mesmo doente. Eu entendo do meu serviço, a pessoa precisa entender. Este chão aqui, ó, não pode jogar muita água, tem que logo secar, eu sei como fazer. Eu preciso trabalhar. Estou com dois filhos desempregados e, com a perda do pai dos meninos, eu seguro as pontas. Eles gastam com as namoradas. Eu gostei da chamada de vocês. Os médicos acharam que o meu problema não é nada, os meninos não queriam que eu viesse. Eles não querem ouvir. Mas, quer ele [*o filho*] queira, quer não, ele vai ter que vir, pois eu vou viajar, ele vem no meu lugar.

Rosa: Em novembro, fui mandada embora, eu estava com tendinite. Agora, estou tentando entrar na Caixa. Na 2^a feira, minha filha, de menor, começou a trabalhar

numa farmácia. Foi pelo Programa Jovem Cidadão, que é uma espécie de bolsa de empregos do governo para jovens que estão cursando o Ensino Médio²⁸. As pessoas podem participar, é só se inscrever pelo Poupa-Tempo²⁹. Tem outro programa também, para pessoas com mais de 40 anos³⁰. Eu também me inscrevi. Eu me cadastrei e fica o registro lá. Tem na Lapa, tem na Cachoeirinha. Quando aparece alguma coisa, eles mandam uma cartinha.

Silva: É para trabalho provisório?

Lúcio: Não, é emprego, mesmo.

Rosa: Na estação São Joaquim tem também, eu fiquei sabendo.

Laís faz então uma síntese, para o grupo, das informações que surgiram sobre sistemas públicos de busca de emprego.

Lurdes: Eu vou lá.

Rosa tira da bolsa e mostra para o grupo a Carteira de Trabalho com o carimbo da demissão: Com a Carteira carimbada, eu consegui os passes de metrô e trem, é o passe-desempregado. É pra ajudar a poder ir atrás de emprego. Pra conseguir, tem que ir com essa Carteira numa estação de metrô. Quando for, é importante levar todos os documentos.

Margaret: É importante levar os documentos todos quando vocês forem atrás dos benefícios.

Conceição: Eu sou costureira, trabalhava numa confecção com muito nome, mas que não reconhece o ser humano. Eles tiveram cinco anos pra me conhecer e, quando eu precisei, me mandaram embora. Eu estava me tratando. Fui ao sindicato, à Sta. Casa, está ficando difícil. Tenho neta pra manter. Pão e leite todo dia é fogo. Minha irmã me ajuda (*a irmã que a está acompanhando, e que a acompanha em todas as consultas, devido à sua dificuldade de audição*), mas ela tem a família dela e eu, a minha. Mas, se eu não tiver o socorro deles, vou pra

²⁸ Este programa, o **Bolsa Trabalho**, paga uma bolsa mensal de 45% do salário mínimo e auxílio-transporte para jovens desempregados de 16 a 20 anos. Se não tiver concluído o ensino médio, o jovem tem que permanecer estudando para ter direito ao benefício.

²⁹ O Poupa-Tempo é um posto de atendimento à população que busca oferecer, em tempo rápido, uma série de serviços, entre os quais a concessão de documentos de identidade e o cadastramento para busca de emprego. Há diversos postos do Poupa-tempo espalhados pela cidade.

³⁰ É o programa **Começar de novo**, que busca beneficiar trabalhadores desempregados com 40 anos ou mais, pagando uma bolsa mensal de 66% do salário mínimo e auxílio-transporte.

debaixo da ponte. Eu quero ter um trabalho, independente da Caixa. Não posso deixar minha família passar fome. E eu não me incomodo, pode ser qualquer trabalho.

Pedro: Deixei minha esposa há 15 dias. Estou agora fazendo tratamento no joelho. Não tenho firmeza no joelho, desde que sofri um acidente, uma caixa caiu em cima da minha perna.

Lurdes: Eu estou desempregada há 6 meses. Estou com problema nos braços, nos joelhos, na coluna. Estou batalhando pra ficar na Caixa. Agora, estou mais conformada, já estou com 49 anos, parei de pensar e esperar, de ficar me matando, seja o que Deus quiser. Não estou procurando trabalho, estou esperando o médico pra entrar no auxílio-doença e acidente de trabalho. Estou também com processo contra o INSS e a empresa, tudo demora. Eu olhei emprego na Lapa, pra copeira estão pedindo 2° grau. Eu tenho até o 1° grau incompleto. Estudar pra quê? Minha filha está estudando pós-graduação em Meio-ambiente, conseguiu agora um estágio, rebaixaram a Carteira, ela toma três conduções pra ir, três pra voltar. Eles pagam, mas não sei até quando, porque sai uns 300 reais de condução pra ela. Tudo isso atormenta a pessoa. Mas, é preciso fé em Deus... Todo dia 5 e dia 20 é um trauma para mim, porque eram os dias em que eu recebia meu vale. Agora, nada. Estou procurando trabalho até de camelô, fui ver licença na Prefeitura. Tenho pais pobres, que eu tenho que mandar um dinheiro, neto sem pai, remédio pra comprar, marido aposentado. Minha sorte é que eu não pago aluguel.

Rosa: Tem que ir à luta. Eu também estou com meus braços inchados (*estende os braços para o grupo*).

Lurdes: Eu só espero que meus antigos patrões tenham saúde, para que assistam de pé a minha vitória.

Maria: No meu caso, também, foram uns idiotas, me disseram que estavam fazendo cortes, quando eu cheguei lá dez dias depois, pra assinar minha demissão, tinha uma moça nova em meu lugar.

Belinda: Alguém mais, como a Lurdes, abriu processo trabalhista?

Silva: Eu tenho. Só que a empresa já mudou quatro vezes a razão social. Vou ter que entrar com outro processo. Eu perdi a audição, preciso de óculos, estou com dor na coluna. Se for analisar bem, não tenho condição de trabalho. Trabalhei dez anos na CMTA, mas audição eu perdi nas empresas particulares, porque o motor era na frente. Só que eu só vou entrar com esse processo quando tiver recebido os cinco meses do seguro-desemprego, porque a pessoa não pode ter dois benefícios ao mesmo tempo.

Maria: Trabalhei numa clínica e sempre mostrei atestado, e agora não querem me dar o auxílio-doença. Às vezes, eu ia mancando trabalhar. Eu vou pôr no pau. Não devia ter assinado.

Margaret: Cada caso é um caso e tem que ser analisado. Tem que provar a relação entre o trabalho que fazia e o adoecimento. Vão atrás, informem-se, mas a certeza não é necessariamente ganhar.

Silva: Aconteceu comigo que o médico do INSS nem na minha cara olhou. Disseram-me que a gente tem que ir vestido como mendigo para eles atenderem.

Lurdes: São grossos, mesmo.

Silva: Fiquei arrasado com a atitude deles. O médico não deu bom dia, nem olhou o laudo, só a Carteira e disse: 'tá negado'. Saí de lá com raiva. Se eu tivesse uma bomba...

Irene: O da Santa Marina é pior.

Rosa: Da Água Branca é melhor.

Lúcio: Se for lá, eles mandam pra cá.

Silva: Pode ir pra Santana que é melhor. Da Santa Marina todo mundo fala mal. Parece que todos lá têm aula de humilhação.

Margaret: Nós estamos aprendendo juntos a como ir atrás dos direitos...é um direito ser humilhado?

Silva: Não justifica!

Margaret: E isso da roupa, por que tem que ir maltrapilho?

Lurdes: É, homem tem que ir barbudo, mulher não pode ir de bolsa, tem que ir com a sacolinha de supermercado com os documentos dentro.

Irene: É verdade, você vê tudo isso.

Rosa: Eu não fui assim. Eu levei a minha pasta.

Belinda: Então, será que tem mesmo que ir com a sacolinha?

Maria: Eu só sei que o médico lá me tratou como um cavalo, acho que nunca teve faculdade.

Lúcio: Sabe o que devia fazer? Devia filmar, gravar, porque depois perguntam: ‘e a prova disso?’ O advogado quer a prova. O médico é estúpido, mas é humano igual à gente. Só que a gente, que é mais pequeno, fica mais baixo.

Rosa: Se o médico fizer isso comigo, se ele não me examinar... Enquanto eu não tiver uma posição dele, eu não saio de lá. E eu não preciso ir de sacolinha, eu falo!

Belinda e Margaret: Então vocês podem ter força e não precisam ir de sacolinha...

Silva: Lá na empresa, tinha uma médica grosseira. De tanto que os empregados reclamaram, ela foi mandada embora.

Belinda: Parece que é uma humilhação que já vem lá da demissão, ou mesmo da situação de trabalho - como ser maltratado pela médica da firma -, e continua nos atendimentos médicos...

Lurdes: Eu me senti um bagaço de laranja. Quando fracassei, simplesmente me mandaram embora.

Rosa (*em tom irônico*): Na hora da demissão, meu chefe me mandou buscar os meus direitos.

Lurdes: É muita dor!

Belinda: Hoje, vamos ter que ficar por aqui. Acho que a gente pôde ver como é possível também um ajudar o outro, através das experiências e informações que foram trocadas.

Alguns do grupo concordam, acenando com a cabeça.

Margaret transmite algumas informações sobre o funcionamento do grupo: necessidade da presença, máximo permitido de 3 faltas, horário, marcação no cartão de consultas do Centro de Referência.

Silva: Vai ter diploma no final? *Todos riem.*

Ao terminar, servimos café e biscoitos.

Esta primeira sessão inaugura o processo de uma atividade nova para todos os implicados. Por um período curto – 6 semanas -, eles têm esse estranho encontro marcado, do qual não sabem bem nem o que esperar, nem como nele se apresentar. O foco proposto por nós para esse momento foi o da apresentação de cada um, e Lúcio toma a iniciativa, apresentando-se como desempregado: ‘estou há oito meses desempregado’. Na verdade, é um pedido de socorro: ‘sou motorista, tenho 23 anos de estrada, se alguém aqui souber de alguma coisa, de uma colocação, por favor, me diga’. Lúcio, mais do que se apresentar, oferece-se e pede por um trabalho. A urgência da situação dispensa detalhes. Toda a experiência de Lúcio, que inclui longos 23 anos de estrada, atola em oito meses de desemprego. E, então, a apresentação se impossibilita. Ou melhor, tudo o que há para apresentar é um pedido de ‘alguma coisa, por favor’. Lúcio não apenas se apresenta mas, de algum modo, abre a cena para o grupo todo – uma cena que é, ao mesmo tempo, condição e urgência. Por isso, Silva pode dizer: ‘estou no mesmo caminho’. O que ele acrescenta é uma nota do impossível que permeia essa situação: ‘é que fica difícil, com a idade, um emprego’. Isso para justificar, à guisa de conclusão, sua metamorfose pessoal: ‘agora estou em casa, cuidando da casa’. Toda a estranheza dessa metamorfose, que implica Silva por inteiro, bem como os ambientes sociais nos quais interage, é denegada na estranha frase: ‘é normal, o homem tem que ajudar’. E o impossível da situação, a quase inatingível saída, é projetada na demanda do ‘pessoal’ que ‘pede currículo bom, estudo razoável’, o que não se tem. Silva se reconhece na fala de Lúcio, desdobrando e nomeando as dificuldades.

Intervenho nesse momento porque um dos membros do grupo, a Conceição, tem dificuldade para escutar, fato a que tive acesso na entrevista inicial junto a ela. Por isso, peço ao grupo que falem mais alto. A metáfora da estrada em que se anda, suscitada pelo motorista Lúcio e ampliada por Silva, é retomada por Maria: ‘eu estou no mesmo caminho’. Apresentam sua situação falando de um caminho. Falam de sua condição numa concretude às vezes difícil de ser perfurada, mas a referência a um caminho traz à cena, de forma velada,

uma distância, um horizonte que está para além da situação e que pesa sobre cada um, como uma ameaça. Porque é um horizonte, um caminho, no qual a esperança ou a expectativa de uma realização positiva está profundamente contraída. ‘Doente, me mandaram embora’: o relato de Maria expressa a crueldade do mundo do trabalho, a falta de colaboração na família e a insensibilidade das instituições de saúde, através dos médicos, com o seu estado. Arrepende-se de ter assinado a demissão. Só disso? A cena que ela traz à tona é terrível: sua doença, a falta de qualquer auxílio médico, dois filhos desempregados que ‘não querem ouvir’, viúva. Tudo o que ela dispõe é de sua especialidade, do seu serviço. E, talvez para não se mostrar tão despossuída, nos mostra a todos que, de chão, ela entende, mesmo que lhe falte tudo e não tenha onde se segurar, a não ser na nossa chamada para o grupo – ‘eu gostei da chamada de vocês’ -, espaço para apresentar sua especialidade: ‘este chão aqui, ó, não pode jogar muita água, tem que logo secar, eu sei como fazer’. Em torno de toda essa desolação que é o seu relato, o mesmo pedido de Silva, Lúcio e Conceição: ‘eu preciso trabalhar’. Diante da insensibilidade do mundo, ela se apresenta como uma guerreira. Precisa segurar as pontas, e o filho, ‘quer ele queira, quer não, vai ter que vir’. Ninguém cuida dela, nem a escuta, e ela ainda tem que enfrentar a displicência dos filhos: ‘eles gastam com as namoradas’. É ela, literalmente, contra todo o mundo. Se o que restou ao Silva agora é o ‘normal’, o cuidar da casa, para Maria a casa também é um caos.

Rosa oferece um certo contraponto a Maria e, talvez também, aos relatos anteriores. Diz que foi mandada embora quando ‘estava com tendinite’. Porém, tem uma notícia mais promissora para dar: nessa segunda-feira, sua filha, ‘de menor, começou a trabalhar numa farmácia’. No caso dela, os serviços da Prefeitura funcionaram. Porque foi através de um deles que a menina conseguiu trabalho³¹. Passa então a listar uma série de serviços onde todos poderiam se cadastrar, à procura de uma vaga. Rosa não apenas lista os serviços, mas também

³¹ Soubemos três meses depois que a menina viria a largar esse trabalho porque, segundo a mãe, ela ganhava 140 reais por mês para trabalhar 6 horas diárias. Essa carga de trabalho, além de mal remunerada, inviabilizava que ela prosseguisse os estudos, tanto para formar-se no Ensino Médio, que cursava à noite, quanto para concluir o curso profissionalizante em Administração, que fazia à tarde.

os bairros onde estão à disposição. ‘É para trabalho provisório?’, pergunta Silva. ‘Não, é emprego, mesmo’, responde Rosa. Laís aproveita para organizar, para o grupo, uma série de informações sobre o sistema público de busca de emprego. Lurdes, que ainda não se apresentou, ou melhor, que assim se apresenta, diz que irá. Rosa continua: ela parece ter feito, da condição de desempregada, algo assim como uma especialização. Sim, porque o desempregado também deve saber como lidar com a sua situação, e Rosa domina os modos de acessar os serviços que estão à disposição – coisa que outros membros do grupo não sabem e que é uma das tarefas do Centro de Referência e também uma de nossas metas com o trabalho deste grupo, em face da desinformação que observamos nos primeiros contatos com os trabalhadores que recorrem a essa instituição. Rosa, no entanto, apresenta-se conhecedora do campo, e mostra para todos que o melhor documento, no momento, é para eles a Carteira de Trabalho com o carimbo da demissão. Como Deus escreve certo por linhas tortas, através da apresentação desse carimbo pode-se conseguir passes de metrô e trem par transitar pela cidade: o passe-desempregado. Apresentar a Carteira com o carimbo da demissão, ou seja, apresentar-se como um desempregado. Isto faz parte da realidade dela, faz parte de sua identidade. E é assim que devem se dar a conhecer. Não pode ser de outro modo, para circularem dentro do contexto social.

Conceição coloca-se em cena: ‘sou costureira, trabalhava numa confecção com muito nome, mas que não reconhece o ser humano’. Para ela, tal como para Maria, o mundo do trabalho foi cruel. ‘Eles tiveram cinco anos pra me conhecer e, quando eu precisei, me mandaram embora. Eu estava me tratando’. O empregador é nomeado num plural indeterminado, da mesma forma como Silva referia-se ao ‘pessoal’ que ‘pede currículo bom’. Talvez não seja apenas uma falta de intimidade maior com o mundo dos empregadores que promova essa generalização difusa, quase que uma abstração das instâncias que têm o poder para definir os rumos da vida de trabalho de cada um e, por causa disso, da vida de cada um deles por inteiro. Mas, parece apresentar-se, dessa forma, uma dificuldade em tomar para si a própria vida pessoal, que fica, no relato, diluída numa generalidade da qual todos sabem do que se trata e que prescinde, portanto,

da singularidade. É como se cada um deles, até o momento, dissesse: ‘fazemos parte desse coletivo de fantasmas, desse gigantesco amontoado de homens que existem e vivem no Brasil, sofrendo as decisões do ‘pessoal’, mas sem fazer parte dele’. ‘Tenho neta pra manter’. Novamente, a apresentação é a apresentação de um desespero, não apenas por si, mas pelos seus. Ainda é cedo para concluir alguma coisa, mas já chama a nossa atenção a diferença dos relatos de Silva e Lúcio, de um lado, e das mulheres, de outro. Eles, os homens, apresentam mais a sua condição pessoal. Elas trazem de forma explícita, logo de cara, algo da situação familiar: não é só por elas que o trabalho faz falta, mas aos netos e a todas as outras ‘pontas’ que elas seguram. ‘Pão e leite todo dia é fogo’. Pão e leite não para si, exclusivamente, mas para os que delas dependem. Conceição tem uma dificuldade de audição e, por isso, precisa dos ouvidos da irmã, Irene, que a acompanha, apesar dela também ter sua família. E a ajuda não se restringe aos ouvidos, mas a um todo, ao ‘socorro deles’, sem o qual ela iria ‘pra debaixo da ponte’. Expõe assim que o que eram duas famílias nucleares – a dela e a da irmã – têm que se integrar, ou melhor, a família da irmã tem que absorver a dela. Prossegue então, verbalizando um pedido que tem a potência de um coro que, em uníssono, poderia dizer: ‘eu quero ter um trabalho, independente da Caixa. Não posso deixar minha família passar fome. E eu não me incomodo, pode ser qualquer trabalho’ Qualquer trabalho. O que quer dizer isso? Óbvio que, assim como é explicitado, mais do que uma disposição, fala de um desespero. Pedro se apresenta: ‘deixei minha esposa há quinze dias. Estou agora fazendo tratamento no joelho. Não tenho firmeza no joelho, desde que sofri um acidente. Uma caixa caiu em cima da minha perna’. Troca a esposa pelo tratamento de joelho? A associação de Pedro nos leva a pensar que, dado o acidente e a resultante perda de firmeza no joelho, ele não pode carregar mais nenhum peso. Isso incluiria a esposa? Lurdes, que já tinha mostrado prontidão para inscrever-se na bolsa de empregos pelo Poupa-Tempo, conta agora que está desempregada há seis meses, e com problemas ‘nos braços, nos joelhos, na coluna’. É como se dissesse ao Pedro: ‘teu problema é o joelho? No meu caso, é braço, joelho e coluna!’ Dada a inserção de nosso trabalho num Centro de Referência em Saúde do Trabalhador,

esta é uma singularidade do grupo que atendemos: o mundo do trabalho não apenas promove a ferida do desemprego quando os expulsa, mas também, ao ver de todos os participantes, deixa no corpo deles, na forma de lesões e dores, as marcas de uma brutalidade ou de uma submissão a uma rotina que não apenas extrai os seus esforços mas desgasta os corpos, chegando, às vezes, a inutilizá-los. ‘Estou batalhando pra ficar na Caixa’. A metáfora da luta, da batalha, é recorrente. Silva também está na batalha. E, aqui, se luta em duas frentes antagônicas, mas que o desespero aproxima: uma frente é a da busca por trabalho, por ‘qualquer trabalho’. A outra é a de ganhar o atestado de incapacidade para qualquer trabalho, o que lhes permitiria não tanto se verem como pessoas relegadas a algo assim como um encalhe humano, ou talvez até sim, desde que isto trouxesse consigo o necessário dinheiro, no mínimo para o pão e o leite de todo dia da família da Conceição, por exemplo. Lurdes está mais decidida: com seus 49 anos, ela já está mais conformada. Parou de pensar e esperar, de ficar se matando – se bem que foi ela que reagiu mais entusiasmada e com maior prontidão à notícia das bolsas de emprego, pouco tempo antes. Mas, agora entregue a Deus – ‘seja o que Deus quiser’ -, não está mais procurando trabalho, e tudo o que ela diz que quer é um médico, para poder ‘entrar no auxílio-doença e acidente de trabalho’. Ela está processando o INSS e a empresa na qual trabalhava. Sua queixa é de que tudo demora, apesar de já ter dito que parou de pensar e esperar. Não que Lurdes não tenha batalhado. Aliás, não se peça coerência no discurso de Lurdes. Ela, sem esperança, espera. Ou, talvez, espera sem esperança. ‘Olhei emprego na Lapa, pra copeira estão pedindo segundo grau. Eu tenho até o primeiro grau incompleto. Estudar para quê?’ A lógica de Lurdes é por demais complexa. Não está procurando trabalho, mas corre atrás dele. Surge um, mas ela não tem os pré-requisitos necessários. E, se os tivesse – ‘estudar para quê?’ -, de nada adiantariam. Ela parece se anular ou, desde uma anulação de si, expressa toda a sua enorme batalha, uma batalha que ela teme, pelo que observa de si e de sua filha, que dê em nada. ‘Minha filha está estudando pós-graduação em Meio-ambiente, conseguiu agora um estágio, rebaixaram a Carteira, ela toma três conduções pra ir, três pra voltar...tudo isso

atormenta a pessoa'. Ô, se atormenta! Tanto que ela não pode falar desse tormento diretamente, mas o faz de forma oblíqua. Ela não consegue expressar o seu tormento pessoal, a não ser erguendo-o à condição de uma ilustração imprecisa sobre o impacto de um estado de coisas: 'tudo isso atormenta a pessoa'. Porém, a complexidade da elaboração de Lurdes é maior ainda. Ela, que é toda desesperança, continua: 'mas é preciso fé em Deus'. Deus é o que resta no caso dela, talvez porque a fé nela própria, ou na vida dela, parece ter se esgotado. 'Todo dia 5 e dia 20 são um trauma para mim, porque eram os dias em que eu recebia o meu vale. Agora, nada'. O trauma, aqui, não é uma cena de alto impacto emocional, já ocorrida, que ficasse repercutindo em determinados momentos do aqui-e-agora dela. O que Lurdes chama de trauma é a reiteração dos mesmos dias de pagamento, porém agora sem o pagamento. Os dias de receber vale continuam valendo, e o vale continua sendo necessário com a mesma urgência, ou talvez com urgência maior ainda. Se bem que temos que ter presente que o salário que essas pessoas ganhavam quando empregadas em pouco superava o pão e o leite das necessidades básicas do cotidiano numa vida urbana. O trauma é que nos dias 5 e 20 agora ela não recebe, e ela e os seus vivem entre os dias 1 e 30 de cada mês. 'Estou procurando trabalho até de camelô, fui ver licença na Prefeitura'. Para quem não está procurando trabalho, para quem parou de pensar e esperar, de ficar se matando, Lurdes não fica quieta. Cindida? Uma parte dela desistiu, enquanto uma outra insiste? Uma espera, enquanto a outra desespera? Não sabemos, mas a sua comunicação traz à cena toda uma complexidade interna mobilizada pela urgência da situação, incapaz de ser integrada ou reduzida a uma dimensão única. Lurdes vive em fragmentos e, tal como as outras mulheres, não é só por ela que teme. Nem pode se preocupar apenas com os joelhos, como sugere a fala inicial de Pedro, que deixou a mulher e está tratando deles. Além da filha, ela tem: pais pobres, para quem deve mandar um dinheiro que não existe, um neto sem pai, sua doença, 'remédios pra comprar' e um marido aposentado. Ela só não está já 'debaixo da ponte' porque tem a sorte de não pagar aluguel.

Rosa, que parece estar ali para erguer a todos, intervém, estimulando – ‘tem que ir à luta’ – e, mostrando as suas feridas para o grupo, estende os braços, dizendo: ‘eu também estou com meus braços inchados’. Lurdes, acolhendo a fala de Rosa, desdobra o seu conformismo, e algo de sua raiva ganha expressão numa frase feita de raízes bíblicas na qual, mais do que a sublimação da raiva, oculta-se mágoa e ódio: ‘eu só espero que os meus antigos patrões tenham saúde, para que assistam de pé a minha vitória’. Já pensaram? A Lurdes entrando vitoriosa, de cabeça erguida, toda iluminada, e o ‘pessoal’, os patrões, erguendo-se de suas poltronas em homenagem a ela, enquanto as palmas ecoam efusivamente por um tempo que parece não acabar? Maria entende o que a fala de Lurdes esconde e que, obviamente, não é propriamente a cena que acabamos de descrever. ‘No meu caso, também foram uns idiotas. Disseram-me que estavam fazendo cortes, quando eu cheguei lá dez dias depois, para assinar a minha demissão, tinha uma moça nova em meu lugar’. Ai, esse pessoal idiota! Que façam cortes, até parece que se entende. Afinal, de economia todos sabem. E, se não dá, não dá. Mas, eles são traiçoeiros: substituíram a Maria por uma moça nova. Ela parece ser mobilizada por uma moral segundo a qual o pior de tudo é ser enganada. E esses patrões, além de demitir, enganam. Talvez mobilizada pelo clima de raiva contra os antigos patrões idiotas, eu pergunto para o grupo: ‘Alguém mais, como a Lurdes, abriu processo trabalhista?’ Silva diz que ele, sim. ‘Só que a empresa já mudou quatro vezes de razão social’. Como um sabonete que escapa da mão, a empresa se evade dele. ‘Vou ter que entrar com outro processo’. Silva expõe suas feridas: perdeu a audição, precisa de óculos, está com dor na coluna. ‘Se for analisar bem, não tenho condição de trabalho’. De fato, para um motorista, que é o que ele sempre foi, Silva perdeu os requisitos. ‘Só que eu só vou entrar com esse processo quando tiver recebido os cinco meses do seguro-desemprego, porque a pessoa não pode ter dois benefícios ao mesmo tempo’. Silva está bem informado. Informado ou enquadrado? Já pensou dispor de dois benefícios? Silva seria um marajá! Ele perdeu o trabalho, mas não perdeu a jurisdição da lei, que continua valendo, seja qual for a sua situação de vida. E Silva aceita a lei. As mazelas da lei. Maria diz que trabalhou numa clínica e sempre mostrou atestado.

‘E, agora, não querem me dar o auxílio-doença’. A ela, que até mancando ia trabalhar. ‘Eu vou pôr no pau, não devia ter assinado’. A lei os enrosca. Ela assinou o que não devia ter assinado e, agora, quer ‘pôr no pau’. O que quer dizer ‘pôr no pau’? Fazer justiça com as próprias mãos? Não. Esta é uma expressão comum para dizer que vai brigar na Justiça, pela justiça. As leis... Margaret intervém: se alguém falou em ‘pôr no pau’, faz-se necessário que o bom senso seja restabelecido. Talvez por isto, Margaret esclarece a todos que ‘cada caso é um caso e tem que ser analisado’. E expõe o que é um dos maiores desafios para todos os que fazem parte desse grupo: ‘tem que provar a relação entre o trabalho que fazia e o adoecimento’. Ou seja, não basta ter braço inchado, dor nas costas, ouvidos quase surdos, vista cansada, joelhos sem firmeza. Tem que provar que todos esses inconvenientes se relacionam com o trabalho. Ou alguém pensa que o salário ganho tem alguma relação com a qualidade de vida que temos? Isso tem que ser provado! E é sobre isso que a lei decide. No caso das relações entre doença e trabalho, não só tem advogados, como tem também médicos, psicólogos e assistentes sociais para auxiliar no estabelecimento dessa relação causal. Se cada um justificasse as suas doenças como sendo relacionadas ao mundo do trabalho, seria um caos! É o médico que vai saber separar o joio do trigo, saber quando o distúrbio físico foi suscitado pela atividade que se desempenhava, ou quando ele se instalou, sabe-se lá porque motivos, em que outras situações. O mundo do trabalho não pode ser responsabilizado por tudo. Margaret conclui: ‘Vão atrás, informem-se, mas a certeza não é necessariamente ganhar’. Está certo! O princípio de realidade tem que imperar numa repartição pública. E é bom não deixar essa turma muito animada. Silva sabe, por experiência própria, que não necessariamente se ganha nesses trâmites jurídicos: ‘aconteceu comigo que o médico do INSS nem na minha cara olhou’. Mas, será que Silva sabe quantas caras passam pela frente desse médico todo dia? De qualquer forma, não se sentiu bem tratado. ‘Me disseram que a gente tem que ir vestido como um mendigo para eles atenderem’. O conselho é estranhíssimo: como um poeta, pede que finja a dor que deveras sente. Não basta quão rebaixado se está. O conselho diz que só se será atendido se for sempre um pouco

mais abaixo. Se há sabedoria nesse conselho, se ele ensina alguma coisa, é a de que só na condição de quem mendiga é que se consegue o direito, nessa instituição. Porque a sabedoria fala de um procedimento em que não impera tanto a noção de direito quanto a de favor, mobilizado pela pena ou pela compaixão. Quem inventou essa sabedoria sabe que os homens são duros mas, no fundo, bem no fundo, se quebram e cedem diante da dor alheia. Então, o desafio que Silva tem, de acordo com essa sabedoria, é despertar a compaixão que está escondida lá no fundo do INSS. Lurdes reage, indignada: ‘são grossos, mesmo’. Aliás, todos estamos sendo grossos, nesse instante, no grupo. Uma quer que os antigos patrões, cheios de saúde, aplaudam a sua vitória final. A outra vai ‘pôr no pau’. E até a nossa escrita reflexiva é tomada de traços de ironia, que nós deixamos vir à tona porque a ironia, enquanto forma expressiva, é resultante e manifestação de um impacto emocional diante de uma realidade com a qual mantemos uma relação de estranheza. É que a situação, se assim pudermos nos expressar, é grossa mesmo. Tanta fragilidade para dar conta, tanto corpo ferido, a interrupção de fazer o que sempre se fazia, e que não se reduzia apenas a lavar chão ou dirigir um ônibus, mas a estar inserido no mundo do trabalho. Silva continua: ‘fiquei arrasado com a atitude deles’. Arrasado é um termo complexo. Um bombardeio costuma arrasar uma cidade, no sentido de torná-la rasa, plana, de destruir as saliências de suas construções, que se oferecem como superfícies vivas e expressão de sua dinâmica. No sentido pessoal, esse aplainamento talvez também esteja presente, e seja daí proveniente o sentimento de depressão física ou moral que essa palavra – ‘arrasado’ - visa expressar. É sempre uma ação de aplainar que dá margem à emergência de um sentimento de humilhação. ‘O médico não deu bom dia, nem olhou o laudo, só a Carteira e disse: “está negado”’. Se pelo menos tivesse dado bom dia, ou ao menos olhado o laudo...se pelo menos Silva tivesse se sentido levado em consideração... Mas, não. O médico apenas disse: ‘está negado’. Como o ‘pessoal’ apenas diz: ‘está demitido’. ‘Saí de lá com raiva. Se eu tivesse uma bomba...’ Ainda bem que Silva não tem uma bomba! Ele, se explodir, é apenas internamente. Irene, os ouvidos de Conceição, sua irmã, sabe do que Silva está falando. ‘O da Santa Marina é pior’. Ela está se referindo ao

médico de lá. O que ele teria feito de pior? Rosa, que sabe ver o positivo nas dificuldades, intervém e diz: ‘da Água Branca é melhor’. E Lúcio completa: ‘se for pra lá, eles mandam pra cá’ - aqui onde estamos. Nesse instante, diante das mazelas da lei e do cipoal de suas burocracias, os membros do grupo aconselham-se. Cada um conhece uma faceta, cada um já andou por um desses diversos endereços que, espalhados pela cidade, projetam sobre ela as teias de uma rede burocrática. Silva retoma: ‘pode ir para Santana que é melhor. Da Santa Marina, todo mundo fala mal. Parece que todos lá têm aula de humilhação’. Silva, que não tem ‘estudo razoável’, parece já ter feito aulas de humilhação. Um dos resultados da grosseria é o sentimento de humilhação. Sentir-se arrasado ou ser humilhado são próximos. É isso que Silva expõe. Na humilhação, um rebaixamento se realiza, talvez esse aplainamento de que falávamos antes, uma redução a uma superfície menosprezada e desprovida de toda e qualquer saliência, para dentro ou para fora. Margaret, que há pouco intervira para arrefecer os ânimos de quem queria ‘pôr no pau’, agora parece sensibilizada com a vivência da humilhação: ‘nós estamos aprendendo juntos a como ir atrás dos direitos... é um direito ser humilhado?’ Silva responde: ‘não justifica!’ Talvez Silva não entendeu, talvez Margaret quisesse dizer, através dessa curiosa formulação, que, enquanto cidadãos, cada um é portador de uma série de direitos cuja função é exatamente a de impedir a emergência do sentimento de humilhação. Porém, Silva parece conhecer tão bem o estado de humilhação que entende a pergunta de Margaret ao pé da letra. Vai ver que ser humilhado faz parte da vida, mas não se justifica na situação relatada. Margaret parece indignada e, querendo investigar mais a situação de humilhação, pergunta: ‘E isso da roupa, por que tem que ir maltrapilho?’ Lurdes, que introjetou a sabedoria, detalha, em tom crítico: ‘é, homem tem que ir barbudo, mulher não pode ir de bolsa, tem que ir com a sacolinha de supermercado com os documentos dentro’. Margaret queria que todos aprendessem juntos a como ir atrás dos direitos. Lurdes descreve um longo aprendizado que utiliza para apresentar a configuração numa cena de repartição pública, o INSS. Irene, que também conhece esses ambientes, reconhece o que Lurdes está dizendo: ‘é

verdade, você vê tudo isso'. Margaret propunha, diante da situação, um levar-se em consideração como cidadãos, uma atitude proveniente de quem se reconhece com direitos e, a partir daí, ganhar recursos para enfrentar as complexidades jurídicas. Parte do grupo contrapõe à sugestão de Margaret uma outra atitude, que parece fazer parte do dia-a-dia no qual as pessoas, para ganharem algum benefício, devem se mostrar despossuídas de tudo. Este seria o melhor recurso: o de apresentar-se despossuído de tudo e à espera de favores. Rosa não está nessa: 'eu não fui assim. Eu levei a minha pasta'. E eu, estimulada pela fala dela, pergunto ao grupo: 'então, será que tem mesmo que ir com a sacolinha?' Maria não responde diretamente: 'eu só sei que o médico lá me tratou como um cavalo, acho que nunca teve faculdade'. Além de uma crítica à formação do médico que, de acordo com a experiência dela, parece não ter ensinado a ele levar em consideração os pacientes, ela como que me responde reafirmando que é difícil sentir-se cidadão ou ir atrás dos direitos quando nem sequer como pessoa se é tratado. Maria, um cavalo diante do médico. Precisa de sacolinha ou não? A ferida é bem mais embaixo. A humilhação não apenas aplaina, mas reduz o humano ao animal. 'Sabe o que devia fazer?', pergunta o Lúcio. 'Filmar, gravar, porque depois perguntam: "e a prova disso?" O advogado quer a prova. O médico é estúpido, mas é humano igual a gente. Só que a gente, que é mais pequeno, fica mais baixo'. Diante da apresentação da vivência de humilhação a que todos estão expostos nesse "caminho", e que acaba por reduzi-los a "um cavalo", Lúcio se propõe a um resgate. Sabe que todos ali são humanos e, portanto, iguais ao médico. Apesar da estupidez deste último, que o faz sentir-se superior. Porém, mesmo abstraindo a atitude do médico, eles, de acordo com Lúcio, são mais pequenos e, por isto, ficam 'mais baixo'. Talvez por isto seja difícil obter a prova que o advogado quer. Não basta a experiência pessoal ou, pelo menos, a experiência de gente que é mais pequena. Chamem a mídia: que eles venham, filmem e gravem, para conferir a essa experiência um estatuto de verdade. E que, então, o advogado veja o filme. Aí, então, ele saberá toda a verdade! E, então, ele emitirá o seu parecer. Aí, então, quem sabe, todo o 'pessoal' que, agora, além dos antigos patrões, inclui os atuais médicos,

‘assistirão de pé a vitória deles’. Rosa quer que a dignidade, que o respeito a si própria, prevaleça. ‘Se o médico fizer isso comigo, se ele não me examinar...enquanto eu não tiver uma posição dele, eu não saio de lá. E eu não preciso ir de sacolinha, eu falo’. Como é bom para todas essas pessoas poder escutar a Rosa! Ao menos ela, de uma maneira menos instituída do que eu e a Margaret, pode pôr em questão a velha sabedoria sobre o sofrimento transformado em artifício para conseguir um favor. Eu e Margaret, ao menos, gostamos da colocação de Rosa e, erradamente talvez, legitimamos a fala dela, transformando-a numa fala instituída. Ambas, uma ajudando a outra, dissemos que ‘então, vocês podem ter força e não precisam ir de sacolinha’. Silva lembra então de uma situação em que a força dos empregados triunfou: ‘lá na empresa, tinha uma médica grosseira. De tanto que os empregados reclamaram, ela foi mandada embora’. Silva, quando era empregado, ajudou a mandar embora uma médica grosseira. Ninguém tem direito ao trabalho incondicionalmente. Se não executar bem as suas funções, deve ser mandado embora. Essa é uma outra sabedoria profundamente arraigada. Como Silva lembra uma situação do mundo do trabalho, um passado em relação ao presente deles, que é tomado pelas mazelas burocráticas para conseguir os benefícios a que consideram ter direito, eu retomo o sentimento de humilhação a partir da própria situação de trabalho: ‘parece que é uma humilhação que já vem lá da demissão, ou mesmo da situação de trabalho – como ser maltratado pela médica da firma – e que continua nos atendimentos médicos’. Lurdes complementa: ‘eu me senti um bagaço de laranja. Quando fracassei, simplesmente me mandaram embora’. Maria já tinha feito menção à redução do humano ao animal. Para Lurdes, a humilhação incide mais fundo ainda, transforma-a em bagaço de laranja. Ou melhor, toda a mecânica a que eu me referia em minha colocação – a situação de trabalho, a demissão e os atendimentos médicos – suscita em Lurdes o sentimento de ser um bagaço de laranja, de ter sido sugada, expropriada do melhor dela, e deixada de lado, como um bagaço de laranja, como aquilo que, na condição de resto, não tem mais função. De que fracasso Lurdes está falando? De um fracasso funcional ou de um fracasso de seu corpo? E por que ela se nomeia como fracassada? Talvez o que

Lurdes esperasse fosse compaixão? Rosa também lembra da demissão dela e, em tom irônico, recorda que o seu chefe a mandou buscar os seus direitos: ‘na hora da demissão, meu chefe me mandou buscar os meus direitos’. E Lurdes intervém, expressando: ‘é muita dor’. Dói tudo. Dói o corpo, dói a falta de trabalho, dói a falta de dinheiro, dói a humilhação, dói a luta jurídica, doem os atendimentos médicos mal feitos, dói a burocracia e, do meio de tanta dor, digo que ‘hoje vamos ter que ficar por aqui’ e, infelizmente, limito nesse momento a experiência que tivemos: ‘acho que pudemos ver como é possível também um ajudar o outro, as experiências e informações que foram trocadas’. Todos concordam. Comigo? Ou com a exclamação anterior de Lurdes sobre a dor? Margaret fala dos horários dos próximos encontros e faz um enquadramento que inclui a necessidade da presença de todos. Silva pergunta, para riso geral, se ‘vai ter diploma no final’. Todos riram, mas Silva já tinha dito, no início da sessão, que ‘o pessoal pede currículo bom’. E a colocação de Silva talvez seja bem séria. Ele espera, talvez, que esta experiência aprimore o seu currículo e o torne mais apto a conseguir o trabalho almejado. Silva lança seu desafio para todos nós.

Segundo encontro (22/01/2003):

Estão presentes Lúcio, Pedro, Silva, Maria, Conceição e Irene, sua irmã e Laís, Margaret e eu.

Silva inicia: Eu estava destelhando a casa, mas parei porque tinha que vir pra cá.

Belinda: A gente queria saber como foi pra vocês o encontro passado, se foi útil, se vocês conversaram em casa sobre o que falamos aqui, e se vocês têm alguma questão, em relação ao que conversamos, que gostariam de tratar hoje. *Dirigindo-me a Conceição*: Você está ouvindo, Conceição?

Conceição: Não.

Eu repito o que disse.

Lúcio: Foi bom, conversei em casa. Os moleques não quiseram vir, não gostam de ficar parados... E se eu arranjar emprego, tenho que avisar?

Belinda: Você está com alguma expectativa mais concreta?

Lúcio: Estou, sim, surgiu uma possibilidade dentro do meu ramo. Qualquer coisa, eu ligo pra avisar.

Belinda: Tanto o Lúcio como o Silva falaram do compromisso com o grupo, de estarem aqui. Mas, o Lúcio está levantando essa possibilidade, se alguém do grupo arrumar emprego...

Silva: O Centro de Referência tem como encaminhar para isso?

Margaret: Não é essa a nossa função. Nossa intenção é a de tentar ajuda-los a ganhar recursos para lidar com a situação de desemprego que vocês estão vivendo. Nossa expectativa é de que o trabalho em grupo favoreça uma troca que colabore para isso.

Silva: E sobre escola, vocês têm como tirar dúvidas?

Margaret: Nós podemos passar as informações, mas não temos como encaminhar.

Laís esclarece como o grupo pode ter acesso a informações sobre cursos e escolas.

Belinda: Nós não podemos arranjar vaga em trabalho, nem em escola. Mas, a gente vê aqui no Centro de Referência que há muita falta de orientação, de informação. É finalidade nossa aqui no grupo ampliar possibilidades, talvez até um ajudando o outro. Isso é possível nós oferecermos.

Lurdes: Pra mim, chega de estudar. A minha filha estudou tanto, mas tanto, fez pós-graduação, e não consegue nada, então, pra quê estudar?

Maria: Eu entrei em contato com uma conhecida, para ver se ela me arruma trabalho como diarista.

Conceição: Eu acho trabalho, se for de costureira. Mas, tenho que esperar os exames. Quem é que vai me pegar pra trabalhar no meio do tratamento? E, enquanto isso...

Pedro: Hoje eu levei a CAT (*comunicação de acidente de trabalho*) à empresa. Eles não preencheram, mas a assistente social daqui disse que poderia preencher aqui.

Laís e Margaret: Este é um direito de vocês e uma obrigação nossa, vocês sabiam disto?

Silva e Lúcio: Sim, a gente tinha base disso.

Lurdes: Pra mim, na empresa, fizeram cara feia, foram grossos, mas preencheram. Só que o INSS não aceitou como acidente de trabalho, só como auxílio-doença. Eu vou voltar aqui para o Dr. Jorge (*médico do Centro de Referência*) encaminhar de novo.

Belinda: Parece que houve diversos movimentos do grupo esta semana.

Pedro: Sim, porque antes eu estava sem recurso nenhum.

Lurdes: Aqui, a gente pega coisas que não sabe. Hoje eu me atrasei porque tinha um homem que passou de cara feia na frente de casa. Daí, eu vi uma moça perto e falei: “Vamos juntas!” Ele tinha cara de louco, parecia que ia atacar as mulheres. Lá em cima passou uma viatura, ele foi embora. Foi por isso que me atrasei, viu?

Belinda: Na semana passada, nós falamos de situações de violência no trabalho, na demissão, no serviço médico, no INSS, na Santa Marina, e hoje estamos falando de recursos de que podemos dispor. A Lurdes, diante do louco e do medo da violência, juntou-se à outra moça, encontrou proteção na viatura e não se intimidou, conseguiu chegar aqui.

Lurdes: Eu, se me tratam mal, eu trato bem. Na consulta, o médico fala grosso, eu respondo com educação. Acho que, se a gente é humilde, vence tudo.

Silva: Mas, lá na empresa, tinha gente que passou mal e a médica dizia que não tinha nada. Tinha que fazer exame antes pra saber, não é?

Maria: No meu caso, me mandaram embora, o INSS não resolveu, aqui também não. O que vocês me dizem? Se eu soubesse que iriam pôr outra em meu lugar, eu não tinha assinado. Eu tinha doado sangue para um senhor da diretoria que estava precisando, aí fizeram uns exames nesse sangue e disseram que eu tinha uma bactéria de hepatite. O médico da empresa disse que eu não ficasse impressionada, que eu tomaria uma vacina. Mas, passei a notar a diferença de tratamento. Agora, vou repetir o exame e vou ao advogado. Meu serviço é pesado, é limpeza, é subir em escada. As patroas não querem saber. Os filhos de

hoje só pensam neles. Eu tenho medo. O INSS só dá auxílio se a pessoa está na cadeira de rodas. Eu tenho dor em todas as juntas e preciso trabalhar. O INSS não faz exames. Vou pôr a empresa no pau.

Belinda: Parece que tanto a Lurdes como a Maria, apesar das dificuldades, sentem que têm uma verdade, talvez isto seja uma força.

Lurdes: Eu meti no pau. A Cristina (*assistente social do Centro de Referência*) me explicou direitinho. Nem que demore, eu corro atrás. Paguei 20 anos de INSS, os trabalhadores têm muitos direitos. Vou ficar sufocada, mas vou atrás.

Belinda: O que o grupo pensa disto?

Silva: É correto, é nosso direito.

Pedro: Eu fui à assistente social, ela me explicou isto.

Maria: Eu nunca fui atrás dos meus direitos, eu não sabia. Se soubesse, eu corria atrás. Eu tinha lombalgia crônica. Quando saí do tratamento, me mandaram embora. Tiram o sangue...

Belinda: Parece que a imagem que está surgindo aqui, para o sentimento de vocês, de como foram tratados nas empresas, é a de “tirarem o sangue”.

Maria: Eu trabalhei numa clínica, fazendo limpeza. A gente limpava aparelhos, coisas de curativo, com a luva furada.

Lúcio: Eu trabalhei com caminhão de lixo hospitalar, tinha luva especial pra usar.

Irene: Eu trabalhei em hospital e peguei alergia até hoje. Não posso usar luva. Como fui burra! O hospital foi cruel. Eu trabalhava no centro cirúrgico. Na pressa, fura, pica, o sangue está quente, a gente não percebe.

Laís: Então, a gente precisa do conhecimento pra fazer as coisas no trabalho.

Lúcio: Eu, uma vez, vi outros coletores de lixo usando colete hospitalar, perguntei. Um dia, misturaram o lixo, eu não mexi, liguei para a garagem. E, no hospital, separaram. Se a gente mete a mão e se corta, a empresa não quer saber. Mas, eu queria perguntar para a Maria: se a senhora não tivesse doado o sangue, não iria descobrir? A senhora estaria empregada até hoje...

Maria: Pois é.

Lúcio: Quantos meses a senhora ficou depois do exame?

Maria: Não fiquei dois meses. Se eu soubesse...

Margaret: A gente está vendo aqui que a informação é importante, fundamental...

Belinda: Talvez diante do desespero do desemprego, a gente tope qualquer coisa e se coloque em situações de risco. Mas, a proteção é importante. No caso do Pedro, a caixa caiu...

Pedro: Caiu e prensou minha perna.

Silva: Agora, ele precisa de um laudo bom.

Margaret: O que é um laudo bom?

Silva: É o que abrange todos os tipos de problemas, todos os detalhes. É o correto. Quanto mais coisa, o juiz analisa.

Margaret: O laudo bom é uma prova?

Silva: O resumo é que, se hoje eu arrumo emprego, quês exames pegam? Firma nenhuma pega com esse problema de coluna. A audiometria é essencial para motorista. Eu me considero um profissional, mas saí de lá (*da empresa*) chateado. A minha tendência agora é trabalhar de motorista particular, é só abrir a porta pra madame. Mas, mesmo assim, precisa de referência. Um amigo está vendo pra mim, apresentado seria melhor.

Belinda: O laudo bom, a confirmação da situação de doença e dor, é para conseguir os direitos. Mas, para quem quer trabalhar, pode ser um obstáculo. Talvez cada um pudesse buscar dentro de si, de sua experiência, o que tem de singular, que poderia ajudar na busca de trabalho. Talvez cada um pudesse pensar, apesar das dificuldades, o que sente que é capaz de fazer, mesmo que não seja o mesmo da experiência anterior.

Silva: Poucos têm curso para dirigir ônibus de deficiente. Eles põem o motorista e o cobrador sem prática. Com o curso, é diferente.

Margaret: Aí, volta a informação.

Lurdes: Eu só agüento venda, nada que tenha movimento dos braços eu agüento. Ou eu tento entrar na Caixa.

Era o fim do encontro, e todos nos reunimos em volta de um carrinho com café e biscoitos, enquanto Laís e Margaret, como viria a ocorrer em todos os encontros do grupo, chamavam um por um para dar os passes de ônibus³².

Todos compareceram ao segundo encontro, com exceção de Rosa, que já havia nos avisado que teria, nesse dia, uma perícia médica no INSS. Lurdes chega aproximadamente 5 minutos após iniciado o grupo. Silva diz que interrompeu uma atividade na qual estava envolvido – o destelhamento de sua casa – para vir. Eu o interrompo em sua apresentação e faço uma fala de abertura, talvez desnecessária, que convida a uma retomada de nosso último encontro e a uma apresentação sobre o que eles teriam elaborado a partir dele. Pergunto para Conceição se ela ouviu a minha colocação e, dada a resposta negativa, repito-a para todo o grupo. Uma vez só já era desnecessário. Duas, o grupo deve ter tomado a minha fala como se fosse uma demanda de lição de casa. Lúcio diz que foi bom, que conversou em casa, mas que os moleques não quiseram vir, “não gostam de ficar parados”. “E se eu arranjar emprego, tenho que avisar?” Peço que eles, de alguma maneira, avaliem o início do processo, e claro que foi num momento muito equivocado. Para o grupo todo esse momento é novo, e mal eles chegam a compreender as finalidades do processo. Escapa-lhes o para quê e o como desses encontros, e eu já peço uma avaliação. Pelo menos parece ter sido assim, como uma avaliação, que Lúcio entendeu a minha pergunta. De acordo com ele, o grupo demanda algo para o quê “os moleques” não têm prontidão. “Eles não gostam de ficar parados”. Na verdade, estamos sentados, como da vez anterior, num círculo no qual a cadeira da Rosa permanece vazia, bem como as dos filhos dele, numa sala que nos acolhe sem aperto, mas desprovida de qualquer aconchego. Minha intenção, nessa fala inicial, era fazer surgir um espaço para que eles pudessem expressar suas impressões sobre o grupo anterior e as questões que, eventualmente, pudessem ter emergido a partir desse encontro,

³² Há papéis que precisam ser preenchidos com informações sobre os documentos de identidade e o endereço de cada um dos participantes, para que os passes possam ser dados. O preenchimento desses dados, a cada consulta ou atividade no Centro de Referência, leva um certo tempo. No caso deste grupo, eles tinham que esperar que cada um fosse atendido, e o faziam tomando café conosco.

socializando-as agora no grupo. Acho que foi uma demanda exagerada. Exagerada não só para esse grupo, mas para qualquer grupo que está começando. Porque do modo como eu formulei, pode ser compreendido como um pedido, ou mais, uma exigência, de trabalho mental direcionado. É que minha fala talvez tenha sido motivada também por um desconhecimento meu, algo familiar ao desconhecimento que o grupo tem em relação a esse trabalho: eu também estou tateando nessa atividade, querendo muito ser útil para essas pessoas, mas sem saber direito ainda como. E o começo da sessão talvez foi tomado por uma ansiedade advinda de não saber como continuar. E, tal como “os moleques”, eu também não gosto de ficar parada. E, então, fiz essa colocação, sem ter me apercebido que Silva já tinha aberto o nosso encontro. Lúcio, como um bom aluno, arranja também uma questão que, de alguma forma, contém o impacto, nele, da minha fala. Ele quer saber sobre como proceder em relação ao grupo, caso arranje um emprego. Deve nos avisar? Eu lhe pergunto se ele tem alguma expectativa mais concreta. Ele diz que sim e responde sozinho à pergunta que tinha formulado: ‘qualquer coisa, eu ligo pra avisar’. As colocações de Silva e Lúcio, bem como talvez a falta da Rosa, levaram-me a destacar a situação de compromisso de cada um para com o grupo. É que talvez um desejo meu de querer ver cada um deles comprometido com o grupo levou-me, também prematuramente, a reconhecer na fala dos dois uma situação de compromisso com essa atividade: ‘tanto o Lúcio como o Silva falaram do compromisso com o grupo, de estarem aqui. Mas, o Lúcio está levantando essa possibilidade, se alguém do grupo arrumar emprego...’ Falou em emprego, é com o Silva. E ele pergunta: ‘o Centro de Referência tem como encaminhar para isso?’ Como eu esbocei a possibilidade de alguém do grupo arrumar emprego, Silva aproveita para perguntar se o Centro de Referência arrumaria emprego para eles. Aliás, com certeza, a melhor coisa que ali poderíamos fazer. Seria um sucesso! Margaret esclarece: ‘não é essa a nossa função’. E passamos então a explicitar o objetivo do grupo. Dissemos a eles que nossa intenção seria a de tentar ampliar os recursos de que dispunham para se haver com a situação de desemprego pela qual estavam passando. E que a nossa expectativa era de que o trabalho em grupo

favorecesse uma troca que colaborasse para essa ampliação. Silva pergunta então se nós podemos informar sobre escolas, talvez pensando num programa que lhe permitisse aprimorar o seu currículo. E Margaret lhe responde que ‘nós podemos passar informações, mas não temos como encaminhar’. Não é fácil. O que temos a oferecer parece não ser muito. Pelo menos, nesse momento do grupo. Laís, a seguir, esclarece como o grupo pode ter informações sobre cursos e escolas. Eu intervenho, tentando contextualizar o nosso fazer, tentando demarcar tanto os limites quanto as possibilidades de nosso trabalho: ‘nós não podemos arranjar vaga em trabalho, nem em escola. Mas, a gente vê aqui no Centro de Referência que há muita falta de orientação, de informação. É finalidade nossa aqui no grupo ampliar possibilidades, talvez até um ajudando o outro. Isso é possível nós oferecermos’. Lurdes diz: ‘para mim, chega de estudar. A minha filha estudou tanto, mas tanto, fez pós-graduação, e não consegue nada. Então, para quê estudar?’ Se Silva pensa que aprimorar o currículo através de cursos pode ser um caminho para superar a situação de desemprego, Lurdes desacredita, e ela tem a prova em casa: a filha, que estudou ‘tanto, mas tanto’, e não consegue nada.

Talvez fui eu que, com a minha fala de abertura, iniciei toda essa avaliação prematura, desestabilizando o que já é em si uma situação grupal frágil, dado que não se encontra plenamente constituída a função que esse grupo pode vir a ter para as necessidades de cada um dos participantes. O que eles esperam é uma coisa muito concreta, em relação a qual a concretude da experiência do grupo que formamos se mostra distante, como se fosse um trabalho numa outra dimensão, ainda pouco clara para todos. Minha fala agora não é muito animadora, como aliás não tinham sido as da Margaret na sessão anterior, diante do gigantismo da demanda deles – um gigantismo proveniente da urgência que atravessam. A instituição, com seus limites, encolhe-se. E todos nós, funcionários de uma instituição, corremos o risco de nos tornarmos ‘médicos grosseiros’. Não é legítimo que, num grupo de desempregados, se peça emprego? No entanto, nós de fato não temos empregos para dar. Maria vem em nosso auxílio e conta que entrou em contato com uma conhecida, para ver se pode trabalhar de diarista. Ou seja, ela tomou uma iniciativa pessoal, como que querendo salientar que não

espera tudo de nós. E Conceição continua, dizendo: ‘eu acho trabalho, se for de costureira. Mas, tenho que esperar os exames. Quem vai me pegar no meio do tratamento? E, enquanto isso...’ Bem, enquanto isso estamos aqui, tentando nos haver com todas essas complexas questões. Pedro diz que levou a CAT, a comunicação de acidente de trabalho, à empresa: ‘eles não preencheram, mas a assistente social daqui disse que poderiam preencher aqui’. Novamente, o vértice das demandas é apontado para nós. Vocês podem arranjar emprego? Vocês podem arranjar um curso? Vocês podem assinar uma comunicação de acidente de trabalho? Laís e Margaret lhe respondem que ‘esse é um direito de vocês e uma obrigação nossa. Vocês sabiam disto?’ Emprego, não. Curso, não. Mas, preencher a CAT, sim. Não apenas é uma obrigação da instituição, mas um direito deles, sacramentado por alguma medida jurídica, da mesma maneira como é sacramentado na Constituição do país o direito de todos ao trabalho. Será que eles sabem disso? Silva e Lúcio dizem que tinham ‘base disto’ – de que a CAT pode ser preenchida no Centro de Referência, caso o empregador negue-se a preenche-la. Lurdes conta que, na empresa em que trabalhava, preencheram: ‘fizeram cara feia e foram grossos, mas preencheram. Só que o INSS não aceitou como acidente de trabalho, só como auxílio-doença. Eu vou voltar aqui para o dr. Jorge encaminhar de novo’. Ou seja, ela espera que o Centro de Referência emita um parecer que conteste o parecer do INSS - um parecer que tem como peça fundamental um diagnóstico clínico. Porque o que está em questão é toda uma jurisdição em torno da saúde de cada um deles. São suas dores e feridas que estão em julgamento, demandando uma retribuição pelos sofrimentos vividos.

No instante em que estamos começando a formular melhor qual o papel do Centro de Referência como um todo, e de nosso grupo em particular, eu retorno para eles e digo, referindo-me às iniciativas narradas por Maria, Conceição e Pedro: ‘parece que houve diversos movimentos do grupo esta semana’. Se eu comecei um processo de avaliação, talvez na posição de uma das responsáveis pelo grupo, quero deixar marcado para eles que o grupo vale a pena: olha quanta coisa vocês fizeram depois do nosso primeiro encontro! Pedro concorda comigo: ‘sim, porque antes eu estava sem recurso nenhum’. Pedro parece ter captado

minha intenção de apontar como o grupo pode agilizar a iniciativa deles e, se eu exagerar, ele exagera mais ainda. Ou não? De fato, eles se sentem frágeis para dar conta do que a realidade demanda. Quando até o leite e o pão estão em questão, tudo se torna vulnerável. E para eles, com o corpo ferido, sem currículo bom, com a sabedoria de que, quanto pior, melhor para se conseguir um favor, não é difícil ver-se sem recurso nenhum. Talvez, como eu tivesse dito antes que o objetivo do grupo era o de ampliar os recursos de que eles dispunham, Pedro diz que agora é que começa a ter recursos. Ou seja, foi dali que ele tirou recursos para levar a CAT até a empresa em que trabalhava. E Lurdes continua: ‘aqui a gente pega coisas que não sabe’, ressaltando o importante papel que a informação tem.

Retomando o movimento do grupo nesse encontro: Silva começa falando de uma atividade na qual mobilizava os seus próprios recursos para cuidar de sua casa – estava arrumando o telhado -, e eu o interrompo para introduzir ao grupo uma demanda minha, advinda de uma ansiedade em relação ao trabalho do próprio grupo. O grupo, então, de diversas maneiras, mobiliza-se para me atender, re-assegurando-me da validade do trabalho, até atingir o ápice no qual Pedro, desprovendo-se de todos os seus recursos anteriores, diz que é ali, no grupo, que vai finalmente obter alguma coisa. Lurdes continua, dizendo que se atrasara porque ‘tinha um homem que passou de cara feia na frente de casa. Daí, eu vi uma moça perto e falei: “vamos juntas”. Ele tinha cara de louco. Parecia que ia atacar as mulheres. Lá em cima, passou uma viatura, ele foi embora. Foi por isso que me atrasei, viu?’ Justifica-se, assegurando-me de que o motivo de seu atraso foi o homem de cara feia, com cara de louco, que passou em frente de sua casa, e não um eventual desinteresse pelo grupo. Eu retomo, fazendo uma ponte com o encontro anterior e, talvez, aliviada pelo retorno que o grupo me dá – eu é que estava sem recursos antes deles falarem, talvez diante do impacto do novo e da complexidade da situação com que nos pusemos a lidar -, desta vez mais próxima do material que tínhamos conseguido produzir: ‘na semana passada, nós falamos de situações de violência no trabalho, na demissão, no serviço médico, no INSS, e hoje estamos falando de recursos de que podemos

dispor. A Lurdes, diante do louco e do medo da violência, juntou-se à outra moça, encontrou proteção na viatura e não se intimidou, conseguiu chegar até aqui'. Eu, tal como Lurdes, também encontrei proteção, no meu caso no grupo. Mas, à diferença da experiência dela, talvez tenha sido eu que projetei no grupo o meu medo de caras feias cheias de demandas, sem saber direito como conduzir essa situação. E, agora, parte do grupo aceitava o papel da moça que passava perto e se juntava a mim para prosseguirmos o caminho. Lurdes continua: 'eu, se me tratam mal, eu trato bem. Na consulta, o médico fala grosso, eu respondo com educação. Acho que, se a gente é humilde, vence tudo'. Lurdes parece ter se reconhecido em minha fala, como alguém capaz de lidar com situações violentas. Porém, esse meu reconhecimento desperta nela um sentimento de superioridade moral não muito humilde. Ter sido reconhecida por mim parece que a deixa tão superior que é capaz de vencer tudo. Silva intervém, talvez para mostrar que a gente não vence tudo: 'mas, lá na empresa, tinha gente que passou mal e a médica dizia que não tinha nada. Tinha que fazer exame antes para saber, não é?' Ou seja, a indisponibilidade do médico pode ser um obstáculo impossível de ser superado – um fato a ser levado em consideração no desesperador resultado da soma de múltiplos contingentes que se manifestam na situação de desemprego em geral, e na situação do desempregado em particular. Podemos supor que o que Silva quer dizer para Lurdes é que nem tudo é subjetivo, nem tudo é elaboração pessoal, nem tudo é nossa habilidade em saber como lidar com as dificuldades, com o mal; e que talvez a humildade, se é esse o atributo essencial, deva ser resultante não apenas de um aprendizado sobre como responder com educação aos maus tratos, mas também de levar em consideração as possibilidades e os limites de si próprio e do contexto em que se está inserido. Maria ingressa na discussão: 'no meu caso, me mandaram embora, o INSS não resolveu, aqui também não. O que vocês me dizem?' A demanda dela – 'o que vocês me dizem?' – é ousada. Ela foi mandada embora e nada resolve a situação que se realizou em sua existência. Quem se aventura a responder? Mas, o que a incomoda é uma outra coisa, tal como ela própria explica logo a seguir: 'se eu soubesse que iriam pôr outra em meu lugar, eu não tinha assinado. Eu tinha

doado sangue para um senhor da diretoria que estava precisando, aí fizeram uns exames nesse sangue e disseram que eu tinha uma bactéria de hepatite. O médico da empresa disse que eu não ficasse impressionada, que eu tomaria uma vacina. Mas, passei a notar a diferença de tratamento. Agora, eu vou repetir o exame e vou ao advogado. Meu serviço é pesado, é limpeza, é subir em escada. As patroas não querem saber. Os filhos de hoje só pensam neles. Eu tenho medo. O INSS só dá auxílio se a pessoa está na cadeira de rodas. Eu tenho dor em todas as juntas e preciso trabalhar. O INSS não faz exames. Vou pôr a empresa no pau'. O que incomoda Maria é ter sido substituída – justo ela, que ia trabalhar meio doente, que literalmente deu o sangue para o seu patrão. Mas, o sangue dela estava doente, e parece que, para Maria, tudo se compacta. Da forma como ela deixa fluir sua narrativa, a demissão pode ser entendida como resultado de seu exame de sangue: ela deu sangue com bactérias de hepatite para o patrão e perdeu o emprego. Agora, quer fazer um novo exame, talvez para mostrar que o sangue não estava contaminado. É que ela não encontra uma saída. O trabalho dela é pesado, as patroas não estão nem aí, outros serviços não estão disponíveis e os filhos não ajudam. Ela tem medo e, por isso, vai 'pôr a empresa no pau'. O estado dela é terrível porque, apesar de doerem todas as juntas, não faz jus à cadeira de rodas que lhe traria o auxílio do INSS. Maria, que ninguém pode ajudar – nem a empresa, nem o INSS, nem aqui, nem outras patroas, nem os filhos - e precisa trabalhar, vai 'pôr a empresa no pau'. É interessante essa expressão – 'pôr no pau'. Faz referência a uma luta na qual, com as próprias mãos e dotada de um instrumento – o 'pau' -, ela se lança contra aquilo que a ameaça – uma maneira de dizer que fará justiça com as próprias mãos, utilizando-se da Justiça. A Justiça é o 'pau'. Ela sabe que é uma demanda judicial que está em questão, mas, para ela, trata-se também de uma luta. Eu intervenho e digo: 'parece que tanto a Lurdes como a Maria, apesar das dificuldades, sentem que têm uma verdade. Talvez isto seja uma força'. Digo isto porque, se bem que seja verdade que cada uma delas está encerrada em suas próprias concepções, por outro lado é só a partir destas, da verdade que encerram, que emerge a disposição, com todos os seus limites, para fazer frente à difícil realidade que

devem enfrentar. Lurdes, que quando reconhecida parece encher-se de orgulho, exhibe a sua força: ‘eu meti no pau. A Cristina, assistente social, me explicou direitinho. Nem que demore, eu corro atrás. Paguei vinte anos de INSS, os trabalhadores têm muitos direitos. Vou ficar sufocada, mas vou atrás’. Pobre Lurdes! Ainda bem que contou com os esclarecimentos da assistente social. Ela sabe que essa corrida é difícil e que, apesar de toda a sua força, vai ficar sufocada. Mas, ela vai atrás. Talvez ela esteja comunicando a mesma esperança desesperançada que já apontávamos na primeira sessão – a mesma Lurdes que já não espera mais nada, que parou de pensar e esperar, de ficar se matando. Agora vai atrás, sufocada: ‘eu meti no pau’. Ela já entrou na Justiça. Em princípio, entrar na Justiça com uma demanda sobre o que pensa serem os seus direitos deveria ser compreendido como uma atitude natural, dentro das situações de vida que se desdobram. Mas, para Lurdes, como para muitos deles no grupo, entrar na Justiça é compreendido como uma medida extrema, algo assim como avançar o sinal para ir atrás de seus direitos – como uma declaração de guerra frente a uma realidade que parece privilegiar acordos à margem da lei como forma de solucionar os conflitos de trabalho. Eu pergunto ao grupo o que pensam sobre isto. Silva acha correto, porque ‘é nosso direito’. Pedro diz que a assistente social lhe explicou sobre isto. E Maria nos comunica que nunca foi atrás dos seus direitos: ‘...eu não sabia. Se soubesse, eu corria atrás. Tinha lombalgia crônica. Quando saí do tratamento, me mandaram embora. Tiram o sangue...’. Eu comento que ‘parece que a imagem que está surgindo aqui para o sentimento de vocês, de como foram tratados na empresa, é a de ‘tirarem o sangue’, ampliando para o coletivo a construção de Maria. E é Maria quem continua: ‘eu trabalhei numa clínica, fazendo limpeza. A gente limpava aparelhos, coisas de curativo, com a luva furada’. Não só tiraram o sangue dela, mas também a expuseram a perigos, e Lúcio intervém para narrar que conhece os perigos a que Maria se refere: ‘eu trabalhei com caminhão de lixo hospitalar, tinha luva especial para usar’. E, como agora parece que o grupo pegou como tema os perigos a que estavam sujeitos quando empregados, Irene nos conta: ‘eu trabalhei em hospital e peguei alergia até hoje. Não posso usar luva. Como fui burra! O hospital foi

cruel. Eu trabalhava no centro cirúrgico. Na pressa, fura, pica, o sangue está quente, a gente não percebe’. Cruel é o desemprego e, visto desde a condição do desempregado, cruel também é o mundo do trabalho: ‘na pressa, fura, pica’, esquenta o sangue. Laís comenta que é necessário o conhecimento ‘para fazer as coisas no trabalho’. Da situação de sem emprego, passamos a falar das condições de trabalho quando empregados. Nos afastamos do cruel momento que cada um vive? Acho que não. Porque o aqui-e-agora do desemprego é insustentável, é impossível por si próprio. Remeter-se ao passado da vida de trabalho ou ao futuro da expectativa de trabalho e, no caso deles, da expectativa de uma realização jurídica favorável, é uma necessidade para a elaboração do aqui-e-agora que atravessam. O desemprego talvez só se atravessasse munidos de memória e desejo, lugares de resistência onde cada um pode encontrar os recursos para dar conta do terrível aqui-e-agora que os aprisiona. Logo após Lúcio contar dos cuidados que tomava com o lixo hospitalar, porque ‘se a gente mete a mão e se corta, a empresa não quer saber’, ele se dirige à Maria. Impressionou-lhe o relato dela. Ele lhe pergunta: ‘se a senhora não doasse o sangue, não iria descobrir? A senhora estaria empregada até hoje’. E Maria responde: ‘pois é’. E Lúcio ainda quer saber: ‘quantos meses a senhora ficou depois do exame?’ E ela: ‘não fiquei dois meses. Se eu soubesse...’ Ah, se ela soubesse... Mas, saber o que? Para ela, o motivo de sua demissão parece estar no sangue supostamente contaminado que ela teria, com a melhor das intenções, doado para o patrão. Ela queria fazer o bem e a firma achou que ela podia contamina-lo. É isso, pelo menos, que ela parece nos comunicar. É que a sua demissão é tão sem sentido! E se for um fato que o sangue dela estava contaminado, por que não supor, como o grupo sugeriu através de suas associações, que foram as próprias condições de trabalho – que furam e picam até esquentar o sangue – que a contaminaram? De quem é a responsabilidade maior pela demissão? Não esqueçamos que mentiram para ela, dizendo que iriam cortar despesas. Mas, se é assim, como justificar aquela nova moça que ela encontrou, em seguida, em seu lugar? Deve ter sido por causa do seu sangue. Se ao menos ela soubesse os reais motivos da demissão... Aliás, para todos, de algum modo, faz parte da violência do momento da demissão a falta de

esclarecimentos sobre o porquê dessa medida. A eles, que dão o sangue pelo trabalho, que não medem esforços, que doentes vão trabalhar, que são cuidadosos, chega um dia, uma hora, um instante e, de repente – porque a surpresa faz parte do momento da demissão –, têm suas vidas reviradas, num acontecimento que lhes é comunicado como não sendo nada pessoal, do tipo ‘não é por você, mas apesar de você’. Ou seja, apesar dos seus esforços, apesar do que são e do que precisam para viver, não mais poderão continuar trabalhando ali. Como que dando a entender que os complexos processos sócio-econômicos atropelam a vida pessoal de cada um dos implicados que, nesse momento, são descartados do mundo do trabalho, como cavalos, como bagaços de laranja. Margaret diz para o grupo que ‘a gente está vendo aqui que a informação é importante, fundamental’, talvez retomando a necessidade de tomarem cautela no mundo do trabalho e com os devidos e complexos procedimentos administrativos que fazem parte da situação do desempregado. Por que é que nós não problematizamos na hora a estranha construção de Maria? Por que é que deixamos como legítima sua elaboração pessoal de que o motivo de sua demissão foi o sangue contaminado? Talvez porque, como eu disse a eles, a força de suas convicções, de suas ‘verdades’, é o que eles dispõem e, encerrados nelas, sem ajuda de ninguém, as lançam para o mundo, não tanto para indagar algo, suscitando um processo reflexivo, mas para afirmar algo de si e sobre si em relação ao mundo. Claro que deveríamos ter questionado Maria. Mas, essa não é uma tarefa fácil. E eu digo a todos: ‘talvez diante do desespero do desemprego, a gente tope qualquer coisa e coloque-se em situação de risco’. Eu me referia manifestamente às situações de perigo do mundo do trabalho que eles expunham. Mas, de forma latente, talvez também estivesse comentando a elaboração de Maria que, diante do desespero da demissão, constrói sua singular elaboração. Porém ali, no grupo, eu falava sobre os cuidados no mundo do trabalho e, didaticamente, dizia: ‘mas a proteção é importante. No caso do Pedro, a caixa caiu...’, e Pedro complementa: ‘caiu e prensou minha perna’. Silva diz que ‘agora ele (*Pedro*) precisa de um laudo bom’. E, perguntado pela Margaret sobre o que é um laudo bom, Silva responde: ‘é o que abrange todos os tipos de problemas,

todos os detalhes. É o correto. Quanto mais coisas, mais fácil para o juiz analisar'. Esse é um bom laudo, o 'laudo bom' – um laudo que detalhe todos os problemas, todas as feridas provenientes da vida no trabalho e que, na situação em que eles se encontram, transforma-se quase que numa peça de honra, num diploma, cujo mérito pode fazer jus a uma pequena renda vitalícia. No primeiro encontro, o próprio Silva tinha falado sobre a dificuldade de se obter um currículo bom. Este seria um desdobramento da experiência que se pôde acumular. O laudo bom parece ser mais acessível, já que pode vir a ser dado por um outro, a partir do reconhecimento não de suas potencialidades positivas, mas pelo negativo, pelo reconhecimento de seus limites corporais, de suas dores e feridas acumuladas na experiência no mundo do trabalho. Margaret faz uma nova pergunta: 'o laudo bom é uma prova?' E Silva retoma: 'o resumo é que, se hoje eu arrumo emprego, quês exames pedem? Firma nenhuma pega com esse problema de coluna. A audiometria é essencial para o motorista. Eu me considero um profissional, mas saí de lá chateado'. A resposta de Silva é complexa. O laudo pode ganhar o atributo de 'bom' ou de seu negativo, dependendo a quem se lhe mostra. Se ele for procurar trabalho e os exames registrarem seus problemas de coluna e audição, com certeza ele não será admitido. Por outro lado, Silva ainda não tem certeza de que esses exames, quando apresentados ao INSS ou à Justiça do Trabalho, lhe farão merecedor de algum benefício. Nesse sentido ele, bem como muitos dos participantes do grupo, vêm-se numa espécie de limbo, num paradoxo enlouquecedor que pode assim ser resumido: não podem trabalhar porque apresentam problemas de saúde, mas temem que estes sejam insuficientes para legitimá-los como inválidos – isto para além da obrigatoriedade de terem que comprovar o nexo entre o problema de saúde e o mundo do trabalho. Por isto, Silva conclui: 'a minha tendência agora é trabalhar de motorista particular, é só abrir a porta pra madame. Mas, mesmo assim, precisa de referência. Um amigo está vendo para mim. Apresentado, seria melhor'. Eu intervenho: 'o laudo bom, a situação de doença, de dor, é para conseguir os direitos. Mas, para quem quer trabalhar, pode ser um obstáculo. Talvez, cada um pudesse buscar dentro de si, de sua experiência, o que tem de singular que pudesse ajudar na busca de

trabalho. Talvez cada um pudesse pensar, apesar das dificuldades, o que sente que é capaz de fazer, mesmo que não seja o mesmo da experiência anterior'. Esta minha colocação tinha por intuito abrir uma brecha nessa insólita situação na qual eles se sentem encerrados. Doentes para poder trabalhar, mas talvez não tão doentes para viver sem trabalhar. Silva me deu a deixa quando trouxe à cena a possibilidade de optar por um cenário de trabalho novo: ser motorista particular, ao invés de voltar a dirigir ônibus. Silva retoma a fala: 'poucos têm curso para dirigir ônibus de deficiente. Eles põem motorista e cobrador sem prática. Com curso, é diferente'. Como será que Silva ouviu a minha colocação? Mobilizada por ele, convidei o grupo a pensar em novos cenários de trabalho possíveis. E Silva parece fazer questão de afirmar sua especialização, opondo-se à improvisação. E, de fato, talvez a minha fala tenha trazido consigo uma certa banalização da experiência que cada um deles adquiriu no mundo do trabalho. Acho que não sou a primeira a propor a um grupo de desempregados que ampliem seu leque de alternativas, como modo de enfrentar a dificuldade de se conseguir emprego. Mas, Silva não aceita improvisações. Ele quer ser reconhecido como um especialista no campo em que trabalha. Talvez por isto, no começo da sessão, ele tenha nos perguntado sobre a possibilidade do Centro de Referência oferecer cursos. Ele parece valorizar especializações. Lurdes dá o contraponto: 'eu só agüento venda, nada que tenha movimentos nos braços eu agüento'. Silva e Lurdes: ambos limitam-se, um por sua especialidade, a outra por sua falta de movimentos nos braços. Um quer fazer valer a sua experiência de trabalho acumulada, porém entende que as incapacidades que seu corpo apresenta o atrapalham. Já para Lurdes, os limites de seu corpo constituem a estreita moldura dentro da qual, com dificuldade, ela pode projetar um futuro de trabalho: 'eu só agüento venda'. Para Lurdes, não se trata mais de querer, mas de agüentar. 'Ou eu tento entrar na Caixa'. Assim termina o nosso segundo encontro.

Terceiro encontro (29/01/2003):

Estiveram presentes Silva, Lurdes, Lúcio e Pedro, e Laís, Margaret e eu. Faltaram Rosa, Maria, Conceição e sua irmã Irene. Nenhuma delas comunicara antes a sua ausência³³.

Belinda: Hoje, pensamos em estar conversando com vocês sobre como lidam em casa com a situação de desemprego. Nós sabemos que é um motivo de preocupação e sofrimento. Alguém gostaria de falar sobre isto?

Lúcio: Ontem mesmo eu tive problema. Fui procurar emprego na Lapa. Voltei, a mulher falou: “são 10:30 e você já voltou?” Começou a mesma ladainha: “por que você não some?” E pra sumir, como você faz? Se eu tivesse parente em outro lugar, eu tinha ido embora. Dezesseis anos de casados. A mulher pensa mais no dinheiro. Quando tem, é beijinho pra cá e pra lá. Quando não tem dinheiro, não pensa em mim. Essa noite, eu dormi na cama do meu filho.

Lais: Nessa briga, os seus filhos estavam por perto?

Lúcio: O de 16 anos. Ele disse: “se meu pai for embora, eu vou também”. É só isso que eu posso falar.

Silva: Por enquanto, tenho dinheiro para receber e sempre faço isso e aquilo em casa. Mas, a mulher jogou na minha cara: “quanto tempo você vai ficar parado?” Jogou uma indireta. A gente engole em seco. Mas, eu faço coisas em casa, cozinho, etc. O homem não tem opção. É duro, tenho que arrumar alguma coisa... Ontem, a assistente social disse que eu posso dar entrada na aposentadoria. Preciso preencher a CAT e levar ao INSS, dar entrada, pegar o laudo.

Belinda: Parece que tem uma diferença de situações entre vocês dois: a sua mulher trabalha (*para o Silva*), a do Lúcio, não, não é isto?

Lúcio: Ela fica dentro de casa, não procura. Ela falou um dia que iria comigo, mas não foi. Meu filho já foi comigo.

Silva: É problema, eu mesmo fico nervoso, nessa idade é difícil.

Belinda: Vocês conversam em casa sobre isto?

³³ Após este encontro, entramos em contato por telefone com elas. Soubemos que Rosa tinha ido para o Norte buscar sua mãe, doente, para ser hospitalizada em São Paulo; Maria arrumara um trabalho temporário em casa de família e Conceição estivera ocupada com exames e consultas, a fim de retomar seu tratamento de tireóide, que ela priorizava nesse momento. Ela não retornou mais ao grupo.

Lúcio e Silva: Elas sabem.

Lúcio: As reportagens mostram 13 milhões de desempregados. Eu tenho cinco fichas na rua, falo pra ela. Estava chovendo ontem, ela falou pra eu sair com o guarda-chuva. Eu perco a paciência. Fui para a casa da minha mãe. Dormi com o meu filho.

Margaret: Ela trabalhava antes de vocês casarem?

Lúcio: Sim. Quando nós casamos, ela estava grávida de um mês. Depois, ela saiu do emprego, eu ganhava bem naquela época. Desde os 12 anos eu trabalhei. Agora, só há oito meses eu estou sem trabalho. Agora, a época está difícil, ela tinha que pensar o que tem pra trás. Se o dinheiro guardado acabou, eu não vou roubar! São três estudando, o cadarço aperta. Se Deus quiser, as coisas mudam.

Belinda: Como era antes disso a relação de vocês?

Lúcio: Ótima, normal, só as discussões simples. Agora, está violento. Se arrumar emprego, volta ao normal. É difícil entender.

Belinda: Você fica ressentido...

Lúcio: Sim. Se eu quiser emprego, tem. Ofereceram-me para fazer o trajeto Mato Grosso - São Paulo, ficar um mês fora, pra ganhar 500 reais. E se arriscando. Não compensa! Quando eu voltar, tem só 300.

Silva: E o trabalho que se arruma é provisório. Com dois meses, mandam embora. É o jogo. Eu já trabalhei assim, tenho bagagem de agência.

Lúcio: Eu não, só em empresa.

Margaret: Expliquem como funciona, que eu não entendo.

Silva: O salário é X e a agência tira a parte dela. Ganham dos dois lados³⁴.

Lurdes: Onde eu trabalhava, era assim. A agência mandava aquela quantidade de gente para um certo tempo.

Laís: É como se fosse por empreitada.

Lurdes: Minha filha é formada, está fazendo pós-graduação. Eu falei pra ela: "para de estudar que não tem retorno. Para quê tanto? Ela gasta três conduções de ida, três de volta. A empresa paga a condução e a refeição. E ela ganha 600 reais. O chefe disse pra ela comprar um carro. Ela estuda Administração de Empresas.

³⁴ O outro lado seria a comissão que a empresa paga pelo agenciamento dos trabalhadores.

Se tem estudo, é difícil, não tem, é difícil...o negócio dela é estudar. Mas, até agora, não chegou a vez dela. E ela ainda ajuda em casa com 50 reais. Eu estou vendendo Natura, De Millus, arrumei isto por enquanto. Porque ficar em casa com homem dentro de casa, desculpem vocês (*dirigindo-se aos homens do grupo*), me irrita! Um encontrando com o outro, um esbarrando no outro! Eu tenho vinte anos que eu trabalho, não posso ficar em casa.

Lúcio: Se estivessem trabalhando, só se encontravam de noite.

Lurdes: Dá uma aflição, um nervoso, não via a hora de vir hoje. Levantei mais cedo, fui preencher ficha. Se Deus quiser, entro na Caixa e vou fazer alguma coisa.

Belinda: A rotina de casa muda muito, então...

Lurdes: Sim. E chega o fim do mês, eu fico apavorada!

Lúcio: Já estou nisso há algum tempo.

Lurdes: Apavora! São três adultos, dois papagaios e três cachorros. Eles gritam, distraem a gente. Depois que entrar na Caixa, vou tentar olhar uma criança. Meu marido, à noite toda se acaba com falta de ar. E se ele não tivesse a aposentadoria? Ele ajuda em casa, mas ele faz as tarefas, eu vou lá, acho que não está bem feito, faço de novo.

Laís: O que irrita é que não é do seu jeito?

Silva: Em casa, eu domino, eu arrumo e falo: "aí não é lugar de deixar essas coisas".

Lurdes: Tudo irrita.

Silva: Eu estou até com medo...Vou dormir cedo e 1, 2 da manhã, eu acordo. Fico preocupado. Minha mulher trabalha com um paciente, ele é um morto vivo. Eu já falei com ela: "e se ele morre?" Deus dê longa vida a ele. Ela não é registrada. Se ela parar, complica. Por enquanto, dá pra levar. Mas, ela já falou pra eu dar um jeito. Eu falei pra ela que serviços domésticos eu não agüento muito tempo. Mas, se eu for fazer um teste para trabalhar, o primeiro que vão ver é a audição. Então, é complicado. Agora, se eu tiver um laudo bom, aí dá pra juntar tudo e entrar na Caixa.

Lurdes: Eu vou ter uma encrenca doida no INSS, mas não vou aceitar. Eles enganam, já me informei.

Pedro: Minha situação é triste, também. Deixei filho e companheira há um mês e meio. Não agüentava ver ela queixar e matar-se de trabalhar. Aí, fui para a minha mãe. E uma amiga dela inventou que eu estava com outra. E eu não tenho nem dinheiro pra resolver os meus problemas. Mas, eu não dou muita satisfação.

Silva: É sempre assim, estou ficando preocupado...

Belinda: O que nós podemos fazer, existem caminhos para não degradingolar?

Silva: Se a minha mulher me dissesse "não agüento ver a tua cara", eu saía fora. Se chegasse a essa situação, eu ia pro mundo. Depender de parentes, jamais! Mas, a mulher gosta muito de mim, ela pensaria muito, duas vezes, antes de fazer isso.

Lurdes: Eu jamais falo pro meu marido. Me irrita, mas jamais falo pra ele. Jogar na cara, não!

Silva: Eu, graças a Deus, estou indo. Mas estou nervoso, apreensivo. Eu saio pra um lado, para o outro, sinto depressão, estou sem ânimo, não sinto graça de nada, não quero estar em roda de amigos. Minha cunhada já perguntou o que eu vou fazer da vida.

Laís: Você sentiu como uma cobrança?

Silva: Não analisei. Será que falou por mal? Até meu irmão já falou: "você tem que arrumar alguma coisa!".

Lurdes: Eu estou há seis meses em casa, nós não brigamos. Ele é sossegado, conformado. Acho que esta é uma humilhação muito grande de se jogar na cara. Ele é bom marido, bom padrasto, o que me irrita é ficar dentro de casa. Eu admiro muito ele, ele não reclama. Mas, eu sei que, por dentro, ele está...Eu fico apavorada!

Belinda: Apareceram aqui várias situações: a do Pedro, que saiu de casa, a do Lúcio, que ontem brigou em casa, e companheiros como da Lurdes, ou do Silva, mais tolerantes. Parece que há diferenças na tolerância com essas situações.

Lurdes: É muito importante.

Pedro: Eu não briguei, peguei as roupas e não esquentei a cabeça. Ela é nervosa.

Lúcio: Ela falou que eu estava errado, eu saio fora se ela não quer. Tentei lavar a louça depois da briga, e ela: "sai, sai...". Se a coisa vai acumulando, pode fazer cagada, é melhor ir pra rua. Eu estava pensando...eu caio no meio do mundo.

Silva: A gente sabe o risco da estrada, bandido....

Lúcio: Mas eu vou conversar com ela hoje, com o filho, vamos tentar, não chegamos a passar fome.

Laís: Será que ela não gostaria de vir ao grupo?

Lúcio: Quem sabe ela vem? Mas, o negócio dela é bater cartão na igreja todo dia. O que a igreja tem a ver com emprego?

Silva: Nada. A igreja, não.

Lúcio: Se bem que eu gosto de ler a Bíblia, especialmente o salmo 9.

Lurdes: Eu li esse salmo na hora da morte do meu filho. Quando eu oro, eu começo a chorar. Nessa hora, o sangue dele desapareceu e, depois, ele morreu.

Belinda: Como foi?

Lurdes: Foi em 1º de dezembro de 1996, ele tinha 19 anos. Foi um acidente de moto no Piauí. Ontem eu lembrei. Faz tempo que eu não choro. Ah, se eu visse o meu filho!

Silva: Às vezes, é bom chorar.

Lurdes: Eu o vi se acabando. Me sinto forte. É duro para uma mãe. Ele deixou filho, a mulher dele grávida. Eu fico com essa dor dentro de mim. Eu estou com a Bíblia aqui (*tira da bolsa*). Alguém quer ler?

Belinda: A gente está falando de muitas perdas...

Lurdes: Não tem emprego, não é nada. Nada é por acaso, tem um porquê. Eu fico conversando com Deus.

Margaret lê o salmo:

SALMO 9-10

Deus abate os ímpios e salva os humildes

*Eu te celebro, Iahweh, de todo o coração,
proclamo todas as tuas maravilhas!*

*Eu me alegro e exulto em ti,
e toco ao teu nome, ó Altíssimo!*

*Meus inimigos voltam atrás,
tropeçam e somem à tua presença,
pois defendeste minha causa e direito:
sentaste em teu trono como justo juiz.*

*Ameaçaste as nações, destruístes o ímpio,
para todo o sempre apagaste o seu nome.
O inimigo acabou, para sempre em ruínas,
arrastaste as cidades, sua lembrança sumiu.*

*Eis que Iahweh sentou-se para sempre,
para o julgamento firmou o seu trono.
Ele julga o mundo com justiça,
governa os povos com retidão*

*Seja Iahweh fortaleza para o oprimido,
fortaleza nos tempos de angústia.
Em ti confiam os que conhecem teu nome,
pois não abandonas os que te procuram, Iahweh!*

*Tocai para Iahweh, que habita em Sião;
narrai entre os povos as suas façanhas:
ele busca os assassinos, lembra-se deles,
não se esquece jamais do clamor dos pobres.*

*Piedade, Iahweh! Vê minha aflição!
Levanta-me das portas da morte,
para que eu proclame os teus louvores,
e com tua salvação eu exulte
às portas da filha de Sião!
Os povos caíram na cova que fizeram,
no laço que ocultaram prenderam o pé.
Iahweh se manifestou fazendo justiça,
apanhou o ímpio em sua manobra.*

*Que os ímpios voltem ao Xeol,
os povos todos que esquecem a Deus!
Pois o indigente não será esquecido para sempre,
a esperança dos pobres jamais se frustrará.*

*Levanta-te, Iahweh, não triunfe um mortal!
Que os povos sejam julgados em tua frente!
Infunde-lhes medo, Iahweh:*

Saibam os povos que são homens mortais!

Lúcio: Eu leio isto todo dia à noite, quando fico nervoso.

Lurdes: Quando a gente está com angústia, depressão, é recomendado. Antes de o meu filho morrer, eu fui assaltada. Dei tudo e, depois, entrei numa depressão profunda, sem coragem para trabalhar, tinha medo de tudo. Um dia, cheguei em casa à noite, vi luz acesa, achei que era bandido esperando pra me assaltar. E era meu filho dentro de casa, dormindo. Eu não ia sozinha pra firma, só chorava. Daí, meu supervisor viu e me deu esta Bíblia. Aí, tudo mudou. Eu nunca tinha pegado numa Bíblia. Antes, para dormir, eu tinha que beber bebida forte, whisky. Quando todos deitavam, eu bebia.

Lúcio: Daí não dorme, desmaia.

Lurdes: Quem me salvou foi a palavra de Deus. Sou católica, a gente não precisa ser crente.

Ao final, Lurdes oferece às coordenadoras produtos da Natura.

Eu inicio este terceiro encontro colocando um tema para o grupo. Este procedimento tinha sido acordado entre mim, Laís e Margaret, pois estávamos interessadas em explorar a vida familiar dos membros do grupo. ‘Hoje, pensamos em estar conversando com vocês sobre como lidam em casa com a situação do desemprego. Nós sabemos que é um motivo de preocupação e sofrimento. Alguém gostaria de falar sobre isto?’ Trabalhar com um foco facilita a exploração e o aprofundamento das questões que mobilizam o grupo, além de oferecer algo assim como uma moldura para a dinâmica dos processos grupais. E como o nosso projeto inicial era investigar especificamente o impacto do desemprego na dinâmica familiar, acreditamos que colocar um foco neste tema contribuiria, como dissemos, nessa exploração. Acho que acelerei em excesso na oportunidade porque, para além do foco, eu própria qualifiquei antecipadamente a exploração que estava por vir: ‘nós sabemos que é um motivo de preocupação e sofrimento’. Sabemos mas, com certeza, prescindiria dessa qualificação, para deixar que surgissem de forma mais aberta as associações do próprio grupo.

Claro que não devo ser eu que vou contaminar de preocupação e sofrimento as apresentações que se seguem. Mas, sem dúvida, a minha fala deve ter tido um impacto, se não seletivo, de priorização. O ‘alguém gostaria de falar sobre isto?’ com que finalizo a minha introdução também é questionável a partir do ponto de vista de uma sistemática de trabalho – que eu faço minha – que prioriza um mínimo de intervenção para permitir a manifestação da produção do grupo. Minhas palavras finais, mais do que um convite, podem ser entendidas como uma convocação, uma demanda para o grupo se colocar. Lúcio imediatamente me atende, comentando: ‘ontem mesmo eu tive problema. Fui procurar emprego na Lapa. Voltei, a mulher falou: “são 10:30 e você já voltou?” Começou a mesma ladainha: “por que você não some?” E pra sumir, como você faz? Se eu tivesse parente em outro lugar, tinha ido embora. Dezesseis anos de casados. A mulher pensa mais no dinheiro. Quando tem, é beijinho pra cá e pra lá. Quando não tem dinheiro, não pensa em mim. Essa noite, eu dormi na cama do meu filho.’ Na cena que Lúcio traz, encerra-se uma profunda complexidade. Ele está procurando emprego. Deve ter saído cedo e volta para casa no meio da manhã, para desespero da esposa, a ‘mulher’. ‘São 10:30 e você já voltou?’ O que quer dizer essa fala? Obviamente, ela não está satisfeita. Esperaria ver o marido nessa hora longe, e longe, aqui, quer dizer trabalhando, envolvido em seus afazeres, em outro ambiente. Em princípio, ver o marido em casa poderia ser, senão uma alegria, um fato natural. Não na casa do Lúcio. ‘Por que você não some?’ Ela talvez quisesse dizer: ‘por que você não está trabalhando?’ Por isso Lúcio, comentando a fala da esposa, pergunta-se: ‘e pra sumir, como você faz?’ E pra arranjar emprego, como é que se faz? Como é que se faz para arranjar os provimentos necessários para a vida? Como é que se faz para ocupar o tempo de maneira produtiva? O fato de Lúcio apresentar a fala de sua esposa como sendo ‘a mesma ladainha’ reitera não só que a cena não é nova, mas que ela se repete, da mesma forma, com frequência. Bem que Lúcio gostaria de sumir, tal como sua mulher tanto quer. Mas, ‘como você faz?’ Desempregado, o mundo de Lúcio se encolheu, tal como seus momentos fora de casa. ‘Se eu tivesse parente em outro lugar, eu tinha ido embora’. Os parentes dele moram todos por ali mesmo. Ele é

vizinho da mãe e da sogra, a primeira morando duas casas ao lado da sua e a segunda em seu quintal. Não dá para ir embora, Lúcio não tem para onde ir. Se, para ele, é angustiante estar desempregado, para a mulher também é. E trata-se de uma angústia tão presente que os implica pessoalmente. Na cena descrita, ambos não discutem sobre, por exemplo, como foi a procura de emprego, ou aspectos externos à dinâmica deles. Eles implicam-se pessoalmente. Se ela está preocupada com o fato de Lúcio estar sem trabalho, pelo Lúcio, isto não aparece. O que é trazido à cena é que Lúcio incomoda, em casa sem emprego. E Lúcio também não contextualiza as atitudes dela: ‘a mulher pensa mais no dinheiro. Quando tem, é beijinho pra cá e pra lá. Quando não tem dinheiro, não pensa em mim’. Ah, se Lúcio trouxesse dinheiro pra casa! Beijinhos pra cá e pra lá, cintilando feito estrelas, preencheriam o seu horizonte. Mas, como ele não traz, ela nem nele pensa. E ele pensa nela pensando no dinheiro que ele não traz. Foi procurar emprego na Lapa, voltou cedo e, nessa noite, não dormiu com ela. ‘Dormi na cama do meu filho’. De algum modo, o lugar de pai de família, de homem da casa, está ameaçado. Nessa noite, Lúcio perdeu esse lugar. Pela primeira vez, ou já se tornou ladainha? Laís pergunta: ‘nessa briga, os seus filhos estavam por perto?’ ‘O de 16 anos. Ele disse: “se meu pai for embora, eu vou também”. É só isso que eu posso falar’. Lúcio conta com a cumplicidade do filho numa situação em que está colocada de forma explícita a possibilidade de ruptura, mesmo que Lúcio não tenha para onde ir. Se sabíamos que o desemprego é motivo de preocupação e sofrimento, a situação que Lúcio relata bem o ilustra. Dezesseis anos de casados. Silva engata: ‘por enquanto, tenho dinheiro para receber e sempre faço isso e aquilo em casa’. Sorte a do Silva. Se as mulheres só pensam no dinheiro, por enquanto ele está garantido. Se bem que ele também faz ‘isso e aquilo em casa’ – uma boa dica para o Lúcio. Agrada às mulheres? Mas, mesmo assim, ‘a mulher jogou na minha cara: “quanto tempo você vai ficar parado?” Jogou uma indireta. A gente engole em seco’. Jogar na cara é terrível. É uma maneira de dizer que o envergonhou. Isto não se faz. Desestabiliza a estrutura que nos suporta e, mais do que nos pôr em questão, nos destrói. Afinal de contas, uma pessoa tem que ter vergonha na cara. ‘Quanto tempo você vai

ficar parado?', é o terrível desafio lançado a ele. Tudo bem que ele faça 'isso e aquilo em casa' mas, até quando 'você vai ficar parado?' A indireta que Silva recebeu e teve que engolir em seco é que, apesar do isso e aquilo que ele faz em casa, sua esposa não está satisfeita. E ele, está? Claro que não. Mas a insatisfação da esposa o ameaça. Pior, de acordo com os valores que o estruturam, o destrói. E Silva tem que engolir em seco. 'Mas eu faço coisa em casa, cozinheiro, etc. O homem não tem opção. É duro, tenho que arrumar alguma coisa...' Pela linha associativa de Silva, seu fazer em casa não é bem uma opção, mas talvez uma maneira de, por assim dizer, divertir, desviar e fazer esquecer, para ele e para a esposa, a terrível indireta que paira sobre a vida deles. 'Ontem, a assistente social disse que eu posso dar entrada na aposentadoria. Preciso preencher a CAT e levar ao INSS, dar entrada, pegar o laudo'. Ao menos, arrumar a aposentadoria. E, para isto, Silva tem uma pesada jornada burocrática: trabalho de desempregado, seu trabalho. Eu ouço o relato de Silva e de Lúcio identificada com o impacto da pressão da demanda que suas esposas fazem sobre eles. Ocorre-me a lembrança das entrevistas iniciais, em que fiquei sabendo que a mulher de Silva trabalha e a de Lúcio, não. E digo para eles e para todo o grupo: 'parece que tem uma diferença de situações entre vocês dois: a sua mulher (*para o Silva*) trabalha, a do Lúcio, não, não é isto?' Lúcio responde que 'ela fica dentro de casa, não procura. Ela falou um dia que iria comigo, mas não foi. Meu filho já foi comigo'. Minha questão toma como natural que a mulher deva trabalhar. Mas, na casa de Lúcio, parece que não é assim ou, pelo menos, não era assim. Parece que, dada a nova situação advinda com o desemprego dele, abre-se uma expectativa de que ela também procure trabalho. 'Ela fica dentro de casa, não procura'. A frase guarda um certo tom de crítica. Parece que Lúcio também acha que ela deveria procurar. E ela própria parece ter esboçado um movimento nessa direção. '...mas não foi. Meu filho já foi comigo'. Na casa de Lúcio, não é a mulher, mas o filho que se agrega ao pai na busca de provimentos. Silva intervém: 'é problema, eu mesmo fico nervoso, nessa idade é difícil'. A fala de Silva, mais do que uma reflexão, parece ser a expressão de uma perplexidade. O que é problema? A fragilidade da situação? A demanda das mulheres? O ter que transformar toda uma organização

familiar para fazer frente à situação? Silva fica nervoso. Na idade dele, e talvez na de Lúcio também, é difícil tudo isso. Em parte, podemos pensar que Silva gostaria de poder contar com os anos da juventude e com um vigor menos caído. Mas, pode ser também parte da perplexidade o sentimento de que toda a sua experiência acumulada, o cenário de vida pessoal que todos esses anos deixaram surgir, se mostre ameaçado e em crise. E, por último, nessa idade é difícil porque, no mundo do trabalho, as idades de Silva e Lúcio limitam as opções de empregabilidade. Pergunto para eles se, em casa, conversam sobre tudo isso. Ambos acenam positivamente e, quase em coro, respondem: ‘elas sabem’. Lúcio continua: ‘as reportagens mostram 13 milhões de desempregados. Eu tenho cinco fichas na rua, falo pra ela. Estava chovendo ontem, ela falou pra eu sair com o guarda-chuva. Eu perco a paciência. Fui para a casa da minha mãe. Dormi com o meu filho’. Toda a demanda que o mundo faz sobre um existente, para Lúcio parece se concentrar na mulher. Talvez é para ela ou, através dela, para ele próprio – porque quem sabe não se trate de uma projeção, na mulher, de um complexo de demandas que o fustigam -, que Lúcio apela para uma generalização racional – os 13 milhões de desempregados –, na qual encontra um refúgio. Menos culpa. Lúcio está tentando retomar o trabalho: pela grande São Paulo, ele já deixou cinco fichas. Mas a mulher parece que está insatisfeita com os seus esforços. Chovia ontem e ela não quis nem saber. ‘Pega um guarda-chuva e vai procurar emprego!’ Lúcio, tal como Lurdes na sessão passada, parece sufocado. A vontade dele é ir para outro lugar, talvez sumir de tudo, pelo desespero frente a uma mulher que parece pensar que o culpado maior pela angustiante situação gerada pelo desemprego é o próprio Lúcio. E ele não sabe reagir a essa situação: ‘eu perco a paciência’. Mas, como é possível ter paciência se, por um lado, não se encontra trabalho e, por outro, a mulher demanda trabalho já? Lúcio perde a paciência que, na verdade, parece faltar a ela. Para a mulher de Lúcio, segundo ele, se ele não tivesse voltado às 10:30 e nem tivesse se restrito à Lapa, mas tivesse andado pela Penha, Mooca, Vila Matilde, Pompéia, Sumaré, Centro, Butantã, Vila Isabel, enfim, se ele tivesse se espalhado por toda São Paulo, deixando não 5 fichas, mas 50000, agora a situação seria outra. Sabe como

é que é, os tempos estão difíceis e a gente precisa dar o máximo de nós! Lúcio aqui está ampliando o relato da discussão que teve ontem com a esposa. Ele saiu cedo, na chuva, e não voltou tão molhado quanto a esposa esperaria. Porque para ela, talvez, quem está na chuva tem que se molhar. Depois do difícil diálogo com ela – aliás, será que a situação de desemprego estremece as relações de um casal? - , Lúcio passou o resto do dia na casa da mãe e voltou à noite, para dormir com o filho. Margaret quer saber mais sobre a esposa, convidando-o a falar sobre o período em que ela trabalhava: ‘ela trabalhava antes de vocês casarem?’ Lúcio responde: ‘sim. Quando nos casamos, ela estava grávida de um mês. Depois, ela saiu, eu ganhava bem naquela época. Desde os 12 anos eu trabalhei. Agora, só há 8 meses eu estou sem trabalho’. Lúcio não começou ontem. Com seus trinta e nove anos, ele já tem 23 anos de trabalho. Só há 8 meses que está fora da ativa. E, à vida de trabalho dele, acoplou-se a sua mulher. ‘Ganhava bem naquela época’ – naquela época: é um outro tempo, outro cenário. Agora, a época está difícil. ‘Ela tinha que pensar o que tem para trás’. Para Lúcio, sua esposa está desconsiderando o seu percurso, desvalorizando-o, talvez. ‘Se o dinheiro guardado acabou, eu não vou roubar’. Parece ter se estabelecido na dinâmica deles um pano de fundo, de medidas, a partir das quais uma degeneração está em curso, uma desvalorização está em andamento. Como o dinheiro vai acabando, ou melhor, como o dinheiro guardado acabou, foi minguando aos poucos, a experiência de trabalho de Lúcio também parece estar num processo de desagregação. E não só o seu trabalho, mas a sua própria experiência e a confiança pessoal que foi construindo para si e para os outros de que ele é alguém capaz de dar conta das demandas básicas da vida de forma produtiva. Ladrão, ele não vai ser. Mas talvez a realidade esteja lhe roubando a confiança em si que ele tinha e projetava ao seu redor. ‘São três estudando, o cadarço aperta’. Bom que seja o cadarço. É bem mais embaixo e menos ameaçador do que a gola no pescoço. Mas, na verdade, talvez a demanda do mundo sobre Lúcio, condensada na cena dos três filhos que ainda estudam e precisam continuar estudando para Lúcio se sentir cuidando dos seus, o faça sentir-se como um condenado. ‘Se Deus quiser, as coisas mudam’. Pois é. A quem mais

apelar? Mas as coisas têm que mudar. Sem dar trégua para Lúcio, eu lhe pergunto: ‘como era antes a relação de vocês?’ ‘Ótima, normal, só as discussões simples...’ Bem, parece que não dá para idealizar: começam ótimas, passam pelo normal e desembocam nas discussões simples. ‘Agora, está violento. Se arrumar emprego, volta ao normal. É difícil entender’. O que Lúcio queria? Que as coisas continuassem ‘normal’ sem emprego? Isso seria mais difícil de entender. Mas, Lúcio gostaria que o afeto de sua mulher fosse incondicional, como todos nós gostaríamos. Os melhores beijinhos pra cá e pra lá são aqueles que deveríamos receber só pelo fato de existirmos, por estarmos aqui neste mundo sem que tenhamos pedido para isto. Mas, tudo nesta vida é tão interesseiro que é difícil de entender. Neste mundo, o normal só acontece se arrumar emprego – o que, na linha de raciocínio que entretece Lúcio nesse momento, quer dizer que as coisas só voltam ao normal se houver dinheiro. É disto que depende não apenas o estudo dos três filhos, mas inclusive os beijinhos pra cá e pra lá. Eu aponto para ele o ressentimento que se desprende de sua fala, e ele o reconhece: ‘sim. Se eu quiser emprego, tem. Ofereceram-me pra fazer o trajeto Mato Grosso - São Paulo, ficar um mês fora, pra ganhar 500 reais. E se arriscando. Não compensa! Quando eu voltar, tem só 300’. A fala dele é um complemento que revela sem dizer o que o deixa ressentido. O que a organiza é uma crítica à ansiedade da esposa, que gostaria de lhe ver em atividade, em qualquer atividade. Lúcio quer se dar o direito de optar, de avaliar suas escolhas. O fato de eu ter reconhecido seu ressentimento o retira da condição de desvalorização e permite a emergência de uma potência, ainda que virtual, diante do mundo. Silva intervém, empatizado com Lúcio: ‘e o trabalho que se arruma é provisório. Com dois meses, mandam embora. É o jogo. Eu já trabalhei assim. Tenho bagagem de agência’. A potência despertada em Lúcio convida Silva a falar obre o mundo do trabalho que eles conhecem. Só que o tom com que Silva dota a sua fala é o do ressentimento. Não é só Lúcio que está ressentido com a falta de compreensão da esposa. Ele e Silva estão também ressentidos com o mundo do trabalho que conhecem. Desemprego e ressentimento parecem andar juntos. Ou melhor, a visão de mundo do desempregado tinge-se de ressentimento, de uma mágoa que impacta

profundamente - um ultraje, uma ofensa, uma vivência da qual fazem parte os sentimentos de desconsideração e menosprezo. E é justamente esse componente ressentido que emoldura, em grande parte, as elaborações de todos do grupo sobre o mundo do trabalho. Não que de fato não façam parte da realidade desse mundo situações que ‘picam, furam e esquentam o sangue’, como dizia a Irene no segundo encontro, ou ‘médicos grosseiros’, como os trazidos por Lurdes. Mas, o menosprezo promovido pela expulsão do mundo do trabalho põe em circulação um olhar que menospreza o mundo, selecionando dele aquilo que ‘pica, fura e esquenta o sangue’. Assim, talvez seja o menosprezo vivido por Silva que o faz ressaltar, da experiência de trabalho que ele já teve, o ‘jogo’ do ‘provisório’, a bagagem de agências. Ou seja, ele reduz sua experiência de trabalho à condição de jogo e ele, o trabalhador, em decorrência, a uma peça que pode ser descartada. Lúcio lhe responde que sempre trabalhou em empresa e, portanto, não tem bagagem de agências. Margaret quer entender como funciona o trabalho agenciado. E Silva explica: ‘o salário é X e a agência tira a parte dela’. Lurdes também conhece essa modalidade precária de contrato de trabalho: ‘onde eu trabalhava, era assim. A agência mandava aquela quantidade de gente para um certo tempo’. Bem pós-moderna essa forma de contrato de trabalho! Remete aos bóias-frias na colheita do canavial, à arregimentação da força de trabalho por um tempo fixo e breve, o da colheita. Laís comenta: ‘é como se fosse por empreitada’. Lurdes retoma: ‘minha filha é formada, está fazendo pós-graduação. Eu falei pra ela: ‘para de estudar que não tem retorno. Para quê tanto? Ela gasta três conduções de ida, três de volta. A empresa paga a condução e a refeição. E ela ganha 600 reais. O chefe disse pra ela comprar um carro. Ela estuda Administração de Empresas. Se tem estudo, é difícil, não tem, é difícil...o negócio dela é estudar. Mas, até agora, não chegou a vez dela. E ela ainda ajuda em casa com 50 reais. Eu estou vendendo Natura, De Millus, arrumei isto por enquanto. Porque ficar em casa com homem dentro de casa, desculpem vocês (*dirigindo-se aos homens do grupo*), me irrita. Um encontrando o outro, um esbarrando no outro! Tem 20 anos que eu trabalho, não posso ficar em casa’. O ressentimento de Lurdes não se limita à insegurança do trabalho contratado por

agências. A situação da filha estudada também a deixa ressentida. Para quê tanto estudo, se não há retorno? Aliás, para Lurdes, do jeito que as coisas andam, tudo é difícil: ‘se tem estudo, é difícil, não tem, é difícil’. Diante das dificuldades da vida, Lurdes não acredita que o estudo ajude. E ela tem dados da realidade para confirmar sua descrença - a filha consegue colaborar em casa com 50 reais. Ela própria tem um trabalho precário, é vendedora autônoma e é isso que faz, por enquanto. E, da maneira como o relato dela se organiza, faz essa atividade não tanto pelo que consegue ganhar, mas porque ‘ficar em casa com homem dentro de casa...irrita’. E Lúcio comenta: ‘se estivessem trabalhando, só se encontravam de noite’. Lurdes: ‘dá uma aflição, um nervoso, não via a hora de vir hoje. Levantei mais cedo, fui preencher ficha. Se Deus quiser, entro na Caixa e vou fazer alguma coisa’. Se, para Lúcio, a impaciência de sua esposa lhe parecia algo assim como um egoísmo pessoal dela diante das dificuldades, a fala de Lurdes tem a potencialidade de generalizar a aflição do encontro que não é esperado, mas tornado inevitável. Ao verem-se encerrados em suas casas, seus espaços particulares esbarrarem-se, como diz Lurdes, ‘dá uma aflição, um nervoso’. Lurdes topa qualquer coisa para evitar esses encontros. Talvez porque o que um encontra ao esbarrar no outro não é tanto o companheiro mas, através dele, o condensado das dificuldades, ameaças e impotências que fazem parte do dia-a-dia. O comentário de Lúcio parece ser um pensar em voz alta, talvez uma lembrança, senão dos bons tempos, pelo menos dos tempos de trabalho. Eu reverbero para eles que a rotina de casa muda muito, numa frase em que deixo o desemprego como sujeito oculto. E Lurdes, captando o sujeito da minha frase, me responde: ‘sim. E chega o fim do mês, eu fico apavorada’. Porque a questão da rotina da casa talvez não seja uma causa, mas uma consequência das dificuldades todas que emergem a partir da situação de desemprego. Para Lurdes, o fim do mês é o ingresso em tudo aquilo que apavora. É a partir do fim do mês, talvez, que eles se esbarram ao se encontrar, que se irritam, que se afligem. Talvez Lurdes esteja respondendo ao Lúcio, em sua leitura crítica a respeito da esposa só estar pensando no dinheiro e não nele – ‘quando não tem dinheiro, não pensa em mim’. A partir do fim do mês, diz Lurdes, ou seja, a partir do momento

em que se fazem contas e se levam em consideração as necessidades e obrigações a saldar, não só apenas se pensa em dinheiro, mas se apavora pelo dinheiro: ‘apavora! São três adultos, dois papagaios e três cachorros. Eles gritam, distraem a gente. Depois que entrar na Caixa, vou tentar olhar uma criança. Meu marido, a noite toda se acaba com falta de ar. E se ele não tivesse aposentadoria? Ele ajuda em casa, mas ele faz as tarefas, eu vou lá, acho que não está bem feito, faço de novo’. Se os assuntos na Caixa derem certo, então o fim do mês vai aliviar um pouco, mas ainda resta a questão do encontro indesejado ou exagerado com o marido dentro de casa. Parece melhor conviver com dois papagaios e três cachorros. A gritaria deles ao menos distrai. Já o marido, não. Fixar-se o tempo todo no marido para Lurdes parece tão sufocante quanto a falta de ar em que ele se acaba à noite. ‘Vou tentar olhar uma criança’, talvez porque o marido tornou-se um condensado de inoperância em que cada fazer seu não é bem feito, demandando a intervenção de Lurdes, que faz de novo. Laís, talvez achando autoritária demais a fala de Lurdes, pergunta-lhe: ‘o que irrita é que não é do seu jeito?’, e Silva, talvez para marcar uma posição diante da fala de Lurdes: ‘em casa, eu domino, eu arrumo e falo: “aí não é lugar de deixar essas coisas”’. Talvez Silva esteja reagindo assim para dizer que, na casa dele, é ele que domina. E tem mais: o modo como Lurdes refere-se ao seu marido, para Silva, ‘não é lugar de deixar essas coisas’. De acordo com ele, os homens não podem ser deixados nesse lugar tão desprestigiado. E Lurdes, retomando a pergunta de Laís mesmo após a intervenção de Silva, responde: ‘tudo irrita’. Lúcio e Silva, cada um ao seu modo, gostariam que as mulheres soubessem separar o joio do trigo. Está certo que as coisas estão difíceis, mas eles não tiveram culpa pelas coisas se apresentarem como estão. Não foram eles os responsáveis principais pelo que lhes sucede. Para Lurdes, toda essa situação é puro joio. Separar o quê? Separar a falta de dinheiro do marido que sufoca toda noite e tenta ajudar em casa, mas não faz bem as tarefas? Da filha, que estuda mas quase não ganha nada? Lurdes condensa tudo e expressa: ‘tudo irrita’. Silva, quem sabe impactado pela intensa carga afetiva da fala de Lurdes, diz: ‘eu estou até com medo ...Vou dormir cedo e, uma ou duas da manhã, eu acordo. Fico preocupado. Minha mulher trabalha

com um paciente, ele é um morto-vivo. Eu já falei com ela: “e se ele morre? Deus dê longa vida a ele”. Silva, apesar de tudo, conta com a sorte de ter a sua esposa trabalhando. Mas a relação de trabalho dela sustenta-se por um fio, agonizando como o paciente que ela cuida. Enquanto ela trabalha - e, portanto, ambos não se esbarram no dia-a-dia -, ele em casa reza para que esse morto-vivo tenha uma longa vida. ‘Ela não é registrada. Se ela parar, complica. Por enquanto, dá pra levar, mas ela já falou pra eu dar um jeito. Eu falei pra ela que serviço doméstico eu não agüento por muito tempo. Mas, se eu for fazer um teste para trabalhar, o primeiro que vão ver é a audição. Então, é complicado. Agora, se eu tiver um laudo bom, aí dá pra juntar tudo e entrar na Caixa’. Mesmo trabalhando, a esposa demanda de Silva que ele arrume um trabalho. Ela sabe da instabilidade do seu trabalho e Silva também sabe de seus limites. Não se vê apto para retomar as atividades anteriores e ‘serviço doméstico eu não agüento por muito tempo’. Daí, só a Caixa pra resolver os problemas financeiros. Porém Silva, mesmo se for bem sucedido em seu pedido à Caixa, mesmo se conseguir o laudo bom, terá que se haver com o serviço doméstico, que é um dos temas que parecem estar organizando o diálogo entre Lurdes, Silva e Lúcio: o do lugar e função dos homens nos afazeres domésticos. Para todos, lugar de homem parece ser no trabalho. Se estão em casa, estão fora de lugar - são, de algum modo, marginais em relação à norma esperada, marginais degradados e portadores de uma incompetência que os faz estar onde não deveriam estar. Lurdes parece alertar Silva: ‘eu vou ter uma encrenca doida no INSS, mas não vou aceitar. Eles enganam, já me informei’. Ou seja, não é fácil lidar com as demandas da Caixa, do INSS. Pedro intervém: ‘minha situação é triste, também. Deixei filho e companheira há um mês e meio. Não agüentava ver ela se queixar e se matar de trabalhar. Aí, fui para minha mãe. E uma amiga dela inventou que eu estava com outra ... Eu não tenho nem dinheiro para resolver os meus problemas! Mas, eu não dou muita satisfação’. Pedro faz uma síntese do relato de cada um dos envolvidos no diálogo: ‘minha situação é triste, também’. O que ele depreende das falas é o triste da situação. Tanto pavor, tanto medo, tanta irritação, tanto ressentimento, a perda de paciência, tanto engolir em seco, tanta insegurança,

tornam a vida triste. E a vida dele também é triste: deixou os seus há um mês e meio. ‘Não agüentava ver ela se queixar e se matar de trabalhar’. Ai, essas mulheres! No relato dos três, elas parecem ser os sujeitos principais da explicitação das queixas pelo precário estado das coisas. Não que eles não saibam da precariedade da situação. Mas, talvez engolem em seco, como disse o Silva. Elas, não. Elas expressam, ou melhor, gritam a necessidade de alguma mudança, mesmo que não saibam mais objetivamente o que fazer para que ela ocorra. E eles, talvez como Pedro diz, não gostam ou não agüentam tanta queixa... E, então, tanto Lúcio como Pedro acodem à única mulher que parece acolhe-los talvez sem muita exigência: a mãe deles que, no caso de Pedro, pelo seu relato, uma amiga da esposa confundiu com algo assim como uma amante. Imagina só! Ele mal tem dinheiro para dar conta de si, vai arranjar uma amante?! Mas, assim como Pedro não agüenta muita queixa, também não dá muita satisfação. Então, deixa as coisas assim: pelo que parece, tudo mal resolvido. Silva, então, intervém: ‘é sempre assim, estou ficando preocupado...’ Mais do que uma comunicação, um pensamento em voz alta. Silva, o que em casa domina, deixa emergir medo e preocupação, talvez de que o estado de coisas das casas dos outros invada a sua também. É que o desemprego parece promover algo assim como uma avalanche que arrasta consigo todos os fragmentos identitários pessoais que configuram, no todo, a identidade de si e, entre eles, o da imagem de homem da casa. Mais do que uma avalanche, um abalo sísmico identitário. Justamente por estar tomada por uma sensação de que o que estava sendo ali dito era sobre a precipitação de uma desorganização familiar nas casas do Lúcio, da Lurdes, do Pedro e do Silva, eu, também preocupada, pergunto: ‘o que nós podemos fazer, existem caminhos para não degradingolar?’ E Silva comenta: ‘se a minha mulher me dissesse “não agüento ver a tua cara”, eu saía fora. Se chegasse a essa situação, eu ia pro mundo. Depender de parentes, jamais! Mas, a mulher gosta muito de mim, ela pensaria muito, duas vezes, antes de fazer isso’. Silva amplifica o que Lúcio narrava, Lurdes comentava e acontece na sua casa. A esposa de Lúcio queixava-se por ele voltar cedo, Lurdes falava da irritação do encontro sem fim, e a própria esposa de Silva já jogou na cara dele. E

ele, que por enquanto domina em casa, mesmo que engolindo em seco supõe a cena que o preocupa, o deixa nervoso e com medo: se a esposa lhe disser “não agüento ver a tua cara”, ele sai fora. ‘Vai pro mundo’. Silva tem vergonha na cara. Então, ‘depende de parentes, jamais!’, apesar de que ele pede a Deus pela vida do morto-vivo que garante o salário da esposa, do qual ele depende agora. Confia no amor da esposa. E, por isso, confia em que ela pensaria muito, ‘duas vezes’, antes de fazer isso. Do alto de seu orgulho próprio, quem teria a perder é a ‘sua mulher’. Aliás, nenhuma mulher do grupo disse algo do tipo ‘meu homem’. Os homens podem irritar, sufocar, quem sabe até estorvar. Mas, não são delas como elas são deles, na expressão ‘minha mulher’, tão freqüentemente utilizada. Eles, que perderam o emprego, podem agora também perder as mulheres. Talvez seja isto que apavora Silva. Porque parece que o emprego não se reduz a uma atividade social, mas tem também um componente emblemático, responsável pela organização da dignidade própria, que cria algo assim como um campo gravitacional no qual a companheira da vida se torna ‘minha mulher’. Arranhada essa dignidade, estremece a força gravitacional e os objetos tendem a se desprender, talvez ganhando vida própria, o que, para Silva, talvez signifique um descontrole, uma desorganização. Porque Silva, como ele disse, em casa domina, arruma e fala: ‘aí não é lugar de deixar essas coisas’. Diante de Silva, ou melhor, do orgulho de Silva, Lurdes tem que se explicar: ‘eu jamais falo pro meu marido. Me irrita, mas jamais falo pra ele. Jogar na cara, não!’ Bem, agora talvez as coisas voltaram para o eixo. Ao menos, de acordo com o gosto de Silva, o dominador. Lurdes também pensou duas vezes. Ela se irrita, mas agora, para tranqüilidade de Silva, deixou claro que se irrita em silêncio. ‘Jamais falo pra ele’. Será? Se Silva quer assim, que assim seja. A vida já está bem difícil, de fato não precisa jogar na cara. Só dar indiretas, que já é muito. O pobre do Silva tem que engolir em seco. Como ele disse, ‘homem não tem opção’. E ele retoma: ‘eu, graças a Deus, estou indo. Mas, estou nervoso, apreensivo. Eu saio para um lado, para o outro, sinto depressão, estou sem ânimo, não sinto graça de nada, não quero estar em roda de amigos. Minha cunhada já perguntou: “o que você vai fazer da vida?”’ Silva talvez não goste que a gente sinta pena dele. Mas, pobre

Silva! Graças a Deus, vai indo, mas não vai indo bem. Nervoso, com medo, preocupado, apreensivo, deprimido, longe da roda dos amigos, entregue às perguntas dos parentes. Até a cunhada já cobra dele: ‘o que você vai fazer da vida?’ Será que todos dão indiretas neste mundo? Láis pergunta isso: ‘você sentiu como uma cobrança?’ E Silva: ‘não analisei. Será que falou por mal? Até meu irmão já falou: “você tem que arrumar alguma coisa!”’ O que quer dizer falar por mal? Silva, tal como Lúcio, parece se sentir cobrado, como se estivesse sendo avaliado e reprovado nessa avaliação. E Lurdes retoma: ‘eu estou há seis meses em casa, nós não brigamos. Ele é sossegado, conformado. Acho que esta é uma humilhação muito grande de se jogar na cara. Ele é bom marido, bom padrasto, o que me irrita é ficar dentro de casa’. O marido irrita, mas ela não briga. Se ele é sossegado, Lurdes, não. Ou sim? Em relação a ele, talvez sim. Pelo menos, o sossego e o conformismo dele, diante das falas de Silva, merecem até a admiração dela. O marido não reclama, mas ela bem sabe que, por dentro, ‘ele está...’ Não dá nem pra nomear. Ela fica apavorada, como Silva. Lurdes toma para si toda a sua irritação, não são os homens que a irritam. É ela que se irrita dentro de casa. Talvez Lurdes tenha captado a humilhação que ameaça Silva ‘por dentro’. Talvez Lurdes tenha agora conseguido definir melhor o seu sentimento diante do marido em casa. O certo é que se manifesta algo assim como uma polaridade entre o dentro e o fora de Silva e Lurdes, entre um dentro e um fora pessoal, entre as suas superfícies – a ‘cara’ – e suas profundidades – ‘por dentro’. O dentro é tomado de pavor, de um pavor que deve ser controlado e não ‘jogado na cara’. Lurdes sabe do que ocorre dentro do marido, e que é algo da condição do inominável, do que não deve ser dito, como Silva prefere. Mas, ela também está ‘há seis meses em casa’, de alguma maneira nesse dentro, irritada e tentando as possíveis saídas para fora. É que ninguém gosta de ficar lá dentro. E se alguém pensa que lá se fica por querer, então, como Silva pensa, pensou ‘por mal’. Dentro terrível, esse. Parece que todos os que estão ao lado, por bem ou por mal, se juntam, demandando uma saída. Silva demandava tolerância e Lurdes se mostra tolerante. Por isso, eu digo: ‘apareceram aqui várias situações: a do Pedro, que saiu de casa, a do Lúcio, que ontem brigou em casa, e companheiros como o

da Lurdes, ou do Silva, que parecem mais tolerantes. Parece que há uma diferença na tolerância com essas situações'. Lurdes obviamente concorda comigo, ressaltando a necessidade de tolerância dentro de casa: 'é muito importante'. E Pedro comenta: 'eu não briguei, peguei as roupas e não esquentei a cabeça. Ela é nervosa'. Construção estranha: apresenta como tolerante o que é pura intolerância. Ele não briga nem esquenta a cabeça. Como a companheira é nervosa, ele pega as roupas e pronto. E Lúcio diz: 'ela falou que eu estava errado, eu saio fora se ela não quer. Tentei lavar a louça depois da briga e ela: "sai, sai...". Se a coisa vai acumulando, pode fazer cagada, é melhor ir pra rua. Eu estava pensando...eu caio no meio do mundo'. Se Pedro entendeu a minha fala como um pedido para não brigarem, Lúcio apresenta-se dotado da mesma atitude. Ele também, diante da esposa briguenta, sai fora. 'Pode fazer cagada, é melhor ir pra rua'. "Sai, sai...", diz sua esposa, no território que parece ser mais dela do que dele, no lugar onde se lava a louça. E Lúcio começa a pensar, talvez ali, no momento do grupo, diante da fala de Silva, que já tinha dito que, dependendo da situação a que se chegasse, ele ia pro mundo, ia 'cair no meio do mundo'. E Silva intervém: 'a gente sabe o risco da estrada, bandido ...' Silva absorve Lúcio – 'a gente...'. Ambos conhecem a matéria de que é feito este mundo, os riscos da estrada e os bandidos que por ali assolam. Mas, se as esposas, impacientes, não se contiverem em casa, eles saem pra lá, pra esse mundo arriscado. Não expulsos, mas por opção. Lúcio: 'mas, eu vou conversar com ela hoje, com o filho, vamos tentar, não chegamos a passar fome'. Melhor conversar do que cair nesse mundo. E eles – Lúcio, sua esposa e o filho – ainda têm à disposição o tempo de conversar, porque não chegam a passar fome. Láís, sensibilizada pelo desejo de Lúcio de se comunicar com a esposa, lhe pergunta: 'será que ela não gostaria de vir ao grupo?' E ele: 'quem sabe ela vem. Mas, o negócio dela é bater cartão na igreja, todo dia. O que a igreja tem a ver com emprego?' A esposa de Lúcio frequenta a igreja, segundo ele, como um trabalhador frequenta o emprego. Ambos batem cartão 'todo dia'. A pergunta de Lúcio é complexa: 'o que a igreja tem a ver com emprego?' Mais do que uma dúvida legítima, parece ser uma crítica à esposa. E Silva, que entende Lúcio,

responde: 'nada. A igreja, não'. E Lúcio retoma: 'se bem que eu gosto de ler a Bíblia, especialmente o salmo 9'. Às polaridades entre o 'dentro' deles e a 'cara', entre a casa e a estrada, agora se agrega a da religião, o sagrado, e o mundo do trabalho. A esposa de Lúcio 'bate cartão na igreja' e Lúcio quer 'bater cartão' numa empresa. Qual a relação entre ambos? Para Silva, nenhuma. Lúcio não é tão radical. Da igreja, ele fica com a Bíblia e, da Bíblia, em especial com o salmo 9, que também repercute em Lurdes: 'eu li esse salmo na hora da morte do meu filho. Quando eu oro, eu começo a chorar. Nessa hora, o sangue dele desapareceu e, depois, ele morreu'. Orando, Lurdes chora. O de dentro extravasa. E investir-se do salmo 9 já se mostrou eficaz. Na hora da morte do filho, o sangue dele desapareceu. Milagres acontecem. 'O que a igreja tem a ver com emprego?' Difícil responder. Mas, na hora da morte do filho, Lurdes estava com esse salmo, o preferido de Lúcio. Eu lhe pergunto como foi a morte do filho. Ela: 'foi em 1 de dezembro de 1996, ele tinha 19 anos. Foi um acidente de moto, no Piauí. Ontem, eu lembrei. Faz tempo que eu não choro. Ah, se eu visse o meu filho...' A data precisa fixa o momento da perda. Lurdes, que tem um discurso tão cheio de sinuosidades, tem firmemente consolidado o instante da morte do filho. Ontem ela lembrou e hoje ela lembra. O que faz tempo que ela não faz é chorar, extravasar a dor – quem sabe, o modo dela rever o filho. Silva: 'às vezes, é bom chorar'. Mesmo Silva, que tanto se esforça para dominar em casa, para controlar todo o seu nervosismo e pavor, reconhece que, às vezes, é bom chorar'. E Lurdes retoma: 'eu vi ele se acabando. Me sinto forte. É duro para uma mãe. Ele deixou filho, a mulher dele grávida. Eu fico com essa dor dentro de mim. Eu estou com a Bíblia aqui'. Tira da bolsa. 'Alguém quer ler?' Lurdes viu o filho se acabando, e talvez algo dela se acabasse junto com o filho. Mas, apesar de tudo, ela se sente forte. O filho cumpriu a primeira ordem de Deus: ele cresceu e multiplicou-se. Deixou sua esposa grávida e a dor dentro da mãe que, junto com essa dor, guarda a Bíblia. Para Lurdes, tem dores com as quais só a Bíblia sabe lidar e, por isso, assim como ela guarda a dor da morte do filho dentro dela, guarda a Bíblia dentro da bolsa. E se Lúcio trouxe à cena o salmo 9, ela trouxe à cena a dor pelo filho e a própria Bíblia, que oferece para que seja lida ali. Eu comento em voz alta: 'a

gente está falando de muitas perdas’. E Lurdes retoma: ‘não ter emprego não é nada. Nada é por acaso. Tudo tem um porquê. Eu fico conversando com Deus’. A ferida é bem mais embaixo. A falta de emprego, diz Lurdes, é apenas mais um detalhe de uma vida tão sofrida que, se não tiver um sentido, um porquê, se for puro acaso, talvez seja completamente insuportável. E Lurdes conversa com Deus. Pede-lhe explicações? Ou se explica a Deus? Não importa. Talvez, nesse diálogo, Lurdes encontre uma terceira margem, que não é nem a da irritação em casa, nem a da estrada perigosa. Margaret lê o salmo em voz alta para o grupo. Investidos do salmo, cada um pode não apenas celebrar a Deus, mas tocar o Seu Nome. Os inimigos ficam para trás. E a causa do narrador, que é o eu de que cada um se investe, ganha a defesa do poderoso e justo Juiz que, julgando o mundo, acaba com os inimigos. Justo Juiz, que é fortaleza dos oprimidos, é fortaleza nos tempos de angústia e jamais esquece do clamor dos pobres. ‘Piedade, Deus! Vê minha aflição. Levanta-me das portas da morte’. Lúcio: ‘eu leio isso todo dia à noite, quando fico nervoso’. E Lurdes completa: ‘quando a gente está com angústia, depressão, é recomendado’. Lê-se um salmo como se toma um remédio. É que talvez, ao falar o salmo, ao acompanhar seus movimentos, a alma encerrada em aflição se movimenta também, celebra, se eleva, ganha proteção e vivencia a vitória na guerra contra o que a oprime. Não é pouco para as noites de Lúcio. E Lurdes continua: ‘antes do meu filho morrer, eu fui assaltada. Dei tudo e, depois, entrei numa depressão profunda, sem coragem para trabalhar, tinha medo de tudo. Um dia, cheguei em casa à noite, vi luz em casa, achei que era bandido esperando para me assaltar. E era meu filho dentro de casa, dormindo. Eu não ia sozinha para a firma, só chorava. Daí, meu supervisor viu e me deu esta Bíblia. Antes, para dormir, tinha que beber bebida forte, *whisky*. Quando todos deitavam, eu bebia’. Alguém duvida de que a Bíblia funciona? Lurdes já tinha sido assaltada antes da morte do filho assalta-la. O mundo inteiro tinha se transformado nessa estrada arriscada e cheia de bandidos de que Silva falava. Até a própria casa corria o risco de ser tomada, e o filho dormindo ser confundido com um bandido. Se às vezes é bom chorar, não é bom só chorar. E, do mundo do trabalho, chega para Lurdes uma Bíblia que a ajuda a abrir mão da bebida

forte para poder descansar um pouco, dormir. Lúcio, talvez pensando na diferença entre bebida e Bíblia, emite um comentário sobre a fala de Lurdes: 'daí não dorme, desmaia'. Não se descansa bêbado. Lurdes: 'quem me salvou foi a palavra de Deus. Sou católica, a gente não precisa ser crente'. Lurdes é fiel e, se a palavra de Deus lhe chegou através dos evangélicos – já que o supervisor era evangélico -, ela a utiliza em seu próprio campo de crenças. A sessão termina. E, talvez para confirmar para todos nós que, se ela não está redimida, ao menos tem consigo a coragem de trabalhar, passa-nos a oferecer os produtos da Natura que ela vende. Em sua bolsa, há espaço suficiente para a dor pelo filho morto, a paciência com o marido, a irritação em casa, o pavor, a Bíblia e os catálogos da Natura.

4º. encontro (05/02/2003):

Compareceram Pedro e Lúcio.

Eu inicio dizendo que Laís, Margaret e eu, após o encontro, entraremos novamente em contato com os ausentes.

Pedro: No domingo, fui ver meu filho. Eu não quis entrar em casa, mas a mulher implorou pra eu voltar. Eu disse que não, que estava resolvendo primeiro os meus problemas, e que eu ia pensar. O menino chorou pra eu ficar. Doeu em mim. Ela também chorou. Ainda não decidi. Estou na dúvida se volto, se fico. A cabeça já está esquecendo dela. Eu não queria mais, não, e ela quer tentar mais uma vez. Não quero saber de mulher, quero resolver meus negócios. Fiquei na dúvida de voltar e dar tudo errado.

Belinda: E com você, Lúcio, como foi?

Lúcio: Meu caso, eu resolvi. Nós sentamos e conversamos. Não demorou muito, não. Nós dissemos: "ou sim, ou não." Ela disse: "vamos batalhar mais um

pouco." Tem os filhos, se um de nós arrumasse outro companheiro, não ia dar certo. Dezesesseis anos não se joga fora em dois dias. Vamos batalhar juntos.

Laís: Os filhos participaram da conversa?

Lúcio: Em casa, os filhos sempre estão juntos. Eles escutaram. Não falaram nada. O mais velho vai estudar de dia. Ele percebeu que, sem estudo, fica difícil.

Belinda: Pelo que você está sugerindo, o batalhar é de todos juntos. Todos estão se mobilizando, o filho voltou pra escola...sua mulher também está vendo emprego?

Lúcio: Sim, uma amiga vai ver numa escola, como servente. Depois da conversa, já jantamos normal. É batalha de toda a família, um braço só não levanta pedra. Pra fazer a casa, tem que ser uma equipe. Eu desabafei aquele dia, fiquei mais leve, a mente já estava mais leve.

Laís: E pra você, Pedro, como é que está?

Pedro: Acho que tem solução. Depende dela e de mim. Mas, estou lidando com as minhas coisas. Achei interessante aqui a última conversa, falei isso com ela. Nós nos ajudamos. Estou numa fase fracassada. Eu disse a ela: "outro dia eu quis, você não." Hoje ela quis, eu estou na dúvida. Já estou acostumando na minha mãe. Estou pensando em ir hoje lá e conversar bem direto, porque tenho medo das coisas darem errado.

Belinda: Errado, como?

Pedro: Ela pôr as coisas e eu não dar nada, fracassar de novo. Tem que ser bem conversado. Eu perguntei pra ela: "Você está disposta?" Ela disse: "É claro, senão, não pediria." Ela pediu pra eu ficar mais um pouco. Fiquei pensando muito. Eu disse pra ela que iria lá hoje. É mulher sofredora...

Lúcio: O que sua mãe diz?

Pedro: Pra eu voltar.

Lúcio: Te deu apoio...

Pedro: Eu é que tenho dúvida. Minha mãe diz da gente se entender, ser unido, eu ficar em casa e cuidar da criança. É o que eu posso oferecer.

Laís: Quando você não está, ela gasta para cuidar da criança?

Pedro: Sim, 50 reais.

Belinda: Então, sua mãe propõe um caminho pra resolver.

Pedro: Posso oferecer de cuidar das crianças. As coisas mais simples, eu faço. Lavar roupa, não. Ela falou: "Pensa direito, você não gosta mais de mim." Não é isso. Ela disse: "Quando se gosta, não acaba assim. Por que agora você não quer voltar?" Eu estou na dúvida, minha cabeça está fria em relação a ela, não sei se fico logo na minha mãe ou se volto de vez.

Laís: O que é voltar de vez?

Pedro: Quando você vai para sua mãe, leva peças de roupa. Definitivo é levar tudo de volta outra vez.

Belinda: O Lúcio falou da importância da relação, para além das dificuldades da situação que estão atravessando.

Lúcio: Nossa relação é boa, mas machucou um pouco. Na hora do nervoso, hoje, penso nos filhos, não nela. Vamos batalhar por causa dos filhos. Dezesesseis anos não se joga fora. Ela tem a mãe cega, quer tomar conta de tudo, então fica nervosa e acho que ela desabafa do stress. Não xinga a mãe e eu sou o mais próximo, então estoura comigo.

Belinda: A mãe dela tem alguma renda?

Lúcio: Não. A aposentadoria, quem recebe no banco, passa para a minha mulher, que faz o supermercado e compra os remédios.

Belinda: E essa renda ajuda em sua casa?

Lúcio: Na minha casa, não. É pouco. Minha sogra falou que, se der problema, ela ajuda no telefone. Eu disse que no momento, não. Se faltar, eu peço. Acho que não vai faltar dinheiro. Tenho dó da minha sogra. Tem uma neta que ela cuida, hoje tem 13 anos, que está pegando dinheiro dela. A minha sogra desconfiou, minha mulher também. Meu cunhado vai ao Conselho Tutelar, a gente fica preocupado com o que vê por aí.

Belinda: O modelo que você está trazendo de família é um em que cada um dá o que pode.

Lúcio: É, porque cada um tem seu problema. Eu falei pra ela que ela vai ficar stressada com a mãe. Ela tem irmão, eu falei que ele tem que ajudar. Mas, parece

que o irmão dela deixou a menina de castigo no quartinho, eu falei que não estava certo. Falei pra ele: "se chamarem a viatura, você vai preso."

Margaret: Será que agora, que você está em casa, está vendo mais os problemas?

Lúcio: Antes, quando eu trabalhava, ninguém falava pra mim. Agora eu vejo, antes via de longe. Eu não convivia, era mais na firma, chegava tarde.

Margaret: Então, hoje, você está vivenciando...

Belinda: Esse espírito de preocupação de um com o outro é parecido com o que o Pedro conta. Só que o Pedro pensa que primeiro tem que resolver os problemas e, depois, quando estiver bem, dá pra estar junto. *(para Pedro)* Parece ser esta a sua dúvida, não?

Pedro: Com esse tempo todo longe, estou com a cabeça mais fria. Estou na dúvida se tento resolver os problemas junto...

Lúcio: E se ela puder te ajudar, por exemplo, a buscar os papéis?

Pedro: Não dá, ela trabalha.

Lúcio: E se sua mãe conversar com ela, não daria certo?

Pedro: Ela está insistindo. Eu disse pra esperar até quarta-feira *(dia do grupo)*.

Belinda: Você acha que a conversa de hoje pode te ajudar?

Pedro: Isso.

Laís: O que o Lúcio diz está lhe ajudando?

Belinda: Você tomou algumas atitudes depois de começar a vir aqui, não?, ir atrás de seus direitos, de informações...

Pedro: Sim. E a mulher está se sentindo mais feliz de ver que eu estou mexendo nos papéis, no INSS. Ela falou pra eu pensar direito, chorou, não queria se separar. Eu falei pra ela do grupo, se ela queria vir. Falei que era pra falarmos sobre os problemas da família...a gente se dá bem, razoável...nem bom, nem ruim. Nunca xinguei ela, nunca fui adúltero, sou comum, pacato, caseiro.

Belinda: E você, Lúcio, também é caseiro?

Lúcio: Eu gosto de ir pro salão dançar. Ela não vai dançar, vai pra igreja. Mas, eu nunca peguei mulher fora. Eu só não saía quando não tinha dinheiro. Quando a gente namorava, eu dizia "vamos", ela ia. Dois anos depois de casada, ela virou evangélica, não pode mais. Agora, não dá mais também porque gasta dinheiro.

Belinda: O lazer mudou?

Lúcio: Sim, ela também não sai mais com as crianças, porque criança vê as coisas e quer, e tem que pagar condução, e é bexiga, e isso, aquilo. O grandão já quer curtir sozinho. Eu sou sincero, também gosto de andar sozinho. Gosto de ir ao bar com o meu irmão. Ela não fica chateada, só se eu fico alto.

Belinda: E aí?

Lúcio: Vou dormir no quarto do meu filho. Às vezes, vou para a minha mãe. E ela sabe onde eu estou. Às vezes, ela precisa de mim e sabe onde eu estou.

Belinda: Então, você cuida do casamento...

Lúcio: O casamento é a primeira coisa da vida. Fui correndo atrás do papel quando ela falou que estava grávida. Gosto dela pra caramba. Nós batalhamos muito, temos um salão, eu dei o dinheiro, ela que comprou. Ela perguntou outro dia o que eu achava de vender e ir para o Paraná [*onde ela tem a família dela*]. Eu disse que estou pensando. Ela ia ligar lá, se houver emprego, eu vou na frente e depois ela vai com a mãe e os filhos.

Laís: Então, tem família lá?

Lúcio: É, tem.

Belinda: Então, tem outras alternativas.

Lúcio: Ficar parado é que eu não posso...é, a vida é dura.

Belinda: Mas, hoje, você trouxe outra perspectiva, de que com a família, ajuda.

Lúcio: Eu vou fazer o que o Pedro fez? Se pensar muito, eu fico louco. Vamos conviver juntos...

Pedro: Vou tentar hoje conversar com ela direito. Não vou ainda levar as roupas.

Lúcio: Vocês pagam aluguel lá?

Pedro: Não. Até ela prosperar, a irmã deixou com ela o barraco. Ela tem cadastro do Cingapura³⁵, mas ainda não chamaram. É uma esperança.

Neste quarto encontro, compareceram Pedro e Lúcio. As cadeiras vazias do círculo tendem a se sobrepôr à nossa presença: ganhavam de seis a cinco e, dos cinco, três eram empregados para estarem ali – eu, Laís e Margaret. Pedro e

³⁵ Programa público de financiamento de moradia popular.

Lúcio destoavam, ou melhor, se amplificavam, na falta dos demais membros. Eu inicio o grupo achando que devo dar uma satisfação - que ainda não tenho em mãos - aos presentes, sobre os ausentes. Por que tantos faltaram? Digo para eles que, após o nosso encontro, entraremos em contato novamente com os que não vieram. Pedro, que nas sessões anteriores se colocara em algumas poucas ocasiões pontuais - se bem que de maneira envolvida -, desta vez toma a iniciativa: 'no domingo, fui ver meu filho. Eu não quis entrar em casa, mas a mulher implorou para eu voltar. Eu disse que não, que estava resolvendo primeiro os meus problemas, e que eu ia pensar. O menino chorou pra eu ficar. Doeu em mim. Ela também chorou'. Será que Pedro deu-se por satisfeito com a minha colocação inicial, na qual assumi, junto com as outras coordenadoras, a responsabilidade de me informar sobre os motivos das faltas de Silva, Lurdes, Maria, Rosa, Conceição e sua irmã? Ou será que essas faltas, para ele, não eram tão importantes? Será que Pedro já veio ao grupo com a intenção de tratar de uma questão sua, ou ganha esse impulso justamente na ausência de tantos membros? De todo modo, Pedro traz para nós um dilema pessoal. Ele, que já tinha nos comunicado que 'não agüentava a companheira se queixar e matar-se de trabalhar' e que, por isso, saíra de casa há um mês e meio para ir morar com a mãe, deixando o filho e a companheira, agora nos conta que fora ver o filho. E, diante das implorações da companheira para ele voltar, Pedro teria lhe respondido que não, que ele tem primeiro problemas para resolver, e que ia pensar. Para choro geral e dor dele. E continua: 'eu ainda não decidi. Estou na dúvida se volto, se fico. A cabeça já está esquecendo dela. Eu não queria mais, não, e ela quer tentar mais uma vez. Não quero saber de mulher, quero resolver meus negócios. Fiquei na dúvida de voltar e dar tudo errado'. Pedro, que tem toda a vida em aberto, sem emprego, sem firmeza no joelho, em busca de um auxílio do INSS, e que já se apresentara para nós, no segundo encontro, como não tendo nenhum recurso, parece querer priorizar o que lhe cabe fazer para dar conta de si. Mulher de um lado, negócios do outro. E, primeiro, os negócios. Nesse instante, ele não quer saber de mulher. Mas, está na dúvida se volta ou se fica. É difícil, porque os choros da companheira e do filho o enredam. Pedro

parece ver uma função no grupo. Ele disse para a companheira que ‘ia pensar’. E comunica isso para nós, talvez vislumbrando nesse nosso espaço a possibilidade de poder esclarecer para si, com a colaboração de nossos recursos, quê atitude tomar. Ele teme ‘dar tudo errado’. Porém, a fala de Pedro me fez lembrar da decisão de Lúcio que, mobilizado pelas conversas no encontro anterior, ficara de conversar com a esposa e o filho. Por isto, pergunto a ele: ‘e com você, Lúcio, como foi?’ E ele: ‘meu caso, eu resolvi. Nós sentamos e conversamos. Não demorou muito, não. Nós dissemos: “ou sim ou não”. Ela disse: “vamos batalhar mais um pouco”. Tem os filhos, se um de nós arrumasse outro companheiro, não ia dar certo. Dezesseis anos não se joga fora em dois dias. Vamos batalhar juntos’. Lúcio não se sente no dilema de Pedro. ‘Meu caso, eu resolvi’. Sentar e conversar. Isso parece ser a melhor das atitudes. Mas, por que não demorou muito? Acaso era fácil o que tinham a resolver? Acaso poucas palavras são suficientes? Ou, talvez, quando as coisas são expostas de uma maneira pragmática, as complexidades de uma vida a dois se transformam em ‘ou sim ou não’? E, como ambos disseram ‘sim’, então não demora muito. Lúcio destaca que ela disse: ‘vamos batalhar mais um pouco’. E os argumentos que ele traz para isso são dois: os filhos – diante deles, não iria dar certo se ele ou ela arrumasse outro companheiro – e dezesseis anos de casados, que ‘não se joga fora em dois dias’. Por isso, ‘vamos batalhar juntos’. Assumiram assim, sem muita demora, uma espécie de compromisso de esforçar-se e tentar conseguir permanecer juntos. Como se, a partir do precipitado todo que a situação de desemprego acarreta, o próprio casamento tivesse que ser re-confirmado. Assim, Lúcio tem agora duas batalhas: a batalha por um emprego e a batalha pelo seu casamento. À diferença de Pedro, para Lúcio essas batalhas talvez não sejam tão dissociadas. Láis quer saber se a conversa entre ambos contou com a participação dos filhos. E Lúcio responde: ‘em casa, os filhos sempre estão juntos. Eles escutaram. Não falaram nada. O mais velho vai estudar de dia, ele percebeu que, sem estudo, fica difícil’. Os filhos, como testemunhas do pacto selado diante deles e por causa deles – eles, a materialização mais contundente dos dezesseis anos -, escutaram. E, quem sabe diante do compromisso da opção pelo ‘sim’, o

filho mas velho tenha se sentido impelido a dar um 'sim' para os estudos: 'ele percebeu que, sem estudo, fica difícil'. E eu comento: 'pelo que você está sugerindo, o batalhar é de todos juntos. Todos estão se mobilizando, o filho voltou pra escola...sua mulher também está vendo emprego?' Será que a intervenção psicológica transmite ideologia? Acho que esta minha intervenção é um bom exemplo de que sim. Claro que, nela, falou alto o meu desejo de uma família que, unida, resolva enfrentar junto as dificuldades da vida. Por isso, o que pode ser entendido como uma insistência minha para que 'sua mulher' veja um emprego. Já pensaram Lúcio em casa? 'Mulher: a psicóloga falou que nós resolvemos batalhar juntos, então você também tem que procurar emprego'. Mas, parece que ela já tinha tomado a iniciativa antes. Lúcio: 'sim, uma amiga vai ver numa escola, se tem trabalho de servente. Depois da conversa, já jantamos normal. É batalha de toda a família, um braço só não levanta pedra. Pra fazer a casa, tem que ser uma equipe. Eu desabafei aquele dia, fiquei mais leve, a mente já estava mais leve'. Pelos ditos que Lúcio utiliza – 'um braço só não levanta pedra', 'pra fazer a casa tem que ser uma equipe' -, Lúcio e eu pensamos igual. E ele dá um retorno positivo sobre o trabalho no grupo: a mente dele estava mais leve, porque aqui ele 'desabafou', ficou 'mais leve', então pôde conversar em casa. E, agora, com sua esposa, 'já jantamos normal'. Laís pergunta para Pedro: 'e para você, Pedro, como é que está?' Pedro: 'acho que tem solução. Depende dela e de mim. Mas, estou lidando com as minhas coisas. Achei interessante aqui a última conversa, falei isso com ela. Nós nos ajudamos'. Se o grupo exerceu um impacto sobre Lúcio, também o fez sobre Pedro. E ele nos comunica esse impacto, apresentando não apenas uma elaboração sua sobre as sessões passadas, sobre 'a última conversa', mas através de uma fala em ressonância com o tema 'família unida', que está circulando entre nós: 'nós nos ajudamos'. Ele, que no início da sessão não queria saber da mulher, agora a integra na reflexão sobre o seu futuro: 'depende dela e de mim'. 'Estou numa fase fracassada. Eu disse a ela: "outro dia eu quis, você, não". Hoje ela quis, eu estou na dúvida. Já estou acostumando na minha mãe. Estou pensando em ir hoje lá e conversar bem direto, porque tenho medo das coisas darem errado'. De fato, parece que Pedro

espera que o grupo lhe ajude a pensar seus pensamentos, para tomar uma decisão na ciranda em que se encontra envolvido com sua companheira. A ele, que já está acostumando 'na minha mãe'. E, diante de seu medo 'das coisas darem errado', eu lhe pergunto: 'errado, como?', e ele: 'ela pôr as coisas e eu não dar nada, fracassar de novo. Tem que ser bem conversado. Eu perguntei pra ela: "você está disposta?" Ela disse: "é claro, senão, não pediria". Ela pediu para eu ficar mais um pouco. Fiquei pensando muito. Eu disse para ela que iria lá hoje. É mulher sofredora...' Pedro sente-se despossuído de tudo. O que pode dar errado é ela 'pôr as coisas', coisas estas que incluem o próprio sustento para o dia-a-dia da família, e ele 'não dar nada'. A companheira se mostra disponível a estar com Pedro mesmo nessa situação. Mas Pedro, talvez justamente por se sentir tão despossuído de tudo, parece não querer abrir mão do seu poder de decidir e, fazendo uso dele, se engrandece. Todos, seu filho e sua companheira, choram para ele ficar, e ele fica pensando. Lúcio lhe pergunta: 'o que sua mãe diz?' E Pedro: 'para eu voltar' E Lúcio: 'te deu apoio...' E Pedro: 'eu é que tenho dúvida. Minha mãe diz da gente se entender, ser unido, eu ficar em casa e cuidar da criança. É o que eu posso fazer'. Todos querem Pedro junto à companheira e ao filho. Mas ele tem dúvida. É o que ele pode oferecer, para além de 'ficar em casa e cuidar da criança'. Talvez para valorizar o que Pedro pode oferecer, Laís lhe pergunta: 'quando você não está, ela gasta para cuidar da criança?' E Pedro: 'sim, 50 reais'. E eu: 'então, sua mãe propõe um caminho para resolver'. O mundo fala: 'volta! Volta!', e Pedro resiste. Ele diz: 'posso oferecer de cuidar das crianças. As coisas mais simples, eu faço. Lavar roupa, não. Ela falou: "pensa direito, você não gosta mais de mim". Não é isso. Ela disse: "quando se gosta, não acaba assim. Por que agora você não quer voltar?" Eu estou na dúvida, minha cabeça está fria em relação a ela, não sei se fico logo na minha mãe'. Lúcio teve a sua cabeça aliviada no grupo. E Pedro talvez espere aqui aquecer sua cabeça 'em relação a ela'. Ele põe as condições. Coisas simples, tais como cuidar da criança, ele faz. Lavar roupa, não. Pedro não gosta mais da companheira? Ou não sabe como se apresentar diante dela munido de dignidade, tendo tão pouco a oferecer? Do modo como apresenta as coisas, ele está entre a

mãe e a companheira. Ou ‘fica logo’ na casa da mãe, ou volta de vez para a companheira. E Laís lhe pergunta: ‘o que é voltar de vez?’, uma ótima pergunta para nos aproximarmos do que é definitivo para Pedro. E ele: ‘quando você vai para a sua mãe, leva peças de roupa. Definitivo é levar tudo de volta outra vez’. Parece que ficamos na mesma. É que não é bem Pedro que se transfere de uma casa para a outra, são as peças de roupa. Onde elas estão dispostas, lá é sua casa. E o transtorno todo – tira roupa daqui, leva ali -, qualquer um pensaria que ele não é um homem que sabe bem o que quer. E tem mais: talvez a casa dele seja essas roupas, que ele não sabe ainda onde guardar – qual é o seu lugar. Somos cinco nessa sala, e quatro torcem para Pedro encontrar o caminho de volta pra casa. Até agora, todas as nossas colocações esbarram na poderosa dúvida dele. Tento uma nova investida: ‘o Lúcio falou da importância da relação, para além das dificuldades da situação que estão atravessando’. Como na última sessão nós lemos a Bíblia, poderia ter lhe lembrado a sentença do *Eclesiastes (4:11)*:

Dois que se deitam juntos: ambos se aquecem.

E para o só, qual o calor?

Mas Lúcio relativiza a minha fala, nem bem eu a enuncio: ‘nossa relação é boa, mas machucou um pouco. Na hora do nervoso, hoje, penso nos filhos, não nela. Vamos batalhar por causa dos filhos. Dezesseis anos não se joga fora. Ela tem a mãe cega, quer tomar conta de tudo, então fica nervosa e acho que ela desabafa do stress. Não xinga a mãe e eu sou o mais próximo. Então, estoura comigo’. Se, num processo psicanalítico, cabe ao psicanalista zelar para que o princípio de realidade não se ofusque, como um dos horizontes em torno dos quais os pacientes articulam suas reflexões e experiências de vida pessoal, aqui quem zela pelo princípio de realidade é o Lúcio. Ele não apenas relativiza a minha fala, corrigindo a minha compreensão, mas amplia a exposição de seus sentimentos sobre a relação. Lúcio não idealiza. A relação com sua esposa está machucada. Os filhos é que ainda os juntam. A mulher de Lúcio quer tomar conta de tudo, da mãe cega em diante. Então, ela ‘fica nervosa’ e sobra para o Lúcio que, de forma

compreensiva, entende, relativiza também. Eu, que estava tomada pela idéia de que ‘a união faz a força’ e de que todos devem contribuir, e também querendo entender um pouco mais o lugar da ‘mãe cega’ da esposa de Lúcio em sua família, lhe pergunto: ‘a mãe dela tem alguma renda?’ Lúcio responde: ‘não, a aposentadoria, quem recebe no banco, passa para a minha mulher, que faz o supermercado e compra os remédios’. E eu: ‘e essa renda ajuda em sua casa?’ Lúcio: ‘na minha casa, não. É pouco. Minha sogra falou que, se der problema, ela ajuda no telefone. Eu disse que, no momento, não. Se faltar, eu peço. Acho que não vai faltar dinheiro. Tenho dó da minha sogra. Tem uma neta que ela cuida, hoje tem 13 anos, que está pegando dinheiro dela. A minha sogra desconfiou, minha mulher também. Meu cunhado vai ao Conselho Tutelar. A gente fica preocupado com o que vê por aí’. Talvez ansiosa pela falta de dinheiro que todos esses relatos trazem à cena, me aproximo da sogra de Lúcio, que ele introduzira de passagem, um pouco como a neta, querendo saber sobre o peso que ela tem na economia da família: aporta ou retira? E eu continuo, projetando em Lúcio o que talvez seja mais uma construção minha (eu mereço também um Conselho Tutelar!): ‘o modelo que você está trazendo de família é um em que cada um dá o que pode’. E Lúcio concorda, discordando: ‘é, porque cada um tem seu problema’. Concorda comigo, mas encerra cada membro da família no interior de seu problema. ‘Eu falei pra ela que ela vai ficar stressada com a mãe. Ela tem irmão, eu falei que ele tem que ajudar. Mas, parece que o irmão dela deixou a menina de castigo num quartinho, eu falei que não estava certo. Falei pra ele: ‘se chamarem a viatura, você vai preso’. De acordo com Lúcio, sua esposa deveria se envolver menos com as demandas de sua família de origem. Ou, ao menos, dividir suas preocupações com o irmão que, ao ver de Lúcio, erra na forma como intervém, deixando a menina de castigo num quartinho. De fato, aprisionar alguém, mais do que educar, parece ser uma forma violenta de resolver os problemas em casa. ‘Cada um tem seu problema’, mas Lúcio tem que se haver, para além de seus problemas, com os da esposa, da sogra, da sobrinha e do cunhado. Margaret lhe pergunta: ‘será que agora, que você está em casa, está vendo mais os problemas?’ E Lúcio: ‘antes, quando trabalhava, ninguém falava

pra mim. Agora eu vejo, antes via de longe. Eu não convivía, era mais na firma, chegava tarde'. Lúcio, que atualmente, tal como a sobrinha, foi confinado à casa, não pode mais ver de longe. Antes, quando trabalhava, chegava tarde em casa. Tarde, talvez, do próprio acontecer da vida familiar: 'ninguém falava pra mim'. Agora, toma parte no acontecer – 'agora, eu vejo' -, ou melhor, o acontecer da vida familiar passa agora também por ele. E Margaret lhe diz: 'então, hoje, você está vivenciando...' e, antes que ela termine a fala, eu intervenho, munida ainda de meu espírito que anseia por cooperação, querendo retornar para o Pedro: 'esse espírito de preocupação de um com o outro é parecido com o que o Pedro conta, só que o Pedro pensa que, primeiro, tem que resolver os problemas e, depois, quando estiver bem, dá pra estar junto. Parece ser esta a sua dúvida, não?' E Pedro, ainda no mesmo lugar, plantado na dúvida: 'com esse tempo todo longe, estou com a cabeça mais fria. Estou na dúvida se tento resolver os problemas junto... E Lúcio tenta esquentá-lo: 'e se ela puder te ajudar, por exemplo, a buscar os papéis?' Eis aí Lúcio tentando propor, no interior da família de Pedro, o modelo do 'cada um dá o que pode'. Pedro: 'não dá, ela trabalha'. Paradoxais os caminhos a que os diálogos às vezes nos levam. Pedro, que não sabe se fica com ela porque ela trabalha e ele não e, portanto, não sabe se o que ele tem para oferecer na vida a dois, como homem diante de uma mulher, é o mínimo necessário para ganhar a admiração e o respeito – talvez o que ele pensa ser amor – de sua companheira, acha que ela não pode ajudar, porque trabalha. Na casa de Pedro, se ambos estivessem desempregados, seria talvez melhor? Menos dinheiro e mais amor. Ao menos, maior equilíbrio em tudo aquilo que estrutura as frágeis relações de poder na vida a dois. Pedro tinha nos desafiado no início da sessão: 'tenho uma dúvida', ele de algum modo diz, e espera que o grupo o ajude. Faz parte da sua dúvida uma mente esfriada. Ele não sabe se volta para a sua companheira ou se fica na casa da mãe. Os recursos dele são pequenos e, de algum modo, ele sabe que mulher, fora a mãe, não se contenta com pouco. Hoje em dia, ele só está apto a fazer as coisas mais simples, como ele diz. Aí, se ela 'põe as coisas' e ele 'não dá nada, fracassa de novo'. Só que é difícil ajudar Pedro, porque ele, que não possui quase nada, possui, antes de mais nada, uma

dúvida. E, através da dúvida, possui o poder necessário para decidir sobre si e deixar a sua companheira que, se não tem tudo, tem trabalho – o que é muito -, sem ele, que também é muito - o suficiente para deixa-la chorando. Plantado em dúvida tão poderosa, Pedro nos desafiava. E lá estávamos nós tentando solucionar a dúvida de Pedro. Ao menos, realizando alguns exercícios com o pensamento, o sentimento e a fala que iluminassem, para Pedro, o caminho de volta pra casa. Daí, toda essa história de que ‘cada um contribui com o que pode’ para levar adiante uma situação nada fácil. Quem trabalha, contribui com o trabalho, quem tem renda, contribui com renda, e quem não tem trabalho nem renda, bem, contribui com o melhor que tem de si - coisa, aliás, que também quem tem trabalho e tem renda não está dispensado de fazer. Mas, é que quem não tem trabalho e não tem renda, nos diz Pedro, se sente sem recursos. E os outros homens do grupo já nos tinham dito como se sentem sem valor, como uma moeda que perdeu o seu poder de compra e corre o risco de sair de circulação. Mulher não respeita homem assim. Daí, estar viva neles essa fantasia de sair para o mundo, mundo este que pode ser a estrada perigosa e cheia de bandidos, a casa de parentes ou a casa da mãe. Eu proponho o modelo de que, em tempos de crise, cada membro da família tem que dar o melhor de si para que o grupo familiar se fortaleça, e levo Lúcio a lembrar que um braço só não levanta pedra, que a construção de uma casa é tarefa de uma equipe - isso apesar das relações machucadas. Pedro, que está, como ele diz, ‘numa fase fracassada’, não pode contar com a ajuda da companheira para resolver a incrível tarefa burocrática que tem pela frente - a fim de fazer valer o joelho ferido como fonte de ingressos financeiros -, porque ela trabalha. E Lúcio insiste: ‘e se sua mãe conversar com ela, não daria certo?’ Sábio Lúcio. Quem precisa de conversa, nessa situação, claro que é o Pedro. Ao menos, pelo que a gente sabe a partir do relato dele, sua companheira lhe abre a porta e o quer em casa. Ou seja, sua companheira é mais disponível do que ele, portanto, talvez, mais aberta a uma conversa. E Pedro: ‘ela está insistindo. Eu disse para esperar até 4^a. feira’. Ou seja, até hoje, dia do grupo. Pedro quer nos ouvir e quer que a gente saiba que algo na vida dele insiste para que ele volte, de forma estereofônica. ‘Volta pra mim’, diz a companheira.

‘Volta pra mãe’, diz a sua mente fria e orgulhosa. Eu, achando que Pedro nos incluiu como elementos para a sua tomada de decisão, ao pedir um prazo para sua companheira até 4a. feira, dia do grupo, lhe pergunto: ‘você acha que a conversa de hoje pode te ajudar?’ E ele: ‘isso’. Por fim, dou uma dentro. As coisas normalmente são complexas porque são bem simples. Claro que já sabíamos que Pedro esperava uma ajuda de nós. Se, na segunda sessão, estávamos em crise porque a ajuda que o grupo esperava era impossível de ser atendida, por estar além de nossos recursos – empregos e cursos, por exemplo -, agora estamos também em crise, porque o que Pedro quer é um modo de se aproximar à sua companheira sem errar. Antes, podíamos dizer com tranquilidade que não é tarefa do grupo arrumar trabalho para cada um. Agora, não podemos dizer para o Pedro que é difícil ajuda-lo. Agora, estamos totalmente implicados, dentro dos limites que temos para auxiliar alguém a aperfeiçoar sua vida. Pedro quer que o ajudemos, que pensemos com ele. Porém, por outro lado também, sobrepõe a tudo a sua dúvida. Pedro é essa dúvida, que pede um conselho. Ele duvida, enquanto o grupo decide por ele. E, quanto mais o grupo decide, mais ele duvida. Daí, Laís lhe perguntar: ‘o que o Lúcio diz está lhe ajudando?’ E eu sobrepor à fala de Laís: ‘você tomou algumas atitudes depois de começar a vir aqui, não?, ir atrás de seus direitos, de informações...’. Ambas, Laís de maneira mais paciente talvez, e eu mais afobada, parecemos querer lhe mostrar que já estamos aí tentando lhe ajudar, e pedimos, quase demandamos, que ele leve em consideração o que estamos dizendo. E Pedro responde: ‘sim. E a mulher está se sentindo mais feliz de ver que eu estou mexendo nos papéis, no INSS’. Pedro, ao que parece, tem sabido usufruir do pouco que nossa experiência de encontros tem oferecido. Essas conversas têm lhe ajudado. A mulher está mais feliz em vê-lo tomando algumas iniciativas. ‘Ela falou pra eu pensar direito, chorou, não queria se separar. Eu falei pra ela do grupo, se ela queria vir. Falei que era para falarmos sobre os problemas da família...a gente se dá bem, razoável...nem bom, nem ruim. Nunca xinguei ela, nunca fui adúltero, sou comum, pacato, caseiro’. E eu, talvez tomada da minha necessidade de fazer desses encontros o campo de investigação para a minha tese de doutorado sobre o impacto do desemprego na

dinâmica familiar, aproveito a fala de Pedro para colher mais dados sobre a vida em família de Lúcio. Todos nós temos expectativas em relação ao grupo. Pedro tem as suas, Lúcio as dele, e eu, Laís e Margaret, as nossas. Lúcio quer que o grupo trabalhe como uma equipe para tirar a todos dessa situação, arrumando emprego; Pedro quer que o grupo decida por ele, levando-o a realizações menos fracassadas; eu quero fazer o meu doutorado, integrando trabalho acadêmico e intervenção social; Laís e Margaret querem aprender mais sobre intervenções em grupos e famílias. Ou, talvez, como um dos dois homens me contou como se comporta com a sua mulher, eu quis saber sobre o segundo – quis, de algum modo, incluí-lo na conversa: ‘e você, Lúcio, também é caseiro?’ E ele: ‘eu gosto de ir para o salão dançar. Ela não vai dançar, vai para a igreja. Mas, eu nunca peguei mulher fora. Eu só não saía quando não tinha dinheiro. Quando a gente namorava, eu dizia “vamos”, ela ia. Dois anos depois de casada, ela virou evangélica, não pôde mais. Agora, não dá mais também porque, quando se sai, se gasta dinheiro’. Diante das dificuldades da vida que Pedro e Lúcio apresentam, eu tento propor um modelo em que uma família mais unida fortalece cada um dos membros. Pedro, por assim dizer, entra na minha. Lúcio, no entanto, traz elementos mais complexos, que estão muito mais a serviço de uma apresentação de si e de seu estar no mundo do que a favor de uma expectativa de vida modelada. O que se pode entender por ‘caseiro’ é algo bem complexo, mas Lúcio seleciona em sua apresentação um material que privilegia as diferenças entre ele e sua esposa, ao invés dos elementos em comum. Ele gosta de dançar e ela gosta de rezar. E, isso, não por causa do desemprego, é de muito antes: ‘dois anos depois de casados, ela virou evangélica’. Dançar juntos, mesmo, como Lúcio gosta, só quando namoravam. A novidade que o desemprego trouxe, neste quesito, é que agora ninguém mais dança. Ela, por questões religiosas, e ele, porque não pode gastar dinheiro. E eu, entendendo que a dança de Lúcio fazia parte de seu lazer, pergunto-lhe: ‘o lazer mudou?’ Lúcio: ‘sim. Ela também não sai mais com as crianças, porque criança vê as coisas e quer, e tem que pagar condução. E é bexiga, e isso, aquilo. O grandão já quer curtir sozinho. Eu sou sincero, também gosto de andar sozinho. Gosto de ir ao bar com o meu irmão.

Ela não fica chateada, só se eu fico alto’. Minha pergunta quase banal – ‘você também é caseiro?’ -, graças à sinceridade de Lúcio, traz uma resposta complexa, que nos permite pensar sobre o lugar que a casa dele tem em relação ao mundo, em sua economia libidinal. Por um lado, diante da chuva que o mundo é, a casa é o melhor refúgio, o verdadeiro guarda-chuva. Ele pode ali se acolher da dureza que é ir até a Lapa em dias chuvosos, atrás de emprego. Por outro lado, não é em casa que ele encontra espaço para uma plena fruição libidinal. Sua esposa, transfigurada em evangélica, parece absorver grande parte do que faz da vida um dia chuvoso para Lúcio e, então, ele só pode ganhar cobertura em fragmentos do mundo externos à casa dele – a dança no salão, o bar que frequenta com o irmão -, criando uma dinâmica entre casa e mundo através da qual ele busca uma homeostase na qual está envolvido por inteiro – suas pulsões e vida moral -, suscitando um delicado equilíbrio, que tem como um de seus sinais de ter sido rompido a chateação da esposa. Se ele chega alto, se exagera no seu extravasamento lá fora, ela fica chateada. A casa como refúgio da chuva do mundo, mas o mundo como lugar para fruição de tudo aquilo que as crianças gostam, lugar onde dá para ‘curtir sozinho’ – no caso de Lúcio, em companhia do irmão. A situação de desemprego parece apertar o gargalo na dinâmica entre esses dois espaços – o familiar e o mundo – e, quando Lúcio quer se refugiar em casa, é mais difícil, porque, como disse a Lurdes, homem em casa irrita. E buscar refúgio no mundo em relação às demandas da casa também não dá, porque ‘gasta dinheiro’. Eu fico interessada em saber o que ocorre quando ele chega “alto” em casa: ‘e aí?’ Ele: ‘vou dormir no quarto do meu filho. Às vezes, vou para a minha mãe. E ela sabe onde estou. Às vezes, ela precisa de mim, e sabe onde eu estou’. “Alto” – isto é, alcoolizado -, Lúcio se rebaixa ao quarto do filho ou à casa da mãe. Pobre filho seu, que tem o seu espaço reiteradamente invadido pelo pai. Sempre a mesma ladainha! Isso para não falar da mãe, mas mãe que é mãe nunca fecha as portas para o filho. Entre a casa dele e o mundo, às vezes Lúcio opta pela casa da mãe. E, se a esposa precisa dele, sabe onde encontra-lo. ‘Às vezes, ela precisa de mim e sabe onde eu estou’. Uma linda construção de Lúcio. Uma construção que nega uma realidade pessoal? Quem precisa de quem? Será que

não é a esposa que resgata Lúcio de sua queda até a casa da mãe, e o retoma para a sua família, na condição de homem? Mas, no grupo, eu tomo essa última frase na sua literalidade e, tal como a esposa, o resgato, o elevo, e lhe digo: ‘então, você cuida do casamento...’ Lúcio: ‘o casamento é a primeira coisa da vida. Fui correndo atrás do papel quando ela falou que estava grávida. Gosto dela pra caramba. Nós batalhamos muito, temos um salão, eu dei o dinheiro, ela que comprou. Ela perguntou outro dia o que eu achava de vender e ir para o Paraná, onde ela tem a família dela. Eu disse que estou pensando. Ela ia ligar lá, se houver emprego, eu vou na frente, depois ela vai com a mãe e os filhos’. Agora, sim, emerge um Lúcio caseiro: ‘o casamento é a primeira coisa da vida’. Na fala dele, condensa-se toda a vida a dois que eles construíram, desde a gravidez, que o fez correr atrás do papel, o salão que conseguiram adquirir e o incerto futuro, cuja realização está tão em aberto quanto o Paraná é distante de São Paulo. Paraná: uma possível meta, um endereço distante, talvez necessário de ser levado em consideração para continuar a vida em família. Uma vez que a realidade da vida de Lúcio se mostra tão frágil e insustentável, é para lá que se torna necessário todos irem, incluindo a mãe cega da esposa. Lúcio, que parece com frequência dormir no quarto do filho e outras vezes na casa da mãe, tem que ser agora um desbravador - ‘se houver emprego, eu vou na frente...’ -, tem que viabilizar a vida de todos num dramático recomeçar. Neste instante, vida em família e um novo horizonte se vinculam. Laís lhe pergunta: ‘então, tem família no Paraná?’ E Lúcio: ‘é, tem’. E eu: ‘então, tem outras alternativas...’ E Lúcio: ‘ficar parado é que eu não posso...é, a vida é dura’. E eu: ‘Mas, hoje você trouxe outra perspectiva: de que, com a família, ajuda’. E Lúcio: ‘eu vou fazer o que o Pedro fez? Se pensar muito, eu fico louco. Vamos conviver juntos...’ O que Pedro fez foi sair da casa da companheira e se plantar numa dúvida. Lúcio parece entender a dúvida de Pedro. Porém, ele é mais casado do que Pedro. Corre o risco de ficar louco se pensar muito. Então, melhor continuar juntos sem muito pensar? E Pedro intervém: ‘vou tentar hoje conversar com ela direito. Não vou ainda levar as roupas’. Pedro parece ter decidido ainda não tomar nenhuma atitude definitiva, se definitivo ainda for levar as roupas. E Lúcio,

pragmáticamente, lhe pergunta: ‘você pagam aluguel lá?’ E Pedro responde: ‘não. Até ela prosperar, a irmã deixou com ela o barraco. Ela tem cadastro do Cingapura, mas ainda não chamaram. É uma esperança’. Assim termina o nosso quarto encontro, com vidas familiares fragilizadas que, apesar de tudo, só contam consigo próprias para prosperar, enquanto a realidade externa não lhes acene com alguma esperança.

Entre o 4º. e o 5º. encontro, Laís e Margaret ligaram para os que não vieram da última vez. Maria continuava trabalhando, cuidando por 15 dias de uma casa em reforma; Rosa estava acompanhando sua mãe, hospitalizada; Silva disse ter tido problemas em casa; e Lurdes, sem justificar sua ausência, disse que viria ao encontro seguinte.

5º. encontro (12/02/03):

Estavam presentes Silva, Lúcio, Lurdes, Rosa, Pedro, Maria e Laís, Margaret e eu.

Silva: Faltei no grupo semana passada porque desapareceu o cãozinho de estimação da minha filha, e ela não ficou bem de saúde por causa disto. Então, saí a procura-lo. E encontrei! A família comemorou de alegria. Nós todos choramos e, naquela noite, dormimos bem.

Belinda: Parece que até o sofrimento anterior desapareceu...

Silva: Parece que a gente ganhou na loto!

Rosa: Minha vida virou de ponta cabeça. Fui para Pernambuco buscar minha mãe. Ela estava doente, há 8 dias sem comer. Ainda não está bem. Nesse meio tempo, meu sogro faleceu e eu fui morar em Guaianazes. Cheguei com ela na segunda-feira, está com anemia e infecção na urina. Um irmão estava do lado errado, sofreu ameaça e, como mora comigo, tive que sair de lá. Estou longe, saí

às 8 hs. e cheguei agora, às 10. Estou com depressão, tomando remédio controlado.

Silva: Abala a cabeça...já a cachorrinha abalou a cabecinha da criança...

Rosa: Não foi fácil, faz 15 dias. Sem contar que eu estou desempregada e com o braço sem poder fazer nada. Procurei advogado, ele disse que não vai ser fácil.

Belinda: Hoje, estão aparecendo outras situações para além do desemprego, que também envolvem perdas e são muito difíceis.

Rosa: Mexeu com saúde...

Silva (*para Rosa*): Se este problema no braço você pegou com o trabalho, tem direito à indenização.

Lurdes: Você tendo assinado a demissão ou não! Procure um advogado trabalhista, ele vai pedir indenização por danos físicos. A mim, me humilharam, agora vou atrás. Paguei 60 reais no ultra-som, mas está caminhando o processo. Uma amiga minha que trabalha na empresa me ligou e disse que o advogado esteve lá e falou para a médica que não era para ter me mandado embora, que não podia. Eu não entrei lá doente! E, agora, estou com os braços doentes pro resto da vida.

Rosa: No meu caso, atingiu coluna e perna.

Silva: O serviço aqui encaminha para a Caixa. Eu, com o laudo na mão, vou dar entrada na Caixa.

Maria: Procurei ajuda do INSS, não deu. Então, estou fazendo bico, por dia. Fiquei 15 dias tomando conta da casa de uma senhora, estava em reforma, por isso eu faltei aqui. Eu é que seguro as pontas em casa, a pensão só paga o aluguel. O mais novo faz bico, é motoqueiro, o mais velho está desempregado. O mais novo ajuda às vezes, pagando conta. Então, quando me querem, eu faço bico.

Silva: A gente é descartável.

Maria: E, agora, ainda chegou em casa a minha irmã com três filhos, se separou do marido e não tem pra onde ir.

Belinda: Há quanto tempo ela está lá?

Maria: 3 dias. Não vou joga-la de casa! A gente come pouco quando não tem. Inclusive, eu queria de vocês uma ajuda pra comprar passagens, porque quero ver dela voltar pro norte.

Pedro: Antigamente, na rodoviária do Tietê, davam passagens pra quem precisava voltar.

Maria: Queria mandar ela embora.

Silva: Os programas de rádio são os mais indicados. Procura o Eli Corrêa. Ele ajuda até em questão de saúde.

Maria: Onde é?

Lúcio: Na Rádio Capital. Av. 9 de Julho, 3939.

Silva: Das 6 às 9 da manhã. Tem que falar com a secretária dele.

Rosa: A Rádio Atual também dá.

Lúcio: É mais perto, no bairro do Limão.

Pedro: É de um deputado federal, funciona no Centro de Tradições Nordestinas. O José de Abreu, a rádio é dele.

Belinda: Alguém de vocês já foi?

Rosa: Eu conheci uma pessoa que pediu material de construção e conseguiu.

Pedro: Eu sei que dão a cesta básica.

Rosa: Remédios, também.

Belinda: De onde vêm os recursos?

Rosa: É porque é deputado.

Pedro e Silva: É nordestino que vai lá e ele é nordestino.

Rosa: Ele também dá força pra cantor que está começando.

Silva: Lá é gostoso. A gente vai com a família comer baião de dois.

Belinda: É de graça?

Lúcio: Não, e não é barato, não.

Laís: Então, não é dado. *Esclarece o que é concessão de rádio.*

Belinda: Talvez uma situação de tanta carência e tanta frustração seja propícia para deixar surgir a figura de alguém que dá tudo.

Rosa: Pior que é.

Silva: Na última eleição, eu trabalhei para o filho do José de Abreu. Rodei a Freguesia inteira. Ainda não precisei dele mas, há 20 dias, tentei entrar em contato e não consegui. Afinal, ajudei a organizar o melhor *showmício* da Freguesia. Passa a eleição...

Rosa: Mas tem que procurar! É o pessoal dele que não passa o recado.

Margaret: Como é isso?

Silva: Ele não fica sabendo que a gente procurou. Minha mulher falou que eu tenho que ir lá às 5 hs. da manhã. Eu subi no palanque dele.

Belinda: Então, já não é bem um salvador, tem um esquema que dificulta o acesso.

Rosa: Principalmente a comunicação.

Lúcio: É como com currículo. Quem garante que a gente deixa na portaria de uma empresa e não rasgam?

Rosa: Lá no hospital, eu via que as próprias colegas já rasgavam no vestiário.

Lúcio: E tem o dinheiro que você gastou, é maldade.

Rosa: É falsidade, é cruel.

Pedro: O rapaz que devia 150 reais para a mulher, ontem não pagou. Era do salário dela e, por enquanto, ela só recebeu 100. Ele comprou um carro e disse que ficou sem dinheiro para pagá-la. E, agora, ela não vai mais lá [trabalhar]. Hoje, ela está com a cabeça quente, tem duas contas de água e duas de luz.

Silva (*para Pedro*): Desculpe a curiosidade. Voltou as pazes com ela?

Pedro: Sim. Eu falei para ela vir, não pôde, começou num novo emprego. Casa de família, também. Ontem, outra firma ligou, e minha Carteira está carimbada³⁶.

Silva: Tire outra Carteira.

Pedro: Não tenho conhecimento de como se faz isso.

Silva: Fala que perdeu...

Laís: Isto é certo?

Silva: Não é, mas tem que apelar.

Rosa: Mas, se receber o benefício, vai ter que devolver.

³⁶ O carimbo na Carteira de Trabalho de Pedro atesta que ele entrou com um pedido de auxílio por acidente de trabalho no INSS. Enquanto corre este processo, ele não pode ser registrado em novo emprego.

Lúcio: E se falar com o dono da empresa, que está carimbado mas precisa do serviço?

Margaret: Mas, se eu tenho um impedimento de saúde para poder trabalhar e, mesmo assim, assumo um trabalho que pode me agredir ainda mais, como é que fica a minha saúde?

Lurdes: A saúde não tem o que pague!

Lúcio: Mas, ele está há muito tempo sem o benefício...

Pedro: É, não deram no INSS.

Rosa: Eu estou perdendo o movimento da perna. Estou esperando a carta daqui para receber o benefício. Não agüento fazer nada. A assistente social me disse para entrar com pedido de indenização, com advogado.

Laís e eu informamos sobre a possibilidade de serviços de advogados gratuitos, através da OAB – Ordem dos Advogados do Brasil – e das faculdades de Direito.

Silva: Eu tenho advogada boa, é professora.

Maria: Você já pagou a ela?

Lurdes: Só se ganhar, 30% é deles [dos advogados].

Margaret volta a reforçar a possibilidade da gratuidade.

Lúcio: Eu tenho outro processo, pra ver horas extras e etc. Vou pagar 30% se eu ganhar.

Belinda: E, como você está em relação à vida familiar?

Lúcio: Estou nas nuvens, estou calmo.

Margaret: Arranjou trabalho?

Lúcio: O que tem é muito serviço pra pouco dinheiro. Ia abaixar na Carteira. Minha mulher fez limpeza uns dias. Hoje, eu vou numa reunião com ela, reunião de casais, na Igreja.

Belinda: E o que é estar nas nuvens?

Lúcio: É o dia a dia, a semana foi tranqüila.

Rosa: Tem que ter cabeça boa.

Lúcio: Se não, fica louco.

Rosa: É um todo. Se você é fraco, você não agüenta.

Lúcio: Amanhã, tem missa dos desempregados na Igreja de Sto. Expedito.

Rosa: Tem que levar as Carteiras pra benzer.

Silva: Eu vou.

Rosa: O Eli Correa e o filho estarão lá.

Silva: Desculpa falar, eu não gosto do Padre Marcelo.

Pedro: Também não.

Silva: Gosto do Pedro Maria.

Pedro: Tem padre que faz milagre lá no Piauí, faz chover, mostrou no Globo Rural duas vezes.

Rosa: Eu gosto, sou misseira. Pego o terço e rezo. Meu marido também não gosta do Padre Marcelo.

Pedro: A maioria não gosta, o jeito dele stressado, ele vai para o campo de futebol, é corinthiano.

Lúcio: Não é sério.

Silva: Se mexer em jogo, é errado.

Rosa: Ele leva no alto astral.

Belinda: Como assim?

Rosa: É animador, como aqui, eleva o astral.

Lurdes: Tudo é comércio. A minha filha foi mandada embora. Foi hoje fazer outra entrevista. Se der certo, será uma condução só.

Silva: Ela é nova, consegue.

Rosa: É nova e tem estudo.

Belinda (*para Lurdes*): Você parece hoje estar de melhor astral.

Lurdes: Sim, tem que confiar em Deus. Ela foi mandada embora e logo recebeu o recado da outra firma. Não é registrado, é prestadora de serviço.

Margaret lembra que o próximo será o nosso último encontro.

Silva: Sairemos com diploma?

Laís: O diploma é o que aproveitaram aqui.

Pedro: Eu pensei.

Após duas semanas de ausência, Rosa e Maria estão presentes. A roda de cadeiras volta a estar preenchida, com exceção de uma, aquela reservada para

Conceição. Este fato tão simples de podermos nos encontrar, dadas as condições adversas, já é em si um acontecimento. São Paulo é uma megalópole e são dezenas de quilômetros que cada um dos membros do grupo tem que percorrer para fazer a ponte entre as residências em que vivem e o Centro de Referência.

Silva começa dizendo que se ausentou do grupo na última semana por causa do desaparecimento do cãozinho de estimação da filha, que não estava bem de saúde por esse motivo. Isso o mobilizou a procura-lo. Com êxito! A família comemorou de alegria. Choraram e, naquela noite, dormiram bem. Eu lhe digo: ‘parece que até o sofrimento anterior desapareceu...’ E ele: ‘parece que a gente ganhou na loto!’ Dizem que psicologizar é coisa da elite. Mas, Silva também sabe ser psicólogo. Ele sabe, tal como Winnicott, que certos objetos, ou animais, são necessários para o estabelecimento de um suposto equilíbrio emocional que permite o desenvolvimento psíquico. A filha não estava bem de saúde porque perdeu o cãozinho de estimação. E todos no grupo sabem, de alguma forma, que também não estão bem de saúde porque perderam os seus trabalhos que, mais do que objetos transicionais³⁷, são áreas necessárias não apenas para o desenvolvimento pleno deles, mas para suas próprias existências. Silva saiu à procura do cãozinho perdido e o achou. Trouxe consigo um bilhete premiado da loto. E, naquela noite, todos dormiram bem, satisfeitos. Rosa também explica a sua ausência. Se Silva não pôde vir ao encontro do grupo porque estava à procura do cãozinho de estimação da filha, Rosa foi para mais longe: ‘minha vida virou de ponta cabeça. Fui para Pernambuco buscar a minha mãe. Ela estava doente, há 8 dias sem comer. Ainda não está bem. Nesse meio tempo, meu sogro faleceu. E eu fui morar em Guaianazes. Cheguei com ela na segunda-feira, está com anemia e infecção na urina. Meu irmão estava do lado errado, sofreu ameaças de morte e, como mora comigo, tive que sair de lá. Estou longe, saí às 8 hs e cheguei agora, às 10. Estou com depressão, tomando remédio controlado’. De acordo com o Eclesiastes, há um tempo para cada evento:

³⁷ Termo utilizado por Winnicott para referir-se a objetos que ganham centralidade na vida psíquica da criança, que vivencia na relação com eles sentimentos de segurança e proteção, o que lhe permite o seu desenvolvimento psíquico.

*Para tudo seu momento
E tempo para todo evento sob o céu*

*Tempo de nascer e tempo de morrer
Tempo de plantar e tempo de arrancar a planta*

*Tempo de matar e tempo de curar
Tempo de destruir e tempo de construir*

*Tempo de pranto e tempo de riso
Tempo de ânsia e tempo de dança*

*Tempo de atirar pedras e tempo de retirar pedras
Tempo de abraçar e tempo de afastar os braços*

*Tempo de procurar e tempo de perder
Tempo de reter e tempo de dissipar*

*Tempo de rasgar e tempo de coser
Tempo de calar e tempo de falar*

*Tempo de amar e tempo de odiar
Tempo de guerra e tempo de paz*

Ocorre que, hoje, os eventos se sucedem num ritmo que desnortearia ainda mais o pregador do Eclesiastes. Rosa que o diga! Sua vida virou de ponta-cabeça, e isso não é uma metáfora, a não ser que a gente a entenda ao pé da letra. Em 15 dias, ela foi para Pernambuco salvar a mãe doente que há 8 dias não comia. De volta, o sogro falece e o irmão, que vive com ela, comunica que está jurado de morte. E todos partem, em fuga, para Guaianazes, uma vizinhança totalmente nova e distante para Rosa. Se dizíamos que o fato de estarmos reunidos é um

acontecimento, dadas as enormes distâncias que cada um deve percorrer, devemos agora agregar que o difícil é bem mais difícil, dado o incrível imponderável e a fragilidade a que todos estão expostos. Se Silva foi um herói ao sair à procura e encontrar o cãozinho de estimação da filha, o que dizer de Rosa? Ela que, na primeira sessão, mostrava-se tão firme, cheia de conselhos para dar sobre como arrumar emprego, quais os postos do INSS que melhor funcionam e como lidar com os médicos, agora está com depressão. A vida não pára. Silva, talvez acanhado porque a sua justificativa sobre a ausência ficou tão menor em relação à de Rosa, comenta: ‘abala a cabeça...já a cachorrinha abalou a cabeça da criança...’. E Rosa: ‘não foi fácil. Faz 15 dias. Sem contar que eu estou desempregada e com o braço sem poder fazer nada. Procurei um advogado, ele disse que não vai ser fácil’. Rosa talvez esteja querendo administrar toda essa enxurrada de dificuldades que sobre ela desaba e a arrasta, virando a sua vida de ponta-cabeça. Ao lembrar que está desempregada e procurando advogado, talvez ache que é disso que ela deve tratar neste grupo. Talvez ela pense que, apesar de todas as dificuldades, ela deve procurar um emprego ou conseguir o auxílio do INSS. Rosa quer ser mais forte do que a enxurrada. Eu digo: ‘hoje, estão aparecendo outras situações, para além do desemprego, que também envolvem perdas e são muito difíceis’. Rosa: ‘mexeu com saúde...’ Saúde: última trincheira dos homens. Silva, dirigindo-se a Rosa: ‘se este problema no braço você pegou com o trabalho, tem direito à indenização’. Silva deveria ser juiz da Justiça do Trabalho. Comovido com a situação de Rosa, seu veredicto seria favorável a ela. Como não é o juiz, resta o alento, a tentativa de ser, para Rosa, o que ela foi para o grupo no primeiro encontro. E Lurdes, que também deveria ser juíza, diz: ‘você tendo assinado a demissão ou não! Procure um advogado trabalhista, ele vai pedir indenização por danos físicos’. Tanto Lurdes quanto Silva assumem a mesma postura de Rosa: as dificuldades de casa a gente lida em casa. O que se demanda na esfera pública é o trabalho. Nenhum deles comenta sobre a mãe de Rosa, ou sobre a marginalidade do irmão e o transtorno da fuga para Guaianazes, ou a morte do sogro. Ambos acolhem Rosa apontando-lhe meios para lidar com as questões jurídicas em que está implicada. Todos ali são profissionais, não

misturam trabalho e dificuldades domésticas. Isto é de um pragmatismo que espanta! É como se Rosa tivesse dito: ‘olha, tive dias terríveis, mas deixa pra lá, vamos trabalhar, vamos atrás de trabalho’. E Silva e Lurdes também se inteiram de todas as dificuldades que se acumulam sobre Rosa, são sensíveis a elas, as acolhem e as recolhem para o fundo, para tratar de coisas pragmáticas: ‘procure um advogado trabalhista, ele vai pedir indenização por danos físicos’. Lurdes continua: ‘a mim, me humilharam. Agora, vou atrás. Paguei 60 reais no ultrassom, mas está caminhando o processo. Uma amiga minha que trabalha na empresa me ligou e disse que o advogado esteve lá e falou para a médica que não era para ter me mandado embora, que não podia. Eu não entrei lá doente! E, agora, estou com os braços doentes pro resto da vida’. Não apenas estimulam Rosa, pragmaticamente, a continuar batalhando, procurar um advogado, etc. – silenciando sobre todo o drama dela –, como Lurdes, identificada com Rosa, narra a sua batalha pessoal. E toda a indignação com a situação de vida de Rosa – e até quem sabe com a sua própria – fica canalizada, na fala de Lurdes, para o conflito sobre os seus direitos com a empresa que, de acordo com ela, deixou-lhe os braços doentes pro resto da vida. E Rosa, respondendo à Lurdes, completa: ‘no meu caso, atingiu coluna e perna’. Impactou-me profundamente todo o relato de Rosa. Acharia importante falarmos mais sobre tudo isso. Mas, para eles, que estão num grupo para tratar do desemprego e cuja batalha principal é conseguir algum tipo de renda mensal, as questões de trabalho – que, no caso deles, são as questões jurídicas em que estão envolvidos – parecem assumir uma preponderância bem maior. E Silva comenta: ‘o serviço aqui encaminha para a Caixa. Eu, com o laudo na mão, vou dar entrada na Caixa’. E Maria: ‘procurei ajuda do INSS, não deu. Então, estou fazendo bico, por dia. Fiquei 15 dias tomando conta da casa de uma senhora, estava em reforma, por isso eu faltei aqui. Eu é que seguro as pontas em casa, a pensão só paga o aluguel’. Excluídos da regularidade que um contrato de trabalho estabelece, a vida se mostra em sua condição de pura abertura. E a subsistência fica atrelada a ‘fazer bico’, como aves tentado bicar daqui e dali alguma semente, algum pedacinho de fruta, algum serviço que redunde em um pequeno punhado de dinheiro que dê para ‘segurar as

pontas' em casa. Não dava para Maria vir aos nossos encontros porque, enquanto Silva ia atrás do cãozinho perdido e Rosa tinha a vida revirada, ela encontrara um trabalho temporário. Por tudo isso, nas sessões anteriores, nossos encontros estiveram tão esvaziados. E continua Maria: 'o mais novo faz bico, é motoqueiro. O mais velho está desempregado. O mais novo ajuda às vezes, pagando conta. Então, quando me querem, eu faço bico'. Nem o mais novo nem o mais velho encontraram, por enquanto, autonomia. E nem conseguem contribuir substancialmente para a vida em família de Maria. Por isso, quando a querem, ela faz bico. *Quando a querem*. Porque, do modo como as coisas se dão, Maria talvez pense que a vida não a quer. Nem a ela, nem aos seus. Silva diz: 'a gente é descartável'. Aqui, Silva não está teorizando. Ele está expressando, sim, um sentimento relativo a um estado de coisas em que os homens valem pouco, 'um bico' passageiro. Maria continua: 'e, agora, ainda chegaram em casa a minha irmã com três filhos. Separou-se do marido e não tem para onde ir'. Se todos eles estivessem empregados, se todos pudessem obter os recursos mínimos necessários para sobreviver com a regularidade que a vida urbana demanda, mesmo assim a vida em família de cada um mostrar-se-ia extremamente vulnerável. Maria, tal como Rosa, apesar de toda a sua fragilidade, é um pivô central no cuidado de um conjunto de pessoas ainda mais fragilizadas. Talvez a vida não as queira, mas elas devem cuidar da vida de muitos outros – filhos, irmãs, mães, sobrinhos -, enfim, de homens, mulheres e crianças que, se não for por elas, parecem não ter mais ninguém. Pessoas que não têm para onde ir, pessoas que ficam 8 dias sem comer, pessoas que transitam na marginalidade. Eu pergunto a Maria, perplexa com a nova informação – pelo relato dela, já era impossível a situação da família levando-se em consideração apenas o seu núcleo familiar -, há quanto tempo sua irmã está em sua casa. E Maria: 'há 3 dias. Não vou joga-la de casa'. Talvez Maria tenha captado a minha surpresa. Talvez ela tenha me ouvido, e não seria uma má escuta, como se eu tivesse dito: 'mas, mal dá para você sobreviver. Você ainda tem que dar conta dos filhos e, agora ainda, você se responsabiliza pela irmã e os filhos dela?' E continua Maria: 'a gente come pouco quando não tem. Inclusive, eu queria de vocês uma ajuda pra

comprar passagens, porque quero ver de ela voltar para o norte’. Se no mundo do trabalho as pessoas, como funcionários, são descartáveis, no mundo da família essa moral, para Maria, ainda não ganhou legitimidade. Ela sente-se responsável pelo destino da irmã, como Rosa sente-se responsável pelo da mãe e do irmão, e Silva cuida do equilíbrio emocional da filha. Ou seja, em torno do mundo do trabalho, de todo esse campo – e o mundo do trabalho inclui também o campo da saúde, uma vez que os trâmites que eles estabelecem com as instituições de saúde relacionam-se, de uma ou outra forma, com o trabalho - no qual, dadas as suas experiências, testemunham vínculos precários dos quais podem ser descartados, sustentam ainda relações de família em que os compromissos de um com o outro não se dissolvem com facilidade, ainda que Maria, bem como Rosa, poderiam ter boas justificativas de ordem pragmática para legitimar uma indisponibilidade de acolher os parentes mais fragilizados. Sorte do Brasil que essas pessoas não reproduzam entre os seus a mecânica do mundo do trabalho. Maria quer ajudar a sua irmã e nos pede que a ajudemos a ajuda-la. Infelizmente, nós nem precisamos justificar porque não poderíamos atendê-la em sua demanda. Pedro, que talvez já tenha introjetado que, ali, nós não podemos ajudar materialmente, dá uma informação a Maria: ‘antigamente, na rodoviária do Tietê, davam passagens para quem precisava voltar’. Maria queria mandar a irmã embora. Quem sabe minha intervenção - não tanto pelo que eu disse, mas pela surpresa que transmiti -, bem como a fala de Pedro, permitiu que os limites objetivos se sobrepusessem à vontade de ajudar a irmã. ‘Querida mandar ela embora’ é o que Maria pode fazer pela irmã – manda-la de volta para o seu lugar de origem. Silva: ‘os programas de rádio são os indicados. Procura o Eli Correa. Ele ajuda até em questão de saúde’. Pedir auxílio material num grupo terapêutico, numa instituição de saúde, não é apropriado. Agora, certos programas de rádio estão para isso mesmo, realizando uma estranha vinculação entre mídia e assistencialismo. ‘Procura o Eli Correa. Ele ajuda até em questão de saúde’. O Eli Correa correndo ao lado das políticas públicas de saúde. Maria, interessada, pergunta onde é. E Lúcio sabe: ‘na Rádio Capital. Avenida 9 de Julho, 3939’. E Silva, complementando: ‘das 6 às 9 da manhã. Tem que falar com a secretária dele’. Eli Correa: uma referência

comum para Lúcio e Silva. Talvez diante da fragilidade em que se encontram as instituições públicas que deveriam auxiliar a população, ganham destaque iniciativas da mídia cujos fins são, talvez, os de fixar-se, na luta por popularidade. Eli Correa ganha então deles mais confiança do que, por exemplo, o serviço social da rodoviária do Tietê, proposto por Pedro. Isso para não dizer que nenhum membro do grupo voltou a insistir na idéia de Maria, de nós a ajudarmos. Rosa: ‘a Rádio Atual também dá’. E Lúcio, que parece conhecer todos os endereços das rádios populares: ‘é mais perto, fica no Bairro do Limão’. E Pedro: ‘é de um deputado federal, o José de Abreu, a rádio é dele. Funciona no Centro de Tradições Nordestinas’. Em nossos encontros, raramente todos os membros participaram ativamente de um tema que estivesse sendo tratado, como nesse momento. As informações que, nesse instante, circulam entre eles, são montadas com a participação de todos, cada um contribuindo com um pedaço delas. E, entre mídia popular e assistencialismo, emerge agora a terceira ponta do tripé: a política. Se o nosso grupo puder ser considerado como um microcosmo representativo de um conjunto bem mais amplo, não tenhamos dúvida de que certos programas de rádio não apenas informam e divertem, mas também conseguem canalizar expectativas de um suposto auxílio que, para todos eles, é tão necessário e difícil de encontrar. O programa do Eli Correa e a Rádio Atual, do deputado federal José de Abreu, talvez gozem, para eles, de mais credibilidade do que as instituições públicas de saúde e o mundo do trabalho. Dada a certeza com que falam, eu pergunto: ‘alguém de vocês já foi?’ E Rosa: ‘eu conheci uma pessoa que pediu material de construção e conseguiu’. E Pedro: ‘eu sei que dão a cesta básica’. E Rosa: ‘remédios, também’. Enfim, parece que se dá tudo o que é importante: materiais de construção, alimentos e até remédios. Tanta disponibilidade me leva a perguntar-lhes de onde vêm os recursos. E Rosa: ‘é porque é deputado. E Pedro e Silva complementam: ‘é nordestino que vai lá, e ele é nordestino’. Rosa: ‘ele também dá força pra cantor que está começando’. E Silva: ‘lá é gostoso. A gente vai com a família comer baião de dois’. Para Rosa, os recursos vêm de uma fonte política: o deputado arranja dinheiro. Para Pedro e Silva, a disponibilidade dos recursos tem mais a ver com a origem do deputado:

um nordestino disposto a auxiliar outros nordestinos. Mas o tripé que enreda mídia, assistencialismo e política ganha ainda mais um componente: o do lazer, e de um lazer que não é qualquer, mas que tem a força de remete-los, de reconectá-los às suas origens, ao baião de dois, ao cozido que tem o sabor da origem e que podem compartilhar com suas famílias num espaço-tempo tão distante de tudo isso quanto é a São Paulo atual da casa de origem. Centro de Tradições Nordestinas - belo nome para um lugar que quer atrair desarraigados. Se lá, até cantor que está começando consegue uma força, trabalhadores também não conseguiriam? Parece que não. A força é para alguns pobres premiados, através dos quais sustenta-se a esperança para a infindável multidão de despossuídos, desarraigados e entregues a si próprios. Eu, que escuto suspeitando das benesses das rádios populares, dos apresentadores e de seus donos, insisto em arranhar a confiança neles depositada e pergunto: 'é de graça?' E Lúcio: 'não, e não é barato, não'. E Laís, em parceria comigo: 'então, não é dado' e, a seguir, esclarece para o grupo sobre o fato das rádios serem concessões públicas. De repente, somos duas tendo que nos haver no papel de "pessoas esclarecidas", tentando desmascarar uma ideologia tão profundamente introjetada por todos ali. Somos nós duas em oposição às rádios com as quais eles estão em sintonia, querendo nos mostrar acima de tudo isso, maiores do que tudo isso, porém com um arranhão que nos corrói talvez desde as bases: porque, à diferença da Rádio Atual ou do Eli Correa, nós nem sequer podemos dar a esperança para Maria de ajuda-la concretamente com as passagens para a irmã. Nós, como funcionárias de um Centro de Referência, temos menos força do que a secretária do Eli Correa. Eu intervenho, querendo mostrar que o rei está nu. Digo: 'talvez uma situação de tanta carência e tanta frustração seja propícia para deixar surgir a figura de alguém que dá tudo'. E Rosa: 'pior que é'. Concorda comigo mas, se fizermos uma pesquisa, daquelas tão em uso nos dias de hoje para aferir legitimidade a interesses políticos e econômicos, acho que o Centro de Tradições Nordestinas ganha de lavada do Centro de Referência. É mais referência para eles. O pior é que talvez alguém possa vir a achar que, para resgatar a credibilidade do Centro de Referência, este devesse funcionar um pouco como a Rádio Atual, oferecendo

para alguns passagens, para outros a cesta básica, para um terceiro o material de construção, perdendo assim de vista a sua responsabilidade com a saúde coletiva e tentando se concentrar em respostas pontuais aos pedidos manifestos. Silva continua: ‘na última eleição, eu trabalhei para o filho do José de Abreu. Rodei a Freguesia inteira. Ainda não precisei dele mas, há 20 dias, tentei entrar em contato e não consegui. Afinal, ajudei a organizar o melhor *showmício* da Freguesia. Passa a eleição...’ Parece que a minha fala teve um impacto. Silva, que sabia tudo do Eli Correa, os horários em que atende, o modo como contata-lo, ‘das 6 às 9 da manhã’, nunca antes nem depois – em três horas de expediente diário, Eli Correa dá conta de todas as demandas (com a ajuda da secretária, é claro!) -, agora expõe seu ressentimento, um reconhecimento de que nesse campo também talvez ele seja, como disse antes, ‘descartável’. Ele, que rodou a Freguesia inteira e ajudou no *showmício*. *Showmício*: é incrível esse híbrido que despolitiza o ato político e politiza, às escondidas, o *show*, transformando eleições não tanto em espetáculo, mas em entretenimento, um momento de lazer cuja moeda de troca é o voto. Rosa intervém: ‘mas, tem que procurar. É o pessoal dele que não passa o recado’. De fato, os apresentadores gozam de credibilidade. No mundo do trabalho, todo o ‘pessoal’, todos os patrões nada mais fazem do que se aproveitar do empenho deles, consumindo-os por inteiro, esgotando-os, para depois manda-los embora. Aqui, não. Se o Eli Correa ainda não atendeu, não é culpa dele. Funcionários ineptos infelizmente proliferam em toda parte, e o problema é que a demanda deles não chega aos ouvidos de quem tem poder e vontade de auxiliar a todos. Se o nome de Silva e os seus pedidos fossem sussurrados aos ouvidos do Eli Correa, aí, então, um novo amanhã esperaria por Silva! Eli Correa não mediria esforços para que nunca mais nada faltasse ao fiel servidor Silva. Porque, como diz a velha sabedoria, ‘favor com favor se paga’. E Silva, desta vez estimulado por Rosa: ‘ele não fica sabendo que a gente procurou. Minha mulher falou que eu tenho que ir lá às 5 hs da manhã. [Afinal de contas,] eu subi no palanque dele’. Podemos nos perguntar: por que Silva não aproveitou a hora em que estava no palanque, quase corpo a corpo com o filho do José de Abreu, com o príncipe, para fazer os seus pedidos? Será que ele perdeu uma

oportunidade de ouro? Ou será que, tal como para o pregador do Eclesiastes, aqui também há um tempo para tudo, um tempo para o *showmício* e, depois, um tempo para recolher os frutos? Silva parece acreditar plenamente nesse encadeamento dos eventos. Mas, e se for um tempo para o *showmício* e, depois, um tempo para esquecer tudo o que nele se prometeu? Aí, então, nunca houve oportunidade e nunca haverá, nem quando ele esteve apenas a alguns metros do poderoso doador. Mas, pelo menos, a esperança se agitou dentro de Silva, o que não é pouco, mas pode ser uma mentira. O que é tragicômico, o que é degradante, o que é terrível. E se Silva madrugar às portas da rádio, será que então será atendido? Tudo conspira contra. Mas, se ele fizer tudo direitinho, se a sorte o fizer topar com o filho do José de Abreu, então ele poderá comunicar tudo o que lhe falta. E o filho do José de Abreu tem que corresponder. Não pode faltar, não com ele, Silva, que subiu em seu palanque. Porque, se o filho do José de Abreu também o descartar, aí então Silva, feito César, tendo sua vida totalmente revirada, terá que exclamar: ‘até tu, Brutus!’. Eu insisto em meu papel de conscientizadora: ‘então, já não é bem um salvador, tem um esquema que dificulta o acesso’. E Rosa: ‘principalmente a comunicação’. Para Rosa, talvez os sofrimentos todos sejam o resultado de transtornos na comunicação, uma sucessão de maus-entendidos diários que os afasta das suas metas. Lúcio intervém: ‘é como com o currículo. Quem garante que a gente deixa na portaria de uma empresa e não rasgam?’ De fato, quem garante o que nesta vida? Talvez os poderosos não sejam os únicos responsáveis pelo estado das coisas. Talvez a responsabilidade também seja de toda essa multidão de pequenos funcionários na qual nos incluímos – nós e todos os funcionários públicos, todos os atendentes, todos os serventes, todos os médicos de plantão, todos os porteiros, as secretárias, enfim, todo aquele batalhão humano que deveria garantir o trânsito entre cada cidadão e os poderosos. Rosa agrega um dado mais terrível, porque, desta vez, não é mera hipótese, mas fato testemunhado por ela: ‘lá no hospital, eu via que as próprios colegas já rasgavam no vestiário’. E Lúcio: ‘e tem o dinheiro que você gastou, é maldade’. Rosa: ‘é falsidade, é cruel’. De fato, este mundo é cruel. No vestiário de um hospital, funcionárias rasgam currículos que

lhes foram confiados para fazerem chegar às mãos dos que detêm o poder de decidir sobre a vida dos outros. Melhor que eles nem vejam esses pedidos, que nem saibam da sua existência. Quem sabe o coração deles se incline por um desses currículos e, aí então, alguma das que têm o privilégio de estarem trocando de vestes nesse vestiário será substituída, demitida, para que a nova agraciada possa ocupar o seu lugar. Dizer que o mundo do trabalho é competitivo talvez seja uma maneira de ocultar o que Rosa revela abertamente: que o mundo do trabalho, a partir das regras que nele imperam ou são subentendidas, ‘é falsidade, é cruel’. Pedro: ‘o rapaz que devia 150 reais para a mulher³⁸, ontem não pagou. Era do salário dela e, por enquanto, ela só recebeu 100. Ele comprou um carro e disse que ficou sem dinheiro para pagá-la. Agora, ela não vai mais lá. Hoje ela está com a cabeça quente, tem duas contas de água e duas de luz’. Cruel pode ser a relação entre os funcionários e cruéis podem ser também alguns empregadores. Cruéis são também as contas que, penduradas, deixam os empregados com a cabeça quente. Pedro narra a cena como se fora um observador dela. Ele observa que o rapaz não pagará o que deve, que ela não irá mais para lá e que, agora, está com a cabeça quente e quatro contas penduradas. E ele? Silva lhe pergunta: ‘desculpe a curiosidade: voltou às pazes com ela?’ Pedro: ‘sim. Eu falei para ela vir, não pode, começou um novo emprego. Também é em casa de família. Ontem, outra firma ligou, e minha Carteira está carimbada’. Se a contração do campo do trabalho pressiona os que nele estão incluídos, uns aos outros, propiciando a emergência de gestos cruéis, as regras que advêm das leis que regulam o mundo o trabalho também, de alguma forma, sentem o impacto dessa contração, chegando a criar paradoxos, descontinuidades entre regimentos e situações de vida. Pedro não está juridicamente equipado para ser empregado – sua Carteira de Trabalho está carimbada por questões de saúde, porque deu entrada num pedido ao INSS -, mas esse carimbo ainda não ganhou legitimidade jurídica para lhe permitir receber algum auxílio com ele, o que implica uma certa perversão burocrática - advinda da agilidade da abertura do processo, do carimbo na Carteira, mas da extensa demora do processo em si -,

³⁸ Pedro refere-se à companheira deste modo – ‘a mulher’ -, sem citar seu nome nem incluir o pronome

uma vez que opera no sentido de paralisar Pedro numa situação totalmente adversa para ele. Silva: ‘tire outra Carteira’. À perversão da lei, Silva propõe, de alguma maneira, uma outra perversão, para que Pedro possa sair desse impasse. Pedro: ‘não tenho conhecimento de como se faz isso’. Silva: ‘fala que perdeu’. Os currículos dos concorrentes devem ser rasgados e as Carteiras de Trabalho devem ser supostamente perdidas. Laís questiona: ‘isto é certo?’ E Silva: ‘não é, mas tem que apelar’. Para Silva, a situação demanda que a lei seja driblada. Isto que é apelar – agir fora da lei para subsistir. Não que Silva tenha como princípio agir assim. De algum modo, as pessoas que compõem esse grupo caracterizam-se por querer se sentir atuando acolhidas no âmbito da lei. Mas, sentem-se pressionadas – entre outros fatores, como neste caso, pelas próprias contradições entre a lei e as imperiosas demandas de suas situações de vida – a tomar atitudes que, de alguma forma, transgridem a lei. Rasgar currículos de conhecidos, demandar uma nova Carteira de Trabalho justificando que perdeu a anterior, são pequenos atos mentirosos que, sucedendo-se no dia-a-dia, podem levar a um denegrimento moral pessoal de difícil elaboração. Rosa, talvez preocupada com o clima de transgressão que vai tomando o ambiente do grupo, diz: ‘mas, se receber o benefício, vai ter que devolver’. Nesse instante, o grupo age como cúmplice de um plano: estão todos integrados, visando uma certa finalidade – conseguir um modo de Pedro arranjar uma nova Carteira de Trabalho, uma Carteira limpa. Isto implica em transgredir a lei. Mas, Rosa propõe que se faça a transgressão até um certo ponto. É como se ela dissesse: ‘tudo bem, mente que perdeu. Mas, se você conseguir emprego e depois vier o benefício, não vale ficar com os dois’. E, entre o benefício e o emprego, é bom frisar que Rosa opta pelo emprego. E Lúcio: ‘e se falar com o dono da empresa, que está carimbado mas precisa do serviço?’ Eis um momento de verdadeiro *brain storm* coletivo, para ver qual a melhor estratégia para Pedro tomar. Lúcio propõe que se pense uma outra via. Será que o dono iria entender a situação de Pedro e sua Carteira carimbada? Nesse instante, estão agindo como um grupo de fato, com cada um tomando o problema a partir de uma perspectiva diferente e demandando de

possessivo ‘minha’.

todos uma reflexão que leve a um posicionamento. Margaret pergunta: ‘mas, se eu tenho um impedimento de saúde para poder trabalhar e, mesmo assim, assumo um trabalho que pode me agredir ainda mais, como é que fica a minha saúde?’ Êta situação complexa! Todos parecem ter razão. Lurdes, mobilizada pela colocação de Margaret: ‘a saúde não tem o que pague’. Ou seja, melhor estar sem salário e com saúde do que empregado, mas doente. Então, talvez seja melhor esquecer essa história de ‘perder a Carteira carimbada’ e ficar aguardando a sentença da lei. Lúcio: ‘mas, ele está há muito tempo sem o benefício...’ Pedro: ‘É, não deram [o benefício] no INSS’. Não só as pessoas, em determinadas condições, neurotizam, mas o próprio contexto pode ser neurotizante, quando lei e vida se chocam, produzindo impasses que aprisionam os implicados. Rosa: ‘eu estou perdendo o movimento da perna. Estou esperando a carta daqui para receber o benefício. Não agüento fazer nada. A assistente social me disse para entrar com um pedido de indenização, com o auxílio de um advogado’. Rosa já tinha informado, no início da sessão, que havia procurado um advogado e ele dissera que não ia ser fácil o caso dela. Talvez os impasses da situação de Pedro e os procedimentos contraditórios que cada um deles propôs estejam promovendo em Rosa uma vivência de imobilidade, um andar em círculos sem sair do lugar, um repetir que a leva de volta ao início da sessão, ou até antes, porque a fala atual sugere que ela vai procurar um advogado por indicação da assistente social, advogado este que ela já procurou e que já disse que a sua situação é difícil. Rosa realiza assim esse andar em círculos que o grupo performatiza diante do impasse que Pedro vive. Laís e eu informamos sobre a possibilidade de eles recorrerem a serviços advocatícios gratuitos, como que querendo talvez trazer um advogado para a nossa discussão, que pudesse esclarecer a nós todos sobre o que fazer. O amparo da lei. Como faz falta o amparo da lei, quando este se transforma em aperto da lei. Silva: ‘eu tenho uma boa advogada, ela é professora’. Maria, que parece pensar que advogada boa não vem de graça, pergunta: ‘você já pagou a ela?’ E Lurdes, que parece estar por dentro dos procedimentos contratuais com advogados, responde por Silva: ‘só se ganhar, 30% fica para eles’. A situação de vida que atravessam é tão complexa que demanda um trato com serviços de

saúde, burocracias administrativas do trabalho, contratos de advogados, compreensão dos procedimentos administrativos nas empresas em que trabalhavam, enfim, uma demanda intensa sobre cada um deles, e isso para não falar de tudo o que pressiona na vida de cada um: a mãe doente no norte que há 8 dias não come, o irmão ameaçado de morte, a filha lamentando a perda do cachorrinho, as contas penduradas, as dores no corpo, a irmã separada com três filhos que tem que ser acolhida, a falta de dinheiro, o não saber a quem recorrer, a ineficiência dos funcionários do Eli Correa, a traição dos conhecidos a quem se confia o currículo e as próprias transgressões diárias, as crueldades e falsidades a que são impelidos. Margaret retoma a informação sobre os serviços advocatícios gratuitos que podem ser procurados. E Lúcio: ‘eu tenho outro processo, para ver horas extras, etc. Vou pagar 30% se eu ganhar’. A maneira como esses advogados contratam torna-se atraente. Apesar de estarem envolvidas, na maior parte dos casos, somas modestas, que mal cobrem as necessidades deles e que a perda dos 30% reduz ainda mais, o fato de atrelar o pagamento do advogado ao ganho da causa os atrai, pela perspectiva que abre de algum ganho. Eu aproveito a intervenção de Lúcio e lhe pergunto: ‘e, como você está em relação à vida familiar?’, interessada em saber como andam as coisas na casa dele, diante dos conflitos que ele trouxera nas sessões anteriores. E ele: ‘estou nas nuvens, estou calmo’. Nas nuvens é bem acima do chão no qual é difícil manter em movimento as pernas. Margaret, talvez surpresa, lhe pergunta: ‘você arranhou trabalho?’ Sim, talvez porque estar nas nuvens e estar trabalhando, para esse grupo, equivalem-se. Estar trabalhando é da ordem da realização de uma esperança, bem acima do chão duro do desemprego. Lúcio diz: ‘o que tem é muito serviço pra pouco dinheiro. Se aceitasse, iria baixar o salário na Carteira. Minha mulher fez limpeza uns dias. Hoje, eu vou a uma reunião com ela, de casais, na igreja’. O que, dessa descrição sintética que Lúcio faz, o faz sentir como se estivesse na suavidade das nuvens? O seu direito de optar e recusar serviços por pouco dinheiro? O fato de sua esposa, que não trabalhava, ter começado a fazer limpeza por uns dias? Ou o fato de ele ter começado a participar das atividades da igreja junto com ela? A somatória de tudo isso, uma situação afetiva menos enrijecida, uma vez que, em

relação aos encontros anteriores, houve mudanças – a mulher procurando trabalho e ele se dispondo a participar com ela das reuniões na igreja? Eu pergunto: ‘o que é estar nas nuvens?’ E ele: ‘é o dia-a-dia, a semana foi tranqüila’. Rosa: ‘tem que ter cabeça boa’. Lúcio complementa: ‘se não, fica louco’. Rosa: ‘é um todo. Se você é fraco, você não agüenta’. Nesse diálogo entre Lúcio e Rosa, no qual um complementa o outro, ‘estar nas nuvens’ não é algo do além, mas um complexo trabalho pessoal que sustente a cabeça boa e uma força interna que lhes permita agüentar sem enlouquecer, algo que, sem dúvida, uma situação terapêutica como a que estamos tentando levar adiante se empenha em promover – algo que pode ser não tão distante deles, nem mera ilusão. Porém Lúcio, talvez carregando as nuvens para um campo religioso, continua: ‘amanhã, tem missa dos desempregados na Igreja de Santo Expedito’. E Rosa: ‘tem que levar as Carteiras pra benzer’. Silva anima-se: ‘eu vou’. E Rosa: ‘o Eli Correa e o filho estarão lá’. Eis uma situação onde todos estarão: no campo religioso, os desempregados procurando as bênçãos de forma indireta – não são eles que devem ser abençoados, mas as suas Carteiras de Trabalho. Um certo apelo à magia parece estar presente nessa tentativa de sacralizar o que não passa de um registro burocrático. Mas, em tempos tão bicudos, em que estar empregado é uma benção, parece que todas as vias têm que ser tentadas. Os comunicadores da mídia, o Eli Correa e o filho, também estarão lá: será que, dessa vez, poderão fazer chegar até eles as suas demandas? Silva intervém: ‘desculpa falar, eu não gosto do Padre Marcelo’ (*possivelmente, essa missa seria ministrada pelo Padre Marcelo*). E Pedro: ‘eu também não’. Silva: ‘gosto do Pedro Maria’. E Pedro: ‘tem padre que faz milagre lá no Piauí, faz chover, mostrou no Globo Rural duas vezes’. Parece que ninguém duvida de milagres. Mas, o campo se divide entre os que gostam do Padre Marcelo e os que não gostam dele. Se um padre lá no Piauí consegue fazer chover, como o Globo Rural já mostrou duas vezes, se os acontecimentos da natureza se curvam às necessidades dos homens expressas em reza, por que então não seria igual com os fenômenos sociais? A questão é quem canaliza toda essa devoção: o Padre Marcelo ou o Pedro Maria? Rosa: ‘eu gosto [do Padre Marcelo]. Sou misseira. Pego o terço e rezo. Meu marido também não

gosta do Padre Marcelo'. E Pedro: 'a maioria não gosta, o jeito dele stressado, ele vai para o campo de futebol, é corintiano'. Lúcio: 'não é sério'. Eis um grupo discutindo sobre as atitudes da Igreja Católica em tempos de crise e de comunicação de massa, polemizando criticamente o giro para o espetáculo de massas que os cultos promovidos pelo Padre Marcelo significam. Ou o nosso grupo é muito conservador, ou a mistura de religiosidade e espetáculo de massa, com pitadas de futebol, deslegitima, para alguns do grupo, a religiosidade da situação. E Silva: 'se mexer em jogo, é errado'. Rosa sai em defesa do Padre Marcelo: 'ele leva no alto astral', referindo-se talvez à promoção de entusiasmo que a Igreja Carismática visa. Mas, eu lhe pergunto: 'como assim?' E ela: 'é animador, como aqui, eleva o astral'. Talvez eu deveria intervir para mostrar as diferenças entre o nosso campo e aquele promovido pelo Padre Marcelo. Mas Lurdes se adianta: 'tudo é comércio. A minha filha foi mandada embora. Hoje, foi fazer outra entrevista. Se der certo, é uma condução só'. Entre o Padre Marcelo e o Pedro Maria, para Lurdes, 'tudo é comércio'. Aliás, no grupo, de alguma maneira, todos confiam desconfiando. Todos eles sabem que Eli Correa e companhia, os deputados, às vezes o próprio Padre Marcelo, são, como disse a Lurdes, 'comércio'. E, com esta fala, talvez ela queira expressar, mais do que o reconhecimento de que em toda situação social há interesses em jogo e trocas complexas entre os participantes, um repúdio moral ao modo como se dão as coisas entre os homens, em seu aspecto mais geral. 'Tudo é comércio' não é apenas uma observação antropológica sobre como os homens convivem entre si, de que eles são necessariamente obrigados a realizar trocas para existir – trocas de palavras, de mercadorias, etc. Numa frase de apenas três palavras, toda a vida humana é posta em questão, ganhando uma condição de pecado moral, do qual ninguém escapa. Talvez nem a própria Lurdes, que ao final de um dos encontros, fazendo o comércio que lhe era possível, ofereceu-nos produtos da Natura. E todos, de alguma maneira, guardam consigo essa mesma noção de fundo, de um estado pecaminoso da sociedade em geral. E é a partir dela ou sobre ela que esperam auxílio do Eli Correa, que se envolvem em eleições, que abençoam Carteiras de Trabalho, que procuram advogados, etc. Lurdes quer também pôr na

roda o que vem se passando na casa dela. A filha foi mandada embora, o principal entrave era a condução. E, agora, parece ter surgido uma esperança: ‘se der certo, será uma condução só’. Silva: ‘ela é nova, consegue’. O grupo hoje tem sabido se acolher, um suportando o outro, um, de algum modo, levantando o astral do outro. Rosa: ‘é nova e tem estudo’. Em princípio, a filha de Lurdes tem tudo para estar plenamente empregada. É nova e tem estudo. Isto dito para a Lurdes que, nas sessões anteriores, desacreditava também dos estudos como forma de garantir uma condição de empregabilidade. Mas, desta vez, ela parece não se opor ao que Rosa e Silva dizem. Por isso, eu lhe digo: ‘você parece hoje estar de melhor astral’. E Lurdes: ‘sim, tem que confiar em Deus. Ela foi mandada embora e logo recebeu o recado da outra firma. Não é registrado, é prestadora de serviço’. Tem mesmo que confiar em Deus. Porque confiar na vida dos homens torna-se difícil, na situação que as pessoas desse grupo atravessam. Tentamos nos elevar o astral, mas a realidade é muito dura. São um grupo de desempregados, mas não são exceções em suas famílias: maridos, esposas, filhos adolescentes, irmãs, filhos formados, todos, ou quase todos, ou estão desempregados, ou estão à margem da vida de trabalho, ou têm uma relação precária no mundo do trabalho. Estamos no fim da sessão e Margaret lembra que o próximo encontro será o último. Silva, de alto astral, lhe pergunta: ‘sairemos com diploma?’ A pergunta pode ser um retorno de suas primeiras interrogações sobre o que este grupo teria para oferecer à vida deles. Talvez um modo de demandar, de não abrir mão de uma forte expectativa de que o Centro de Referência contribua de modo concreto para que eles estejam melhor equipados para conseguir um lugar no fechado mundo do trabalho. Laís, também de alto astral: ‘o diploma é o que aproveitaram aqui’.

6º. encontro (26/02/03):

Estão presentes Rosa, Pedro, Lúcio, Silva, Lurdes e Maria, Laís, Margaret e eu.

Belinda: Como hoje é o nosso último encontro, gostaríamos de conversar sobre o que foi o grupo para cada um de vocês, ter um retorno do trabalho que fizemos juntos.

Silva: De princípio, apesar de ter gostado, eu pensava que seria uma ajuda para encaminhar para emprego, trabalho.

Maria: Eu pensei do mesmo jeito.

Belinda: Nós compreendemos a urgência que vocês têm de trabalho, de emprego. Mas, isto não nos é possível conseguir. A falta de emprego envolve questões que são maiores do que nós. Como um Centro de Referência, nós podemos dar orientação, informações e oferecer um espaço para pensarmos juntos, como as questões que pensamos nesses encontros que tivemos.

Silva: A prioridade para a gente, aqui, é o médico.

Maria: Nem o médico. Ele acha que eu não tenho nada!

Silva: Nesse ponto, eu não reclamo. Fui bem servido aqui. Fico grato. Aqui é o lugar para conseguir alguma coisa do médico.

Laís: O que quer dizer ser bem servido?

Silva: Demora muito tempo lá fora, aqui foi rápido.

Belinda: E o grupo?

Silva: Aqui, praticamente conhecemos uma família. Podemos entrar em contato, formamos uma família.

Maria: Um dá uma informação para o outro, vamos mexendo a panelinha.

Pedro: Ficou tipo na história, e na minha vida. Vamos continuar a se falar.

Silva: Mas, o Centro pode locomover a gente para um serviço?

Margaret: Nós não temos esse perfil. Nós falamos de possibilidades, onde procurar trabalho, em outros encontros. Aqui, o objetivo é o cuidado com a saúde.

Silva: O grupo é de pessoas que têm problemas de saúde? Lá fora sabem disso?

Laís: Alguém pode ajudar a responder ao Silva?

Lúcio: O médico me falou que eu posso trabalhar, não estou doente.

Silva: Não dá pra tirar daqui uns currículos...por exemplo, se um empresário vem aqui, porque soube do grupo, para procurar pessoas para trabalhar para ele...

Belinda: A gente sabe do drama que cada um de vocês, e cada uma das famílias de vocês, está vivendo. *(Para o Silva)* Acho que você está sendo porta-voz dessa urgência. Mas, não é aqui que o empresário procura empregados. Nós falamos anteriormente dos locais de cadastro, e não é aqui. Aqui é para cuidar de problemas de saúde decorrentes do trabalho, ou da falta de trabalho, como em nosso grupo.

Rosa: Eu consegui emprego, mas vou ser operada, não posso pegar. Acho que vou me tratar, mas não para voltar à minha função.

Margaret: Talvez seja necessário re-qualificar-se.

Rosa: Mas, aqui, eu gostei das psicólogas, o Dr. Jorge foi excelente, me deu remédio para depressão, aqui me sinto segura, apoiada.

Belinda: Parece que, se temos uma expectativa adequada ao que recebemos, o sentimento é positivo. Ao contrário do que trouxeram o Silva e a Maria - uma expectativa que vai além do que o serviço pode oferecer.

Maria: Porcaria de médico, tô cheia! Vou no advogado.

Lurdes: O ortopedista acha que eu não tenho nada, e na ressonância dá. Fico chateada. Vou voltar lá.

Maria: Arranjei um trabalho esta semana. Quando eu disse a minha idade, falaram na minha cara que não querem. E os médicos dizem que está tudo bem! Os filhos parados, só o menor fazendo bico, o mais velho tem família! Quando o mais novo está mordido, ele gasta tudo! Brigou com a namorada e quer ir para o Piauí buscá-la. Eu agüento a barra. Vou tentar levá-lo ao psiquiatra para tomar remédio e acalmar. Deus o livre, se acontece algo na rua, ele é motoqueiro. Mas, eu quero trabalhar. Eu chego cansada do trabalho, as vizinhas percebem, mas eu gosto de ter o meu dinheiro na mão. Com fé em Deus, vou tentar.

Belinda: Parece que a sua reclamação é também de dentro de casa, o seu filho não lhe ajuda...

Maria: Mas o dinheiro é dele! Não posso tomar. Ontem, eu pedi emprestado para ele. Ele é bom, gostaria que ele arrumasse um serviço bom e eu só cuidasse da casa. A pensão que eu recebo dá para o aluguel. Aí, tem as despesas do mês e as outras contas. Fome, ainda não passamos, graças ao Nosso Senhor Jesus

Cristo...é assim mesmo. Mas, gostei do grupo, da palestra, dos colegas, da informação do Poupa-Tempo, já falei pros meus filhos.

Belinda: Eles se interessaram em se cadastrar?

Maria: O mais velho, quando acabar de receber o seguro-desemprego, vai tentar. Ele está fazendo um curso de enfermeiro, eu ajudo também a pagar o curso.

Belinda: Surgiu muito isto aqui, dos familiares se ajudando, não dá para estar só. Outra coisa que vocês trouxeram é a necessidade de qualificação, ou re-qualificação.

Rosa: O meu estudo é pouco, minha filha me incentiva a estudar. Mas, às vezes, é tanta dor que a gente sente que não dá vontade de sair da cama. Ela está começando o curso pré-vestibular, é de sábado, das 7 às 19 hs.

Laís fala sobre o cursinho da Poli, gratuito.

Maria: Puxado o horário!

Belinda: Parece que a importância do conhecimento, da informação, é outro caminho que o grupo apontou.

Silva: Eu consegui horário com o ortopedista.

Pedro: Eu pensei até em trambicar a Carteira, já perdi dois empregos. Mas, conversei com a mulher sobre a história do carimbo. Pensei em tirar outra, branca. Estou sem recurso.

Lurdes: Mas vão carimbar de novo.

Pedro: Estou sem recurso, sem benefício e perdendo oportunidade de emprego.

Belinda: Talvez seja importante voltar a esclarecer tudo isto com a assistente social.

Lurdes: Mas, é um grande erro das empresas. Se o benefício foi negado a ele, a empresa poderia pegar.

Laís: Alguém de vocês foi ao sindicato?

Silva: Nunca mais fui. Não estou mais contribuindo, não sei se perde a validade.

Pedro: Tem direito de usar por um ano.

Silva: Eles não atendem bem.

Pedro: Eu usei dentista, médico, advogado.

Rosa: Eu contribuía, fazia unha, cabelo e usava o dentista.

Lurdes: Eu usei o dentista.

Maria: Não uso essa porcaria.

Lúcio: Eu nunca fui porque eu trabalhava direto.

Rosa: Sinto falta das comemorações no sindicato. Tinha até festa de casamento lá. Mas não confio nos advogados do sindicato. Eles armam com a empresa e a peãozada é que perde.

Laís: Então, para que serve o sindicato?

Lúcio: Era para ajudar a gente, mas é para ajudar o patrão.

Rosa: A gente vai lá pedir ajuda e eles já ligam pro patrão.

Laís: Esta é a sua experiência?

Rosa: Não, eu ouvi falar!

Silva: Mas, se a gente bater o pé, consegue o que precisa. Mas, nos sindicatos do transporte é difícil, os diretores são ligados com os patrões. Antigamente, eles jogavam duro pelos trabalhadores. Hoje, tem propina no meio. Falo por experiência própria. Eu fui da comissão de garagem e eu dizia que fui eleito pelos colegas e não podia fazer nada contra eles. Eu nunca gostei de patrão. Acabei saindo fora porque tinha muita coisa errada, injustiça com trabalhador.

Belinda: Mas, será que o sindicato não poderia ser um outro recurso, que eventualmente possa oferecer orientação, assessoria?

Lurdes: O que fala mais alto é o dinheiro! ...Minha filha começou ontem no novo trabalho, vai ganhar 4 reais por hora. É temporária, por 3 meses, dão refeição.

Lúcio: Agora é tudo terceirizado.

Lurdes: Ajudou a ela a pós-graduação em Meio-ambiente.

Silva: Ela pode vir a ficar fixa.

Rosa: Quando passou 3 meses, meu marido foi registrado, faz 5 anos.

Lurdes: Mas, ela não tem convênio médico, não tem transporte e diz que a comida é horrível.

Rosa: Eu sinto falta da comida do hospital, era uma delícia.

Lurdes: Quando eu trabalhava, eram 3 tipos de mistura diferentes todos os dias...O trabalho, para mim, era uma terapia!

Belinda: Como assim?

Lurdes: Foi de muita ajuda quando o meu filho morreu.

Rosa: A gente conhece muita gente no trabalho.

Lurdes: Eu passei 3 anos só chorando. Hoje eu falo sem chorar.

Silva: Moto é um perigo, eu mesmo já passei por cima de motoqueiro.

Rosa: Eu falava com todo mundo, até com os acompanhantes dos doentes, fazia muita amizade, era uma terapia. Eu sinto falta do emprego, do salário, do convênio, da cesta básica, do bônus...

Lurdes: Eu queria mesmo era estar lá! Se me segurassem mais 5 anos, eu não brigava com eles, me aposentava. Mas, achavam que eu era bobinha, que eu não ia brigar...

Silva: Quem me mandou embora, também foi mandado embora.

Belinda: Agora, estamos no final de nossos encontros, vamos ter uma perda novamente...

Rosa: Eu vou falar com o Dr. Jorge agora, para ver se faço ou não a cirurgia.

Lurdes: Eu não faço.

Rosa: Vou falar com o Dr. Jorge, eu confio nele.

Silva (*para as coordenadoras*): Qualquer coisa, vocês ligam para a gente...

Belinda: As portas estão abertas, quando vocês precisarem ou quiserem falar conosco.

Estão presentes Rosa, Pedro, Lúcio, Silva, Lurdes e Maria, Laís, Margaret e eu, que inicio a sessão: ‘como hoje é o nosso último encontro, gostaríamos de conversar sobre o que foi o grupo para cada um de vocês, ter um retorno do trabalho que fizemos juntos’. Na verdade, inicio encerrando, pedindo, antes do fecho final, algo assim como uma avaliação. Minha fala foi dura demais. Para um grupo de pessoas que, no princípio, concordaram em participar muito mais por uma demanda feita pelo Centro de Referência do que por uma opção pessoal; para pessoas que tinham que, num curto espaço de tempo – 6 semanas –, preencher o espaço do grupo com expectativas de características muito difíceis de serem sustentadas na medida certa – uma vez que a expectativa maior deles, a de arranjar trabalho ou verem suas reivindicações jurídicas atendidas, tende a

ofuscar todo o resto; e, por outro lado, a falta de familiaridade com um trabalho subjetivo mais concreto, com um trabalho propriamente com a subjetividade –, todos esses elementos estabelecem coordenadas que tornam a apropriação da experiência que vivemos no grupo uma tarefa difícil. Leva tempo e, se no encontro anterior, pudemos nos sentir, em alguns momentos, trabalhando como um grupo que toma para si a tarefa de refletir com seriedade as questões que iam emergindo, e não apenas como uma reunião de singularidades, agora, mal eles se vincularam mais fortemente ao grupo, eu o finalizo. E de um modo em que me distancio deles, porque eu não me incluí na avaliação. Peço que eles dêem um retorno do trabalho, sem que eu própria comece a fazê-lo. Quando faltavam, nós lhes telefonávamos, demandando presença. E, agora que estão presentes, eu lhes digo que terminou e que tudo que eu quero saber – é assim que eles podem entender a minha fala – é de um retorno do trabalho que fizemos. Claro que uma fala tão dura não ficará sem resposta. Silva toma a palavra: ‘de princípio, apesar de ter gostado, eu pensava que seria uma ajuda para encaminhar para emprego, trabalho’. Ou seja, apesar de ter gostado, não se sentiu ajudado no essencial, no encaminhamento para um emprego, na aquisição de um trabalho. Não deu tempo nem de investigar mais a fala de Silva. Maria, de forma decidida, junta-se a ele, amplificando a insatisfação: ‘eu pensei do mesmo jeito’. Pedi um retorno e estava tendo. No momento, senti-me pressionada. Por isso, eu disse: ‘nós compreendemos a urgência que vocês têm de trabalho, de emprego. Mas, isto não nos é possível conseguir. A falta de emprego envolve questões que são maiores do que nós. Como um Centro de Referência, nós podemos dar orientação, informações e oferecer um espaço para pensarmos juntos, como as questões que pensamos nesses encontros que tivemos’. De fato, entramos em choque. O que Silva e Maria estão dizendo é que o grupo está terminando e eles vão continuar na mesma: desempregados, com um futuro incerto e inseguros em relação a tudo que se apresenta. Mas eu, apesar de explicitamente tentar fundamentar o que já tinha sido colocado em um dos nossos primeiros encontros – e que, portanto, seria desnecessário agora – ou seja, a não pertinência desse espaço a qualquer mecanismo de encaminhamento para trabalho, absorvo a demanda e, de algum

modo, tento me justificar, mais do que de fato destacar para Silva e Maria toda a ansiedade que o fim do nosso trabalho traz. Porque, infelizmente, nós não estamos concluindo um trabalho tendo sido superada a situação de desemprego que tanto os angustia. Eles estão inseridos na mesma difícil realidade, vendo-se agora soltos nela novamente. Isto é algo de um impacto emocional muito forte, é de difícil elaboração, tanto para eles como para mim, nesse momento. Finalizar um trabalho nessas condições pode significar, para eles, um abandono, mais uma demissão. Silva me responde: ‘a prioridade para a gente aqui é o médico’, dando a entender, por um lado, que ele sabe que nós ali estamos longe de ser uma janela para conseguir emprego e, por outro, que o que ele espera é que os serviços de saúde tão necessários para ele continuem disponíveis. É que o encerramento do grupo pode ressoar, para eles, como um limite do que o Centro de Referência como um todo apresenta no trato com eles. Pena que eu não tive essa percepção no momento do grupo. Mas, qualquer um que tenha participado de uma dinâmica grupal sabe o quanto é difícil manter-se descolado das gigantescas forças emocionais que circundam e preenchem o espaço grupal, ainda mais numa atividade piloto e nas condições em que a realizamos. Não estou com isto querendo defender as minhas intervenções. Ao contrário, quero entendê-las, porque é a partir dessa primeira experiência que se pode pensar na formalização de uma estratégia mais bem definida para o importante trabalho desta natureza num Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. Mas, voltemos à dureza da prática. Maria volta a amplificar a fala de Silva: ‘nem o médico. Ele acha que eu não tenho nada’. Para Silva, se através de nós o Centro de Referência marca os seus limites, ele demanda dos médicos. Já Maria, se através de nós o Centro de Referência marca os seus limites, ela expressa sua total insatisfação: daqui, ela não consegue nada. Nós encerramos as atividades sem resolver nada e os médicos acham que ela não tem nada. Nada: um destino possível do que fizemos, um sentimento de desamparo que tende a tomar conta de tudo. É que talvez a minha fala – o fato de dizer que ‘hoje é o nosso último encontro’- repercuta nela com a violência de uma demissão. Para onde ela vai agora? Quem virá em seu lugar? Silva não reclama dos médicos: ‘nesse ponto, eu não reclamo. Fui bem

servido aqui. Fico grato. Aqui é um lugar para conseguir alguma coisa do médico'. Com luvas de pelica, nós, coordenadoras do grupo, apanhamos de Silva. Laís lhe pergunta: 'o que quer dizer bem servido?' E Silva: 'demora muito lá fora. Aqui, foi rápido'. E eu, ainda insistindo numa avaliação do nosso trabalho especificamente, volto a perguntar: 'e o grupo?' Silva me responde: 'aqui, praticamente, conhecemos uma família. Podemos entrar em contato, formamos uma família'. Esse é, talvez, o fato que deixa insatisfeito Silva. Se nós estimulamos um envolvimento, uma interação que os enreda, uns na vida dos outros, à maneira de uma família, então como podemos encerrar as atividades assim? O que quer dizer 'hoje é o nosso último encontro' para quem formou uma família? Maria mais uma vez intervém, desta vez para expressar não a sua insatisfação com o estado de coisas e com a desconsideração dos outros, mas o que ela viveu no grupo: 'um dá uma informação para o outro, vamos mexendo a panelinha'. Se, para Silva, a metáfora é a da família, para Maria é a da panelinha, da conversa ao pé do fogão. De qualquer maneira, o encerramento é um corte numa experiência de intimidade social. Pedro: 'ficou tipo na história, e na minha vida. Vamos continuar a nos falar'. Pedro é o romântico do grupo, fazendo desse nosso último encontro algo assim como uma celebração de formatura. Aliás, é isso que o grupo gostaria, e que nós não fomos capazes de promover - algo assim como um rito de passagem que permitisse, mais do que uma avaliação, uma elaboração que não arranhasse esse sentimento de ter constituído uma família e mexido na panelinha. Para isso, talvez tivesse sido importante alguma forma de conagração que permitisse a fruição mais concreta dos vínculos que se constituíram. Silva, no entanto, retoma o que o inquieta mais: 'mas, o Centro pode locomover a gente para um serviço?' Silva é insistente. Ou melhor, algo nele insiste para sugerir o modo como o Centro de Referência poderia ser efetivamente útil: locomovendo-os para um serviço. Por que não é assim? Por que é tão difícil um órgão da Prefeitura encaminhar quem precisa para um trabalho? Margaret lhe responde: 'nós não temos esse perfil. Nós falamos de possibilidades, onde procurar trabalhos, em outros encontros [do grupo]. Aqui, o objetivo é o cuidado com a saúde'. Definitivamente, não conseguimos

estabelecer uma demarcação clara entre o que seria do campo da saúde e o que do campo do trabalho. E nem deveria ser esta, obviamente, a questão essencial a ser tratada ali, entre nós. Porém, como nós não soubemos criar um espaço mais continente para esta última sessão, esse entrelaçamento dos campos insiste em se manter, principalmente porque, através dessa fusão, a angústia dos membros por se verem desamparados pode ganhar expressão. A insatisfação que Silva e Maria expõem, a frustração deles com os limites do nosso trabalho, a quase denúncia que eles realizam no sentido de nos mostrar o quão longe das verdadeiras necessidades deles este grupo acabou por ficar, é um modo de mais uma vez comunicar seu profundo sentimento de solidão e sua quase raiva diante dos poucos recursos que o entorno tem para lhes oferecer, a fim de auxiliá-los a superar esse momento. A fala de Margaret, ao invés de esclarecer Silva, acentua a ansiedade. Ele pergunta: ‘o grupo é de pessoas que têm problemas de saúde? Lá fora sabem disso?’ Silva se assusta com a insistência de Margaret em demarcar nosso grupo como sendo um que tem como campo o ‘cuidado com a saúde’. Se for assim, então Silva pensa que talvez o grupo opere no sentido de dificultar mais ainda a sua inserção no campo do trabalho. Vai ver que fizemos uma avaliação dele e que reconhecemos que ele tem ‘problemas de saúde’. E se ‘lá fora’, no mundo do trabalho, inteiram-se disso? Quem vai querer então empregá-lo, a ele que tem ‘problemas de saúde’? Nossa insistência por demarcar os campos nesse momento mostra-se profundamente infeliz. Láis, talvez expressando a nossa impotência nesse instante para dar uma referência mais precisa sobre o significado de nosso trabalho, convoca o auxílio do grupo como um todo: ‘alguém pode ajudar a responder ao Silva?’ E Lúcio: ‘o médico me falou que eu posso trabalhar, não estou doente’. Não é tanto uma resposta, mas uma comunicação a partir da ansiedade de Silva. Se o grupo é para cuidar de problemas de saúde, então Lúcio não deveria estar lá. Porque o médico dele lhe disse que ele não está doente, pode trabalhar. Que coisa! Nós pretendíamos, em nosso trabalho, fortalecer essas pessoas para enfrentarem a terrível situação do desemprego e encontrarem meios de se inserir no mundo do trabalho. Por uma infeliz postura nossa nessa última sessão, corremos o risco de perder grande parte

de nossos esforços. O final de um trabalho grupal é algo muito delicado e requer um cuidado enorme, principalmente quando o processo é intenso e rápido, para não deixar que a frustração pela interrupção se sobreponha a tudo o que foi experimentado, aos novos vínculos de relação e de reflexão que foram promovidos. Láis, talvez percebendo que cabia a nós três dar uma resposta à ansiedade de Silva, desta vez lhe responde, tentando tranquilizá-lo: ‘nada do que se falou aqui sai para fora do grupo’. E Silva: ‘não dá pra tirar daqui uns currículos ... por exemplo, se um empresário vem aqui, porque soube do grupo, para procurar pessoas para trabalhar pra ele?’ Mais assustado do que com a possibilidade de nosso grupo deixar sair para fora questões referentes à saúde dos membros, preocupa Silva o possível isolamento do grupo em relação ao mundo exterior. Silva gostaria de nos ver inseridos numa mecânica da qual fizessem parte também os empresários, e que viabilizasse emprego para todos. É o seu modo de exigir uma maior eficácia dos serviços públicos, diante das suas necessidades. Mas, ao invés de escutar a sua ansiedade, eu volto a emitir uma resposta defensiva: ‘a gente sabe do drama que cada um de vocês está vivendo. Acho que você, Silva, está sendo porta-voz dessa urgência. Mas, não é aqui que o empresário procura empregados. Nós falamos anteriormente dos locais de cadastro, e não é aqui. Aqui é pra cuidar de problemas de saúde decorrentes do trabalho, ou da falta de trabalho, como em nosso grupo’. Silva nos desafia, ao insistir que o nosso grupo deveria ter sido mais eficaz em oferecer-lhes, senão um trabalho, uma via em direção a ele. E nós, de forma polarizada, insistimos em restringi-lo a um campo que, nesse instante, chamamos de campo da saúde. E o fizemos de uma maneira que acaba por distorcer nossa própria intervenção, porque obviamente o que lá vivenciamos foi bem mais ou bem diferente do que cuidar de ‘problemas de saúde decorrentes do trabalho ou da falta de trabalho’.

Rosa: ‘eu consegui emprego, mas vou ser operada, não posso pegar. Acho que vou me tratar, mas não para voltar à minha função’. Ou seja, no meio desse enfrentamento que se instalou no grupo, Rosa põe-se do nosso lado, do lado da saúde. E Margaret acolhe a fala de Rosa, mas não dá moleza: ‘talvez seja necessário re-qualificar-se’. E Rosa continua: ‘eu gostei das psicólogas, o dr.

Jorge foi excelente, me deu remédio para depressão. Aqui, me sinto segura, apoiada'. Eu, que ainda estava sob o impacto das falas de Silva e Maria, retomo a discussão, pretendendo dar uma lição para eles dois: 'parece que, se temos uma expectativa adequada ao que recebemos, o sentimento é positivo. Ao contrário do que trouxeram Silva e Maria – uma expectativa que vai além do que o serviço pode oferecer'. E Maria, que também não é de fugir de briga, nem de encerra-la sem mais nem menos: 'porcaria de médico, estou cheia! Vou ao advogado'. E Lurdes: 'o ortopedista acha que eu não tenho nada, e na ressonância dá. Fico chateada, vou voltar lá'. Ou seja, ela concorda com Maria. E Maria: 'arranjei um trabalho esta semana. Quando eu disse a minha idade, falaram na minha cara que não querem. E os médicos dizem que está tudo bem'. Será que Maria pensa que nós também achamos que está tudo bem? Que encerrar o nosso trabalho significa que achamos que está tudo bem? Ou que não estamos nem aí? Ela continua: 'os filhos parados, só o menor fazendo bico, o mais velho tem família! Quando o mais novo está mordido, ele gasta tudo. Brigou com a namorada e quer ir para o Piauí busca-la. Eu agüento a barra. Vou tentar leva-lo ao psiquiatra para tomar remédio e acalmar. Deus o livre, se acontece algo na rua. Ele é motoqueiro. Mas, eu quero trabalhar. Eu chego cansada do trabalho, as vizinhas percebem, mas eu gosto de ter o meu dinheiro na mão. Com fé em Deus, vou tentar'. Maria não é muito diferente do filho menor dela. Se ele, quando está mordido, gasta tudo, ela também, quando angustiada, fica 'cheia'. Tudo ao seu redor se esvazia em porcaria, e ela não sabe como se acalmar. Ela diz que agüenta a barra – uma expressão corrente para significar o momento em que se sente o peso de todo o corpo sem um chão que o segure, e que é sempre uma situação insustentável, por maior que seja o tempo que se consiga ficar segurando a barra. Eu: 'parece que a sua reclamação é também de dentro de casa, o seu filho não lhe ajuda...' E ela, interrompendo a minha comunicação, que pretendia salientar o quanto ela se sente sozinha: 'mas o dinheiro é dele! Não posso tomar. Ontem, eu pedi emprestado pra ele. Ele é bom, gostaria que ele arrumasse um serviço bom e eu só cuidasse da casa. A pensão que eu recebo dá para o aluguel. Aí, tem as despesas do mês e as outras contas. Fome, ainda não passamos, graças ao Nosso

Senhor Jesus Cristo. É assim mesmo. Mas, gostei do grupo, da palestra, dos colegas, da informação do Poupa-Tempo, já falei para os meus filhos'. Maria, tão aguerrida, cede um pouco. Ela depende dos outros, inclusive do dinheiro do filho. E talvez com algo para ela tenha contribuído o nosso grupo. Palestra nós não demos, mas talvez seja esta a maneira como Maria acha que, civilizadamente, deveria absorver o que o entorno lhe oferece. Palestras ocorrem na igreja, talvez nas firmas, e agora, de acordo com ela, também nos Centros de Referência. Na palestra alguém fala, e cabe aos ouvintes passivamente acolher tudo o que lhes é dito. Eu lhe pergunto se os filhos mostraram interesse por cadastrar-se. E ela responde: 'o mais velho, quando acabar de receber o seguro-desemprego, vai tentar. Ele está fazendo um curso de enfermeiro, eu ajudo também a pagar o curso'. Pode ser que Maria seja tão mordida quanto o filho menor, mas indubitavelmente ela segura a barra. E eu digo: 'falamos muito aqui da necessidade dos familiares se ajudarem. Não dá para estar só. Outra coisa que vocês trouxeram é a necessidade de qualificação, ou re-qualificação'. Desta vez, não demando do grupo uma avaliação, mas me integro a todos no processo de significar o que lá se passou. Rosa: 'o meu estudo é pouco, minha filha me incentiva a estudar. Mas, às vezes, é tanta dor que a gente sente, que não dá vontade de sair da cama. Ela está começando o curso pré-vestibular, é de sábado, das 7 às 19 hs.'. Rosa nos explica sobre os seus limites para 're-qualificar-se'. Certas coisas, há que ser jovem para fazer-las. Laís insiste, como se fosse de grande auxílio para eles, contando sobre o cursinho da Poli, que é gratuito. Maria acha puxado o horário. E eu: 'parece que a importância do conhecimento, da informação, é outro caminho que o grupo apontou', como que querendo justificar a fala de Laís. Porém, o grupo parece querer salientar os passos que vêm dando. Silva diz: 'eu consegui horário com o ortopedista'. E Pedro complementa: 'eu pensei até em trambicar a Carteira, já perdi dois empregos. Mas, conversei com a mulher sobre a história do carimbo na Carteira. Pensei em tirar outra, branca. Estou sem recurso'. Pedro retoma um assunto seu que tinha sido motivo de reflexão na sessão anterior. O fato de trazer a questão em aberto novamente aponta para quanta coisa fica em aberto na vida deles. Lurdes intervém: 'mas vão

carimbar de novo'. E Pedro: 'estou sem recurso, sem benefício e perdendo oportunidade de emprego'. Pedro quer que voltemos a discutir o que deve fazer diante de sua Carteira, que registra as suas limitações para o trabalho sem no entanto lhe permitir ainda obter algum benefício. Eu faço um encaminhamento como quem sabe que não há mais tempo para lidar com isso: 'talvez seja importante voltar a esclarecer tudo isso com a assistente social'. Lurdes, mais empática com a situação de Pedro, comenta: 'mas é um grande erro das empresas. Se o benefício foi negado para ele, a empresa poderia contrata-lo'. Laís pensa no sindicato como lugar para Pedro dar continuidade a essa sua questão, e pergunta: 'alguém de vocês foi ao sindicato?' E Silva: 'nunca mais fui. Não estou mais contribuindo, não sei se perde a validade'. Pedro lhe lembra que tem direito de usar por um ano, e que ele utilizou o dentista, o médico e o advogado do sindicato. Alguém pensa que o sindicato é um lugar onde os homens podem adquirir uma consciência histórica, uma compreensão que auxilie a dar sentido à difícil situação existencial que essas pessoas atravessam? Um espaço que promova a compreensão das matrizes históricas e das forças econômicas que atuam na emergência da realidade que vivemos, para essas pessoas? Que ofereça uma saída política? Ou, ao menos, a compreensão do modo como mídia e assistencialismo interagem na criação de um estado de coisas que permite a manutenção do *status quo*, apesar dos terríveis impasses? Não essas pessoas. Rosa: 'eu contribuía, fazia a unha, o cabelo e usava o dentista'. Maria, sempre ela: 'não uso essa porcaria'. Lúcio: 'eu nunca fui, porque eu trabalhava direto'. No final de nosso trabalho, com tudo tendo ficado em aberto para eles, para onde encaminha-los? Assistentes sociais, cursinhos, sindicatos? Nenhuma instância parece gozar de uma credibilidade necessária para legitimar-se como um espaço de esperança, como um lugar de suporte para o fortalecimento da vida deles. Rosa: 'sinto falta das comemorações no sindicato. Tinha até festa de casamento lá. Mas não confio nos advogados do sindicato. Eles armam com a empresa e a peãozada é que perde'. Rosa compreende, aparentemente, uma dinâmica na qual uma das instâncias centrais do lugar que, em princípio, deveria zelar pelos interesses dela, opera em conluio com a outra parte, com a empresa,

perante a qual ela gostaria de se ver fortalecida. Mesmo para Rosa, tão disponível a ver as coisas pelo lado positivo, o sindicato não é capaz de atrair a sua confiança. Laís pergunta: ‘então, para que serve o sindicato?’ Lúcio: ‘era para ajudar a gente, mas é para ajudar o patrão’. E Rosa: ‘a gente vai lá pedir ajuda e eles já ligam para o patrão’. E Laís: ‘esta é a sua experiência?’ E Rosa: ‘não, eu ouvi falar’, transformando em experiência algo mais amplo do que a vivência própria, e que inclui as vozes dos conhecidos. Silva, que já teve experiência de palanque como colaborador em campanhas políticas, e que ainda não viu realizadas as promessas ou expectativas de colaboração de políticos com os quais colaborou, diz: ‘mas, se a gente bater o pé, consegue o que precisa. Mas, nos sindicatos do transporte é difícil, os diretores são ligados com os patrões. Antigamente, eles jogavam duro pelos trabalhadores. Hoje, tem propina no meio. Falo por experiência própria. Fui da comissão de garagem, e eu dizia que fui eleito pelos colegas e não podia fazer nada contra eles. Eu nunca gostei de patrão. Acabei saindo fora porque tinha muita coisa errada, injustiça com o trabalhador’. Gosto não se discute, mas Silva sugere uma transformação nos próprios sindicatos que, de instâncias mais afinadas com os interesses dos trabalhadores, passaram a estar mais ‘ligados com os patrões’. A fala de Silva é paradoxal, porque apesar de toda ‘injustiça com o trabalhador’, ‘se a gente bate o pé, consegue o que precisa’. É como se Silva, apesar da experiência própria ser mal sucedida, gostasse de manter nos outros a esperança na atuação dos sindicatos. Eu pergunto, ainda preocupada em vislumbrar no horizonte, para além do nosso trabalho - que ali estava se encerrando -, um lugar de apoio para essas pessoas: ‘mas será que o sindicato não poderia ser um outro recurso, que eventualmente possa oferecer orientação, assessoria?’ No lugar de dar um retorno do que nós ali vivemos, do que eu conheci deles, eu erradamente teimava em encontrar para eles um substituto do nosso grupo. Lurdes, numa variação do seu ‘tudo é comércio’: ‘o que fala mais alto é o dinheiro’. E, num giro que deixa surgir o que fala mais alto nela: ‘minha filha começou ontem no novo trabalho, vai ganhar 4 reais por hora. É temporária, por 3 meses, dão refeição’. O que fala mais alto é tanto o dinheiro quanto também a falta de dinheiro. E Lúcio, tentando oferecer

um conceito para a precariedade do vínculo de trabalho que a filha de Lurdes arranjou: ‘agora, é tudo terceirizado’. E Lurdes, que nesse momento não foi irônica: ‘ajudou a ela a pós-graduação em Meio-ambiente’. Apesar da precariedade do trabalho conseguido, Lurdes deve reconhecer: o estudo ajudou. Silva, que nesse último encontro parece querer distribuir esperanças, comenta: ‘ela pode vir a ficar fixa’. Rosa traz à cena novamente a sua experiência: ‘quando passou três meses, meu marido foi registrado. Faz cinco anos’. Apesar de tanta torcida e falas auspiciosas, Lurdes comenta: ‘mas ela não tem convênio médico, não tem transporte e diz que a comida é horrível’. Rosa, como que demandando de Lurdes não maldizer o que se conseguiu, diz: ‘eu sinto falta da comida do hospital, era uma delícia’. E Lurdes, capturada pela fala de Rosa: ‘quando eu trabalhava, eram três tipos de mistura diferentes todos os dias. O trabalho, para mim, era uma terapia!’ Lurdes, no final de nosso trabalho terapêutico, expressa que o verdadeiro espaço terapêutico dela era o trabalho. Eu lhe pergunto: ‘como assim?’ E ela: ‘foi de muita ajuda quando o meu filho morreu’. E Rosa: ‘a gente conhece muita gente no trabalho’. Ah, se eu pudesse encaminhar para um trabalho! Aqui também eles conheceram pessoas, mas infelizmente a minha postura nessa última sessão impediu que eles pudessem nesse instante introjetar o que conheceram de cada um e o que deram de si para que os outros os conhecessem, podendo assim, senão sair mais seguros ou mais aliviados, ao menos com o sentimento de serem reconhecidos. Lurdes continua: ‘eu passei três anos só chorando. Hoje eu falo sem chorar’. E Silva, em sintonia com Lurdes: ‘moto é um perigo, eu mesmo já passei por cima de motoqueiro’. Ossos do ofício: veículos maiores atropelam motoqueiros como empresas atropelam empregados. Rosa, que gosta de guardar consigo bons momentos, diz: ‘eu falava com todo mundo, até com os acompanhantes dos doentes, fazia muita amizade, era uma terapia. Eu sinto falta do emprego, do salário, do convênio, da cesta básica, do bônus’. Pena que não dá para voltar no tempo! Pena por Rosa, mas também por mim. Pena que eu não pude dizer para Rosa o quão incrível ela é, o quanto sua capacidade de conter consigo bons momentos, apesar das tremendas dificuldades, fazem bem para todos. E o quanto a sua amizade era também uma

terapia para todos nós. Lurdes: ‘eu queria mesmo era estar lá. Se me segurassem mais cinco anos, eu não brigava com eles, me aposentava. Mas, achavam que eu era bobinha, que eu não ia brigar’. Pena também que eu não pude dizer para a Lurdes que ela não é bobinha, e que ela está tendo de fato que assumir uma briga que não queria. Estamos nos despedindo, e todos dizem onde queriam estar. Se lembram do trabalho, não é nostalgia, nem fuga, mas um ardente desejo por uma vida normal, por salários, cestas básicas, convênios, coisas triviais que, se dissermos que agora são luxo, significaria assumir uma perversão no pensamento a partir de uma realidade perversa para com Lurdes, Rosa, Silva, Maria, Pedro, Lúcio e Conceição. Silva intervém: ‘quem me mandou embora também foi mandado embora’. Novamente, ossos do ofício: um dia é da caça, o outro do caçador, ninguém nesta vida está seguro. E eu intervenho, dizendo: ‘agora, estamos no final de nossos encontros, vamos ter uma perda novamente’. Rosa me escuta, mas deixa claro que a vida, para ela, continua: ‘eu vou falar com o dr. Jorge agora, para ver se faço ou não a cirurgia’. Eu sairei da vida deles, mas ela ainda sente-se vinculada ao Centro de Referência e espera que o dr. Jorge continue a cuidar dela. Lurdes, a lutadora: ‘eu não faço’. E Rosa, reafirmando sua disposição: ‘vou falar com o dr. Jorge, eu confio nele’. Silva, dirigindo-se para nós: ‘qualquer coisa, vocês ligam para a gente’. Liguem para a gente: eis uma frase cheia de esperança, um pedido, um sentimento de quem espera ser desconectado ou de quem sente, talvez, que o mundo se desconecta dele. E eu, lhe respondendo e, através dele, falando a todos, do fundo da minha impotência: ‘as portas estão abertas, quando vocês precisarem ou quiserem falar conosco’. As portas estão abertas...

Capítulo 2. Pedro

Para quem queria investigar o impacto do desemprego numa dinâmica familiar, o trabalho junto a esse grupo de pessoas trouxe sérias limitações. Não foi possível reunir todos os familiares dos participantes do grupo, nem mesmo num número mínimo capaz de representa-los. Sobre as famílias, tudo o que nos foi possível recolher emergiu através de um discurso indireto, a partir das falas dos que estavam presentes. Pensamos, então, que um meio possível de ter a família diante de nós seria convidando cada participante a ter uma série de sessões com suas famílias, junto a nós. Mas, se já era difícil reunir as famílias deles no grupo, focar em cada uma delas não facilitou a presença. Rosa em princípio concordou, porém antes dos encontros marcados, ela reiteradamente ligava para desmarca-los pelas razões mais diversas, em geral ligadas a perícias e consultas médicas que ela tinha que fazer – ‘minhas mãos doem demais’ - e ao impedimento das filhas e do marido, devido a demandas de estudo e trabalho. Silva falava da impossibilidade da esposa comparecer nos horários que tínhamos

para propor, porque ela, em função da condição de desemprego dele, redobrou sua carga de plantão. No caso de Lúcio, sua esposa, atendendo ao meu telefonema, mostrou-se completamente indisponível, dado que, de acordo com ela, ‘ele não precisava de conversa e, sim, de trabalho’, sem dar espaço para qualquer argumentação minha. Lurdes, feliz da vida, tinha conseguido o auxílio do INSS e, agora, tinha os dias ocupados com atividades, num posto de saúde perto de casa – ela iniciara a participação em grupos de teatro e dança, o marido uma luta chinesa e a filha, com pós-graduação, agora trabalhava como voluntária numa escola da região – ‘quem sabe vem a ter um encaixe pra ela, não é?’. Conceição, quando eu liguei, não estava passando bem, tendo que cuidar de problemas de saúde que a impediam de comparecer. E não conseguimos contatar Maria novamente. Apenas Pedro mostrou-se disponível a dar seguimento ao trabalho iniciado no grupo, agora com sua companheira, Laura, e o filho de ambos, Gabriel, de 2 anos. Mas, novamente, o trabalho com o grupo familiar tornou a ficar prejudicado, uma vez que, das dez sessões que tivemos, apenas as duas primeiras foram com os três membros, e as outras oito só com Pedro. Assim, conhecemos mais de perto o Pedro.

Desta vez, o registro de nossa experiência junto ao Pedro, ao invés de trabalhar o passo-a-passo de cada sessão, como fizemos quando do relato do trabalho com o grupo, optará por uma outra forma de apresentação: mais do que uma síntese do processo, o que esperamos apresentar é uma descrição do modo de funcionar de Pedro diante dos desafios que sua situação existencial coloca para ele. Ou seja, se no trabalho de apresentação do processo grupal, a escrita foi um espaço privilegiado para a investigação do próprio processo que vivi junto a eles e, por causa disto, precisava ater-se a cada momento das sessões, agora a escrita quer-se como um exercício de síntese que capture, mais do que a minha situação junto ao Pedro, o seu modo de ser em família numa realidade sem trabalho. Portanto, os tempos dos encontros não serão seguidos. Assim, elementos recolhidos em sessões posteriores serão trazidos e re-significados, muitas vezes, falas suas apresentadas com anterioridade. O conjunto de sessões mantém-se como um anexo para o leitor que se interessar em ter acesso ao

material registrado, respeitando a sua cronologia. Trata-se de oito sessões semanais, realizadas após um mês do término do grupo, entre os meses de abril e maio de 2003, e que tiveram uma interrupção porque Pedro conseguiu um trabalho como limpador numa garagem de ônibus, o que inviabilizou suas vindas ao Centro de Referência. As duas últimas sessões ocorreram em outubro do mesmo ano, quando Pedro, depois de ter deixado o trabalho pedindo as contas – já que, segundo ele, a empresa só pagou, no fim do mês, parte do que lhe era devido em horas trabalhadas –, retornou ao Centro em busca de orientação para dar seguimento aos seus trâmites junto ao INSS.

Pedro e Laura, ambos com vinte e poucos anos, estão juntos há cinco anos, sem no entanto terem sua relação oficializada em cartório. Nós nunca perguntamos a eles porque não casaram. Sabemos apenas que se conheceram num baile promovido pela Rádio Atual no Centro de Tradições Nordestinas, ‘quando as épocas eram boas’ - ou seja, quando ele trabalhava -, e o fato de Laura, que já tinha uma filha de um relacionamento anterior, ter engravidado, fortaleceu o laço de ambos, levando-os a viverem juntos. Esse casamento ‘sem registro’ repercutiu em Pedro de uma maneira muito intensa. Assim, com muita facilidade ele pode se ver, nas situações mais difíceis, optando entre permanecer com ela, voltar à casa de sua mãe – ‘estou pensando em dar um tempo, ir para a minha mãe, esperar para ver a atitude dela’ - ou viajar para a sua cidade de origem, a fim de retomar as suas coisas por lá. Verdade que tanto a casa da mãe quanto a cidade de origem parecem fazer parte muito mais de um espaço de idealização do que de realidade. Porém, quando se instala alguma divergência ou conflito entre Laura e Pedro, ele vê-se impelido a imaginar e pôr em cena, para a sua companheira, uma virtual viagem de volta que encerraria o relacionamento de ambos. Se termina por ficar junto a ela, Pedro o justifica essencialmente em nome do filho: não é bom para um menino viver com os pais separados. ‘...eu penso no menino. É ruim a criança ficar sem cuidado do pai. Fica sem amor de pai e de mãe’. Talvez fale por experiência própria: os pais de Pedro, quando ele tinha por volta de 12 anos, brigaram, e a família cindiu-se: Pedro, acompanhando

a mãe – que trouxe com ela mais dois filhos -, veio para São Paulo, enquanto o pai e três irmãos ficaram em Itaberaba, na Bahia. Seu pai é uma figura, mais do que distante, ausente - ‘não tenho notícia do meu pai’. Se ele optasse por voltar para a Bahia, para Itaberaba, quem ali esperaria por ele, o receberia, seriam os seus avós, os pais da mãe – ‘a minha intenção é estar com eles lá, com a minha família, mas antes vou procurar se entender o casal. Se não, vou para a Bahia, com os meus avós’. Vivendo sozinho, Pedro não se vê. Parece lhe faltar autonomia. Por diversas vezes, ele já transportou seus pertences, suas roupas, da casa de sua companheira para a casa da mãe e vice-versa, quando as coisas se mostraram difíceis, principalmente em sua relação com Laura. A casa em que mora com ela não é deles. Foi a irmã dela que lhes cedeu temporariamente e, nos momentos mais esperançosos de Pedro junto a Laura, ele cultiva o projeto de adquirir, através de algum programa de habitação popular, uma casa própria onde possa fixar sua família: ‘se eu morro ou ela morre, eles têm o canto deles’. Ou seja, além da falta de um casamento formalizado, também por não se ver dono de uma casa sua, Pedro não se vê propriamente tendo consolidado uma relação e uma família de forma mais substancial. Falta, para ele, uma certa solidez ao seu acontecer junto à Laura. E o fato de ele estar desempregado há aproximadamente 9 meses amplifica esse seu sentimento de instabilidade e promove nele, como veremos mais adiante, uma resposta bem peculiar para demarcar o seu lugar e o seu papel em seu núcleo familiar. Pedro é dependente dos outros, como supõe que o seu filho é dependente da não separação dele de Laura. Mas, contrapõe a essa realidade de dependência – principalmente no caso de sua relação com Laura – uma certa superioridade moral, que ele põe em ação com o intuito de amplificar algo assim como uma força gravitacional e atrair sua companheira com maior intensidade para o seu campo particular: ‘...eu tento normalizar e não complicar mais. Se eu for embora, ela vai pôr a culpa em mim, que eu larguei a família. Tenho que agüentar, pra tentar normalizar a família naquele padrão, não deixar as crianças tristes. Comigo, estamos tendo o maior cuidado, casa arrumadinha, comida pronta. Queria ver outro, ela ia encontrar em porta de bar, jogando sinuca, baralho. [Ela] tem que agradecer a Deus por ter encontrado eu,

estou sendo bom demais. Se eu arrumei uma família, foi pra levar...agora, viver essa desigualdade, um querendo passar por cima do outro...tem que ser calmo. Ela pode tirar pelas colegas dela que têm marido, nenhuma faz o que eu faço'. Pedro é um moço bem apresentado, bem produzido. Sua roupa é impecável, bem como o seu corte de cabelo, que acompanha uma certa moda do momento e o aproxima, na sua maneira de apresentar-se, das estrelas do futebol, com seu cabelo bem raspado, a camisa colorida e a impecável calça branca. Quem lava as suas roupas, e quem as passa? Porque ele, que passou a assumir, a partir da sua demissão, uma série de funções em casa, deixou claro que faz de tudo: 'só não tenho pique para lavar e passar'. Laura também é uma moça bonita e cuidadosa em sua apresentação, daquelas que escolhe com gosto o que vestir. Ela também não nasceu em São Paulo mas, à diferença de Pedro, para Umuarama, no Paraná, sua cidade de origem, ela nunca voltaria: 'eu não volto pra minha mãe'. Sorridente, mostra gratidão para com aqueles que a apóiam em momentos difíceis: o casal de quem ela alugou um quarto para morar com sua filha, e que as acolheu, de acordo com ela, como se fossem da família: 'tenho muito que agradecer, ainda tenho contato com eles'; a irmã, que lhe cedeu a pequena casa onde eles atualmente moram – na verdade, um cômodo em que se acomodam um fogão, uma geladeira, uma mesa, a cama do casal, a cama da filha de Laura, um guarda-roupa e a própria laje, onde as roupas são postas para secar – e lhes compra a cesta básica: 'ela tem pensão do marido'; a amiga 'da Freguesia', com quem a filha Maíra, de 9 anos, passa a semana, por conveniência, para poder ir até a escola sem gastar em condução, uma vez que a amiga mora perto da escola; e 'a senhora evangélica, testemunha de Jeová, que vem todo sábado ou domingo em casa ler a Bíblia e ficou de ajudar a gente com a condução'. Aliás, Pedro e Laura moram não apenas longe, mas afastados, numa região nova nas fronteiras da cidade, que ainda dispõe de escassos serviços: 'não tem recurso nenhum lá', diz Pedro. O telefone mais próximo está há duas quadras, o transporte que entra lá é clandestino e as ruas sem asfalto contam apenas, até o momento, com luz e água, cujas contas, que giram em torno de 9 reais, são reiteradamente 'penduradas', sustentando-se sobre ambos o receio de terem esses serviços

cortados: ‘a água está atrasada, a luz também. Daqui pra frente, vai ter que reduzir. Virei o relógio ao contrário pra reduzir’. Rotineiramente, Pedro mexe no relógio que mede o consumo de energia da casa, invertendo os ponteiros de modo que o aparelho acuse um gasto menor do que o real. E ele já pensou, quando queimou a lâmpada de casa, em trocá-la pela única lâmpada do poste que ilumina a rua. Só não o fez porque teme que o fulgor do brilho da lâmpada seja muito intenso dentro de casa. Ou seja, moram tão distantes, e principalmente Pedro sente-se tão desamparado, que ele se sente à vontade para dispor dos parques bens públicos de sua vizinhança como se fossem seus. Quem iria se incomodar, além de um que outro vizinho, com a falta de luz na rua? Para virem aos encontros conosco, que ocorriam às 8:30 da manhã, tinham que sair de casa às 5:00 e, entre ida e volta, faziam-se necessárias seis conduções. Reclamar, nenhum dos dois propriamente reclama, mas Laura apresenta um estado de ânimo mais favorável para superar todas essas difíceis condições no dia-a-dia: ‘...se aparece um bico, não posso deixar de ir. Ontem, cheguei às 20:30 em casa. Mas, eu não ligo de trabalhar, não escolho serviço. O importante é trabalhar honestamente para os meus filhos. Vergonha é roubar...eu não fico parada, o importante é um de nós estar trabalhando’. Parte da dificuldade em encontrar um serviço mais estável ela atribui à distância que a afastaria de casa e dos filhos: ‘quando minha irmã tem vale-transporte, a gente vai às agências de emprego. Mas, se é um emprego pra tomar mais de uma condução, eles não pegam. Mas, quando a gente tem filho, não pode ficar fora de casa. Não é fácil, se fosse só nós, a gente se virava’. Pedro precisaria ir até um hospital na Vila Nova Cachoeirinha, onde existe um serviço médico especializado para cuidar do joelho. Porém ele, invariavelmente, adia a ida até o hospital, alegando falta de dinheiro para a condução – ‘ela que me dava, e como ela ficou desempregada...’ - , mas talvez também por falta de motivação pessoal para superar grandes distâncias, que só se vencem de forma difícil. Pedro atribui ao acidente com o joelho no trabalho uma dificuldade para se movimentar que, ao nosso ver, incorpora também, eventualmente, todas as dificuldades de relação e de trânsito que Pedro tem entre os seus e com os outros. As dificuldades em ser contratado

passam pelo problema no joelho, que também ganha destaque e papel preponderante em sua relação com Laura. Laura: ‘ele faz teste em firma, quando pensa que passa, não passou’. Pedro: ‘acho que é a agilidade de andar, é esse o problema’. Ela deveria entender melhor, ao ver dele, o seu problema, e não perder a paciência e queixar-se de que cabe a ela dar conta de tudo: ‘ela reclama que só ela está trabalhando. Só que ela está sabendo que o meu problema é sério. Tenho perícia no mês que vem, pra ver se eu vou para cirurgia ou para uma aposentadoria por invalidez. Se eu tivesse capacidade de trabalhar, estava trabalhando’. Mas, objetivamente, é Laura que dá conta de tudo. Sem ter o que poderia ser reconhecido como um vínculo de trabalho mais estável, ela sempre, mesmo nos momentos mais difíceis, encontra uma maneira de conseguir alguns reais para o dia-a-dia, que permitam o leite do filho mais alguma outra coisa para subsistirem. Fazendo faxina em uma ou outra casa, lavando a roupa de vizinhos e, atualmente de forma um pouco mais estável e com Carteira assinada, fazendo limpeza num condomínio. Laura é tão ágil que levanta suspeita em Pedro. ‘Tem traição comigo’. Um dia, quando todos esperavam que ele fosse se internar para operar o joelho, Pedro volta de surpresa para casa e ouve o rádio tocando em alto volume, risos de Laura e a voz de um homem. ‘Pensei: o que eu vou fazer? Não vou arrumar confusão. Dei um tempo, esperei o homem sair. Bati na porta, ela abriu sem jeito... Não ia dar flagrante... Depois, convidei ela pra vir pra cama, ela disse que não, que estava cansada. Tudo indica que há traição’. Mas, para Pedro, se Laura o trai, não é por um verdadeiro interesse maior dela por um outro homem, mas para conseguir algum dinheiro para casa: ‘bendizer não é traição, é pra ter uma ajuda ... vamos supor que é isso aí, uma ajudinha.... Estou imaginando. Um dia, tinha uma cesta básica. A irmã disse que foi ela, mas acho que foi o cara’. Isso, Pedro não admite. De alguma forma, vê-se faltando para com os seus na condição de provedor. Deveria ser ele o responsável por providenciar o dinheiro necessário para o dia-a-dia. Mas, não expressa abertamente sua frustração ou culpa por não estar podendo cumprir essa função. Resta uma vergonha que emerge transformada em superioridade moral – ‘num caso desses, a mulher perde toda a razão... quem em geral faz safadeza é o

homem, eu não esperava isso. Pra ter uma ajuda ... esse tipo de ajuda eu não quero. Dar uma ajuda e se deitar com outro, deixar o filho com um, com outro, pra isso! Põe a família a perder! Ela está vendo o meu problema, que eu estou resolvendo...' -, como contraponto para um sentimento de humilhação que uma mulher tão capaz, da qual ele depende, suscita nele. Talvez seja o orgulho de Pedro que a situação de desemprego arranha. Talvez sejam as suas expectativas de formação: será que Pedro cresceu sentindo que deveria substituir o pai como provedor para a sua família? Ou toda a história do imaginário das famílias brasileiras, no qual o homem ocupa o lugar de patriarca – ‘o ramo do homem é manter a casa. Não é lugar ficar em casa...' -, contribui para pressionar nele uma atitude quase que de ‘prestar contas emocionais’, na relação com Laura e seu filho, de todas as limitações que a vida maior impôs sobre ele? Se a vida o rebaixa – ‘eu fico em casa, varro, lavo, cuido do menino. Quando ela chega, eu estou mal, não é a minha área, é de mulher, fico sem jeito’ -, para resgatar um equilíbrio narcísico pessoal, Pedro precisa rebaixar a companheira: ‘ela deve ter problema. Só fala gritando. Isso ofende... Eu fico com as crianças e ela diz que eu não ajudo. Acho que eu vou voltar para a minha mãe. É erro da parte dela’. As próprias potencialidades dela – ou o que ele reconhece como potencialidades nela – o ameaçam: ‘hoje, ela foi fazer bico ... fora de casa, ela faz tudo, conversa. Dentro de casa, não se dispõe. As amigas chamam, ela vai com o maior prazer, vai com elas comprar no supermercado ... e reclama em casa. Acho que ela tem problema’. Ele passa a denegri-la. Ela o trai para receber alguns trocados de volta, como uma mulher de rua. E, desse modo, internamente, Pedro resgata uma superioridade necessária para ele, para poder sobreviver sem ter que enfrentar a sua condição de ser absolutamente dependente dela. Quê outro homem, diz ele, cuidaria melhor dela? Se não consegue suprir a casa com os bens necessários para o dia-a-dia, ao menos ele cuida de tudo e, mais do que isso, agüenta os gritos dela, coisa que nenhum outro faria: ‘eu disse pra ela arranjar um outro pra dar dedicação para os filhos. No dia seguinte, ela falou melhor comigo’. Se ele resolvesse sair de casa, o mundo de Laura ruiria, e então ela veria a falta que ele faz. ‘Quem sofreu foi ela, quando eu fiquei longe’. *E você, não sofreu?* ‘Eu fui

esquecendo, vai ficando pra trás. Outro cara não fica um dia, dois dias com ela. Outro pra ficar em casa, cuidar de criança e ouvir o que ela quer falar não fica dois dias'. Pedro não pode dizer que precisa de Laura, não nas condições em que está. Sua demanda por ela seria como a necessidade de ter que vir a usar uma muleta – após a operação de joelho -, o que tanto lhe assusta. Passa então a demandar uma incessante reiteração de Laura de que é para ela crucial que ele fique em casa. Não adianta que ela diga que gosta dele, que é bom que ele fique em casa para recuperar-se. Ele procura uma manifestação mais profunda, intensa e emotiva da parte dela: 'no domingo, ela chorou, a filha tirou lágrimas dos olhos, doeu o meu coração'. Quando contrariado ou inseguro, tece considerações, para a sua companheira e para o filho, a respeito da ruína que significaria a separação de ambos, para desespero de todos. E quando consegue 'tirar lágrimas dos olhos deles', aí parece que Pedro fica satisfeito, como se as lágrimas fossem tanto a manifestação dessa certeza interna que ele procura ver afirmada em Laura sobre ele quanto também um resgate da sua competência, do seu poder, para mobilizar os outros em relação a si. Às vezes, Pedro divaga com Laura – e ele tem todo o tempo do mundo para fazer isso – sobre a possibilidade dele 'arrumar uma mulher melhor do que ela...para cuidar de mim'. De algum modo, ele se sabe enrolado e fala do quanto ele gostaria de desenrolar a sua situação, ou melhor, ele sabe que essas suas estratégias de resgate narcísico enrolam a sua relação com Laura e, em conseqüência, a sua relação com o mundo: 'quero desenrolar essa história e ir atrás do que eu perdi. A minha vontade é ficar'. Porque, se nos fosse possível fazer algo assim como um mapa do contexto de vida de Pedro, a falta de emprego reduziria drasticamente o seu estar no mundo a estar com Laura e seu filho. Não que ele não reconheça que ela é boa, trabalhadora e o ajuda – 'ela me acompanhou no tempo em que eu estava ruim, em 2000. Agora, se eu receber do INSS, posso ajudar. Não tenho o coração de abandona-la'. Porém, como ele diz, 'ela se adultera', talvez um modo de expressar a adulteração que a dinâmica pessoal dele realiza em sua relação com ela, sobrepondo ao reconhecimento que tem para com ela a necessidade de sentir-se com poder e projetando em Laura as profundas necessidades que ele tem. E,

de fato, ele se apresenta como alguém que precisa ser cuidado: cabisbaixo, num dia frio de inverno ele vem vestindo apenas uma camisa de manga curta, como que demandando alguém ou algo que o proteja, a partir do exterior. Suas reflexões sobre o apoio que precisaria no dia em que ficasse internado no hospital para ser operado expõem bem essa dinâmica de eclipsar uma necessidade urgente através de um discurso orgulhoso em que os outros, no caso a Laura, são expostos a algo assim como um dilema moral, de cuja decisão não se sai ileso: ou se é uma boa pessoa, e isto implica obviamente paciência, amor, cuidado, entendimento, carinho, capricho, atenção para com ele, ou uma má pessoa, isto é, alguém que demonstra impaciência, distância, incompreensão, irritação, também para com ele. Ele, se estivesse no lugar dela, se fosse o contrário, daria apoio a ela. Ela disse para ele que, no dia da internação, não poderia acompanhá-lo porque não pode faltar ao trabalho. Ele não pediu mas, ‘se ela fosse, seria bom, ela sabe o que fazer, é a pessoa certa’. Ocorre que ele supõe que, ao sair com muletas do hospital, precisaria da ajuda de alguém. Não explicita sua demanda por Laura mas, obliquamente, deixa claro uma vivência de abandono. E, quando ela expressa que seria bom ele passar o período pós-operatório na casa deles para ser melhor cuidado, já que a irmã dela poderia cozinhar para ele enquanto Laura trabalha, mesmo então ele coloca a fala dela sob suspeita. Porque, ao ver dele, ela estaria invertendo as coisas. Ou seja, não é que ele precisa ser cuidado e, por isso, ela lhe sugere ficar em casa. Na verdade, ela quer que ele venha em casa porque ela precisa dele – ‘eu sinto que é ela que está pedindo’ - mas, isso, ela não tem coragem de admitir. Ou, como ele diz, ‘não dá o braço a torcer’. Porque para Pedro, admitir que se precisa de um outro é ‘dar o braço a torcer’, é submeter-se a uma força maior, reconhecer que se é mais fraco, reconhecer-se dependente. Pedro também se queixa de que Laura desconfia de sua autonomia para desempenhar certas atividades, tais como levar o filho ao médico: ‘ela acha que não vai dar certo comigo. Ela disse que vai. Ela quer tomar o rumo’. David, o filho deles, é um menino que freqüentemente fica gripado e febril. Além de arrancar lágrimas dos olhos dele quando ameaça com ir embora, Pedro vê-se com a obrigação de cuidar dele, que passa grande parte do tempo junto ao pai. Pedro

se queixa de que a mãe o leva ao hospital sob o argumento de que ele não conseguiria ser bem sucedido nessa tarefa. E, de fato, o pai havia levado o menino, mas ‘não atenderam’. Será o argumento um exagero de Laura ou um fato real? Pedro parece, ao final, aceitar a decisão dela sem demonstrar uma decisão mais firme de tomar para si essa responsabilidade. Sua dificuldade em expressar de forma mais aberta os seus sentimentos sugere algo assim como uma imaturidade emocional, um sentimento de desamparo à espera de que seja preenchido por alguém de fora. No entanto, seu modo de narrar as situações mostra uma complexa sensibilidade para os estados emocionais. Reconhece nas pessoas ou nas situações modos de ser do coração – ‘não tenho o coração de abandona-la’, e é até capaz de inventar sonhos para lidar com a realidade: ‘hoje, estou pensando em dar um susto nela: vou dizer que tive um sonho, em que vi um ladrão aqui dentro de casa conversando com você. Só pra ver’. Quem sabe nas inversões que é levado a promover para resgatar-se de forma mais potente, acabe por transformar toda a vida em sonho. E por isso sua fala, um toque oblíquo sobre os fatos, mais do que um instrumento para nomear sua percepção do mundo objetivo, é uma ferramenta a serviço de uma incessante elaboração dessa percepção, bem como um meio privilegiado para sobrepor-se à realidade que o subjuga: na palavra, ele ganha o que perde na realidade. Se Pedro voltasse a trabalhar, a relação de ambos ficaria menos tensionada? Esta é a nossa hipótese, e Pedro parece confirma-la nos últimos dois encontros, nos quais, tomado por um sentimento positivo em relação à possibilidade de conseguir o seu benefício junto ao INSS, expressa uma relação junto a Laura mais aliviada, menos sobrecarregada das tensões que ele sobrepõe quando se vê tão inteiramente dependente dela: ‘se der certo, recebo o auxílio em um mês, foi o que a assistente social disse. Vou pôr as coisas em casa ... ajuda, pois tudo é com dinheiro, assim funciona. É tipo de um documento, o dinheiro... mas, o que eu queria mesmo é alguém que cuidasse da minha perna, ficar livre para trabalhar, ter agilidade, ficar bom e trabalhar. Eu nem iria mais atrás do INSS, deixava pra lá, queria correr...mas, estou livre de alguma coisa até o fim do ano...e o tratamento...no ano que vem estou bem...’

Capítulo 3. O casal

Se, no registro de nosso trabalho com o grupo, optamos por acompanhar o passo a passo das sessões para a promoção de uma elaboração comentada pessoal, de uma análise, um exame de cada fragmento do todo, a fim de levantar elementos que nos levem, no passo seguinte, a adentrarmos a compreensão das relações emocionais que operam na constituição da dinâmica psíquica que, sendo estruturante de cada um dos sujeitos é, ao mesmo tempo, estruturada pela rede de relações que esse sujeito estabelece com outros sujeitos – homens e mulheres – e pelos processos sócio-econômico-culturais e históricos que os atravessam; e, no registro do processo de Pedro, optamos por uma outra forma de promoção da análise do material das sessões, desta vez fazendo uma descrição, uma construção para pôr de manifesto as relações emocionais que, como dizíamos, estruturam a vida psíquica e são estruturadas pela história familiar e pelo campo sócio-econômico-cultural e histórico mais amplo – relações estas detectáveis em

ambos os casos através da fala dos sujeitos implicados, desse campo em que incidem dinâmicas pulsionais, elaborações simbólicas, processos transformadores dos significados das palavras, juízos de valor e também determinismos de um para além das palavras, de um estado de coisas suscitado pelos processos sócio-econômicos -, agora optaremos por fazer algo assim como uma síntese das duas formas anteriores de registrar a experiência vivida nas sessões, desta vez trabalhando o passo a passo de uma única sessão, mas trazendo para o interior dela, ou a partir das ressonâncias dela, todo o processo de 16 sessões realizadas junto ao casal Roberto e Leonor.

Se estamos optando por diversos modos de registro e tentando justificá-los, é porque trabalhamos com a crença de que a forma escolhida incide com responsabilidade na elaboração do material e, portanto, na teoria que seremos capazes de formular a partir da experiência. O modo de lidar com o registro, de transformar a experiência vivida em discurso escrito, já é teoria, e não apenas um detalhe externo sobre o qual operar-se-ia a construção teórica posterior. Em psicanálise, assim como em todos os campos em que procuramos e oferecemos significados aos fatos, a escuta já é teoria. E como nós queremos evitar que a experiência clínica se reduza a algo assim como uma ilustração de uma teoria que a antecede, e visamos fazer dessa experiência o lugar da elaboração teórica, então a operação com o seu registro assume um lugar importante. Porque visamos fazer desse registro não tanto um campo de incidência da teoria, mas a origem para a promoção de um processo de teorização.

Roberto e Leonor têm por volta de 40 e poucos anos, ela alguns mais do que ele. Essa diferença é visível: ele tem um porte mais jovem e uma certa beleza na qual ganha destaque um par de olhos bem azuis, entre sedutores e perturbadores. Encara-lo não é fácil. Muitas vezes, no meio de sua fala, ele dirigia o seu olhar para nós e nos fixava, suscitando algo assim como um imperativo do tipo ‘olhe-me’ que promovia um encontro truncado, onde um não-dito avolumava-se, perturbando a comunicação e o pensamento. Dizem que olhos azuis costumam ser perigosos. No caso de Roberto, o perigo dos olhos azuis

parece recair principalmente sobre ele próprio. “Olhem-me”, parece dizer ele. E todo esse não-dito se acumula, e então Roberto retira o olhar, recuando, incapaz de sustentar o que ameaçadoramente, como em erupção de ondas, é posto em movimento através do olhar. Leonor transparece, em gestos e fala, um modo de ser mais pragmático, batalhador. Ela trabalha há mais de dez anos como funcionária pública, tendo já exercido funções na área de almoxarifado e contabilidade. Roberto está desempregado há 6 meses, ocasião em que foi demitido de um grande banco no qual trabalhava como digitador. ‘É que um banco maior comprou o banco em que eu trabalhava’. Como foi demitido com LER, Roberto procurou o Centro de Referência para tratamento, ao mesmo tempo em que entrou com processo na Justiça contra o banco. Ele espera a reintegração à função anterior ou, uma vez que diz que sabe que o banco não irá reintegrá-lo, um acordo financeiro que lhe seja vantajoso. Então, enquanto espera o resultado final do processo, ele faz diversas atividades – fisioterapia, terapia ocupacional, luta chinesa – no Centro de Referência, bem como algumas tarefas domésticas, sob pressão da esposa. É hoje ela que banca todas as despesas do casal e de uma filha de 14 anos, aluna de uma escola particular na qual tem bolsa em função de seu bom desempenho escolar.

Os fatos materiais concretos da vida de trabalho de Roberto abarcam sua formação como advogado; dez anos de trabalho na área de contabilidade de um banco, quando ainda era solteiro, tendo ‘pedido as contas’ porque queria trabalhar na área jurídica, ainda que tenha nos dito que não gostava de Direito; um período no qual viveu da renda do montante recebido quando da demissão, período no qual conheceu Leonor e casou com ela; posteriormente, ambos prestaram concurso na Prefeitura e foram admitidos – ‘depois, a Erundina o mandou embora’; passou um ano e meio desempregado, seguiu-se um emprego numa indústria – de acordo com Leonor, ‘eu vi um emprego na *Elma-Chips*, mandei-o, pegaram ele para vendas’ -, na qual ficou por três anos; um tempo em que vendia lanches feitos por Leonor num ponto de táxi de um centro de exposições; e o último emprego, como digitador, do qual foi demitido há 6 meses.

A proposta de um trabalho terapêutico com o casal foi recebida com entusiasmo por parte de Leonor, que viu no atendimento a última tentativa para mudar o modo de ser de Roberto e, assim, salvar seu casamento. Roberto parece ter aceito a proposta de um modo passivo e silencioso, sem expressar qualquer repercussão em si a partir dela. Como propusemos anteriormente, vamos agora acompanhar o passo a passo de uma sessão do casal – que ocorreu no período final do processo terapêutico –, levando em consideração, para a sua compreensão, elementos advindos de todas as sessões anteriores.

Sessão do dia 07/10/2003:

Roberto: vocês receberam o recado da semana passada?

Margaret: sim.

Leonor: é que eu estou mudando para a sub-prefeitura do Cambuci.

Belinda: e você vai poder manter o nosso trabalho aqui?

Leonor: poder, eu posso. Mas, fui para o setor de compras, eu era da contabilidade. Ainda não conversei com eles lá. Fui antes para ajudar. Mas, efetivamente, não falei. O pessoal lá está todo perdido. Final de ano está aí, precisam gastar o dinheiro... Entre eu e ele, está muito pesado, ele não faz nada, não procura nada. Já falei com vocês se não dá para ele continuar aqui num trabalho individual. Eu sinto que ele só vai mudar se tiver dinheiro. Ele não entra com um tostão. Até quando eu vou ficar com ele? *Ela chora*. Em casa, é assim: eu entro, ele sai. Está cada vez mais difícil pra levar um relacionamento. Ele está esperando esse bendito processo que não sai. Queria ver se ele pode continuar individualmente, porque não tem mais o que eu fazer. Está muito pesado, muito sobrecarregado. Vou ter que entrar antes do que eu pensava com o litigioso. Não vou esperar. Ele está esperando vir o dinheiro pra me agradar, não estou a fim disso. Se ele faz as coisas, parece que faz de má vontade.

Belinda: você quer efetivar sua separação aqui, através da separação no atendimento.

Leonor: é difícil ter uma paciência de 15 anos. Ele não toma nenhuma atitude, vou ter que tomar a minha. Ele fica lá. Ele não vai fazer, eu vou fazer a minha. Meu salário, que eu recebi dia 6, já foi todo. Pra mim, tudo dá certo, eu vou atrás, eu busco. Ele espera cair do céu. Eu já decidi, estou cansada. Que ele vá pra mãe dele, que vá pro tio, me liberta um pouco! Estou há 15 anos batalhando, a parte dele é mínima. Estou cansada.

Belinda: o que você está pensando em fazer?

Leonor: vou pedir a separação litigiosa. Ele não vai por bem, vai por mal. Por que eu vou ficar com um cara assim, se mais pra frente eu posso arrumar outro? Quero fazer uma faculdade, não posso comprar um sapato. Por que viver um casamento que já foi pro brejo? Dos 14 anos, 8 eu fiquei nesta incerteza. Se eu tiver um real, que me sobre um real, eu durmo bem.

Belinda: o que você acha, Roberto, do que a Leonor está dizendo?

Roberto: não vou falar nada.

Belinda: não vai dizer nada sobre algo que diz tão respeito à tua vida?

Roberto (*em tom irônico*): ela acha que está sempre certa.

Belinda: acho que você está sendo ambíguo e, com o teu jeito, confirma o que a Leonor está dizendo: você não se posiciona.

Roberto: é que a situação é que estou com uma doença profissional e preciso arrumar serviço.

Leonor: então, vai pra tua mãe, como um menininho. Eu não sou a tua mãe!

Roberto: eu não vou sair.

Leonor: eu também não vou sair.

Roberto: vai atrás dos teus direitos, você não falou que vai entrar no litigioso?

Leonor chora.

Roberto: eu tento fazer tudo o melhor, mas nada presta.

Belinda: mas, por que será que a Leonor tem uma impressão tão diferente de você?

Roberto: não sei. Pergunta pra ela.

Leonor: tudo o que você faz é inseguro.

Roberto: essa tua fala me deixa em cima do muro. Eu nunca sei se ela vai gostar ou não.

Leonor: você só vive pelos meus critérios, e os teus, nessa mula em que você fica? Você não sabe o que você quer dentro de você, você passa insegurança, passa pra tua filha, se não sou eu que fico firme e forte. Vai pra tua mãe, tua tia, teu tio, lá vocês se entendem pelo olhar, comigo não, comigo é pela fala, pelo coração! Ele poderia ser mais compreensivo, sair de casa, ver que a situação está ruim. Vai pra tua mãe, ela te dá um dinheirinho!

Margaret: Roberto, quais são as tuas perspectivas?

Roberto: me curar e trabalhar.

Margaret: você acha que é tão incapacitante o que você tem, que não possa fazer as duas coisas simultaneamente?

Roberto: não posso trabalhar na minha função, não posso ficar em pé, me dói pra caramba.

Margaret: essa dor independe de você estar trabalhando ou não, não é? É uma dor crônica. Não é muito tempo pra você esperar resolver e, daí, procurar trabalho?

Roberto: por mim, eu estaria trabalhando... Sairia de manhã e voltaria à noite....

Margaret: mas, se a espera é tão longa, não daria nesse tempo para ver como fazer outra coisa?

Roberto: eu procuro, não tenho encontrado.

Leonor ri: não tem boca pra contar! Quando foi pra vender lanche, ele não quis. Traz algo pra dentro de casa, nem que seja para a condução! Por que não acabou o processo naquele dia, por que você adiou? Ele enrola junto com esse processo! A gente perdoa uma, duas vezes. Três, já é burrice! Ele não vai procurar enquanto não terminar o processo. Por que ele não me conta, se vai procurar emprego? Ele não dá certeza de nada. Não existe diálogo. Existe oportunidade e ele não sabe aproveitar. Um dia, ele vai acordar e vai saber que está errado. Eu já falei: 'não deixa eu te cortar do meu coração.' Ele deixou. Está pesando cada vez mais nas minhas costas. Se ele fosse determinado, ele saía de casa, ia pra mãe dele. Ele quer o quê? Comprar-me quando tiver dinheiro? Ele fez? Fez. Mas deixou muita mágoa. Agora, tenho que aplaudir o que ele faz!

Belinda: como vocês lidam com as contas, os pagamentos da casa?

Leonor: eu vou lá e cubro a conta dele. Fico no negativo pra cobrir a conta dele. Em vez de terminar a conta, ele foi ao banco, acertou o limite e continuou com a conta.

Belinda: então, você cobre a conta dele? Será que não há um ganho teu também nisso, em ficar mantendo essa conta, apesar de estar tão sobrecarregada?

Leonor: eu tenho ciência de que estou errada, sou boba, besta. Foram 250 paus do meu dinheiro, foi o meu aumento pra conta dele. Depois, eu me ferro. Ele que vá a pé e volte a pé!

Roberto: quando eu casei, achei que era uma coisa única: está no auge, estão os dois no auge, está na merda, estão os dois na merda. Algo eu fiz nesses 14 anos, ela diz que é sempre ela. Pra mim, era uma conta só, era o dinheiro dos dois.

Leonor: já tentei de tudo com você: com dois, com três, com quatro...

Belinda: como assim?

Leonor: cona conjunta, separada, nunca deu estabilidade. Uma hora eu tenho HSBC, um monte de convênio, outra hora é posto de saúde.

Roberto (*irônico*): é, eu fui lá [no trabalho] pra brincar, pra dar risada... fazendo hora extra, não vale nada. Eu, pra ela, não valho nada. Só que eu tenho patrão.

Leonor: quando você foi dono de uma empresa, você pouco fez. Eu vi bem o que deu. Já falei: você quer ter muito dinheiro pra gastar, como os teus tios, o teu primo... só que ele teve tio rico que deixou pra ele, ele não precisa trabalho. Só que, com você, não é assim.

Roberto (*cruzando as mãos caídas sobre as pernas*): é isso aí. Não tenho mais muito o que falar.

Leonor: é isso. Vou ter que entrar com o litigioso. Ele não vai mudar. Ele quer que eu fique do lado dele, sentada, assistindo jogo pela TV. Pra ele, isso é importante, ele chega no auge com isso! Quer ser só o filhinho da mamãe, de olho azul. Já pensou se eu tivesse três filhos?

Margaret (*para o Roberto*): quando você diz 'eu não tenho mais nada pra dizer', você dá um suspiro e cruza os braços. Também é uma posição de quem está esperando que algo aconteça.

Roberto: a vida é um eterno esperar, eu não esperava estar assim, com esta dor nas costas. Pensa que é fácil ficar o dia inteiro de bunda pra cima? Não é fácil. Escutar o que eu estou escutando? Acho que não é teimosia, eu quero uma melhora. Ela pensa: ‘será que ele vai ficar mais um ano, mais dois anos assim?’ A situação dos lanches atropelou tudo. Eu vendia o almoço pra comprar a janta. Não deu muito certo. Se fosse outra situação, daria.

Roberto começa nos perguntando: ‘você receberam o recado da semana passada?’ O casal tinha faltado na última sessão, deixando um recado. Margaret diz que sim, Leonor explica: ‘é que eu estou mudando para a sub-prefeitura do Cambuci’. Na dinâmica deste casal, quase sempre é assim: Leonor explica tudo, justifica tudo e até propõe tudo. Foi assim desde o primeiro momento em que nos vimos, quando estabelecemos a proposta de trabalho. Ela, como dissemos, entusiasmou-se com a possibilidade de participarem de um atendimento de casal porque, casada com Roberto há 14 anos, sempre ele teve ‘problemas de emprego, ficando por volta de um ano e meio em cada lugar ... é bom funcionário, mas sempre o perseguem e acaba sendo mandado embora. Não sei se ele não atura, não tem paciência ... quando você pensa que vai ficar bom, ele perde o emprego’. De acordo com ela, ele também ‘é muito omissivo, não enfrenta a mãe, a irmã. Se eu falar com ele, é só monólogo’. É disso que Leonor se queixa. De acordo com ela, Roberto não toma iniciativa. Não se mexe nem fala. E ela não agüenta mais. Aliás, em diversos momentos, Leonor destila um sem fim de queixas que explicitam o imobilismo dele e a agilidade dela, e Roberto, diante dessa fala – uma queixa agressiva -, conclui dizendo ‘é isso aí’ – uma passividade que não deixa de ser também agressiva em relação a Leonor e sua demanda, mas que deixa entrever uma outra cena, carregada de uma fúria represada. Numa oportunidade em que Leonor dizia que já tinha dito tudo e que era ele que tinha que falar, porque ela, ‘apesar de parecer a mãe dele’, não é, e que ele ‘fica preso na cabeça dele’, logo após um longo silêncio dos muitos que acompanhavam o trabalho com o casal – silêncio este em que os olhos de nós três, de mim, Margaret e Leonor observavam-no à espera de uma fala sua -, ele disse, deixando

entrever uma explosão: ‘tenho dois pontos: preciso arrumar um emprego. Faço tudo certinho e, mesmo assim, fui mandado embora. Talvez se eu fosse um filho da puta, seria melhor. Eu preciso trabalhar. Mas, com 46 anos, a coisa fica difícil. Ela [a Leonor] acha que eu sou seco, travado’. Fazer ‘tudo certinho’ e ser ‘um filho da puta’: entre esses dois pontos, Roberto silencia e se omite. Se acanha, se trava. Ao contrário dele, de acordo com Leonor, a partir do casamento, a vida profissional dela deslanchou. Aliás, ela se apresenta como uma corajosa e desbravadora pioneira: ‘eu sempre fui buscar, eu resolvo, não deixo pra trás. Eu sempre tento chegar aonde eu quero, vou reto ou curva, mas tento ... eu tinha baixa auto-estima quando solteira...’ Casada, estabelecendo-se como um sistema de vasos comunicantes com seu companheiro Roberto, sua auto-estima, como ela nomeia, foi crescendo à medida que o conceito de Roberto para ela foi baixando. E, agora, o desemprego de Roberto nada mais faz do que ratificar a crença dela de que ele é seco, travado, incapaz de dar conta das coisas e apegado a ela como um filho o é à sua mãe. Roberto, mais do que um apoio, tornou-se uma demanda que a exaure, a representação de um limite que impõe à sua existência algo assim como um peso que a impede de desenvolver-se – uma continuidade do bebê que ambos tiveram e que, após 6 meses de gestação, veio a falecer dentro do útero, ficando ela grávida por uma semana de um bebê morto enquanto via um líquido verde escorrer de dentro de si. O bebê morto foi difícil de ser expelido – ‘não dava para abrir, tinha risco de infecção generalizada’ -, ela tomou *Citotec* e ‘o expeliu por baixo, foi horrível’. Depois, tinham que fazer o enterro mas, de acordo com Roberto, também demorou: ‘o bebê ficou 4 dias parado em cima da mesa, não liberavam. Eu fui fazer o enterro’. Roberto, o bebê morto que Leonor quer expelir para fora da vida dela.

Mas, voltemos à sessão de 7 de outubro: depois dela contar que está mudando de trabalho, eu lhe pergunto se ela vai poder manter a terapia. E ela: ‘poder, posso. Mas, fui para o setor de compras, eu era da contabilidade. Ainda não conversei com eles lá. Fui antes para ajudar. Mas, efetivamente, não falei. O pessoal lá está todo perdido. Final de ano está aí, precisam gastar o dinheiro... Entre eu e ele, está muito pesado, ele não faz nada, não procura nada. Já falei

com vocês se não dá pra ele continuar aqui num trabalho individual. Eu sinto que ele só vai mudar se tiver dinheiro. Ele não entra com um tostão. Até quando eu vou ficar com ele?’ Diz isto começando a chorar, e continua: ‘em casa, é assim: eu entro, ele sai. Está cada vez mais difícil pra levar um relacionamento. Ele espera esse bendito processo que não sai. Queria ver se ele pode continuar individualmente, porque não tem mais o que eu fazer. Está muito pesado, muito sobrecarregado. Vou ter que entrar antes do que eu pensava com o litigioso. Não vou esperar. Ele está esperando vir o dinheiro pra me agradar, não estou a fim disso. Se ele faz as coisas, parece que faz de má vontade’. Como as pessoas da nova repartição, o relacionamento entre ambos, para Leonor, está perdido. Da contabilidade, ela passou para o setor de compras e, aqui na sessão, coloca à nossa disposição o seu velho e gasto companheiro. No novo setor de trabalho, ela está disposta a ajudar os que estão perdidos. Não é o mesmo com Roberto. Com ele, ela não tem mais o que fazer. Quando ela entra, ele sai, e o dinheiro é uma complicação: ele não entra com um tostão, enquanto aguarda uma soma com que espera agrada-la. Mas, ela não está mais a fim. Sua fala, mais do que uma reflexão, é uma avaliação do estado de coisas, uma contabilidade do relacionamento cujo resultado demanda, para ela, a dissolução da relação, ‘ter que entrar no litigioso’. Eu lhe digo: ‘você quer efetivar sua separação aqui, através da separação no atendimento’. E ela: ‘é difícil ter uma paciência de 15 anos. Ele não toma nenhuma atitude, vou ter que tomar a minha. Ele fica lá. Ele não vai fazer, eu vou fazer a minha. Meu salário, que eu recebi dia 6, já foi todo. Pra mim, tudo dá certo, eu vou atrás, eu busco. Ele espera cair do céu. Eu já decidi, estou cansada. Que ele vá para a mãe dele, que vá para o tio, me liberta um pouco! Há 15 anos batalhando, a parte dele é mínima. Estou cansada’. A fala de Leonor, ao explicitar uma dinâmica que a cansa, a reitera. Em sua comunicação, ela é pura ação e, ele, completo imobilismo. Ela busca e vai atrás, ele espera cair do céu. De acordo com ela, o endereço dele é a casa da mãe ou a do tio e, após 15 anos de batalhas, Roberto transformou-se num mínimo e na prisão da qual ela quer se libertar. Sem ele, quem sabe, o salário dela, que em um dia ‘já foi todo’, valha mais. Eu lhe pergunto, nesse diálogo entre nós, enquanto

Roberto apenas escuta de braços cruzados, como que acorrentado em si: ‘o que você está pensando em fazer?’ E Leonor: ‘vou pedir a separação litigiosa. Ele não vai por bem, vai por mal. Por que eu vou ficar com um cara assim, se mais pra frente eu posso arrumar outro? Quero fazer uma faculdade, não posso comprar um sapato. Por que viver um casamento que já foi pro brejo? Dos 14 anos, 8 eu fiquei nessa incerteza. Se eu tiver 1 real, que me sobre um real, eu durmo bem’. Leonor dorme bem com o seu real. Se Roberto, na vida desperta, já gastou todas as expectativas positivas que ela investiu nessa relação, não sobrando sequer o necessário para um sapato, ela, em sonho, já urdiu um outro horizonte para si: um mais para frente em que ela pode arrumar um novo companheiro e uma nova faculdade – ela já tinha feito a ‘faculdade de secretariado’ por sugestão de um antigo patrão. Acreditava que não iria sair-se bem no vestibular, mas entrou: ‘foi super’. Apesar de ir pra frente desimpedida como um foguete, não terminou a faculdade, ‘porque fiquei de DP em inglês’. Ai, as línguas estrangeiras! Ai, os outros! Ai, os Robertos com que temos que conviver! Seu casamento já foi pro brejo, e essa é uma apreciação quase matemática: são 14 anos de casados e 8 de incerteza, ou seja, isto faz 6 anos de certeza. Se o incerto é maior do que o certo, por que não dormir bem com um real de expectativa de futuro diferente? Ela se queixa de que ele está encerrado em si, mas Leonor, nesse instante, não irá abrir mão de seu real, e é só com ele que ela dorme bem. Eu pergunto ao Roberto o que ele está achando de tudo isso. E ele diz: ‘não vou falar nada’. Durma-se com tanto barulho! O silêncio, às vezes, sabe ser povoado de gritos. E eu, insistindo, à la Leonor: ‘não vai dizer nada sobre algo que diz tão respeito à tua vida?’ E ele, irônico como só o é aquele discurso em que o dito é apenas um suporte para o não-dito: ‘ela acha que está sempre certa’. Roberto também desistiu, talvez sem sabe-lo, de sua relação com Leonor. Não tem nada para dizer, porque não sabe como intervir no real que Leonor construiu para si. Ela o vê largado e ele a vê largada em sua certeza. Eu lhe digo: ‘acho que você está sendo ambíguo e, com o teu jeito, confirma o que Leonor está dizendo: você não se posiciona’. Ele: ‘é que a situação é que eu estou com uma doença profissional e preciso arrumar serviço’. De fato, cada um está

encerrado em si. Ele, no que reconhecer ser a sua falta - sua doença profissional, o desemprego: 'preciso arrumar serviço'. Talvez Leonor tenha razão: do ponto de vista de Roberto, às mulheres se agrada com dinheiro. E, de acordo com essa lógica, um desempregado é, antes de mais nada, alguém sem dinheiro. E, sem dinheiro, se perde a mulher. Por isto, se ele superar a doença profissional e arrumar serviço, tudo se resolve. O resto nem merece ser dito. O problema é que Leonor não está lhe dando tempo. E Leonor? 'Então, vai pra tua mãe, como um menininho. Eu não sou a tua mãe!' Talvez ambos tenham em comum mais do que suponham. Se, para Roberto, o seu desemprego é o responsável pela insatisfação de Leonor, para Leonor o desemprego de Roberto é a constatação de que ele é um menininho. E um menininho requer uma mãe. E, como ela não está mais disponível para ser a mãe, 'que ele vá para a mãe dele!' A fala de Leonor, de uma tacada só, resolve dois destinos: o dela, maravilhosamente realizado com sucesso, e o dele, obviamente encajado nos braços da mãe. E é necessário que ela resolva os dois destinos em seu pensamento, porque assim, nessa hidrodinâmica pessoal, sobra pra ela o desimpedimento de realização no futuro, enquanto tudo que é impedimento fica depositado nesse peso de menininho que se chama Roberto. Ele diz: 'eu não vou sair'. E Leonor: 'eu também não vou sair'. Ambos entraram no litigioso. Claro que o problema em questão é quem vai ficar com a casa. Em sessões anteriores, já houvera uma discussão a respeito de quem teria pago a maior parte das prestações. Leonor acha que a casa lhe pertence. Roberto acha que é de ambos. E, desta vez de forma desafiadora, ele diz: 'vai atrás dos teus direitos, você não falou que vai entrar no litigioso?' Ela chora. E Roberto continua: 'eu tento fazer tudo o melhor, mas nada presta'. Justifica-se? É uma comunicação do tipo 'ataquei porque me sinto atacado'? Ou a expressão de sua angústia por ser um objeto tão sujeito a ataques sucessivos dela, que o denigre e o despreza? E, então, se 'nada presta', não vou prestar mesmo. Eu lhe pergunto: 'mas, por que será que Leonor tem uma impressão tão diferente de você?' E ele, assumindo já a separação, me responde: 'não sei. Pergunta pra ela'. Diante de nós, não há mais um casal. Ela está tão longe dele, ou ele sente ela tão longe dele, que eu devo conversar com cada um em separado.

E Leonor, respondendo, mas dirigindo a resposta ao Roberto: ‘tudo o que você faz é inseguro’. Para ela, Roberto virou quase sinônimo de desemprego, de precariedade no mundo do trabalho. Claro que ela pode ter insatisfações advindas de outras fontes mas, no processo terapêutico que atravessamos, o aspecto que ela mais salientava de insatisfação em relação a Roberto era a sua quase impotência para ser mais eficaz no trabalho. Nesta área, tudo para ele é difícil, inclusive vender os lanches que, por um período, ela preparava. Ele se sentia acanhado e, envergonhado, camuflava a sacola de lanches para que ninguém visse. Roberto responde a ela: ‘essa tua fala me deixa em cima do muro’. E continua, para mim e Margaret: ‘eu nunca sei se ela vai gostar ou não’. E Leonor: ‘você só vive pelos meus critérios, e os teus, nessa mula em que você fica? Você não sabe o que você quer dentro de você, você passa insegurança, passa pra tua filha, se não sou eu que fico firme e forte. Vai pra tua mãe, tua tia, teu tio, lá vocês se entendem pelo olhar, comigo não, comigo é pela fala, pelo coração! Ele poderia ser mais compreensivo, sair de casa, ver que a situação está ruim. Vai pra tua mãe, ela te dá um dinheirinho’. De fato, tem vezes em que a raiva que uma relação a dois pode engendrar se sobrepõe a tudo o mais. O acerto de contas que Leonor realiza parece ser legitimado pela situação de desemprego em que Roberto se encontra. O desemprego: ‘a mula’ em que ele fica e a partir de onde irradia insegurança para todos os seus, enquanto ela fica ‘firme e forte’. Para onde ir, montado nessa mula? Pra casa da mãe ou do tio. Só lá ele pode ter compreensão e acolhimento sem fim, na proporção que seus olhos merecem. Aqui, nem o coração nem o dinheirinho de Leonor estão mais disponíveis. Margaret, talvez aturdida pelo cenário futuro que a fala de Leonor desenha para Roberto, pergunta a ele: ‘quais são as tuas perspectivas?’ E ele, com o quase nada de margem para expressar-se mais fluidamente que o ter que se haver com essa mula lhe proporciona: ‘me curar e trabalhar’. Se ele estivesse trabalhando, estaria curado, assim como, quando se curar, estará trabalhando. Saúde e trabalho andam tão juntos para ele quanto segurança e trabalho estão juntos para Leonor. Margaret, querendo talvez desatolar a mula: ‘você acha que é tão incapacitante o que você tem, que não possa fazer as duas coisas simultaneamente?’ E Roberto,

do fundo da lama, erguendo seus dois olhos azuis: ‘não posso trabalhar na minha função, não posso ficar em pé, me dói pra caramba’. E Margaret: ‘essa dor independe de você estar trabalhando ou não, não é? É uma dor crônica. Não é muito tempo pra você esperar resolver e, daí, procurar trabalho?’ É difícil para todos admitir o que para Roberto parece óbvio: que ele precisa se curar de uma dor para voltar a procurar trabalho. Assim como para Roberto é difícil constatar que, ficando em cima do muro, Leonor não gosta dele. Talvez a dor crônica de Roberto seja constatar que Leonor não gosta mais dele. ‘Em cima do muro’, ‘nessa mula’, como uma mula, como um muro. Ele diz: ‘por mim, eu estaria trabalhando. Sairia de manhã e voltaria à noite’. Por ele, se dependesse só dele, faria o que se espera que todo homem faça. Mas, as coisas não dependem de nossa vontade, ele parece dizer. Se Leonor encontra, na condição de desempregado de Roberto, a confirmação de suas impressões a respeito dos limites dele, ele encontra, na indisponibilidade de Leonor, a confirmação da indisponibilidade da vida para com ele. Um é para o outro a reiteração do que a realidade é para cada um deles. É a vida que não deixa Roberto trabalhar, assim como é Leonor que dói tanto nele. Margaret, insistindo: ‘mas, se a espera é tão longa, não daria nesse tempo para ver como fazer outras coisas?’ E Roberto: ‘eu procuro, não tenho encontrado’. Leonor reage de imediato, rindo: ‘não tem boca pra contar! Quando foi pra vender lanche, ele não quis’. E, dirigindo-se a ele: ‘traz algo pra dentro de casa, nem que seja para a condução! Por que não acabou o processo naquele dia, por que você adiou?’³⁹ E, para nós: ‘ele enrola junto com esse processo. A gente perdoa uma, duas vezes. Três, já é burrice. Ele não vai procurar enquanto não terminar o processo. Por que ele não me conta, se vai procurar emprego? Ele não dá certeza de nada. Não existe diálogo. Existe oportunidade e ele não sabe aproveitar. Um dia, ele vai acordar e vai saber que está errado. Eu já falei: ‘não deixa eu te cortar do meu coração’. Ele deixou. Está pensando cada vez mais nas minhas costas. Se ele fosse determinado, ele saía de

³⁹ Leonor refere-se aqui a uma decisão tomada na última audiência por Roberto, sob a orientação de seu advogado: de que, ao invés de fechar naquele momento um acordo com o banco em torno de um montante de indenização, eles pedissem uma perícia no local de trabalho. É que, se forem constatadas irregularidades prejudiciais à saúde, o montante do acordo pode vir a ser maior. Por outro lado – e esta é a queixa de Leonor –, a decisão tomada implica um adiamento do resultado final do processo.

casa, ia pra mãe dele. Ele quer o quê? Comprar-me quando tiver dinheiro? Ele fez? Fez. Mas deixou muita mágoa. Agora, tenho que aplaudir o que ele faz'. Se Roberto fica em cima do muro ou 'nessa mula', Leonor sente que é ela o muro ou a mula em que ele se assenta. E, para ela, Roberto anda pesado demais. Sua fala é a queixa do peso. Ela o vê imobilizado, enrolado e, magoada, seu coração já o cortou. E então o peso se torna um estorvo. É que ele não traz mais nada pra casa dela: nem palavras, nem um dinheiro para a condução. Dinheiro para a condução talvez queira expressar um mínimo. Mas, denota também a vontade que Leonor tem de que a situação dela ganhe mais mobilidade. Com dinheiro, a gente se agiliza. Faltando ele, o peso nas costas aumenta. O que ela agora exige dele é que ele saia da casa dela, que pegue uma condução só de ida. É mais barato. Eu lhes pergunto, talvez meio fora de hora, como é que eles lidam com as contas. Leonor me responde: 'eu vou lá e cubro a conta dele. Fico no negativo pra cobrir a conta dele. Em vez de terminar a conta, ele foi ao banco, acertou o limite e continuou com a conta'. Pobre Leonor, que tem que cobrir a conta especial que talvez Roberto ache que, encerrando, ofuscaria o brilho dos seus olhos. E eu continuo: 'então, você cobre a conta dele? Será que não há um ganho teu também nisso, em ficar mantendo essa conta, apesar de você estar tão sobrecarregada?' E ela: 'eu tenho ciência de que estou errada, sou boba, besta. Foram 250 paus do meu dinheiro, foi o meu aumento pra cobrir a conta dele. Depois, eu me ferro. Ele que vá a pé e volte a pé!' Tem horas que o meu não rima com o teu. Para Roberto andar de condução, o preço é alto demais. Principalmente quando a analista sugere, de algum modo, que Leonor não precisaria cobrir a conta dele. Porque a minha intervenção sugere isto e, nesse instante, somos duas mulheres mandando o cara se virar a pé. Roberto: 'quando eu casei, achei que era uma coisa única: está no auge, estão os dois no auge; está na merda, estão os dois na merda. Algo eu fiz nesses 14 anos, ela diz que é sempre ela. Pra mim, era uma conta só, era o dinheiro dos dois'. Roberto reluta em se ver só, apesar do explícito da situação. Na lógica em que ele funciona – dois sendo uma coisa só -, Leonor o está abandonando. Roberto, o fiel companheiro de todas as horas, nas alegrias e nas tristezas, na saúde e na doença, vê o mundo desabar, materializado na

companheira que o abandona e o manda embora a pé ou, no máximo, com a passagem só de ida. E ainda querem que ele vá procurar trabalho, com uma dor dessas? Leonor, dirigindo-se a ele: ‘já tentei de tudo com você: com dois, com três, com quatro...’ E eu, sem entender: ‘como assim?’ Leonor: ‘conta conjunta, separada, nunca deu estabilidade. Uma hora eu tenho HSBC, um monte de convênio, outra hora é posto de saúde’. O ‘com dois, com três, com quatro’ a que Leonor faz referência de fato não é para fazer sentido. É apenas uma forma de amplificar, de mostrar o quanto a sua insatisfação vem sendo multiplicada, às raias do sem sentido. Conta conjunta, nessa situação?! E Roberto, dentro do clima de um sem sentido onde só circula agressividade, lhe responde ironicamente - porque, se eu não entendi a fala de Leonor, eles dois, nesse clima, se entendem ou, ao menos, o suscitam conjuntamente -: ‘é, eu fui lá [no trabalho] pra brincar, pra dar risada...fazendo hora extra, não vale nada’. E dirigindo-se a nós: ‘eu, pra ela, não valho nada. Só que eu tenho patrão’. Quem é o patrão de Roberto? O dono do banco ou o responsável pelo seu serviço, aquele que o mandou embora, já não é mais o seu patrão, mas ele ainda tem um patrão, que parece lhe demandar horas extras, diante de quem ele não vale nada e ainda tem que brincar e dar risada, transformando tudo isso em galhofa. E Leonor, ainda dentro desse clima de confusão e agressividade: ‘quando você foi dono de uma empresa, você pouco fez. Eu vi bem no que deu. Já falei: você quer ter muito dinheiro pra gastar, como os teus tios, como o teu primo, só que ele teve tio rico que deixou pra ele, ele não precisa trabalhar. Só que, com você, não é assim’. Roberto diz que se gastou tudo entre eles porque alguém o desempregou, cortando assim a fonte de ingressos financeiros que deixariam Leonor mais satisfeita. E Leonor acha que é Roberto quem gastou tudo. Roberto já foi pra ela rico como um dono de empresa, mas deixou ruir tudo. E nem sequer dispõe agora de um tio rico. Roberto está nu diante de Leonor, visível em sua mais completa vulnerabilidade e fragilidade. E, entre conformado e derrotado, diz: ‘é isso aí, não tenho mais muito o que falar’. E ela: ‘é isso. Vou ter que entrar com o litigioso’. Eis um momento de acordo total, e uma declaração de fim de recursos consolida o acordo. E Leonor continua: ‘ele não vai mudar. Ele quer que eu fique do lado

dele, sentada, assistindo jogo pela TV. Pra ele, isso é importante, ele chega no auge com isso. Quer ser só o filhinho da mamãe, de olho azul. Já pensou se eu tivesse três filhos?’ Já pensei: a filha deles, o bebê morto e Roberto, o de olhos azuis, reduzido a um menininho torcedor de jogos de futebol pela televisão. Margaret diz, ainda insistindo com Roberto, como que esperando que ele tenha algo assim como uma reação milagrosa nesse epílogo que entre ambos se passa – uma transformação interna que deixe surgir um gesto vigoroso e lúcido que capture Leonor e mostre a todos nós que ele é muito mais do que sofá e jogo de futebol pela TV, como aqueles heróis de histórias em quadrinhos em que uma superfície pacata guarda em seu interior as forças para realizações de grandes atos -: ‘quando você diz “eu não tenho mais nada pra dizer”, você dá um suspiro e cruza os braços. Também é uma posição de quem está esperando que algo aconteça’. E Roberto: ‘a vida é um eterno esperar, eu não esperava estar assim, com esta dor nas costas. Pensa que é fácil ficar o dia inteiro de bunda pra cima? Não é fácil. Escutar o que eu estou escutando? Acho que não é teimosia, eu quero uma melhora. Ela pensa: ‘será que ele vai ficar mais um ano, mais dois anos?’ A situação dos lanches atropelou tudo. Eu vendia o almoço pra comprar a janta. Não deu muito certo. Se fosse outra situação, daria’. A ‘situação dos lanches’ a que ele se refere foi uma tentativa que ambos fizeram quando começaram o processo conosco, quatro meses atrás, de, mais do que retomar um negócio que ambos já tinham feito num período anterior de desemprego dele, fortalecer uma espécie de sociedade entre eles. Visto *a posteriori*, uma espécie de último lance conjunto. Mas, as coisas não andaram bem. O ponto onde Roberto vendia lanches da primeira vez, três ou quatro anos atrás, tinha se transformado. Os velhos conhecidos não estavam mais lá e as exposições comerciais que garantiam o movimento do ponto de táxi onde Roberto ficava minguavam. Então, apesar de contar com o aval dos poucos taxistas para ele voltar a vender lanches, a saída não era boa. Leonor, a forte, a empreendedora, a decidida, a desesperada, gritava para ele sair pela vida oferecendo esses lanches. Não era possível para ela entender como, em todo esse planeta, não existissem bocas para os lanches feitos por ela. Mas, Roberto, o acanhado, teimava em ficar no ponto de táxi,

envergonhado de ter que sair pelas ruas oferecendo lanche. Não deu certo o negócio e instaurou-se algo assim como um ponto final entre ambos. Roberto agora filosofa: ele pode esperar, porque a vida é um eterno esperar, apesar de que ele não esperava nada disso. Talvez o que ele quisesse dizer é que agora, para ele, a vida é um eterno desesperar. Por que ele senta pra ver jogo na TV? Porque não é fácil ficar o dia inteiro de bunda pra cima. E tanto faz se fica com a bunda pra cima ou pra baixo, ele ainda tem que escutar o que a Leonor tem a dizer. E pior será, pelas ameaças de Leonor - e talvez pelo desespero dele -, quando não mais Leonor estiver ao seu lado, falando aos seus ouvidos. Para ele, a origem de todos os problemas é o seu desemprego. Mas a peça fora de lugar, o estopim da crise que eles atravessam, é a falta de paciência de Leonor. Se ela fosse paciente, se lhe desse tempo, o tempo necessário para se curar, para a dor de costas ceder, então ele voltaria à ativa, com dinheiro suficiente para satisfaze-la. Mas Leonor cansou.

Parte II: A teoria

Capítulo 1. Dos modelos teóricos ao homem: o campo da Psicologia Social

As investigações sobre o efeito do desemprego na vida de homens e mulheres desenvolvem-se num campo complexo de estudos, o da interação entre a realidade sócio-político-econômica e a vida psíquica. Porque, como pudemos observar em nossos contatos junto à Rosa, Lurdes, Conceição, Maria, Silva, Lúcio, Pedro e Laura e Roberto e Leonor, a condição de desemprego é, para além de uma imposição executada sobre a vida de cada um deles a partir de uma força exterior – o comando de um terceiro que anuncia a súbita demissão, que os expelle da rotina em cujo interior incluíam-se no processo de trabalho, na realização de uma atividade sistemática -, toda uma re-organização pessoal que penetra e emerge do âmago de cada um dos implicados.

Dadas as características do grupo que atendemos, cada um deles, no momento do nosso contato, encontrava-se envolvido na tarefa de, no campo jurídico, tentar estabelecer um nexos entre suas limitações físicas, suas lesões por

esforços repetitivos, suas dificuldades motoras, visuais, auditivas, etc., e sua inserção anterior no mundo do trabalho, de modo a obter algum benefício financeiro. Mas, à guisa de introdução na reflexão que nos cabe realizar agora sobre o material que conseguimos obter na experiência clínica com eles e na posterior análise que realizamos, todas essas dores físicas, toda essa implicação orgânica, podem e devem também ser compreendidas como resultado de suas novas condições, como desempregados. A dor que eles agora sentem não é apenas a dor da limitação física, mas a dor de ter que vincular a dor que sentem com as condições de trabalho que não vivem mais, e utilizar essa dor para obter algum dinheiro, substituindo assim o salário que provinha de suas atividades produtivas. Uma vez expelidos para fora do mundo do trabalho e implantados, portanto, numa área na qual não participam dos processos de produção e serviços e, em decorrência, não adquirem os meios de subsistência para se manterem saudáveis, garantindo de forma mais autônoma sua alimentação, a moradia, o vestuário, a higiene pessoal, a educação de si, as atividades de lazer e os custos necessários para criar e educar os filhos e, até, para continuarem mantendo-se vivos, não é de admirar que essa nova condição promova sintomas físicos. Nós não pretendemos neste trabalho, tal como eles, estabelecer um nexo entre o que eles são e sua condição de desempregados. Isto já está dado. Nos manuais de economia, nos artigos de jornais, nas notícias veiculadas pela televisão, o desemprego emerge como um número ou um dado ou um fato por assim dizer ideacional. Ele é um aspecto que faz parte de uma leitura da realidade. Em todos esses casos, o desemprego é tratado como uma representação – em sua condição de dado ou mesmo de fato social de nossa realidade -, ou uma idéia – em sua condição de número, em qualquer das inumeráveis pesquisas apresentadas. Porém, o testemunho da experiência direta com o desempregado nos põe em contato imediato com uma realidade que não é simples representação ou idéia, pois não se trata de meras interpretações ou leituras sobre o desemprego, tais como as que podemos depreender dos manuais e notícias de jornal, que visam oferecer um retrato ou uma explicação ao fato. A experiência direta com o desempregado agrega à visão “teórica”, se assim pudermos nos expressar, uma

dimensão orgânica, o aspecto ativo de cada um dos implicados. O que freqüentemente denominamos de vida psíquica nada mais é do que esse aspecto ativo da vida humana, o traço singular emotivo e ideativo que se traduz na experiência de vida de cada um, em cada movimento que realiza, em cada gesto que atualiza, em cada palavra que emite.

Ser desempregado é um aspecto do real ou uma condição da vida psíquica? A pergunta é tola, porque nada mais faz do que ressaltar a fronteira entre o território particular de cada um, sua assim chamada vida interior, e o coletivo do qual todos nós fazemos parte, a assim chamada vida exterior. Toda vez que lidamos com singularidades em Psicologia Social, preocupamo-nos em estabelecer o hífen entre o individual e o coletivo, entre o singular e o plural, visando, como diz Adorno⁴⁰, integrar o *homo oeconomicus* – o homem que é o resultado da ação das instituições e engrenagens nas quais se suporta e se limita seu intercâmbio com outros homens, sua socialização, em cujo interjogo dá-se o essencial das trocas responsáveis pelo comércio da adaptação -, e o *homo psychologicus* que, a partir de Freud, Melanie Klein e outros seguidores, resalta as intensidades de uma demanda pulsional, de um além do campo do racional, pressentido em qualidades emotivas entre o amor e o ódio, a partir das experiências de amparo e desamparo e da inerente tolerância a lidar com angústias, como os determinantes de uma economia subjetiva na qual se daria o comércio essencial do processo de colorir emocionalmente a si mesmo e ao mundo em que se está. Toda tentativa de fixar o hífen – tentativa teórica mais do que legítima, uma vez que sua implantação precisa nos permitiria, ainda segundo a esclarecedora posição de Adorno, fazer uma “sociologia com sociedade”⁴¹, ou seja, levando em consideração o homem e evitando, ao mesmo tempo, o silenciamento das implicações sociais como territórios da presença dos rastros do acontecer histórico, econômico e cultural -, é um aspecto essencial de qualquer estudo desenvolvido no campo da Psicologia Social, não apenas por estabelecer

⁴⁰ Adorno, T.W. Acerca de la relación entre sociología y psicología. Em *Teoría crítica del sujeto*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1986, p. 41.

um modelo teórico qualquer que, de forma mais ou menos feliz, mais ou menos coerente, consiga abranger e estabelecer conexões causais necessárias entre os diversos domínios da existência humana e as determinações da vida dos homens, mas porque ajuda a estabelecer um vínculo entre o que seriam as teorias sobre a vida dos homens – as teorias históricas, econômicas, sócio-culturais, psicológicas, etc. – e a experiência em si da vida humana. Mais do que vincular interioridades e exterioridades, subjetividades e objetividades, vida psicossocial e processos históricos sócio-econômico-culturais, singularidades humanas e histórias coletivas – todas, de algum modo, elaborações teóricas sobre a vida dos homens –, a Psicologia Social deve ressaltar o hífen entre todo esse campo teórico, as minuciosas e inumeráveis construções elaboradas em seu interior, e a concretude da vida humana em si, colaborando, deste modo, para que a representação sobre a vida dos homens não se desprenda da situação de vida concreta e ganhe plena autonomia, reduzindo a vida humana à representação, ou a representação dela ao campo de postulados ideacionais que sobre ela e a partir dela são produzidos. Diz José Moura Gonçalves Filho: “a Psicologia Social caracteriza-se não pela consideração do indivíduo, pela focalização da subjetividade no homem separado, mas pela exigência de encontrar o homem na cidade, o homem no meio dos homens, a subjetividade como aparição singular, vertical, no campo intersubjetivo e horizontal das experiências ... trata-se sempre do modo mais ou menos singular por que um homem aparece em companhia de outros”⁴². E ele tem razão, não apenas porque a Psicologia Social estabeleceria as interconexões entre subjetividade e história, a serviço das quais o autor expõe a idéia que citamos, mas porque ressalta a exigência de encontrar o homem. Rosa, Maria, Conceição, Lurdes, Lúcio, Silva, Pedro, Laura, Roberto e Leonor não são subjetividades nem objetividades, corpos desejanter, alienações – são tudo isso e um além mais. São mulheres e homens cuja situação de vida tampouco pode ser reduzida ao mero discurso que enunciam, à linguagem que são capazes de articular – outro território que seduz, em suas implicações, para posicionar o

⁴¹ *Ibid.*, p. 50.

⁴² Gonçalves Filho, J.M. Humilhação Social – um Problema Político em Psicologia. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v.9, n.2, pp. 11-67, 1998.

hífen entre o singular e o coletivo. A vida de cada um deles posiciona-se diante dos modelos teóricos como a coisa em si diante dos fatos da razão. A partir deles, no melhor dos casos com eles e, no pior, apesar deles, constroem-se as elaborações que constituem os diversos campos do conhecimento das ciências humanas e econômicas, cuja implicação nos dias de hoje não se resume à mera elaboração teórica, mas tem um profundo impacto na constituição de políticas que orientam os mecanismos do poder, o estabelecimento de diretrizes econômicas e a fixação de modos de funcionamento administrativos organizadores da vida humana. Devemos levar em consideração que o desenvolvimento dos modelos no campo teórico das ciências humanas ganhou uma extensão e também uma fragmentação tão amplas, tanto em sua vertente histórico-sociológica quanto psicossocial, que o que ameaça nos dias de hoje não é tanto uma extrema “psicologização” do social ou uma “sociologização” da subjetividade, mas um divórcio entre as produções teóricas e a vida concreta dos homens. Talvez, numa época de massivo descarte consciente de extensas parcelas da população humana dos sistemas produtivos, através da implantação de modelos econômicos que estimulam o desemprego como forma de garantir o valor da moeda circulante, a redução da vida dos homens à representação deles seja uma das formas de levar adiante o estado atual das coisas, sem entrarmos em contato com as terríveis implicações morais que o mesmo tem. Pois não se justifica, numa época de tão incríveis avanços tecnológicos e teóricos, políticos e administrativos, a situação de Estados como o nosso, tão amarrados a modelo econômicos, que não apenas não sabem fazer frente aos problemas do desemprego, mas que conscientemente produzem desemprego e o mantêm. Ou melhor, claro que há uma justificativa advinda do campo econômico para a implantação de políticas macroeconômicas cuja dinâmica promove desemprego massivo, de modo consciente. Mas, o que estamos sugerindo é que tomar o desemprego como um dado econômico ou um número ofusca, de algum modo, a terrível realidade de extrema implicação moral de que, para garantir o valor da moeda de um coletivo, torna-se necessário excluir violentamente um gigantesco contingente de homens e mulheres do mundo do trabalho. Estamos afirmando

que o desemprego é promovido conscientemente através da política econômica desenvolvida pelo Estado. Esta afirmação requer que façamos um pequeno percurso pelo campo da Economia.

Capítulo 2. Dos desempregados à Economia: o sistema econômico de mercado e seu impacto na vida social

A terrível realidade das pessoas com que tivemos a oportunidade de trabalhar no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador faz parte de um contexto que implica o Brasil como um todo. Dadas as novas tecnologias de comunicação e transporte, tornou-se tanto inevitável quanto desejável que a economia mundial integre-se firmemente através da expansão do mercado e da mobilidade do capital. E, neste sentido, o empenho econômico promovido em nosso país, no final do séc. XX e início do séc. XXI, tem como intuito manter o nosso sistema produtivo, portando todas as suas incoerências e gigantescas disparidades sociais, integrado aos processos contemporâneos mundiais de mercado, o que, de algum modo, constitui-se numa continuidade dos processos desenvolvimentistas em marcha desde os anos 60, desta vez atrelados de forma mais intensa a modelos e padrões externos tornados universais. O livro de Karl Polanyi, *A Grande Transformação*⁴³, que teve sua primeira publicação em 1944,

⁴³ Polanyi, K. *A Grande transformação: as origens da nossa época*. RJ: Campus, 1980.

é extremamente esclarecedor para compreendermos, através da verdadeira arqueologia econômica que ele realiza, a emergência da economia de mercado e suas terríveis conseqüências, nos anos 30 e 40, com a conflagração da Segunda Guerra Mundial. Sua leitura nos permite obter uma profunda apreensão da história do liberalismo de mercado e uma compreensão das trágicas conseqüências dos primeiros projetos de economia globalizada, sob a égide do padrão-ouro, modo encontrado então de universalizar o mercado. De acordo com Polanyi, as contradições inerentes aos processos de adaptação de economias nacionais a sistemas econômicos transnacionais e as resistências internas advindas da difícil situação criada teriam promovido a emergência de governos populistas e totalitários, que ganharam sua caracterização mais nefasta no regime nazista da Alemanha, nos anos 30 e 40. Em seu trabalho de arqueologia, Polanyi mostra como não é um dado natural da vida social que o mercado regule os aspectos mais importantes da vida humana. Ao contrário, ele mostra em detalhes como, até certo momento da Revolução Industrial, as cidades continham o mercado, que funcionava a serviço delas. “As cidades, as crias do mercado, não eram apenas as suas protetoras, mas também o meio de impedi-los de se expandirem pelo campo (p. 76) ... O rápido esboço dos sistemas econômicos e dos mercados, tomados em separado, mostra que, até a nossa época, os mercados nada mais eram do que acessórios da vida econômica. Como regra, o sistema econômico era absorvido pelo sistema social e, qualquer que fosse o princípio de comportamento predominante na economia, a presença do padrão de mercado era sempre compatível com ele ... mesmo quando os mercados desenvolveram-se muito, como ocorreu sob o sistema mercantil, eles tiveram que lutar sob o controle de uma administração centralizada que patrocinava a autarquia [entidade autônoma sujeita à fiscalização e tutela do Estado] tanto no ambiente doméstico do campesinato como em relação à vida nacional” (p.81). Para Polanyi, uma economia de mercado é um sistema econômico controlado, regulado e dirigido apenas por mercados, sendo a ordem na produção e distribuição dos bens confiada a esse mecanismo auto-regulável. Uma economia desse tipo origina-se da expectativa de que os seres humanos se comportem de maneira tal a atingir o

máximo de ganhos monetários. Continuemos pela mão de Polanyi no campo da Economia – afinal de contas, o desemprego é um fenômeno econômico. De acordo com ele, a auto-regulação implica que toda produção é para a venda no mercado e que todos os rendimentos derivam de tais vendas. Por conseguinte, há mercado para todos os componentes da indústria, não apenas para os bens (sempre incluindo os serviços), mas também para o trabalho, a terra e o dinheiro, sendo seus preços chamados, respectivamente, preços de mercadorias, salários, aluguel e juros. Juro é o preço para o uso do dinheiro, aluguel é o preço para o uso da terra e salário é o preço para o uso da força de trabalho, que constitui a renda daqueles que a vendem. Finalmente, os preços das mercadorias contribuem para a renda daqueles que vendem seus serviços empresariais, sendo essa renda chamada lucro. De acordo com a concepção auto-reguladora do mercado, segue-se um conjunto de pressupostos em relação ao Estado e à sua política: “a formação dos mercados não será inibida por nada, e os rendimentos não poderão ser formados de outra maneira, a não ser através das vendas. Não deve existir ainda qualquer interferência no ajustamento dos preços às mudanças das condições do mercado – quer sejam preços de bens, de trabalho, da terra ou do dinheiro. Assim, é preciso que existam não apenas mercados para todos os elementos da indústria, como também não deve ser adotada qualquer medida ou política que possa influenciar a ação desses mercados. Nem o preço, nem a oferta, nem a demanda devem ser fixados ou regulados; só terão validade as políticas e medidas que ajudem a assegurar a auto-regulação do mercado, criando condições para fazer deste o único poder organizador na esfera econômica” (p. 82). Um mercado auto-regulável exige, como Polanyi demonstra, no mínimo a separação institucional da sociedade nas esferas econômica e política. Do ponto de vista da sociedade como um todo, uma tal dicotomia é, com efeito, apenas um reforço da existência de um mercado auto-regulável. “É verdade que nenhuma sociedade pode existir sem algum tipo de sistema que assegure a ordem na produção e distribuição de bens. Entretanto, isto não implica na existência de instituições econômicas separadas. Normalmente, a ordem econômica é apenas uma função da sociedade, na qual ela está inserida” (p. 84). Assim foi, de acordo

com Polanyi, nas condições tribais, feudais ou mercantis. “A sociedade do séc. XIX revelou-se, de fato, um ponto de partida singular, no qual a atividade econômica foi isolada e imputada a uma motivação econômica distinta”. Uma economia de mercados só pode existir numa sociedade de mercado. Isto quer dizer uma sociedade subordinada às suas exigências e, como resultante desse processo de subordinação, trabalho, terra e dinheiro também devem ser incluídos no mecanismo de mercado. Ocorre que trabalho implica o próprio ser humano, que se desprende de sua subordinação à vida em sociedade para ficar sujeito também à economia de mercado. Este ingresso do trabalho, da terra e do dinheiro como elementos da economia de mercado os transforma em mercadorias, e essa é, ao mesmo tempo, a grande novidade e a grande ameaça do sistema de mercado. Para Marx, também, a força de trabalho humana, no capitalismo, é mercadoria, a partir do instante em que o trabalhador dispõe de uma dupla liberdade, isto é, a liberdade de dispor de sua própria força de trabalho e a liberdade relativa aos meios de produção (isto é, ao fato de não os possuir). Nós não adentraremos as diferenças de pensamento entre as concepções de Marx e Polanyi. Nosso interesse aqui não é propriamente com concepções econômicas mais plenas. Visamos apenas trazer à cena uma leitura que nos permita nomear o desemprego como resultante de políticas econômicas e, neste sentido, Polanyi nos auxilia. Para ele, o trabalho, a terra e o dinheiro não são em si mercadorias, ou seja, não são objetos produzidos para a venda no mercado. E isto não apenas como um dado natural, mas também como um fato histórico. “Trabalho é apenas um outro nome para a atividade humana que acompanha a própria vida que, por sua vez, não é produzida para a venda, mas por razões inteiramente diversas, e esta atividade não pode ser destacada do resto da vida, não pode ser armazenada ou mobilizada” (p. 85). Para o autor, a transformação de trabalho, terra e dinheiro em mercadorias é inteiramente fictícia. No entanto, “é com a ajuda dessa ficção que são organizados os mercados reais do trabalho, da terra e do dinheiro ... Permitir que o mecanismo de mercado seja o único dirigente do destino dos seres humanos e do seu ambiente natural, e até mesmo o árbitro da quantidade e do uso do poder de compra, resultaria no desmoronamento da sociedade. Esta suposta

mercadoria, a “força de trabalho”, não pode ser impelida, usada indiscriminadamente ou até mesmo não utilizada, sem afetar também o indivíduo humano, que acontece ser o portador dessa mercadoria peculiar. Ao dispor da força de trabalho de um homem, o sistema disporia também, incidentalmente, da entidade física, psicológica e moral do homem ligado a essa etiqueta. Despojados da cobertura protetora das instituições culturais, os seres humanos sucumbiriam sob os efeitos do abandono social; morreriam vítimas de um agudo transtorno social, através do vício, da perversão, do crime e da fome. A natureza seria reduzida a seus elementos mínimos, conspurcadas as paisagens e arredores, poluídos os rios, a segurança militar ameaçada e destruído o poder de produzir alimentos e matérias-primas. Finalmente, a administração do poder de compra por parte do mercado liquidaria empresas periodicamente, pois as faltas e excessos de dinheiro seriam tão desastrosos para os negócios como as enchentes e secas nas sociedades primitivas”(p. 85). Para Polanyi, a ampliação da sociedade de mercado leva a sociedade humana a tornar-se um acessório do sistema econômico. Nós não adentraremos a importante descrição que Polanyi faz sobre as inevitáveis respostas que as sociedades criam para proteger-se do enorme impacto do sistema de mercado, e que suscitaram um intenso acréscimo de tensões no interior das nações e entre elas, acabando por levar, como dizíamos anteriormente, ao surgimento do nazismo - de acordo com ele, a segunda grande transformação, que é o resultado da primeira: o surgimento do mercado liberal. Mas, é importante assinalar a função do Estado, que é, para ele, “a de ajustar o suprimento de moeda e crédito para evitar o duplo perigo de inflação e deflação, ainda que se suponha que a economia se auto-regule. Do mesmo modo, o Estado deve controlar as demandas oscilantes de emprego, providenciando alívio em períodos de desemprego, educando e treinando futuros trabalhadores e buscando influenciar os fluxos migratórios”⁴⁴. Ou seja, caberia ao Estado realizar um movimento protetor da sociedade, do qual não pode se esquivar. Polanyi é atento às contradições desse duplo movimento, e ajuda que reconheçamos também

⁴⁴ Block, F. Introduction to *The Great Transformation* by Karl Polanyi [para uma nova edição publicada por Beacon Press, 2001]. Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia, Davis, 2000.

como certas atitudes protecionistas podem, em certas situações, dar origem a afirmações político-econômicas perversas.

No caso do Brasil, o atual empenho do Estado em participar do processo de globalização deve ser visto como uma continuidade do anterior projeto desenvolvimentista que pretendia, através de uma política de rápida industrialização e “substituição de importações”, promover a transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento e que, como Celso Furtado⁴⁵ observou, resultou em oferecer a uma minoria o acesso a padrões diversificados de consumo engendrados por um intenso progresso técnico e numa exacerbação das diferenças sociais, pela profunda concentração de renda da classe dominante, uma vez que, para “acompanhar a rápida diversificação da panóplia de bens de consumo dos países de mais alto nível de renda, os países periféricos [como é o caso do Brasil] foram levados a ter que elevar a taxa de exploração, ou seja, a concentrar cada vez mais a renda” (p. 93). E assim, portando as profundas diferenças sociais e sem ter conseguido ainda inserir, no sistema de consumo, a maioria da população brasileira, é que o nosso país luta por ter garantido o seu lugar no atual processo de globalização, que nada mais é do que uma reedição, desta vez em grande escala e aperfeiçoada, da primeira grande transformação descrita por Polanyi. De fato, reeditando esses processos, vivemos hoje uma situação em que a sociedade brasileira encontra-se ainda subordinada ao sistema de mercado e o Estado, trabalhando de forma dicotômica, para não dizer esquizóide, por um lado dá autonomia ao Banco Central para regular o mercado e assegurar o preço da moeda, propondo, para isso, medidas que não apenas favorecem mas estimulam o desemprego e, por outro, implementa ações políticas e um discurso que visam salvaguardar, ainda que de forma mínima, os desastres sociais que o impacto do sistema econômico auto-regulador tem sobre a nossa realidade, permeada de profundas desigualdades sociais e processos ainda inacabados de constituição plena da cidadania da maioria dos brasileiros.

Se adentramos o árduo terreno da Economia – árduo ao menos para uma psicóloga -, é porque é prioritário não esquecermos que o desemprego é o

⁴⁵ Furtado, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. SP: Círculo do Livro S.A.

resultado de uma política econômica consciente levada adiante nos dias de hoje, necessária para a organização e regulação do mercado. O desemprego é um regulador importante de todo o sistema de preços – um dos elementos a serem manipulados tecnicamente por homens responsáveis pelo andamento das coisas no mercado, no dizer de Polanyi “o árbitro do uso do poder de compra” – e um aspecto importante na formação da renda. Porque, assim como os preços formam renda, o desemprego produz renda ao ser um dos elementos que assegura o valor da moeda. Nos dias de hoje, pleno emprego significaria inflação, isto é, redução de renda. Isto quer dizer que há uma responsabilidade de toda a sociedade pela realidade do desemprego pois, ao retirar parcelas significativas da população do mundo do trabalho, garantimos a renda dos que dele ainda fazem parte. As implicações morais deste estado de coisas são gigantescas, muito além do que as assim chamadas ações de responsabilidade social são capazes de dar conta, uma vez que a realidade do desemprego pode ser compreendida como um sacrifício coletivo necessário para o melhor funcionamento da sociedade como um todo. Lurdes tem razão: “tudo é comércio”. Não só Lurdes tem razão quando diz isto, mas, de algum modo, Maria também tem razão quando diz que tiraram o sangue dela: o desemprego como sangue purificador para garantir o valor de nossa moeda.

Capítulo 3. Da Economia aos desempregados: concepções do social e dinâmicas familiares entre a cultura popular e a cultura de massas

Do que vimos até aqui, deveríamos ser levados a considerar a realidade de vida das pessoas com que trabalhamos no Centro de Referência como sendo advinda inteiramente de um modo de funcionar econômico que promove a catástrofe do desemprego e, portanto, psicologizar neste contexto – adentrar a vida psíquica dos implicados - seria algo assim como um trabalho de perfumaria que, quaisquer que fossem os achados, quaisquer que fossem as considerações realizadas, significaria nada ou muito pouco, uma vez que não seria nesse campo que encontraríamos as reais determinações para a realidade do desemprego. E, de fato, quão equivocada é, diante da realidade econômica em andamento, a tão propagada responsabilidade pessoal pela vida no mundo do trabalho! Maria acha que foi demitida porque doou sangue contaminado para o patrão. Pedro, porque precisou de tratamento depois que uma caixa caiu sobre o seu joelho. Rosa, porque terceirizaram os serviços de lavanderia do hospital em que trabalhava. Silva, porque a garagem de ônibus em que trabalhava fechou. E assim, um a um,

oferecem explicações que implicam a biografia de cada um deles aos seus destinos. Leonor tem, na perda de emprego do marido, legitimado por um dado de realidade o quanto ele, Roberto, é incapaz. Todos têm razão, porque obviamente biografia e destino pessoal imiscuem-se. Nossa biografia é o nosso destino e o nosso destino é nossa biografia. Não podemos fugir de nenhum desses pólos e, sempre que lemos o que nos aconteceu, estamos implicados, mesmo quando os fatos causadores são maiores do que nós. Hoje em dia, é impossível tecer considerações sobre o homem reduzindo-o a um objeto da história. Todos os homens, de algum modo, se emanciparam. Pelo menos, foram emancipados no campo das teorias. E, portanto, devem pagar o preço por essa emancipação. Devem pagar o preço de serem vistos como sujeitos de sua história, responsáveis por ela. Esta leitura não tem volta, mesmo quando os dados da realidade, como em nosso país, apresentam gigantescas parcelas da população desprovidas das condições mínimas necessárias tanto de consciência, isto é, de educação, quanto de participação política e social para poderem ser plenamente chamados de cidadãos. Faz parte do imaginário em todas as camadas sociais, inclusive nas mais pobres, como pudemos ver em nosso trabalho, assumir para si uma parcela da responsabilidade pelo seu destino no mundo do trabalho, seja através do fator idade ou nível de formação, seja pelo lugar em que se mora, disponibilidade para trabalhar, etc. E espera-se que cada um pessoalmente se fortaleça para, fazendo o melhor possível de seu livre-arbítrio, aperfeiçoar o seu currículo – ter um “currículo bom”, como disse o Silva -, re-qualificar-se ou mobilizar-se atrás de uma vaga, portando todos os recursos pessoais de que dispõe para encontrar um lugar no sistema produtivo. E uma leitura que os reduza a objetos do acontecer histórico de algum modo anularia esse processo emancipatório de cada um como indivíduo em relação à tessitura social. Por isso, aceitamos o caminho da implicação pessoal. Evita a idealização a que levaria colocar todas as pessoas com que lidamos neste trabalho na posição de vítimas do sistema. Claro que são vítimas, claro que sobre elas se abate uma funesta realidade, diante da qual suas biografias pessoais os responsabilizam em menor medida. E elas sabem disto, dada a profunda queixa que emitem sobre o social

maior, o modo como compreendem e avaliam a ação do sistema de mercado e a recorrente transformação de sua força de trabalho em mercadoria. Cabe-nos também compreender essa queixa como um processo de resistência diante dos violentos mecanismos em jogo na dinâmica dos mercados. No entanto, todos eles não apenas incorporaram todo o mundo de representações e de idéias que são veiculadas pelos meios de comunicação a respeito de si e de seus destinos como brasileiros, como põem em funcionamento esse campo ideológico a partir dos seus limites e possibilidades, advindos de suas histórias pessoais. Eles, por assim dizer, “vestem a camisa” de serem desempregados no Brasil do início do séc. XXI, e atuam a partir desse marco identitário, produzindo assim também a realidade de suas existências. Um exemplo disto pode ser a participação deles, ainda que crítica, na missa dos desempregados promovida pelo Pe. Marcelo, com o intuito de abençoar suas Carteiras de Trabalho. Mas, implicá-los é respeitá-los para ganharmos uma melhor compreensão da séria situação que atravessam, da terrível demanda que emerge para a sociedade como um todo a partir do drama de suas condições e do impacto de suas situações na vida social. Os implicamos sem esquecer que suas realidades como desempregados têm sua origem no marco das políticas macroeconômicas que estão em andamento atualmente em nosso país.

Do modo como estamos argumentando, implica-los guarda uma conotação ética, no sentido de não reduzir toda a complexidade do humano que os diversos vértices de leitura teórica e crítica provenientes das ciências humanas nos ensinaram a reconhecer. Cada uma das pessoas que vimos em nosso trabalho tem sua situação de vida atada de tal modo à ordenação social vigente que relatos e gestos seus podem ser absorvidos em todas as matrizes teóricas – incluindo aqui a psicanálise – que, de algum modo, mesmo que criticamente, implicam tanto a ordem social quanto a leitura do humano. Esta consideração merece uma reflexão mais apurada. Nossos encontros no Centro de Referência poderiam ser resumidos ao encontro circunstanciado entre relatos de vida de pessoas desempregadas e modelos teóricos que a nossa escuta - ainda que predisposta a estar o mais aberta possível ao que nos vinha da vida dessas pessoas – porta consigo. A questão que

se coloca é até que ponto a análise que fizemos de nossos encontros é legítima, levando em consideração a realidade de vida dessas pessoas.

Apesar da realidade do desemprego nos permitir introduzir todas essas pessoas dentro de um conceito de marginalização, uma vez que não fazem parte – ao menos temporariamente – do mundo do trabalho, o poderoso processo da indústria cultural, isto é, a cultura de massas, ou mais exatamente, como Alfredo Bosi denomina, a *cultura para as massas*⁴⁶ - aquela que é promovida principalmente pelos programas de rádio e TV e mobilizada por uma intensa publicidade -, além de “lançar mão de todos os recursos para motivar e estimular a venda de seus produtos” (p. 321), acaba por aguilhoar cada um dos espectadores com nomes e referências para a vazão de suas necessidades internas, de forma extremamente poderosa. Darcy Ribeiro, em *O dilema da América Latina*⁴⁷, lembra-nos de uma marginalidade que seria inerente à realidade da América Latina, oriunda “das deformações sociais do período colonial [às quais] somaram-se novos fatores traumatizantes acarretados pela modernização reflexa dos setores produtivos por via da nova incorporação histórica realizada através da industrialização re-colonizadora. Ou seja, as classes dominantes, ao renovarem o sistema produtivo de acordo com seus interesses de associados internos da dependência externa, acabaram por criar e consolidar uma estrutura sócio-econômica tanto ou mais hostil à maioria da população como fora a estrutura colonial ... esse processo gera mais marginalizados do que integrados, mais subemprego e desemprego do que condições estáveis de trabalho, por excluir crescentes parcelas da força de trabalho do sistema modernizado de produção e de consumo ... tais são as massas marginalizadas” (p. 73).

Talvez o assim decantado “milagre brasileiro”, nome com o qual se designou, no final dos anos 60 e início dos anos 70, o ágil crescimento econômico altamente concentrado, tenha sido a integração dessa gigantesca massa marginalizada aos processos culturais em andamento em nosso país. Ecléa

⁴⁶ Bosi, A. *Dialética da colonização*. SP: Companhia das Letras, 1992.

⁴⁷ Ribeiro, D. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979.

Bosi, em *Cultura de massa e cultura popular*⁴⁸, traz à cena uma contribuição de Hannah Arendt, para quem “a absorção de todas as camadas da população na sociedade é o que constitui o processo formador da sociedade de massas” (p. 60). Não foi diferente em nosso país. De acordo com Bosi, “o povo assimila, *a seu modo*, algumas imagens de televisão, alguns cantos e palavras do rádio, traduzindo os significantes no seu sistema de significados. Há um filtro com rejeições maciças da matéria impertinente, e adaptações sensíveis à matéria assimilável. De resto, a propaganda não consegue vender a quem não tem dinheiro. Ela acaba fazendo o que menos quer: dando imagens, espalhando palavras, desenvolvendo ritmos, que são incorporados ou re-incorporados pela generosa gratuidade do imaginário popular” (p. 329). Nesse texto, escrito entre 1979 e 1980, Alfredo Bosi mostra-se, de algum modo, confiante de que a assim chamada cultura popular soubesse introjetar as mensagens e ritmos da chamada cultura de massas a que é exposta e pudesse sobrepor-se a ela, transformando essas mensagens e ritmos em novos materiais, através dos quais pudesse dar continuidade à expressão de suas complexas formas singulares. Mas o pós-escrito de 1992, atento ao giro reformista promovido pelas lideranças políticas brasileiras contemporâneas - um giro que privilegia, dentre os diversos aspectos construtores do destino brasileiro, a *competência* no trabalho, a “produção em regime de competição [como] meta colimada pelo novo reformismo, que já perdeu a paciência com visões utópicas e quer ver, o quanto antes, efeitos de uma política de resultados” (p. 369) -, descreve uma situação avessa a uma síntese: “a orquestra não pode parar. Não há síntese, só aglutinação” (p. 371). E nós podemos compreender esse conceito de aglutinação não apenas no sentido de uma incorporação assistemática de matrizes ideológicas na retórica intelectual, mas na própria consolidação de uma realidade social que, por assim dizer, integra o que é marginal. Mais do que integra, aglutina, em torno de idéias e concepções de mundo promovidas pelos meios de comunicação de massa, todo o grande adensamento de homens e mulheres brasileiros, tanto dos centros urbanos quanto das regiões rurais. Neste sentido, e como Bosi, em sua *Dialética da*

⁴⁸ Bosi, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1981.

colonização, bem mostra, a utilização da psicanálise para a compreensão da realidade interna dos desempregados seria não uma “idéia fora do lugar” – como entende Roberto Schwartz a apropriação e uso de elaborações teóricas extemporâneas -, mas uma legítima moldura de leitura, eficaz para ler e compreender a realidade, desde que estejamos atentos aos limites e possibilidades que ela passa a aportar, uma vez aclimatada, por assim dizer, na complexa dialética de nossa realidade. Dizíamos que não é apenas um substrato ético que nos levou a implicar cada uma das pessoas com que trabalhamos na realidade em que vive. Estamos argumentando que a própria realidade do que é vinculado através dos meios de comunicação de massa contribui, de algum modo, para nomear e ampliar a complexidade de suas demandas. Cada uma delas é, por assim dizer, um palimpsesto vivo de múltiplas e fragmentadas realidades culturais, nas quais as demandas pulsionais e o interjogo das emoções ganham expressão, numa variada e assistemática enunciação de motivações ideológicas, religiosas, biografia pessoal, romance familiar, etc., que tendem a contradizer-se entre si, aprisionando muitas vezes o destino delas, já desprovido do amparo de instâncias sociais mais arraigadas para além da família, numa contradição de visões e concepções aglutinadas – um trânsito desorganizado e caótico de mensagens que tendem a fragmentar e imobilizar cada um deles. É Bosi quem diz que faz parte da cultura popular brasileira o que ele denomina de “materialismo animista” (pp. 324-325), tentando integrar assim o que pareceria ser uma visão pragmática da vida – “uma praticidade, um senso vivo dos limites e das possibilidades de sua ação, que convergem para uma sabedoria empírica muito arraigada, e que é a sua principal defesa numa economia adversa” – e um “substrato animista” – “há, na mente dos mais desvalidos, uma relação tácita com uma força superior (Deus, a Providência)... relação que, no sincretismo religioso, se desdobra em várias entidades anímicas, dotadas de energia e intencionalidade ... e assimila, ao mesmo panteão, os ídolos provindos da comunicação de massa ou, eventualmente, as pessoas mais prestigiadas no interior da sociedade”. E conclui Bosi: “assim, um cabal empirismo ou realismo na esfera econômica básica se conjuga com um universo potencialmente mágico” (p. 325). Esta visão

de mundo materialista animista, que vincula e integra os opostos, é, segundo Bosi, fruto de um longo processo de aculturação do povo brasileiro, sobre o qual incide, nas últimas décadas, toda a indústria cultural vinculada pelos meios de comunicação de massa. É novamente Bosi quem diz que “uma teoria da cultura brasileira, se um dia existir, terá como sua matéria-prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil. Nele sondará teores e valores. No caso da cultura popular, não há uma separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar...”(p. 324). Bosi parece estar fazendo referência a uma cultura ainda ligada a traços rurais ou, no máximo, a um período de transição à vida urbana. Ecléa Bosi, em seu trabalho junto a operárias e seus hábitos de leitura, observou que elas filtravam a comunicação de massa: “[a comunicação] esbarra na situação de vida do receptor, nas suas predisposições psicológicas, na moral sustentada por seu grupo primário, nas atitudes já sedimentadas, na estima em que é tida a fonte, na percepção seletiva das mensagens. Enfim, em vez de pesquisar *efeitos* puros de comunicação, tenta-se compreender a situação do sujeito que a tornou mais ou menos poderosa. A receptividade depende mais desta do que de uma alta técnica de persuasão”⁴⁹. Nós, obviamente, não temos como tarefa fazer uma “teoria da cultura brasileira”, nem propriamente da recepção da cultura de massas pelas pessoas com que trabalhamos. Tudo o que pretendemos é observar o impacto do desemprego na vida delas e vislumbrar as possibilidades de auxílio de um serviço

⁴⁹*ob. cit.*, p. 169.

psicoterapêutico para desempregados numa instituição pública de saúde. Mas, obviamente, estas duas metas nos implicam, por assim dizer, a ter que lidar com a cultura do desempregado. E o que nós pudemos observar em nosso trabalho junto a essas pessoas foi uma situação mais desorganizadora de referências do que as expostas nos trabalhos de Alfredo e Ecléa Bosi. Verdade que o substrato materialista animista a que Alfredo Bosi se refere serve como um bom índice para estabelecer algo assim como uma estrutura interna das enunciações dos sujeitos com que trabalhamos. E verdade também que a operação de resistência a que Ecléa faz referência quando menciona a predisposição psicológica, a moral do grupo, a percepção seletiva, etc serve ainda de substrato para algo assim como o estabelecimento de uma atitude de resistência às dificuldades com que essas pessoas têm que lidar. A moral familiar da qual cada um deles de algum modo se sente porta-voz resiste à moral do grupo maior, à moral da sociedade, tão imoral na representação que eles trazem à cena. Não apenas porque “tudo é comércio” no mundo que os rodeia, porque as instituições são povoadas de funcionários desatentos às necessidades deles ou porque as empresas “podem ter nome mas não reconhecem o ser humano”, mas porque, desgarrados da possibilidade de serem incluídos no mercado de trabalho, vêm-se solitários na luta contra um contexto que os exclui e apresentam, mais do que oportunidades para um amparo e uma re-organização de si que os torne mais disponíveis a dar conta das necessidades da vida, entraves – sejam de distância, sejam jurídicos, sejam dos atendimentos em geral – difíceis de superar. O que eles carregam consigo de forma mais autêntica, se é que assim podemos nos expressar, é a luta contra tudo e contra todos pelo cuidado com aqueles a quem os laços familiares os atam. Nem sequer o sindicato é visto como uma instância de amparo para o terrível conflito de um contra todos a que se vêm reduzidos. O substrato materialista desse composto material-anímico de que Bosi fala é trazido por eles com tanta crueza, de forma tão explícita no que diz respeito às mazelas do social, que o que emerge é algo assim como uma pornografia do estado da sociedade, que seria habitada por padrões enganadores e exploradores que tiram o sangue, funcionários desatentos e insensíveis, colegas que fazem qualquer coisa para

conservar o seu lugar de trabalho, políticos interessados apenas em obter cargos políticos, radialistas que se oferecem como salvadores, mas que não passam de engabeladores, padres que atuam como chefes de torcida, corpos que são espremidos até o bagaço. Enfim, em relação a um substrato materialista, da fala que eles enunciam pode se desprender um coletivo no qual a violência ganha uma materialização que tende a transformar o social em algo assim como uma máquina sádica que os ameaça como o “homem de cara feia e louco que parecia que ia atacar as mulheres”, trazido por Lurdes. Sim, porque todo o social pode ser contraído com legitimidade, diante do que eles expõem, aos contornos que deixam emergir um rosto feio e louco. Não que eles não articulem situações que permitem o resgate de todo esse social como um espaço no qual e para o qual vale a pena investir. Claro que sim. Porém, para o resgate desse espaço mais alentador, fazia-se essencial a presença de Rosa, que permitia, ao ressentimento atualizado pelo grupo, oferecer um catalisador que suscitasse uma perfuração capaz de apresentar um destino outro que não o da endoidecida máquina violenta, insensível às necessidades deles. E mesmo Rosa viu-se no limite de sucumbir à violência externa. Pareceria, por assim dizer, que a bondade interna que cada um deles sente portar não ganha nenhuma fonte externa nos substratos materiais da sociedade, a não ser no salmo 9 (salmo este que performatiza em seu interior a luta entre o bem e o mal, entre os pobres e os opressores) e em algumas oportunidades que a vida religiosa oferece. A desesperança ergue-se à maneira de um muro intransponível, não só para cada um deles, mas também para os seus. “De que adianta minha filha estudar?”, exclama Lurdes diante dos desesperadores empenhos de sua filha, obturando assim com uma visão realista pessimista os empenhos da jovem. Roberto, se quisesse, poderia optar por “ser um filho da puta” para, ao invés de ver-se ameaçado por esse roldão insensível que é o social como um todo, integrar-se a ele. E todos os homens, de algum modo, são capazes de conceber, virtualmente, a opção da “estrada perigosa”, como Lúcio e Silva referem-se ao vasto mundo fora de casa, esse mundo no qual caminhões e ônibus atropelam motos, como o coletivo os atropela. O que, no discurso deles, é proveniente da cultura popular, o que da cultura de massas, é

difícil de distinguir, nesse amálgama desesperado que emitem. No entanto, sem dúvida parece que o melhor que eles têm para contrapor-se a esse estado de coisas vem do que Ecléa Bosi denomina de uma “moral sustentada pelo grupo primário”, tão contraída que não parece ter existência num marco que transcenda a própria vida familiar deles, e muito menos um ancoradouro na vida social mais ampla. Do coletivo maior, o que chega para eles, à maneira da fala grossa dos médicos nas consultas, que os tratam como cavalos, são frustrações que assumem a forma compactada e imperativa de frases do tipo “está demitido”, “está negado”, “não tem trabalho” e “não é nossa função oferecer empregos” – frases essas que suscitam sentimentos de raiva que “atormentam a pessoa”. Fazem “ficar sufocado” e apavorado”, “deprimido”, “sem ânimo” e “sem graça de nada”, subtraindo-os da roda de amigos. E com tanta dor, “que não dá vontade de sair da cama”. Ou seja, o social, o lugar da sociabilidade maior, o lugar que antes oferecia, para além do trabalho, também o salão de dança, a roda de amigos e as coisas que se deseja, agora parece ganhar um véu refratário, uma cortina que os separa e divide o mundo em dois: eles e os outros. E eles, tal como as suas crianças, desconectam-se, elas porque “querem bexiga e isso e aquilo” – um “isso e aquilo” agora transformado em pura frustração, dado o inacessível em que se situam – e eles, talvez pelo mesmo motivo, porque o mundo maior, o social do qual fazem parte, apenas os frustra, ao produzir, como Lúcio disse, “treze milhões de desempregados” e poucos, para não dizer nenhum sinal de que, de algum modo, o destino deles é motivo de preocupação desse coletivo. O que eles não encontram de modo geral nos médicos, nos funcionários das instituições de saúde, nos patrões, advogados, etc. são sinais de que o drama da vida deles é levado seriamente em consideração. É como se o social se desconectasse – mesmo nas instituições que, de algum modo, deveriam servir de ponte entre eles e o coletivo maior -, de seus destinos, entregando-os a si mesmos contra todos. O que não os faz soçobrar de vez é algo que advém da frágil, porém poderosa, estrutura familiar que cada um carrega. Frágil porque, sentindo o impacto de todas as transformações econômicas, são famílias em processos de profunda mutação, núcleos que devem agregar outros membros ou, ao contrário, em

processos de separação; e ainda, sobre esses radicais processos de reorganização e/ou desestruturação familiar, deve-se ter presente a tendência que esses núcleos apresentam para realizar deslocamentos, seja de um bairro para outro ou de São Paulo para outros estados. Trata-se de grupos familiares que devem acolher a mãe ou o irmão distantes, ou que dependem dos parentes para obter a casa em que vivem ou o dinheiro do pão e leite de todo dia. Frágil também porque a situação do casal está sempre em questão, num clima tenso que o faz “engolir em seco” as frustrações que vão se acumulando, o medo diante da incerteza, e põe em cena ter que provar uma impressionante capacidade de amar apesar de tudo. As figuras parentais estão em questão e, com elas, a sua autoridade diante do grupo familiar, num jogo em que ora soçobram, ora são resgatados, sem uma conclusão definida. Assim, o pai pode perder o seu lugar no quarto do casal para refugiar-se ora no quarto do filho, ora na casa de sua mãe, sinalizando algo assim como uma degradação na hierarquia familiar – de pai para irmão, de irmão para filho. As repercussões do drama da falta de trabalho em um dos pais são enormes na vida dos filhos, se é que podemos fazer de nosso grupo um padrão para estudo. Todos os filhos, de algum modo, têm que lidar com a incerteza que a falta de trabalho dos pais suscita. E a tendência para o extravio é grande. Quase todos os que participaram do grupo trazem um sentimento de que, se para eles está difícil arrumar emprego por causa da idade ou dos entraves advindos da própria história de trabalho, para os filhos as coisas não se apresentam mais fáceis, deixando pairar sobre todos, de algum modo, a sombra de que a maldição do desemprego, por assim dizer, possa cair também sobre os filhos. Cada membro da família tem que acolher o outro, desesperadamente. Se não o faz, é insensível. Não pode, como Silva disse, “jogar na cara”. E todos parecem saber do quão importante é acolher aqueles que o mundo do trabalho abandonou. Esse é um aspecto que ganha um traço quase que moral, apesar de se sustentar sobre um sem fim de sentimentos ambíguos, fruto azedo da angústia, do medo e da incerteza. Não se pode fazer justiça na própria casa, não a justiça que o social faz. Não se pode prender uma menina que roubou da avó. Não se pode avaliar as pessoas como o mundo administrado lá fora o faz, isto seria perder o coração.

Como diz Christopher Lasch⁵⁰, a família é uma célula protetora ou acolhedora num mundo sem coração. E é essa função protetora e acolhedora que é posta em questão diante do trauma do desemprego. E aí, novamente, apesar dos argumentos muitas vezes recorrerem a uma moral sobre a fidelidade, o que resta é uma decisão pessoal do cônjuge ou dos filhos para suportarem a situação. Às vezes, são as intervenções dos filhos as responsáveis pela manutenção de um frágil equilíbrio entre os pais, demandando de um e de outro forças para se manterem juntos. Faz parte da esperança desesperançada que vivem a resposta positiva do núcleo familiar, principalmente em relação aos homens desempregados, que tendem a ver a si próprios sob a moldura de um amor próprio ferido profundamente. Serem acolhidos pela família ou pela companheira é tudo que lhes resta, mas tendem a sustentar um orgulho que por muitas vezes se sobrepõe, entrando em confronto com os próprios gestos de acolhimento que o grupo familiar suscita, como que querendo afirmar a realidade de uma autonomia ilusória. Os homens podem fantasiar um recomeçar sozinhos, longe e livres de tudo. Não as mulheres. Elas não têm alternativa. Como filhas, devem dar conta dos próprios pais. Como mães, devem batalhar pelos filhos. E, enquanto esposas, lhes cabe ser pacientes diante das desventuras dos maridos. Por outro lado, a diferença entre os gêneros serve também para ver em atividade, no interior do espaço familiar, toda violência do espaço social maior, ora pelas cobranças exasperadas que se avolumam, ora porque o espaço familiar é o único reduto que restou para a atuação de demandas próprias. A diferença de gêneros tem implicações profundas tanto com a história da tessitura social em que estão inseridos quanto com a organização psicosssexual de cada um deles. Para os homens, o social pode contrair-se na mulher que, se o reconhecer potente, o resgata, em grande parte, das penúrias narcísicas. Já para as mulheres, seu companheiro não é tanto esse espelho do social. Verdade que todas elas gostariam de ter ao lado homens capazes de trazer os provimentos pra casa, fazendo às vezes desta queixa uma demanda pessoal, algo assim como um espelho através do qual reitera-se e ratifica-se a condenação anteriormente

⁵⁰ Lasch, C. *Refúgio num mundo sem coração – a família: santuário ou instituição sitiada?* RJ: Paz e

emitida pelo mundo do trabalho. Porém as mulheres, por assim dizer, estão mais atadas à moral do núcleo familiar do que os homens. Eles retraem-se na moral familiar, como desterrados do mundo social. E habitam o círculo familiar como refugiados que se acolhem e se abrigam, se protegem e se amparam por entre as redes do tecido familiar. Porém, sentem-se lá dentro banidos do seu lugar natural, convivendo de forma desequilibrada, como estranhos no ninho em torno dos afazeres domésticos. Verdade que tendem a adaptar-se. Mas, não é o natural. Já as mulheres parecem realizar o movimento oposto: as mazelas do mundo do trabalho favorecem o emprego do feminino, ou seja, o emprego temporário, quebra-galho, sem carteira assinada e sem maior responsabilidade por parte do empregador do que o aqui-e-agora. Lavadeiras, vendedoras ambulantes, faxineiras, empregadas domésticas, enfim, toda uma série de serviços temporários e informais oferecem-se como alternativas para o ingresso de algum provimento, tendendo a inverter-se assim, de algum modo, os papéis desempenhados pelo casal parental, transformando ela em provedora e ele em responsável pela organização doméstica. Para as mulheres, esta situação não parece ser algo novo. Elas parecem muito mais disponíveis e aptas para o papel de provedoras do que eles para serem enredados na organização da casa. Precisa de muita campanha externa para sentirem-se bons cozinheiros, guardiões dos filhos, lavadores de louça e de roupa. De algum modo, o desemprego os degrada, ao transforma-los em cuidadores da casa. Não gostam, não parece ser coisa para homem. E resgatam-se às vezes como Pedro, criando situações nas quais tentam re-equilibrar-se narcisicamente, suscitando impossibilidades que põem em risco o já fragilizado equilíbrio familiar. Tornam-se moralistas, demandam um amor e uma fidelidade infinitos e observam com inveja o desempenho das mulheres fora de casa. O desemprego, para os homens, põe em xeque a própria moral deles. Não é apenas uma violência pessoal, não é apenas uma ferida interna, mas é o próprio chão ideacional sobre o qual estão implantados que parece ecoar junto com o mundo do trabalho e tende a expulsá-los. Os acontecimentos aqui se precipitam com muito mais velocidade do que a acomodação de todo o sistema

de valores – duro e complexo como uma geologia – sobre o qual se legitimam e a partir do qual são legitimados. O desemprego demanda deles uma abertura para um enorme re-arranjo de si, e nem sempre há disponibilidade para tanto, seja pelo recorte vertical que os ancora à biografia familiar, seja pelo recorte horizontal que os enraíza na desarmônica multidão de vozes e demandas sociais. As mulheres, mesmo que mais atadas - e quem sabe também por isto mesmo -, tendem a realizar um processo de reorganização que leva em consideração o real – uma vez que o mundo do trabalho muitas vezes prefere o feminino para atividades informais, sem vínculo empregatício – e possibilita a emergência de situações concretas que dêem conta, ainda que minimamente, do cotidiano, funcionando elas como verdadeiros rebocadores que, tomando a iniciativa e a dianteira, arrastam, com o seu esforço, através das águas turbulentas e ameaçadoras do real, o pesado fardo familiar, em cujo núcleo, feito um Jonas assustado, freqüentemente esconde-se um homem magoado e ferido.

A família é o núcleo central de elaboração, o território que restou para uma re-organização da nova realidade situacional que o desemprego gerou. E constitui-se num privilégio inestimável o daqueles que podem contar com uma estrutura familiar mais tolerante e disponível para acolher toda a carga pesada que o desempregado traz pra casa, e que supera em muito a já difícil situação econômica. Pois aqui não se trata apenas da falta de dinheiro, mas da sobra de frustrações e carências que os envolve por inteiro como existentes, colocando em questão suas competências de um modo tão intenso que suspeitam de sua legitimidade para existir. E, assim, oscilam entre o sentimento de fracasso e a humilhação de viver dos favores e da boa vontade dos familiares, numa dinâmica que só a constância de um cotidiano familiar mais estável é capaz de catalisar, promovendo uma transformação que os re-afirma enquanto existentes mais plenos. Mas, apesar da família ser este insubstituível território de reorganização pessoal, não se pode pedir a ela que se transforme na totalidade do território existencial de seus membros. Talvez os idosos contraiam a sua existência à vida familiar. Porém os desempregados, que se vêem forçadamente contraídos para dentro da família, deixam em aberto pontes fundamentais para com o mundo

mais amplo que a família. E a falta de conexão com a outra margem traduz-se em algo assim como veias abertas por onde escoa uma sangria identitária, um esvaír-se constante de tudo aquilo que lhes permitia reconhecer-se afirmativamente como homens. E todo o amparo familiar, quando este existe, não é suficiente para estancar essa sangria. É que a dimensão do trabalho não é essencial apenas para o ganha-pão, como deixaram claro quase todos os membros do grupo. O que se come no trabalho é mais gostoso, como disse a Rosa, não apenas porque está garantido um mínimo de dinheiro, mas porque, trabalhando, reafirma-se o homem. E não adianta insistir na idéia de que organizar a casa é da mesma natureza que cumprir uma função no mundo social mais amplo, cujo eixo está sempre do outro lado da porta da casa. Freud afirmava que a saúde psíquica sustenta-se sobre dois pilares: o amor e o trabalho. Mancos de um, a família não apenas desequilibra-se, como também é incapaz de clonar em seu interior a reconstituição deste pilar. Se bem que muitas vezes a coluna do amor possa passar a ser vivida como sendo o trabalho dos membros para conter as desventuras e amarguras de quem foi deixado de fora ou expelido do mundo do trabalho. De qualquer forma, trabalham os outros membros para suportar aquele que perdeu o trabalho. E o desempregado em casa será sempre um desempregado em casa, ainda que pinte paredes, arrume o telhado, lave louça, cuide dos filhos, cozinhe, etc. Nada disto substitui o mundo do trabalho. Hoje em dia, muitos autores [ver, por exemplo, Gorz (1987) e Offe (1985)] afirmam que, na contemporaneidade, o mundo do trabalho perdeu a sua centralidade na vida dos homens. Teria se dado um processo no mundo do trabalho tal que, por assim dizer, o homem estaria, em grande parte de seu tempo, dispensado da produtividade. As máquinas trabalhariam por si sós, a produção aconteceria enquanto os homens ficassem recolhidos à fruição de produtos culturais, lazer e afazeres pessoais. Verdade que está tentando se inventar um novo homem. E verdade que o homem é capaz de desdobramentos transformadores incríveis, como a história mostra. Mas, na realidade do nosso Brasil e, mais especificamente falando, na realidade das populações que lutam pela sobrevivência diária sem ter garantido nem sequer o teto, o alimento, a saúde, a

vestimenta e a educação dos filhos, todo esse debate tão presente em países do primeiro mundo sobre a substituição do trabalho por outras formas de viver soa, para além de estranho, ridículo. O que desesperadamente as pessoas que atendemos buscam é trabalho, porque para elas o trabalho é o lugar da própria afirmação de suas existências. Sylvia Leser de Mello mostra em seu trabalho *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*⁵¹ - no qual escutou longamente mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas, todas elas moradoras da Vila Helena, um bairro na periferia de São Paulo, e oriundas da mesma região rural de Minas Gerais - como o trabalho ocupava um lugar tão central que, de acordo com a autora, confundia-se com a própria vida. O trabalho, para elas, era a forma de resistir às desesperanças, de afirmar a continuidade da vida. “Porque trabalhar é mais do que sobreviver: de certo modo, é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias, que, de outra maneira, seriam devastadoras” (p. 168). E mais, para essas mulheres, trabalhar era opor-se à desesperança: “se o trabalho é a resposta de que dispõem para enfrentar [os conflitos], é porque não se permitem mergulhar na desesperança. Elas conhecem bem demais, porque convivem diariamente com ele, o caminho que pode tomar a desesperança. Acompanharam passo a passo a destruição de seres humanos. Viram o último reduto de dignidade, o orgulho pobre e secreto de ser capaz de vencer as dificuldades, ser invadido pela bebida, pela doença mental, pela violência.”(p. 187). E nós podemos, pela nossa experiência, ampliar essas reflexões de Sylvia Leser para todo o conjunto de pessoas com quem trabalhamos, homens e mulheres. O trabalho que elas demandam reiteradamente não é apenas o meio de ingresso de um dinheiro miúdo, mas a própria afirmação da existência delas. Buscam trabalho porque se amarram à vida e só conseguem se ver fazendo parte da vida trabalhando. É mais do que um equilíbrio psíquico que aqui está em jogo. É a própria existência. É a vida que só é vida quando também se trabalha. O trabalho é o legítimo território do estreito laço que existe entre a vida psíquica e a realidade sócio-política-econômica porque, no circuito da família, o espaço de

⁵¹ Mello, S.L. *trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. SP: Ática, 1988.

socialização contrai-se de tal maneira que essa realidade mais ampla, a dimensão sócio-política-econômica, tende a esvaír-se. Trabalhando, ocupa-se um espaço que legitimamente é o lugar da sociabilidade, o nexó entre eles e a vida.

Considerações inconclusivas para uma clínica com desempregados

Duas eram as tarefas principais a serem realizadas em nossa investigação: por um lado, pretendíamos estudar o impacto do desemprego na dinâmica familiar e, por outro, implantar um serviço de atendimento a desempregados num Centro de Referência em Saúde do Trabalhador. Neste capítulo, cabe-nos fazer uma avaliação geral do nosso trabalho e expor as diretrizes, a partir de nossa experiência, para a constituição de um modo de trabalhar com grupos de desempregados em instituições públicas de saúde, em parceria com a universidade.

Talvez a conclusão mais imediata do que pudemos depreender de nossa experiência junto às pessoas com que trabalhamos é o quanto uma atividade como esta pode ser útil para elas. Como nosso trabalho deixou emergir, as pontes com uma tessitura social mais ampla ficam, para essas pessoas, em suspensão, e grupos de reflexão sobre a condição deles, que sirvam como situações de encontro para a troca de informações, encaminhamentos, elaborações pessoais, articulações coletivas, momentos de sociabilidade, etc., tornam-se importantes

para mantê-los, por assim dizer, vinculados a um coletivo maior, encontrando uma escuta atenta e interessada que, de algum modo, mais do que auxilia-los a elaborar um momento difícil, pode lhes permitir obter um sinal de que o coletivo maior preocupa-se com eles e seus destinos e não os deixa entregues a um destino nefasto. Por outro lado, vale a pena salientar o quanto iniciativas que integrem os serviços de saúde pública e a universidade são importantes para todas as partes envolvidas, propiciando, na formação dos alunos, para além de um contato mais direto com a nossa difícil realidade, a ocasião para desenvolver uma escuta clínica e uma compreensão dos limites e possibilidades de aplicação e/ou criação prática de diversas metodologias, tanto da Clínica quanto da Psicologia Social. Se, como afirmávamos no capítulo anterior, a Psicologia Social deve ter como preocupação realizar as pontes entre as diversas teorias e a realidade dos homens, torna-se importante um espaço aberto, na formação dos alunos, para um campo que integre teorias e práticas, textos e vivências que se entrelacem na compreensão da realidade - campo por excelência da Psicologia Social. É importante também salientar a contribuição que a universidade pode trazer para os profissionais das instituições públicas de saúde, favorecendo a reflexão e teorização de suas práticas e diversificando os serviços que podem ser oferecidos à população. Tudo isto é certo, e o que o nosso envolvimento com o Centro de Referência, no trabalho com pessoas desempregadas, permitiu-nos vivenciar, com certeza estimula o investimento nesta iniciativa. Mas, devemos levar em consideração que o nosso trabalho, do ponto de vista metodológico, encontra-se ainda numa etapa inicial, devendo ser submetido a uma avaliação crítica para desdobrar-se numa moldura mais eficaz para conter e possibilitar melhores resultados. Neste sentido, este trabalho deve ser compreendido como apenas uma etapa de um processo maior, para com o qual queremos aqui deixar afirmado o nosso compromisso de trabalho.

Se levarmos em consideração as duas tarefas a que nos propusemos inicialmente, não podemos deixar de nomear os difíceis limites com que tivemos que lidar e que, em muitas dimensões, mostraram-se insuperáveis até o momento, restringindo em muito o alcance de nossos resultados. Em primeiro lugar, não

conseguimos trabalhar propriamente com famílias de desempregados. É que não pudemos trazer para o Centro de Referência os agregados familiares por inteiro. Este é um problema que diz respeito à mecânica do atendimento e mostra-se, ao nosso ver, de difícil superação, devendo ser consideradas formas de atendimento diferenciadas que supram as impossibilidades de atendimento, em postos de saúde, de todo o agregado familiar por um tempo mais prolongado. É que, dada a fragilidade da situação familiar, bem como a diversidade das faixas etárias implicadas e as múltiplas rotinas decorrentes, torna-se difícil criar um ponto de convergência semanal, num espaço distante da casa, ao qual todos concorram. E os próprios postos de saúde não têm como oferecer uma estrutura facilitadora para a realização deste propósito. É que, neste caso, não se trata apenas de assegurar vales-transporte para todos, o que já em si é muito difícil se pensarmos que, mesmo para um casal, e até para cada membro individual, muitas vezes tivemos que criar situações entre a criatividade e a improvisação para garantir o transporte⁵². A atividade familiar, para essas parcelas da população, não inclui a compreensão necessária para a junção de todos num lugar longe de casa, semanalmente. É uma questão cultural à qual Jurandir Freire Costa⁵³, um dos autores que serviram de referência para a constituição de nosso trabalho, faz referência, quando aponta para a dificuldade de sustentação de uma atividade psicoterapêutica fixada semanalmente, por um período razoavelmente longo, em serviços públicos de saúde em nosso país. Se já é difícil para um, é quase impossível para um grupo familiar por inteiro. Em primeiro lugar, qual é o verdadeiro grupo familiar? Nossa experiência aponta para estruturas familiares em profundos processos de reorganização, que tendem à inclusão de membros previamente exteriores ao núcleo familiar e à emergência de vínculos de dependência tanto financeiros quanto emocionais junto a pessoas também

⁵² Dadas as limitações financeiras do Centro de Referência para a realização desta atividade, limitações estas que muitas vezes punham em risco até o transporte para os participantes do grupo, as profissionais envolvidas no trabalho pensaram, por exemplo, entre outras medidas, em recolher materiais recicláveis, tais como latas de refrigerantes, para, através da venda desses materiais, constituir um fundo para o pagamento de vales-transporte. E isto apesar de contarmos com a boa vontade e decidida participação da diretoria do Centro que, durante todo o processo de dois anos e meio de trabalho, manteve-se e ainda se mantém aberta à inclusão desta atividade em seu programa oferecido ao público.

⁵³ Costa, J..F. *Psicanálise e contexto cultural*. RJ: Campus, 1989.

anteriormente exteriores a esse núcleo, bem como à fragmentação do grupo familiar por tensões emocionais de difícil superação, seja entre o casal ou entre pais e filhos. Quando muito, nós conseguimos a presença, senão de todo o agrupamento familiar, de uma parte significativa dele, numa primeira entrevista, para a obtenção de dados da vida familiar e para informá-los a respeito de nossa proposta de trabalho. No entanto, nossa experiência nos mostra que, por um lado, a família pode ser profundamente levada em consideração mesmo quando apenas um de seus membros é atendido. Porque, a partir dos relatos das pessoas que atendemos, o que podemos apreender é que é a vida em família o que mais nossos atendimentos conseguiram mobilizar. Os participantes levavam para casa o que refletiam no grupo e traziam para o grupo a situação que vivenciavam em casa. Assim, apesar de não termos podido contar com a presença de todo o grupo familiar, nosso trabalho ganhou, nos atendimentos que fizemos, um bom território tanto para o estudo de processos e dinâmicas familiares quanto para o fortalecimento da própria tessitura familiar, núcleo promotor, como pudemos observar, dos traços mais autênticos e eficazes de resistência às difíceis situações que o desemprego produz. O que, sim, gostaríamos de adiantar é o quão rico seria, ao nosso ver, incluir a visita às casas das famílias das pessoas junto às quais trabalhamos, não apenas para obtermos uma melhor compreensão da vida delas, nem para aproximar a instituição dos núcleos familiares, mas para tornar a realidade do auxílio psicoterapêutico uma presença mais viva e concreta diante de todos os membros da família. O que essas populações esperam de um serviço de atendimento psicológico? É novamente Jurandir F. Costa quem salienta, no mesmo trabalho, o quão distante pode ser o universo das metodologias, práticas e linguagens da Psicologia Clínica em relação à vida dessas pessoas. No entanto, nossa experiência mostra também o quão intensa pode ser a troca, uma vez estabelecida a moldura certa e a comunicação adequada. Ao nosso ver, o psicólogo ou qualquer outro profissional que se responsabilize por esta atividade deve ganhar, por assim dizer, uma presença mais significativa enquanto existente na vida dessas pessoas. E este é o maior desafio que deve ser enfrentado se quisermos implantar com sucesso processos de atendimento psicológico junto a

desempregados. Porque aqui, como o nosso trabalho deixou entrever, não se trata apenas de lidar com psicopatologias individuais, mas de oferecer algo assim como uma experiência de continência social, da qual o profissional responsável pelo trabalho passaria a ser porta-voz. Acabou por ocupar um lugar prioritário nas análises que pudemos realizar a vivência de isolamento social que essas pessoas atravessam na condição de desempregados, e que é agravada diante das demandas que elas fazem e dos profundos limites que as instituições têm para atender-las minimamente. Claro que um atendimento psicoterapêutico não pode assumir para si a resposta a essas demandas. Mas, por outro lado, não pode também se furtar de operar com elas. Em nossos atendimentos, toda vez que tentávamos deixar de lado as demandas mais concretas, exprimindo que não seria nossa função atendê-las, errávamos, perdendo a confiança deles, o que, com certeza, levava a um desinvestimento transferencial deles para com o nosso trabalho. Saber como lidar com essas demandas na medida certa é um dos critérios essenciais para o estabelecimento de um bom contexto de atendimento. E acreditamos agora que isto pode ser conseguido se tivermos como eixo que o trabalho psicoterapêutico deve pautar-se por um processo que trabalhe com essas pessoas em contexto, isto é, que saiba referenciar demandas e situações pessoais ao contexto que vivem, auxiliando-os assim na elaboração de uma compreensão consciente do momento que atravessam. Isto implica, pelo que pudemos apreender de nossa experiência, em processos mais participativos dos profissionais envolvidos no trabalho do que aquele que realizamos junto a eles, nas experiências de atendimento que fizemos. Jurandir Costa tem razão quando, ao constatar a distância e as diferenças entre os repertórios culturais das populações de baixa renda e dos terapeutas, sugere a estes últimos algo assim como uma operação de discrição que os torne, mais do que sujeitos de uma enunciação original para a vida dessas pessoas, promotores de um intercâmbio vivo entre os participantes o grupo. Assim, alguns dos momentos mais ricos de nosso atendimento sem dúvida ocorreram quando a troca entre eles desenvolvia-se com vivacidade, tornando-se capaz de acolher áreas cruciais da vida pessoal de cada um, dinamizando-as e problematizando-as. No entanto, como também

podemos apreender de nossa experiência, o trabalho psicoterapêutico pode almejar a promoção de uma elaboração mais organizada e consciente de vivências mergulhadas num aglutinado desorganizado e fragmentado de múltiplas referências culturais/ideológicas e identitárias, propondo assim uma intervenção que ofereça aos participantes um modo de dizer novo sobre eles próprios e suas situações de vida. Para isto, é necessário fazer da distância de que Jurandir fala não apenas uma constatação, mas um desafio a ser atravessado. Muitos dos participantes pediam-nos para aperfeiçoar os seus currículos, e até diplomas. Não é de maneira alguma “forçar a barra” dizer que, nessa demanda, encontra-se enunciada uma motivação por aperfeiçoar os seus modos de ser e de perceber o mundo. E esta tarefa implica a participação ativa dos responsáveis pelo processo psicoterapêutico. Bourdieu, em suas importantes notas finais em *A miséria do mundo*⁵⁴, expõe toda a complexidade que deve ser levada em consideração para a emergência de um profissional mais ativo em situações de entrevista e, ao mesmo tempo, o quanto esse posicionamento mais consciente na situação favorece a qualidade do que é trocado entre os participantes. Tanto Bourdieu quanto Jurandir partem, por assim dizer, do mesmo diagnóstico: ambos percebem as distâncias culturais a que fazíamos referência anteriormente, entre os profissionais envolvidos na pesquisa e/ou atendimento e a população de baixa renda. Mas Bourdieu faz da distância um desafio a ser superado, e a superação deste o melhor sinal da produção de um conhecimento novo. Se levarmos em consideração o que Bourdieu diz, o trabalho que nós realizamos e a análise que produzimos posteriormente com certeza não conseguiram superar essa distância, sendo até questionável se produzimos algum conhecimento novo, uma vez que a elaboração do material – todo esse processo de dilatação reflexiva do que vem condensado nas experiências vividas -, deu-se de forma unilateral, a partir de mim no processo de elaboração deste trabalho, sem compartilhar nem avaliar junto a eles as reflexões que foram emergindo. Eu, por assim dizer, amplifiquei a voz deles e talvez os tenha transformado em suportes para a expressão de minha preocupação pessoal com o estado de coisas decorrente do desemprego. O que eu

⁵⁴ Bourdieu, P. *A miséria do mundo*. RJ: Vozes, 1997.

percebo é a falta de uma reflexão feita mais em parceria com eles que pudesse, de forma mais cooperativa, ser o resultado de um trabalho conjunto de mim, como profissional, junto a eles. E, para que isto possa ser feito, tenho agora consciência de que é necessário estar mais ativamente presente junto a eles, incluindo nessa participação minhas determinações sociais, culturais, ideológicas e motivacionais. Gostaria de expor, por exemplo, um paradoxo que nunca chegou a ser levantado nos encontros, mas cuja análise com certeza seria de muita valia, tanto para mim quanto para eles: o de que, no atendimento psicoterapêutico a desempregados, os profissionais responsáveis estão trabalhando, ou seja, de que todos esses desempregados estão oferecendo condições de trabalho a profissionais que têm ganhos com isto. Este fato abriria campo para uma incursão a respeito de, até que ponto, o aperfeiçoamento de si próprio, a reflexão da situação vivencial de cada um, pode por eles ser considerado como um trabalho, e se há ganhos para eles nisso, permitindo assim, quem sabe, uma transformação qualitativa do sentido que pode ter, para eles, a vivência de uma experiência psicoterapêutica em postos de saúde. Por outro lado, tem razão também Jurandir Freire Costa quando aconselha o trabalho em grupos como sendo o mais propício. De fato, nós tivemos a oportunidade de trabalhar e apresentar aqui materiais advindos tanto do trabalho com um grupo, quanto com casais e individuais. E, sem dúvida, a experiência de grupo é a que permitiu a emergência de uma dinâmica mais mobilizadora e capaz de pôr em evidência áreas fundamentais da vida de cada um. Aliás, nossa prática mostrou que intimidade, para a população com que lidamos - assim como, talvez, para todos -, é, antes de mais nada, um diálogo aberto com o outro, e não uma psicologia profunda. E o grupo é a situação que permite sustentar as duas pontas da experiência de intimidade: a ponta que se oferece enquanto escuta e a ponta que se oferece enquanto narrativa. Como Silva apontou, o grupo tende a criar uma dinâmica que mobiliza a vida deles de forma análoga à família.

Importante também é trabalhar junto aos Centros de Referência a inclusão dessa atividade no interior da prática cotidiana, e isto significa estabelecer pontes com os demais profissionais da instituição, para que a atividade seja melhor

compreendida por todos, no que diz respeito aos seus alcances. O atendimento junto à fisioterapeuta e à educadora em saúde mostrou-se muito rico, porque permitiu, para além de uma ampliação dos recursos de informação que tínhamos a oferecer para o grupo, uma atuação do próprio Centro de Referência, representado por essas profissionais, que passaram também a introjetar novos elementos para o desenvolvimento de uma escuta mais complexa das demandas e carências da população atendida. Fizeram parte de meu trabalho junto às profissionais do Centro reuniões em que pudemos estruturar os encontros e atendimentos, e esta troca amadureceu a ponto de três profissionais participarem do curso *Família: abordagens psicossociais e psicanalíticas*, oferecido no curso de graduação do Instituto de Psicologia da USP. O que eu gostaria de promover na próxima etapa de atendimentos é uma elaboração, entre um encontro psicoterapêutico e outro, que permitisse estabelecer um foco de trabalho mais definido, suscitando assim um espaço na dinâmica grupal para um trabalho operativo, nos moldes como Pichon-Rivière teoriza em seu livro *O processo grupal*⁵⁵. Algumas vezes em que, na experiência, nós propúnhamos um foco, nos equivocávamos, principalmente quando o que selecionávamos era a realização de uma avaliação que, como já tivemos a oportunidade de analisar, demarcava mais um distanciamento do que uma efetiva integração de experiências. Mas, tenho a convicção de que os processos grupais podem ganhar um amadurecimento se forem acompanhados da séria inclusão de tarefas emergentes e da qualidade e modos como cada um se mobiliza frente a essas tarefas, no foco da atenção psicoterapêutica.

Como pode se ver, este trabalho, mais do que conclusões, suscita novos desafios. E, infelizmente, o estado de coisas em nosso país dá-nos tempo para um longo trabalho com o desemprego. Por enquanto, a urgência que a situação demanda é silenciosa. Isto não quer dizer que o gigantesco contingente de desempregados cale. Um enorme desespero grita no silêncio.

⁵⁵ Pichon-Rivière, E. *O processo grupal*. SP: Martins Fontes, 1986.

Referências bibliográficas

Adorno, T.W. Acerca de la relación entre sociología y psicología. Em *Teoria critica del sujeito*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1986, pp. 36-83.

Akutagawa, Ryunosuke. *Rashômon*. SP: Editora Paulicéia, 1992.

Berenstein, I. *Psicoanálisis de la estructura familiar*. Buenos Aires: Paidós, 1981.

_____. *Família e doença mental*. SP: Escuta, 1988.

_____. Psicoanálisis hoy. En dirección hacia la vincularidad.

Conferência apresentada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 22 de outubro de 1999.

Berquó, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. Em: *História da vida privada no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1988, v.4.

Block, F. Introduction to *The Great Transformation* by Karl Polanyi [para uma nova edição publicada por Beacon Press, 2001]. Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia, Davis, 2000.

Bosi, A. *Dialética da colonização*. SP: Companhia das Letras, 1992.

- Bosi, E. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Bourdieu, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- Box, S. (org.) *Psicoterapia de famílias*. SP: Casa do Psicólogo, 1994.
- Castel, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. Tradução brasileira extraída de: *Face à l'exclusion: le modèle François*, Jacques Donzelot édit., Paris: Éditions Esprit-Le Seuil, 1991.
- Costa, J. F. *Psicanálise e contexto cultural*. RJ: Ed. Campus, 1989.
- De Jong, Eloisa et al. (orgs.) *La familia en los albores del nuevo milenio*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2001.
- Dejours, C. *A banalização da injustiça social*. RJ: Editora FGV, 1999.
- Dew, M.A. et al. Effects of unemployment on mental health in the contemporary family. Em: *Behavior Modification*, 1991, vol. 15(4): 501-544.
- Eiguer, A. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- Fiori, J.L. Adeus à classe trabalhadora?. Publicado originalmente no site Carta Maior (www.cartamaior.com.br), 2001.
- Coletivo da Universidade de Berlim. *Guia para a leitura do Capital*. Lisboa: Edições Antídoto, 1978.
- Freud, S. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. RJ: Imago.
- _____. (1932) A dissociação da personalidade psíquica. Em: *Novas conferências introdutórias*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. RJ: Imago.
- _____. (1930) *O mal-estar na civilização*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. RJ: Imago.
- Fundação Seade. <http://www.seade.gov.br>
- Furtado, C. *O mito do desenvolvimento econômico*. SP: Círculo do Livro S.A.
- Gonçalves Filho, J.M. Humilhação Social – um Problema Político em Psicologia. *Revista Psicologia USP*, São Paulo, v.9, n.2, pp. 11-67, 1998.
- Gorz, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. RJ: Forense Universitária, 1987.

- Haber, Belinda P. A família da fantasia, a fantasia da família: a produção da criança como expressão da fantasia familiar. Dissertação de mestrado, IPUSP, 1989.
- Herrmann, F. *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. SP: Ed. Brasiliense, 1991.
- Hoffman, W. et al. Initial impact on plant closings on automobile workers and their families. Em: *Families in Society*, 1991, vol. 72(2): 103-107.
- Jahoda, M. *Empleo y desempleo*. Madrid: Ediciones Morata, 1987.
- Jardim, S. O trabalho e a construção do sujeito. Em: Silva Filho, J.F. e Jardim, S. (orgs.) *A danação do trabalho*. RJ: Te Corá Editora, 1997.
- Jones, L. Unemployed fathers and their children: implications for policy and practice. Em: *Child and Adolescent Social Work Journal*, 1991, vol. 8(2): 101-116.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. SP: Martins Fontes, 1985.
- Lévi-Strauss, C. A família. Em: *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. *Antropologia estrutural*. RJ: Tempo Brasileiro.
- Mattoso, J. *O Brasil desempregado*. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2^a ed.: 2000.
- Mello, Sylvia L. *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. SP: Ed. Ática, 1988.
- Meyer, L. *Família: dinâmica e terapia*. SP: Brasiliense, 1987.
- Offe, C. Trabalho: a categoria sociológica chave? Em: Offe, C. *O capitalismo desorganizado*. SP: Brasiliense, 1985.
- Polanyi, K. *A grande transformação: as origens da nossa época*. RJ: Campus, 1980.
- Price, R. H. Psychosocial impact of job loss on individuals and families. Em: *Current directions in Psychological Science*, 1992, vol. 1(19):9-11.
- Ribeiro, D. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1979.

Santos, J. B. F. *O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*. SP: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Ceará, 2000.

Schwebel, M. Job insecurity as structural violence: implications for destructive intergroup conflict. Em: *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 1997, vol.3(4):333-351.

Seligmann-Silva, E. A interface desemprego prolongado e saúde psicossocial. Em: João Ferreira da Silva Fo. e Sílvia Jardim (orgs.) *A danação do trabalho*, RJ: Te Corá Editora, 1997.

Young, R. M. Mental space and group relations. <http://human-nature.com/myoung/papers/paper14.doc>.

Anexo. As sessões com Pedro⁵⁶

Terapeutas: Belinda e Laís

1^a. sessão: 15/04/2003

Presentes: Pedro, Laura e Gabriel (2 anos)

Belinda: nos meses de janeiro e fevereiro, nós realizamos 6 encontros com trabalhadores desempregados matriculados no Centro – encontros dos quais o Pedro participou. Agora, nossa idéia foi chamar as famílias em separado, para podermos continuar acompanhando, com cada família, como estão as coisas, como estão lidando com as situações que estão atravessando.

Laura: agora, eu também estou sem emprego. Já estou procurando, mas está difícil.

⁵⁶ Nas duas primeiras sessões, estiveram também presentes sua companheira, Laura, e o filho de ambos, Gabriel, de dois anos. Nas oito sessões seguintes, Pedro compareceu sozinho, algumas vezes porque Laura arrumara bicos de limpeza nos dias de nossos encontros, outras porque cuidados com a casa e o filho impediam-na de comparecer. Porém, no decorrer do processo, num momento de relacionamento mais conflituoso do casal, Pedro contou-nos que Laura dissera-lhe que não mais viria às sessões.

Laís: há quanto tempo?

Laura: 2 ou 3 semanas.

Belinda: e, como vocês estão fazendo?

Laura: estamos contando com a ajuda das pessoas. Minha irmã ajuda da maneira que pode, alguém me chama para fazer faxina no fim de semana.

Belinda: você voltou a procurar trabalho como doméstica? *(nós sabíamos, através de falas de Pedro no grupo, que Laura trabalhava antes como doméstica)*

Laura: sim, porque como doméstica fica fixo. E, como o problema dele eu não sei como vai resolver, tenho que ir à luta.

Pedro: eu fui ao INSS, não deu nada, não resolveram nada. Vou passar hoje pela assistente social.

Laís *(para Pedro)*: você melhorou da perna?

Pedro: não, porque eu precisaria ir para consulta na Cachoeirinha, e não tenho para o transporte. Agora, ainda, o ônibus mudou, piorou *(eram dias de greve de ônibus na cidade)*. São seis conduções. Pra vir hoje, a gente acordou às 5h30', para estar aqui às 8hs. E a vizinha arrumou a condução pra gente *(já havia um combinado de que pagaríamos o transporte para os atendimentos e, neste dia, devolvemos a eles o que a vizinha emprestara)*. Às vezes a gente tem, outras não.

Laura *(sempre sorrindo, simpática)*: a gente tem que economizar ao máximo. Fazer o quê, tirar da onde?

Pedro: eu queria ter informação sobre a bolsa-escola.

Laura: é, porque eu tenho uma filha de 9 anos, e queríamos ver se ela tem direito.

Laís dá explicações sobre a bolsa, onde buscar.

Laura: minha filha não mora com a gente. Ela passa a semana na casa de uma amiga minha, pra ficar mais perto da escola. Não tenho dinheiro pra levar e buscar todo dia.

Belinda: vocês têm podido sair de casa?

Laura: quando a minha irmã tem vale-transporte, a gente vai às agências de emprego. Mas, se é um emprego pra tomar mais de uma condução, eles não

pegam. Mas, quando a gente tem filho, não pode ficar fora de casa. Não é fácil. Se fôssemos só nós, a gente se virava.

Pedro: com filho, tem que comprar fralda, remédio, e a gente está sem recurso nenhum.

Laura: só o que a minha irmã dá.

Belinda: vocês contam, então, com a ajuda da família?

Pedro: a dela, porque a minha mãe está doente. E eu não estou conseguindo o benefício.

Laís fala dos prazos necessários para se conseguir os benefícios.

Pedro: falam que existe uma máfia grande no INSS.

Laís: é bom que você converse sobre os benefícios com a assistente social.

Pedro: tenho também que ir à Cachoeirinha, e não fui porque não tenho o dinheiro pra condução. A Laura que me dava, e como ela ficou desempregada...

Laura: é que eu também tenho que pagar condução quando vou trabalhar... Uma senhora evangélica, testemunha de Jeová, ficou de ajudar a gente. Ela tem vindo todo sábado ou domingo em casa, ler a Bíblia.

Belinda: e tem ajudado vocês?

Laura: não, por enquanto só a minha irmã, ela é dona da casa onde a gente mora, compra pra nós a cesta básica. Ela tem pensão do marido.

Laís: e o Gabriel, vai à creche?

Pedro: não, não tem recurso nenhum lá onde moramos. Eu é que fico com ele quando ela vai trabalhar. Dou umas voltas com ele por lá.

Belinda: ele gosta de brincar?

Pedro: ele brinca bem, brinca com caneta, carrinho, papel, e vê desenho na TV.

Laura: ele só não entende, pede tudo o que vê na TV, chora, quer balas...a de 9 anos entende.

Belinda: ele chora?

Laura: é horrível, me sinto mal.

Pedro: aí, a tristeza aumenta.

Laura: a pior coisa é os filhos pedirem e não poder dar.

Belinda: mas, parece que vocês cuidam muito dele! *(o menino parece uma criança bem cuidada - aliás, como o casal, que tem um cuidado consigo, com a apresentação, que nos chama a atenção, dada a enorme carência material em que vivem. Ocorre-me que eles têm recursos pessoais, de cuidado com a família, que fazem frente à carência material que relatam).*

Laura: isto a gente tem, né, bebezão, meu gatão, meu hominho? *(ri, dirigindo-se para o filho)*...Eu queria é trabalhar.

Pedro: a gente tem que buscar uma saída. A condução dificulta.

(Silêncio)

Laís: como é a casa de vocês, como dormem?

Laura: tem uma cama de casal e, embaixo, outra cama, onde dorme minha filha com ele *(o filho)*. Durante a semana, ele dorme com a gente, no canto perto de mim.

Belinda: e dá pra dormir bem?

Laura: sim. Já nos ofereceram uma caminha pra ela, mas não tem espaço. Eu já acostumei. Tem fogão, geladeira, guarda-roupa, o espaço é pequeno demais.

Belinda: tem mesa?

Laura: sim. Às vezes, a gente come na mesa. Tem quintal. A roupa, a gente põe em cima da laje pra secar.

Belinda: tem mais criança por lá?

Laura: para a idade dele, não tem.

Pedro: as casas são de difícil acesso.

Lais: ele pede pra brincar com outras crianças?

Pedro: não, brinca com nós, mesmo.

(Silêncio)

Laura: a gente tem que ter, precisa procurar ter mais paciência.

Pedro: toda a calma do mundo.

Laura: ele *(o Pedro)* faz teste em firma, quando pensa que passa, não passou.

Pedro: acho que é a agilidade de andar, é esse o problema.

Belinda: e você está ainda com o problema da Carteira carimbada? (*refiro-me ao problema que foi conversado no grupo, dele ter a carteira carimbada pelo INSS*).

Pedro: vergonha do carimbo...

Laís: alguém colocou impedimento por causa disso?

Pedro: não, eu é que pensei, mesmo.

Belinda: quem sabe aqui, juntos, a gente possa pensar essas situações que vocês estão enfrentando e ver de quê recursos é possível vocês disporem.

Laura: quando eu trabalho, eu não me preocupo.

Pedro: se eu vou atrás do benefício, poderia ter um recurso. O que vai dificultando é a condução.

Laura olha o filho desenhando e nos diz: ele pega a caneta e fala 'mãe', 'pai'...

Está no fim da sessão, eu proponho que sigamos nossa conversa nas semanas seguintes, no mesmo horário.

Laura: a gente pode vir mas, se pintar emprego...

Belinda: aí, podemos rever essa combinação, não?

2a. sessão: 22/04/2003

Presentes: Pedro, Laura e Gabriel

Iniciamos oferecendo material gráfico – papel sulfite, lápis preto e lápis coloridos - para todos. A mãe acompanha Gabriel até a mesinha onde está o material e, juntos, começam a manuseá-lo. Ela fala: vamos, bebê! Uma folha só! Tem verde! Com força! Faz bolinha, faz...

Belinda: olha, o Gabriel fez bolinha, como a mamãe. Você gosta de desenhar, Gabriel?

Ele fica em silêncio, Laura diz: ele está com vergonha, às vezes fala muito, depois fala menos. (*Silêncio*) As coisas estão do mesmo jeito, nem boas, nem ruins.

Pedro: a assistente social ia ligar hoje para o INSS e, se não resolverem, ela ia ligar para o Ministério Público. Eu falei pra ela que estou com o

encaminhamento para o Hospital da Cachoeirinha, onde posso iniciar o tratamento do joelho, mas como não tenho passe...

Belinda: o Centro de Referência está sem passe. Por isto, hoje vamos dar a condução em dinheiro.

Laura (*para o Gabriel*): escreve, Gabriel! Você está bravo?

Belinda: talvez vocês todos estejam bravos!

Pedro: ah, é! Estamos precisando de recursos para ter uma vida nova. Levantamos hoje às 10 para as 5, então estamos cansados também. Chegamos aqui às 10 para as 8. *Ele fala das dificuldades do caminho, da lotação, dos valores.* Para o Gabriel: os lápis são para dividir com a sua irmã.

Belinda: este material é para ser usado aqui nas sessões e, por isso, devem ficar aqui.

Laura: minha filha deu umas canetinhas pra ele.

Silêncio.

Belinda: e a procura de trabalho, como está?

Laura: ontem, eu trabalhei. Fiz faxina. Também me cadastrei no Centro de Solidariedade. Fui da Praça do Correio até a Liberdade a pé, para preencher ficha. Tinha emprego pra dormir, com uma folga só. Se não fosse o Gabriel, eu ia. Tinha também vaga de repositor em supermercado, mas precisava do primeiro grau completo. Ou querem primeiro grau completo, ou é fora de mão.

Belinda: você pensa em terminar o primeiro grau?

Laura: sei lá, eu chego tarde em casa, não é mais hora de estudar. Eu estudei até a 4^a. série, mas trabalhava na roça, não deu pra prosseguir.

Belinda: e agora, se você está parada, não daria pra terminar?

Laura: mas, se aparece um bico, não posso deixar de ir. Ontem, cheguei às 20:30 em casa. Mas eu não ligo de trabalhar, não escolho serviço. O importante é trabalhar honestamente para os meus filhos. Vergonha é roubar. *Silêncio.* Eu trabalho para uma senhora de 15 em 15 dias, de sábado. Ela me disse que, se mudar de casa, vai me levar pra eu trabalhar direto para ela. Eu não fico parada. O importante é um de nós estar trabalhando.

Belinda (*para Pedro, que estava silencioso e com aspecto abatido*): você parece chateado...

Pedro: estou cansado, levantei cedo.

Belinda: e o que você tem feito nestes dias?

Pedro: ontem, eu limpei a casa e cozinhei. Só não tenho pique pra lavar e passar. E cuidei dele.

Laís: o que você fez com ele?

Pedro: ele fica no canto brincando e eu trabalho.

Silêncio.

Belinda: a menina veio no fim de semana?

Laura: ela veio! Hoje teve aula, ela voltou para a casa da minha amiga. Ah, eu fui ver a Bolsa-escola, disseram que é na Regional.

Lais: e vocês foram lá?

Laura: não.

Belinda: vocês sabem qual é o valor da bolsa?

Laura: acho que são 50 reais por mês. Uma amiga minha que tem filho tira 35.

Pedro: eu vi aqui um cartaz sobre moradia popular, perto do orelhão.

Laís: qual é o cartaz? Eu gostaria de ver... Depois da sessão, podemos ir juntos ver do que se trata.

Laura: ele falou de ir pro norte.

Pedro: tenho família lá.

Belinda: onde?

Pedro: em Itaberaba, na Bahia.

Laura: eu não volto para a minha mãe!

Laís: onde ela mora?

Laura: em Umuarama, no Paraná.

Belinda: como vocês se conheceram?

Pedro: foi numa noite na Rádio Atual. Quando as coisas eram boas. Nós fomos nos conhecendo, ela se aproximou, surgiu o namoro. Hoje, tem uns 5 anos que a gente se conhece. Fomos viver juntos quando ela ficou grávida.

Laura: na época, eu morava de aluguel, na casa de uma família que era como a minha família. Tenho muito que agradecer, ainda tenho contato com eles. Tratavam eu e minha filha como se fôssemos da família.

Belinda: parece que hoje apareceram alguns recursos com que é possível contar: o Centro de Solidariedade onde dá pra se cadastrar, a Regional onde dá pra ver a bolsa, a família que acolheu vocês.

Laura: nós não podemos desanimar.

Pedro: vou conversar com a assistente social para ir à Cachoeirinha.

3^a. sessão: 29/04/2003

Presente: Pedro

Pedro: o Gabriel está desconsolado, doente, e falta água em casa desde ontem. Aconteceu que também está chegando material de construção da casa da irmã da Laura, e ela ficou lá pra receber.

Laís: como vocês estão cuidando do Gabriel?

Pedro: a Laura está fazendo inalação no menino, com remédios que já estão prescritos. Não tem posto próximo, lá onde a gente mora. Ela ficou também cismada com o tempo, por causa do menino, e também por isso não vieram. De madrugada, ele não estava bem....Esta semana ela fez um bico, deu pra comprar o leite.

Laís pergunta se o menino toma muito leite, e a que horas.

Pedro: ele toma leite à noite, de madrugada. Chora pedindo leite.

Laís dá esclarecimentos sobre a posição em que o menino deve tomar o leite, sobre o catarro que se acumula por tomar deitado, etc.

Belinda: você sabia dessas coisas?

Pedro: sabia, mas o menino insiste em tomar o leite deitado. Mas, depois de mamar, quando é de dia, ele se levanta e vai brincar, não fica largado. *Silêncio.* Fui ontem ao Hospital da Cachoeirinha e fiz a ficha pra ver se vou operar o joelho. Demorou pra me chamarem, eu fui reclamar. Daí, me atenderam. Marcaram pra eu voltar no dia 28, para o especialista em joelho.

Belinda: que bom que você conseguiu ir lá! (*havia um problema com a falta de passe que o impedia de chegar ao hospital*).

Pedro: sim! (*mostra a guia de encaminhamento*). Vou para o grupo de joelho.

Belinda: como você conseguiu o transporte?

Pedro: como ela fez um bico, me deu dinheiro para a condução, eu fui. Agora, tenho que ir ao INSS.

Belinda: como está a sua situação lá?

Pedro: está parada, estou dependendo da consulta médica. A assistente social daqui falou que, se negarem o benefício, eu vou para o Ministério Público. Tirei outra Carteira de Trabalho, a primeira está suja com o carimbo do pedido feito ao INSS, aí eu fui à empresa pedir a transferência do registro para a nova Carteira. O Depto. Pessoal da empresa agora é terceirizado, eu deixei a 2^a. via da Carteira, eles me pediram a 1^a., mas estou pensando que podem não me devolver.

Belinda: por que eles não devolveriam?

Pedro: é que, se eu quiser processar a empresa, eles prenderam a minha Carteira. Mas, esta semana eu deixei currículo numa empresa, ainda não me chamaram.

Laís: e se chamarem?

Pedro: eu mostro a Carteira nova...

Belinda: você está tentando se organizar...

Pedro: sim, pois se eu não conseguir pelo INSS, estou achando que vou voltar a ter força no joelho, fazendo a operação no Cachoeirinha.

Belinda: e a Laura, como está?

Pedro: comprei agora o jornal de emprego pra levar e ver se tem algo na capacidade dela....a água está atrasada, a luz também. Daqui pra frente, vai ter que reduzir. Virei o relógio ao contrário para reduzir.

Belinda: e ninguém vê?

Pedro: próximo da semana da leitura, eu volto o relógio ao normal. Não tem como provar nada.

Belinda: vocês não têm isenção de água e luz?

Pedro: não. Mas, se ela fizer bico, e com isso que eu virei o relógio, vai vir menos na conta e fica mais fácil de pagar.

Laís fala sobre as centrais de vagas de emprego que existem na cidade.

Pedro: eu vou ver.

4ª. sessão: 06/5/2003

Presente: Pedro

Pedro: as coisas não estão boas...Começou de sábado pra cá haver desentendimento com a minha companheira. Ela deve ter problema. Só fala gritando. Isso ofende. E, com esse problema (*aponta para a sacola de papéis e exames que tem entre as pernas*), fico sem alternativa para resolver. Eu fico com as crianças e ela diz que eu não ajudo. Acho que eu vou voltar para a minha mãe. É erro da parte dela. Eu falei pra ela que ia procurar outra mulher...Hoje, ela foi fazer 'bico'. Ela fala que vai sumir no mundo, que está cheia dessa vida. E eu digo que é pra ter calma, que uma hora resolve. Eu digo que ela é feliz fora de casa e dentro, não. Fora de casa, ela faz tudo, conversa. Dentro de casa, não se dispõe. As amigas chamam, ela vai com o maior prazer, vai com elas comprar no supermercado...e reclama em casa. Acho que ela tem problema. Reclama o tempo todo. Às vezes, não tem paciência, tolerância com as crianças. Eu estou cuidando das crianças e aí ela fala o que quer falar.

Belinda: parece que você também fica sem condições de conversar com ela.

Pedro: é que ela só fala gritando. Eu até já acostumei, é o tempo inteiro, ofende.

Belinda: e ela não pôde vir?

Pedro: ela disse que vai fazer bico hoje, e levou a criança e disse que vai deixar com a amiga. Eu estou direto cuidando da criança. Está doente, tossindo e vomitando. Nós fomos ao Hospital da Cachoeirinha, não atenderam. Aí, a mulher comprou um xarope. Eu disse que ia levar à Santa Casa e ela disse que eu não tenho condição. Disse que eu estou de cara fechada com a filha dela. Mas, se eu fico irritado, não tenho cabeça boa pra conversar. Então, eu disse pra ela arranjar um outro pra dar dedicação aos filhos. Na hora, ela ficou quieta. Depois, conversou normal no dia seguinte. Aí eu falei, só por falar, que ia arrumar outra

mulher. Ela ficou nervosa, disse que não ia dar mais certo. E que agora quem não queria mais era ela. Eu disse que, se fosse para a minha mãe, eu não voltava.

Belinda: não é nervosismo do momento que vocês estão passando?

Pedro: acho que sim. Mas, com os colegas, ela é feliz, tolera tudo, fala um monte de coisa. O sentimento dela é que ela acha que toma conta de mim. *Silêncio.* Durante toda a semana, correu tudo bem. Sexta-feira, a menina dela veio. Daí, ela falou pra filha o que tinha pra fazer, não falou nada pra mim. Só que a menina não faz. Eu não me meto, deixo correr. A mulher volta, vê a bagunça e joga pra cima de mim.

Belinda: e você, falou alguma coisa pra ela?

Pedro: ficou dentro de mim. Ela falou pra filha. Eu não entendi. Então, pra quê que eu sirvo aqui? No sábado, quando ela voltou, me viu limpando tudo. Eu me lasco a semana toda...

Belinda: você encontrou um lugar dentro de casa e, agora, se sentiu destituído desse lugar...

Pedro: eu fico sem graça! O ramo do homem é manter a casa. Não é lugar ficar em casa....Mas, eu disse a ela que voltei porque ela implorou. Joguei na cara. É que ela vai se adulterando, mas ouviu. É que eu fico magoado, fechado. Então, falo pra ela arranjar outro homem para cuidar dela e da menina. Ela fica quieta e diz: “Não estou falando isso”. Eu nunca relei, em 5 anos, um dedo na menina. Eu disse que ia arrumar outra mulher foi pra ver a reação dela, um tipo de um teste.

Belinda: não seria bom nós tentarmos que a Laura também venha, pra ver se a gente junto ajuda na conversa entre vocês?

Pedro: hoje é 3^a, até 6^a. feira ela tem bico. E o menino está na Freguesia, na casa da amiga dela.

Belinda (*porque ele parece muito angustiado*): parece que você também está nervoso, esta é uma situação que todos estão sentindo...

Pedro: ela grita com as crianças, e acha que está tomando conta de mim. E eu não quero partir pra cima. O nervoso é da parte dela.

Belinda: a situação deixa todos nervosos, né?

Pedro: está difícil avançar nas coisas. Dia 28, tenho consulta, vão dizer se vou operar ou não. Se eu for usar muleta, tenho que arranjar alguém pra me acompanhar.

Belinda: a Laura não te acompanharia?

Pedro: acho que sim. Mas, com o erro dela, acho que é dela...fica ruim. Eu chamei ela pra vir aqui, não escondi nada. Mas, ela põe a própria família em desentendimento. É tipo de mulher assim, fica esquecida da família, não quer nada comigo. Mas, eu penso no menino. É ruim a criança ficar sem cuidado do pai. Fica sem amor de pai e de mãe. Eu falei pra ela. Ela disse que ele esquece. A única coisa que eu tenho é ele. Ele vai acompanhando mais o lado dela, é ruim. Eu falei pra ele que ia embora, ele chorou. Ontem, eu ia saindo, ele perguntou se eu ia trabalhar, eu disse que não. Ela disse pra ele que eu ia pra minha mãe. Ele não chorou, estava no colo dela. Ela mandou ele me dar tchau...A gente tem que procurar se entender...acho que ela quer uma vida livre, ela diz que não. No fim de semana, ela disse pra irmã que as crianças deixam ela com a cabeça quente. Eu não esquento a cabeça. Eu disse que ela adora desprezo mas, ela pensa que o desprezo dela vai me mudar, que eu vou sofrer? Mas quem sofreu foi ela, quando eu fiquei longe.

Laís: e você, não sofreu?

Pedro: eu fui esquecendo, vai ficando pra trás. Outro cara não fica um dia, dois dias com ela...outro pra ficar em casa, cuidar de criança e ouvir o que ela quer falar, não fica dois dias.

Belinda: você está de fato pensando em sair de casa?

Pedro: estou pensando em dar um tempo, ir pra minha mãe, esperar pra ver a atitude dela.

Laís: você vai esperar por uma atitude dela?

Pedro: eu fico muito rebaixado, se é erro dela, eu puxar assunto.

Belinda: mas, parece que você tem coisas pra falar pra ela.

Pedro: sim...Hoje eu vou ver o menino.

Laís: vai leva-lo ao médico?

Pedro: não, ela acha que não vai dar certo comigo. Ela disse que vai. Ela quer tomar o rumo. Quando ela quebra a cara, eu sou o culpado.

Belinda: agora está na hora, será que daria pra ela vir com você da próxima vez?

Pedro: sim, ela prometeu que viria hoje, mas foi trabalhar. Eu estava pensando em trazer outra pessoa pra representar a família....Ela disse que se arrependeu de ter voltado...

Belinda: está duro, né?

Pedro: sim. Quando eu operar, vai mudar. Vai ser bom. Já consegui entrar no grupo de joelho.

5^a. Sessão: 13/05/2003

Presente: Pedro

Está frio e Pedro está com uma camisa leve, de manga curta.

Laís: Pedro, você não viu que iria fazer frio hoje?

Pedro acena negativamente, cabisbaixo.

Laís: estes dias são dias de frio. *Silêncio.*

Belinda e Laís: como estão as coisas, Pedro?

Pedro: nem boas, nem ruins, está controlado. Hoje ela viria, mas quis marcar o médico dela. E a mulher crente chamou-a para ir à Igreja, passar a palavra de Deus hoje das 9 às 11, e depois ela iria marcar o médico. Amanhã, eu vou ao hospital e, dia 4, na perícia. Eu falei pra ela vir, mas não dei muita atenção a ela. Ela disse que eu sou cabeça dura, que eu vou pela cabeça dos outros. Falei que vai ter a cirurgia, ela disse que, se eu quiser ficar lá pra me recuperar, a irmã dela faz a comida pra mim. Mas ela não dá o braço a torcer. Ela perguntou se eu vim aqui semana passada, ela percebeu que eu não estou com medo. A menina estava ouvindo a conversa e tirou lágrimas dos olhos. Daí, ela também chorou. Mas, não sei se foi por mim, não perguntei.

Belinda: o que você acha?

Pedro: estou indo pela minha decisão. Ela está trazendo o menino para a amiga cuidar. Ela vai cobrar 100 reais.

Belinda: ele fica bem na casa da amiga?

Pedro: com os pais, é diferente. Eu ponho na linha, ele segue o caminho. Mas ela está fazendo 'bicos' de 4^a, 5^a, 6^a. e sábado. Ela disse que não vai comigo ao hospital porque tem que trabalhar. Eu vou só. Se decidirem operar, não sei se fico ou se volto outro dia.

Belinda: você parece estar ansioso pela operação...

Pedro: antes de chegar outubro, tudo desenrola. Ela falou que operação não presta, ficar na cadeira de rodas. Fico com medo, nunca passei por isso. Estou querendo decidir por mim mesmo. Eles falam, mas vou pela minha decisão. Já estou com o relatório...

Belinda: em relação à operação, você está querendo decidir por conta própria. Mas, com a Laura, parece que você está à espera do que ela diz.

Pedro: eu fico sem saída. Tem hora que ela está bem, tem hora que não, parece que ela tem problema. Ela disse que eu ia arrumar uma mulher melhor do que ela. Eu disse que seria pra cuidar de mim.

Belinda: parece que é como começou hoje o nosso encontro. A Laís perguntou se você não estava com frio, parece que você pede alguém que te cuide.

Pedro: ela disse que não gostou, que ser melhor é uma coisa, cuidar é outra. *Ele olha muito mais do que outras vezes para o que a Laís anota.*

Belinda: você está preocupado com o que a Laís está anotando?

Pedro: é, a rapidez dela.

Laís: a gente anota pra depois pensar no que conversamos.

Pedro: acho que a irmã e ela inventaram: "não vou pedir pra ele ficar", então diz que foi a irmã que disse pra eu ficar. É papo dela, não quer dar o braço a torcer. Como da outra vez foi ela que pediu pra eu voltar...Mas, eu sinto que é ela que está pedindo.

Belinda: o que você tem vontade de fazer?

Pedro: quero desenrolar esta história e ir atrás do que eu perdi. A minha vontade é ficar. Ela me acompanhou no tempo em que eu estava ruim, em 2000. Agora, se eu receber do INSS, posso ajudar. Não tenho o coração de abandoná-la. No domingo, ela chorou, a filha tirou lágrimas dos olhos, doeu o meu coração. Se eu

sair de casa, sinto covardia, sempre me ajudaram. Mas, não falei isso pra ela, fiquei pensando de ontem pra cá. São quase 5 anos juntos. Mas, se eu esquento a cabeça, vou para a minha mãe.

Belinda: sua mãe é mãe, mãe cuida dos filhos. Talvez, nessas horas, você vai pra quem você não tem dúvida de que vai cuidar de você, sem pedir nada.

Pedro: a minha preocupação é desenrolar. Com a perna boa, vou ter tranqüilidade, cabeça boa.

Belinda: ter autonomia, poder andar com as próprias pernas?

Pedro: estar mais disposto, livre. Eu fico em casa, varro, lavo, cuido do menino. Quando ela chega, eu estou mal, não é a minha área, é de mulher, fico sem jeito. Mas ela diz que, pelo menos, eu fico em casa cuidando do filho.

Belinda: é você, então, que se incomoda achando que cuidar de casa é coisa de mulher?

Pedro: é, ela não falou isso. E, realmente, ela não tem problema de saúde. Se fosse o contrário, eu daria apoio pra ela.

Belinda: que bom que ela tem saúde e você tem ela como companheira pra ajudá-lo, não?

Pedro: sim!

Belinda: e, se ela está trabalhando mais, está mais animada com os bicos?

Pedro: sim. Ela falou que não vai ao hospital comigo. Eu não pedi. Se ela fosse, seria bom, ela sabe o que fazer, é a pessoa certa, não incomodaria a minha mãe. Só se eu operar, preciso sair com muletas, com alguém...Eu comentei com a amiga dela da Freguesia, ela disse que a gente tinha encrocado, mas que logo estaríamos juntos de novo. Eu disse que não, que iria para a Bahia. Ela perguntou pela pensão, eu disse que daria, é de direito. Mas depois pensei que seria ruim criar o menino sem pai. Seria como vida de cachorro.

Belinda: você foi criado com pai e mãe?

Pedro: minha mãe veio com os filhos pra cá há 15 anos.

Belinda: e o seu pai?

Pedro: ele mora na Bahia.

Belinda: ela deixou ele lá?

Pedro: eles brigaram.

Lais: quantos irmãos você tem?

Pedro: são 3 homens e 3 mulheres. Tem 3 aqui, 3 na Bahia. Aqui estou eu, um irmão e uma irmã, que mora perto da minha mãe. Ela é separada, o marido largou. Tem 2 filhos. Trabalha como auxiliar de serviços gerais.

Lais: você conversa com seus irmãos sobre o que está acontecendo com você?

Pedro: da minha vida, não. A gente conversa normal.

Belinda: você tem contato com o seu pai?

Pedro: não, só com os irmãos, a gente telefona uma vez ou outra. Não tenho notícia do meu pai.

Belinda: os teus irmãos estão bem?

Pedro: lá vive tudo de 'bico'. A minha intenção é estar com eles lá, com a minha família. Mas, antes, vou procurar se entender o casal. Se não, vou pra Bahia, com os meus avós.

Belinda: você teria trabalho lá?

Pedro: definitivo não, 'bico'. Vou vender alguma coisa pra me manter. Eu penso muito no filho, é o único que eu tenho. Caso eu morra ou ela morra, alguém está para cuidar. Eu falei isso pra ela, da gente criar junto, tentar comprar uma casa, se eu morro ou ela morre, eles têm o canto deles.

Lais: o que ela fala disso?

Pedro: ela fica quieta.

6^a. sessão: 20/05/2003

Presente: Pedro

Pedro: Não está nem bom nem ruim, está a mesma coisa. Passei no médico, tenho que fazer novos exames, leva dois meses.

Belinda: os planos de cirurgia estão adiados?

Pedro: é, não sabem o que é, se é lesão. Disseram que não tem nada quebrado, só está sem firmeza. Ninguém disse o que eu tenho.

Silêncio.

Belinda: e em casa, como está?

Pedro: chamei ela, ela disse que não viria mais aqui, não perguntei porquê. Acho que descobri uma coisa: tem traição comigo. Ela achava que eu ia operar, eu voltei pra casa sem dar retorno antes. Cheguei às 20 hs., quieto. O rádio estava ligado alto, mas eu ouvi que tinha uma pessoa lá. Ouvi a voz de um cara. Fiquei sem jeito. Pensei: o que eu vou fazer? Não vou arrumar confusão! Liguei do orelhão pra amiga dela, perguntei se a Laura estava lá. Ela me disse que ela estava em casa, eu pedi para a amiga ligar em casa pra avisar que eu estava chegando. Dei um tempo, esperei o homem sair. Bati na porta, ela abriu sem jeito. Ela está desconfiada, eu fiquei sem saber. Não ia dar flagrante. Não sei se ela perde a guarda da criança, não tenho conhecimento disso. No dia seguinte, fui buscar o leite e demorei. Ela perguntou se eu tinha outra mulher, porque demorei. Eu disse que não, que eu faria isso só se fôssemos separados. Depois, convidei ela pra vir pra cama, ela disse que não, que estava cansada. Ela já tinha tomado banho. Tudo indica que há traição. Antes, ela chorava de safadeza.

Belinda: como assim?

Pedro: penso que faz tempo, bendizer não é traição, é pra ter uma ajuda.

Belinda: uma pessoa que ajudasse?

Pedro: vamos supor que é isso aí, uma ajudinha. Se eu sair de vez, vai ficar ruim...

Belinda: por que?

Pedro: o outro está com ela por ajuda. É alguma coisa, uns 50 reais... eu estou imaginando. Um dia, tinha uma cesta básica. A irmã disse que foi ela, mas acho que foi o cara. Pode ser que a irmã até saiba. O menino está direto na casa da amiga dela, quando a gente encrenca, ele fica direto lá...Ela acha que eu estou sem saber de nada.

Belinda: não dá pra conversarem sobre isso que você está pensando?

Pedro: não, fico tentando iludi-la. Ela fica sem jeito, fechada. Pensei até de chamar a polícia, ela pode perder a guarda da criança. Não chamei pra evitar de cair num erro pior. Às vezes, quando estou desamparado, ela pergunta por que estou assim. Vivemos juntos há 5 anos, comecei a ficar desamparado com ela de

uns 5 meses pra cá. As amizades recentes eram esquisitas, eu disse pra ela, ela disse que não.

Laís: você está sem saber o que fazer?

Pedro: é. Ela diz que eu fico com alguém, ela não abre o jogo. Conversei com um colega meu, ele disse que ela se complicaria. Já que ela mesma está se complicando, eu não vou complicar mais. Num caso desses, a mulher perde toda a razão. É um caso suspeito. Mas, pra cometer um erro, eu não sei....

Belinda: você precisaria ter mais dados?

Pedro: mas, ela ficou sem jeito! Estou procurando arrumar as coisas. Eu falei pra ela que não tenho nem como dar conta dela, como ter duas? Ela fica quieta. Eu disse que, se matasse a cobra, eu mostraria o pau... Não é nem por gostar, é financeiro o negócio, busca através da safadeza. Não é por prazer. Ela disse um dia: “se é para trair, é pelos filhos, não por mim”.

Belinda: você acha que ela gosta de você?

Pedro: sim, ela não tem amor pelo outro, é por mim. O outro ajuda. Já falei pra ela que nem homem nem mulher podem amar dois ao mesmo tempo. Então, é isso aí: é 50 reais, uma cesta básica, vai encontrando facilidades, a traição dela está mais desse lado. Hoje, estou pensando em dar um susto nela: vou dizer que tive um sonho, ‘vi um ladrão aqui dentro de casa conversando com você’. Só pra ver.

7^a. sessão: 27/05/2003

Presente: Pedro

Belinda: hoje, infelizmente, a Laís não vai poder estar conosco. *Silêncio*. E a Laura, não pôde vir?

Pedro: ela foi ao médico, está com ferida no útero...Eu estou levando, como se não estivesse me importando. Mas, a gente anda desconfiado...Sinto que ela está escondendo alguma coisa, e eu estou fingindo que não aconteceu nada. Nós até dormimos juntos, mas não tem mais o que eu sentia. Fico pelo moleque, pra ele não ficar na casa de um, de outro...Deixa lá, pra evitar confusão. No domingo, ela

disse que se mata de trabalhar e chega em casa e vê gente de cara feia. Ela disse que eu esculhambei a vida dela. Disse que não pediu pra eu estar lá. Ontem, ela estava com a cabeça fria, eu disse pra ela que estou pensando em ir pra minha mãe. Ela disse que não disse pra eu ir embora.

Belinda: e você, o que você quer?

Pedro: quero resolver meu problema pra desenrolar minha vida, ou receber um benefício pra cuidar do meu filho. De uma mulher dessa não dá pra esperar nada.

Belinda: você imagina que tem um cara que está suprindo ela no que você não está podendo?

Pedro: isso aí, através de uma aproveitação. A pessoa já vê a situação e aproveita.

Belinda: tudo isso você está imaginando...

Pedro: que ela estava com alguém, eu tenho certeza. Aconteceu mesmo, aquele dia. Uma coisa é desconfiar, outra é saber. No outro dia, ficou me adulando, como se eu fosse um bobo.

Belinda: fica um monte de coisas não ditas entre vocês, atrapalhando...

Pedro: quem em geral faz safadeza é o homem, eu não esperava isso. Pra ter uma ajuda...esse tipo de ajuda eu não quero. Dar uma ajuda e se deitar com outro...Deixar o filho com um, com outro, pra isso?! Põe a família a perder! Ela está vendo meu problema, que eu estou resolvendo...

Belinda: está resolvendo?

Pedro: alguma decisão a empresa vai tomar por mim, ou algum benefício, comprovar a minha incapacidade.

Belinda: você sente que está na mão dos outros – da empresa, do INSS ou da Laura...

Pedro: é.

Belinda: quem sabe, com isso, você não vai atrás de algo pra você, quem sabe algum 'bico'...

Pedro: aqui, eu não tenho mais vontade de nada! Quero ter minha vida pra lá, pra Bahia. A mulher fez uma esculhambação dessas...Há uns 5 meses, muita proximidade com pessoas que não conhece direito *[faz mais ou menos 5 meses, incluindo o tempo do grupo, que ele vem conversar conosco]*.

Belinda: você mesmo se sente muito impotente pra defender a sua relação com ela...

Pedro: não adianta perdoar, porque erra de novo.

Belinda: não tem nada pra fazer, nem perdoar?

Pedro: dou uma que não estou sabendo de nada. Com esse problema, não arrumei confusão. Quero resolver meus problemas, eu então digo pra ela que não dá mais. Quero só saber do meu filho e...adeus, ingrata! Uma mulher que busca felicidade fora de casa.

Belinda: será que você sente que não pode dar a felicidade que ela busca?

Pedro: eu falei pra ela isso. Ela disse que, se fosse outra mulher, não queria saber se eu estou doente ou não. Mas, eu quase disse que esse tipo de ajuda eu não quero, não. Tento me esforçar de tudo, a mulher faz essas cachorradas.

8ª. sessão: 3/6/2003

Presente: Pedro

Começo avisando que a Laís não pôde vir.

Pedro: aquele caso, eu estou querendo controlar a situação. Tenho filho pra criar, estou tentando acertar as coisas.

Belinda: como?

Pedro: cuidando da casa, pra ter os filhos em casa, não um filho na casa de um ou de outro.

Belinda: você está tentando manter a família unida?

Pedro: aos poucos, ela está se comportando mais um pouco. Está arrependida um pouco, tentando a reconciliação.

Belinda: como?

Pedro: ela me explicou que não tem nada a ver. Que pegou roupa com esse homem pra lavar. Não estou fazendo caso, estou tentando que um respeite o outro. Ela está muito sem graça, como ter feito algo de que se arrependeu. Se aconteceu isso mesmo...Não vou acusar porque não vi, mas que é mal contada, é.

Belinda: você está em casa?

Pedro: ela vai fazer serviço, eu fico em casa.

Belinda: ela está conseguindo trabalho?

Pedro: um bico de lá, de cá, vai se virando. Eu estou tentando levar pras crianças não sofrerem que nem filho de cachorro, de um lado pro outro. Se eu sair, fica ruim pra mim e pra ela.

Belinda: parece que vocês dois querem manter a família...

Pedro: exatamente.

Belinda: e vocês estão se virando com o que ela pode fazer?

Pedro: é. Ela reclama que só ela está trabalhando. Só que ela está sabendo que o meu problema é serio. Tenho perícia no mês que vem, pra ver se eu vou pra cirurgia ou pra uma aposentadoria por invalidez. Se eu tivesse capacidade de trabalhar, estava trabalhando.

Belinda: você acha que não dá pra trabalhar?

Pedro: nunca passei nos testes devido a esse problema, perdi a força na perna.

Belinda: não teria algum trabalho que você pudesse fazer?

Pedro: não tenho profissão definitiva. É mais pra serviço pesado, transporte. Por mim, eu trabalhava em qualquer firma, mas desse jeito eles não aprovam. Tem que buscar no INSS o que eles podem fazer. Todo cidadão tem que trabalhar, mas desse jeito eu não arrumo nada, fico em casa. Arrumo, limpo, dou banho no moleque, saio com ele. E ela está querendo jogar fora. Às vezes, ela está nervosa, é stressada. Muitas querem um homem como eu pra ajudar na vida, ela quer jogar fora. Quando ela for com outros, aí vai voltar e correr atrás.

Belinda: você está dando valor ao que está fazendo em casa...

Pedro: isso. Pra ela, parece que tanto faz, tanto fez. Ela não pensa que, amanhã, eu posso estar bem e ajuda-la. A gente acaba ficando com dó, deixar filho, deixa-la. Por outro lado, ela me ajudou muito. Tento voltar, normalizar os negócios.

Belinda: será que ela não fica stressada porque tem que manter a casa?

Pedro: pra mim, ela fala que não, mas aí por fora eu acho que ela fala. Fora de casa, ela é mil maravilhas, dentro ela é triste.

Belinda: vocês têm enfrentado uma situação difícil...

Pedro: por isso, eu tento normalizar e não complicar mais. Se eu for embora, ela vai pôr a culpa em mim, que eu larguei a família. Tenho que agüentar, pra tentar normalizar a família naquele padrão, não deixar as crianças tristes. Comigo, estamos tendo o maior cuidado, casa arrumadinha, comida pronta. Queria ver outro, ela ia encontrar em porta de bar, jogando sinuca, baralho. Tem que agradecer a Deus por ter encontrado eu, estou sendo bom demais. Se eu arrumei uma família, foi pra levar.

Agora, pra viver essa desigualdade, um querendo passar por cima do outro, tem que ser calmo. Ela pode tirar pelas colegas dela que têm marido, nenhuma faz o que eu faço.

Belinda: você conversa sobre essas coisas com ela?

Pedro: sim, tem vezes que ela pára pra ouvir, tem vezes que não está nem aí, diz que não está pedindo pra ninguém ficar. Ela diz: “também, eu sozinha pra dar conta de tudo”. Aí, eu falei do homem da roupa. Ela diz que não lava de graça pra ninguém. Ela perguntou quem me contou, eu disse que quem viu é matador. Que as pessoas pagam 100, 200 reais pra matar. Ela diz que se acontecer algo pra ela ou pro cara, ela vai à delegacia. E disse: “você acha que se eu tivesse algo com ele, você estaria aqui?” Você não fica com aquela confiança, fica com pensamento ruim.

Belinda: acho que é difícil pra você saber o que é teu pensamento e o que aconteceu de verdade.

Na semana seguinte, recebemos um recado de Pedro dizendo que ele tinha conseguido um trabalho como lavador de ônibus. Assim, não poderia mais comparecer às sessões. No fim-de-semana, conseguimos falar diretamente com ele. Ele disse então que entrava no serviço às 7 hs. e não tinha hora para sair, mas que, segundo lhe havia dito o encarregado da garagem, seu horário se

normalizaria e ele poderia sair às 15 hs. Pensamos juntos que talvez pudéssemos retomar as sessões no fim da tarde. Pedro ficou de entrar em contato conosco assim que a regularização ocorresse.

No início de setembro – dois meses e meio, portanto, de nosso último encontro -, Laís encontrou Pedro no Centro de Referência. Ele contou-lhe que deixara o emprego por iniciativa própria, uma vez que não o registraram e não pagaram, ao final do mês, tudo o que lhe era devido em horas extras. Tivera já uma outra proposta de trabalho, mas achou que não daria certo, ‘pelas pendências’. Preferiu então esperar para resolve-las, e estava ali para conversar com a assistente social. Esperava também por uma consulta no Hospital da Cachoeirinha, para ver o joelho.

Na ocasião, Pedro estava vivendo com Laura. Seu filho, enquanto ele trabalhava, ficara em Taipas, com uma amiga da família a quem pagaram 100 reais por mês para cuida-lo. Laura, segundo ele, achara melhor ele sair do emprego e ficar em casa cuidando do filho, que adoecera novamente nesse período.

Laís propôs a retomada de nosso trabalho, e Pedro imediatamente concordou. As duas sessões que se seguem ocorreram após o seu retorno, e o atendimento a ele prossegue após a conclusão deste relato.

9^a. sessão: 9/9/2003

Presente: Pedro

Pedro: as coisas estão indo, nem boas nem ruins, na parte financeira. O INSS me deu alta. Mandaram uma carta para eu levar o contrato de trabalho do último emprego. Enquanto eu não levar, o processo fica parado. Vou hoje conversar com a assistente social, para ver se vou receber o benefício... Lá na Cachoeirinha, como não sabem o que é o problema do joelho, pediram outro exame. Não vão operar antes disso. Preciso aguardar uma folga da mulher para ela ficar com o menino em casa e eu poder ir até o Mandaqui, agendar o exame.

Belinda: como é que estão as tuas expectativas com tudo isso?

Pedro: estou contente porque parece que vou receber os 4 meses do INSS, desde que eu entrei com o processo até a alta. E vou entrar com o recurso para continuar recebendo. Aí, acredito que já posso estar bom.

Laís: e a Laura, como está?

Pedro: ela está trabalhando dois dias na semana. Sexta-feira, vai à Prefeitura cadastrar-se no bolsa-escola.

Laís: e em casa, como estão as coisas?

Pedro: dos quase dois meses que eu trabalhei, paguei as contas de água e 100 reais para a moça que cuidou do menino. E acabou o dinheiro. Não quis cobrar o que faltava porque a empresa era meio complicada.

Belinda: e agora?

Pedro: agora é bom ficar com o menino, por outro lado fica ruim se eu volto para a minha mãe, abandono o menino. Acho que assim eu ajudo, e ela depende de mim, cuidando do menino. E, sexta, sábado e domingo, cuido também da filha dela. Agora, ela está mudando o comportamento, está rezando e fazendo promessa para que resolva a minha situação. Acho que ela pensa que eu não tenho mais possibilidade de trabalhar, que não vai ter mais oportunidade pra mim. Mas, se Deus permitir, eu por minha força volto a trabalhar. Ou aposento por invalidez. Está chegando ao fim o meu problema no INSS, vou receber o acumulado e entrar com um novo recurso. Agora, está mais tranqüilo em casa. O menino está bem e um depende do outro.

Belinda: você está sentindo que vai poder ajudar mais em casa?

Pedro: estou com esperança de pôr as coisas em casa. Assim eu ajudo, porque tudo é com dinheiro, assim funciona. É tipo de um documento [o dinheiro]...

10^a. sessão: 16/9/2003

Presente: Pedro

Pedro: as coisas melhoraram um pouco. A Laura arrumou serviço fixo, começou na 5^a. feira. É de auxiliar de limpeza de prédio. Já pediram os documentos dela, com um mês ela vai receber e vão normalizar as coisas. Ela vai poder pagar as

contas de água, luz e gás. É mais garantido, é registrado, se ela se machuca tem onde se encostar, está pagando o INSS. E tem horário certo - das 8 às 17 hs – e vale-transporte. Tem que caminhar 15 minutos pra tomar a condução... Agora, passou pra mim cuidar do menino. E eu estou com dificuldade de ir ao médico, porque não tenho tempo e com quem deixar o menino. Dia 29 de outubro, é a última perícia. Tenho que levar a cópia do último contrato de trabalho. Liguei na empresa e disseram que o documento não está pronto. O relatório médico eu peguei hoje. Com os dois documentos, se der certo, recebo o auxílio em um mês, foi o que a assistente social disse.

Laís: e trabalho, você tem procurado?

Pedro: não, não tenho agilidade, rapidez. Estou esperando o auxílio, se tudo estiver certo, estarei recebendo. Estamos de novo com a luz atrasada, e o gás não dura 10 dias. Vamos ter que cozinhar na lenha.

Belinda: como?

Pedro: a gente arruma com blocos, fora de casa. Eu prefiro, cozinhar assim é melhor, não tem gasto. O botijão custa 25 reais, a madeira nem 10, isto se não tiver madeira sobrando de obra lá perto. Com a diferença, dá pra comprar coisas pra comer.

Laís: e a relação com a Laura, como está?

Pedro: está boa, sem problema, sem discussão. O único problema é o meu, do INSS e do tratamento, quer dizer, sem tratamento.

Belinda: neste momento, de que forma você acha que nós poderíamos te ajudar?

Pedro: queria alguém que cuidasse da minha perna, para eu ficar livre para trabalhar, ter agilidade, ficar bom e trabalhar. Queria mesmo é ficar bom. Eu nem iria mais atrás do INSS, deixava pra lá, queria correr. Mas, estou com tratamento sem tratamento. O INSS está chegando ao fim...preciso de dinheiro pra pagar o ônibus para fazer os exames, preciso cortar o cabelo...mas, estou livre de alguma coisa até o fim do ano...e o tratamento...no ano que vem estou bem...

